

# Ciência da Auto-Realização

## Introdução

“Quem é Śrīla Prabhupāda?”, as pessoas perguntam frequentemente, e é sempre uma pergunta difícil de se responder. Pois Śrīla Prabhupāda sempre eclipsou designações convencionais. Várias vezes as pessoas o têm chamado de erudito, filósofo, embaixador cultural, autor prolífico, líder religioso, mestre espiritual, crítico social e homem santo. Na verdade, ele foi tudo isso junto e mais. Decerto ninguém poderia tê-lo confundido com os modernos “*gurus*” empresariados que vêm para o Ocidente com versões habilidosamente empacotadas e água-com-açúcar de espiritualidade oriental (para satisfazer nossa premente necessidade de bem-estar instantâneo e explorar nossa bem-documentada ingenuidade espiritual). Śrīla Prabhupāda foi, antes, um verdadeiro homem santo (*sādhu*) de profunda sensibilidade intelectual e espiritual—ele teve profunda preocupação e compaixão por uma sociedade que, em proporções muito salientes, carece de verdadeira dimensão espiritual.

Para a iluminação da sociedade humana, Śrīla Prabhupāda produziu cerca de oitenta volumes de traduções e estudos sumários dos grandes clássicos espirituais da Índia, e sua obra tem sido impressa em muitas línguas em todos os continentes. Além disso, em 1944 Śrīla Prabhupāda, sozinho, lançou uma revista chamada *De Volta ao Supremo*, que hoje em dia tem uma circulação mensal de mais de meio milhão de cópias apenas em inglês. Praticamente todas as entrevistas, palestras, ensaios e cartas escolhidas para o *Ciência da Auto-Realização* apareceram primeiramente em *De Volta ao Supremo*.

Nessas páginas Śrīla Prabhupāda apresenta a mesma mensagem que o grande sábio Vyāsadeva registrou milhares de anos atrás, a mensagem dos textos védicos da Índia milenar. Como veremos, ele faz citações frequentes do *Bhagavad-gītā*, do *Śrīmad-Bhāgavatam* e de outros clássicos textos védicos. Ele transmite em inglês moderno o mesmo conhecimento intemporal que outros grandes mestres auto-realizados têm falado desde há milênios— conhecimento que revela os segredos do eu dentro de nós, da natureza e do universo, e do Eu Supremo dentro e fora de nós. Śrīla Prabhupāda fala com uma clareza admirável e uma espécie de eloquência simples e convincente, provando quão relevante é a ciência da auto-realização para nosso mundo moderno e nossas próprias vidas.

Entre as dezenove seleções escolhidas para a primeira parte desta obra especial, ouvimos o comovente discurso de Śrīla Prabhupāda em homenagem a seu mestre espiritual, seu intercâmbio com um renomado cardiologista sobre a “investigação da alma”, suas revelações à London Broadcasting Company sobre reencarnação, seus agudos comentários ao *London Times* sobre *gurus* falsos e verdadeiros, seu diálogo com um monge beneditino da Alemanha acerca de Kṛṣṇa e Cristo, suas realizações sobre a superconsciência e a lei do *karma* e seu notável comentário ao profundo poema de Śrīpada Saṅkarācārya, a maior autoridade em filosofia impersonalista na Índia.

Leia as seleções em ordem, se quiser, ou comece com aquelas que de início despertarem seu interesse. (O glossário no final do livro explicará palavras e nomes pouco familiares.) A *Ciência da Auto-Realização* desafiá-lo-á e dar-lhe-á inspiração e iluminação.

—Os Editores

Desde o começo, eu senti que Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedânta Swami Prabhupāda era a pessoa mais extraordinária que eu já havia encontrado. O primeiro encontro ocorreu no verão de 1966, na cidade de Nova Iorque. Um amigo tinha me convidado para ouvir uma palestra de “um velho swami indiano” na parte baixa do Bowery em Manhattan. Tomado de curiosidade por um swami que dava palestras em meio a tremenda confusão, fui até lá, onde tive que enfrentar uma escadaria muito escura. Um som rítmico semelhante ao de um sino tornava-se cada vez mais alto à medida que eu subia as escadas. Finalmente, cheguei ao quarto andar. Abri a porta, e lá estava ele.

Cerca de cinco metros de onde eu estava, na outra extremidade de um quarto estreito e escuro, ele estava sentado sobre um pequeno estrado, com o rosto e a veste açafroada radiantes sob uma luz tênue. Ele era idoso, por volta de sessenta anos, pensei eu, e sentava-se com as pernas cruzadas numa postura ereta e solene. Tinha a cabeça raspada, e seu rosto vigoroso e avermelhados óculos de aro de cláxon davam-lhe a aparência de um monge que passara a maior parte da vida absorto em estudos. Mantinha os olhos cerrados e cantava suavemente uma simples oração em sânscrito enquanto tocava um tambor de mão. A pequena audiência o acompanhava a intervalos, respondendo a seu canto. Alguns tocavam címbalos de mão, os quais reconheci pelos sons semelhantes aos de um sino que eu ouvira. Fascinado, fiquei sentado quieto, atrás; tentei participar no canto e esperei.

Após alguns instantes, o swami começou a dar sua palestra em inglês, aparentemente baseado em um imenso volume em sânscrito que se encontrava à sua frente. Ocasionalmente, ele citava alguma passagem do livro, mas a maior parte das vezes citava de memória, O som do idioma era belo, e ele seguia cada passagem com explicações meticulosamente detalhadas.

Ele parecia um erudito, seu vocabulário intrincadamente ornamentado com termos e frases filosóficas. Os elegantes gestos com as mãos e as animadas expressões faciais adicionavam um considerável impacto a seu discurso. O assunto foi o mais sério que eu jamais tinha ouvido: “Eu não sou este corpo. Não sou um indiano... vocês não são americanos... todos nós somos almas espirituais..”

Após a palestra, alguém deu-me um panfleto impresso na Índia. Uma foto mostrava o swami dando três de seus livros ao Primeiro Ministro indiano, Lal Bahadur Shastri. A legenda citava o Sr. Shastri dizendo que todas as bibliotecas do governo indiano deviam encomendar os livros: “Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedânta Swami Prabhupāda está fazendo um trabalho grandioso”, dizia o Primeiro Ministro em outro trecho, “e seus livros são contribuições significativas para a salvação da humanidade”. Eu adquiri cópias dos livros, que, como fiquei sabendo, o swami havia trazido consigo da Índia. Após ler as orelhas da capa dos livros, o pequeno panfleto e vários outros textos, comecei a compreender que acabara de me encontrar com um dos mais respeitados líderes espirituais da Índia

Mas não podia entender por que um cavalheiro tão distinto estava morando e dando palestras no Bowery, o pior dos piores lugares. Ele era certamente bem educado e, a julgar pelas aparências, havia nascido em aristocrática família indiana. Por que estava vivendo em tal pobreza? O que no mundo o havia trazido ali? Uma tarde, alguns dias depois, voltei para visitá-lo e descobrir os porquês.

Para minha surpresa, Śrīla Prabhupāda (como posteriormente vim a chamá-lo) não estava muito atarefado para conversar comigo. De fato, ele parecia estar disposto a conversar o dia todo. Ele foi caloroso e amigável, e explicou-me que havia aceitado a ordem de vida renunciada na Índia em 1959, e que não lhe era permitido carregar ou ganhar dinheiro para suas necessidades pessoais. Ele tinha completado seus estudos na Universidade de Calcutá muitos anos atrás e tinha tido família, e depois deixara seus filhos mais velhos encarregados da família e dos assuntos financeiros, como prescreve a literatura clássica da Índia milenar. Após aceitar a ordem de vida renunciada, ele conseguira uma passagem de graça em cargueiro indiano (o *Jaladuta* da Companhia de Navegação Scindia) através de um velho amigo da família. Em setembro de 1965, ele acabara de atravessar por mar de Bombaim à Boston, equipado com apenas o equivalente a sete dólares em rúpias, um baú de livros e algumas roupas. Seu mestre espiritual, Sua Divina Graça Bhaktisiddhānta Sarasvatī Ṭhākura, incumbira-o de transmitir os ensinamentos védicos ao mundo ocidental. E foi por isso que, aos sessenta e nove anos de idade, ele viera para os Estados Unidos. Disse-me que queria ensinar aos americanos a música, culinária, idiomas e diversas outras artes da Índia. Sem querer exagerar, eu estava espantado.

Vi que Śrīla Prabhupāda dormia sobre um pequeno colchão e que suas roupas estavam penduradas em cordas na parte detrás do quarto, onde secavam ao calor da tarde de verão. Ele próprio as lavava e cozinhava sua própria comida em um engenhoso utensílio que ele fabricara com suas próprias mãos na Índia. Neste aparato de quatro níveis ele cozinhava quatro preparações de uma vez só. Amontoados por toda a sua volta, havia uma quantidade aparentemente ilimitada de manuscritos. Ele passava quase todo o tempo em que estava acordado — cerca de vinte horas em vinte e quatro, como fiquei sabendo — datilografando em sua antiquada máquina portátil a continuação dos três volumes que eu adquirira. Era uma obra projetada em sessenta volumes chamada *Śrīmad-Bhāgavatam*, e era, por assim dizer, a enciclopédia da vida espiritual. Desejei-lhe boa sorte na publicação, e ele me convidou a voltar para as aulas de sânscrito aos sábados e para suas palestras noturnas às segundas, quartas e sextas. Eu aceitei o convite, agradei-lhe, e saí, maravilhado com sua incrível determinação.

Algumas semanas mais tarde—era julho de 1966—tive o privilégio de ajudar Śrīla Prabhupāda a mudar-se para uma vizinhança um tanto mais respeitável, na Segunda Avenida. Alguns amigos e eu nos juntamos e alugamos uma loja de andar térreo e um apartamento de segundo andar, o qual dava para os fundos de um pátio, tudo no mesmo prédio. As palestras e cantos continuaram, e dentro de duas semanas uma congregação que crescia rapidamente cuidava da loja (que agora se transformara em templo) e do apartamento. Por essa época, Śrīla Prabhupāda estava ensinando seus seguidores a

imprimir e distribuir panfletos, e o proprietário de uma gravadora de discos o havia convidado a gravar um LP do canto Hare Kṛṣṇa. Ele o fez, e foi um grande sucesso. Em seu novo endereço, ele ensinava canto, filosofia védica, música, meditação com *japa*, belas artes e culinária. A princípio, ele próprio cozinhava—ele sempre ensinou pelo exemplo. O resultado era as mais admiráveis refeições vegetarianas que eu jamais experimentei. (O próprio Śrīla Prabhupāda era quem servia tudo que preparava!) Geralmente, as refeições consistiam de um tipo de arroz, um prato de legumes, *capātis* (pães achatados feitos de farinha integral) e *dāhl* (uma sopa bem temperada de feijão mung ou ervilha). A condimentação, o elemento básico para cozinhar— *ghī*, ou manteiga clarificada—e a concentrada atenção na temperatura apropriada para cozinhar e outros detalhes—tudo isso combinava-se para produzir deleites de paladar totalmente desconhecidos para mim. A opinião de outras pessoas sobre a comida, chamada *prasāda* (“a misericórdia do Senhor”), concordava enfaticamente com a minha. Um assistente social que também era erudito em língua chinesa estava aprendendo com Śrīla Prabhupāda a pintar no estilo clássico indiano. Fiquei impressionado com a alta qualidade de suas primeiras telas.

Em debates filosóficos e lógica, Śrīla Prabhupāda era inderrotável e infatigável. Ele interrompia seu trabalho de tradução para ter discussões que às vezes chegavam a durar oito horas. Às vezes sete ou oito pessoas comprimiam-se no pequeno e imaculadamente limpo cômodo onde ele trabalhava, comia e dormia sobre uma almofada de espuma de duas polegadas de espessura. Śrīla Prabhupāda constantemente enfatizava e exemplificava o que chamava de “vida simples com pensamento elevado”. Ele enfatizava que a vida espiritual era ciência provável através da razão e da lógica, e não mera questão de sentimentalismo ou fé cega. Ele deu início a uma revista mensal, e no outono de 1966 o *New York Times* publicou um artigo com foto favorável sobre ele e seus seguidores. Pouco tempo depois, um canal de televisão fez uma reportagem sobre eles.

Śrīla Prabhupāda era uma pessoa emocionante de ser conhecida. Quer fosse por meu desejo de obter benefícios pessoais da *yoga* e do canto, quer fosse apenas por mera fascinação, eu sabia que queria acompanhar seu progresso a cada passo do seu caminho. Seus planos de expansão eram ousados e imprevisíveis, exceto pelo fato de que sempre pareciam suceder gloriosamente. Ele tinha os seus setenta anos e era um estranho para os Estados Unidos, e havia chegado praticamente com nada; todavia, agora, após poucos meses, já havia, sozinho, dado início a um movimento! Era algo desconcertante.

Certa manhã de agosto no templo da loja da Segunda Avenida, Śrīla Prabhupāda nos disse: “Hoje é o dia do aparecimento do Senhor Kṛṣṇa”. Observaríamos jejum por vinte e quatro horas e permaneceríamos dentro do templo. Naquela noite alguns visitantes da Índia também compareceram à reunião. Um deles — praticamente em lágrimas — descreveu sua infinita felicidade de ter encontrado este pedacinho da Índia autêntica no outro lado do mundo. Jamais em seus sonhos mais audaciosos poderia ele ter imaginado tal coisa. Ele ofereceu a Śrīla Prabhupāda eloqüentes louvores e profundos agradecimentos, deixou uma doação e prostrou-se a seus pés. Todos ficaram profundamente comovidos. Mais tarde, Śrīla Prabhupāda conversou com os cavalheiros em hindi, e uma vez que eu não podia entender o que ele dizia, pude apenas observar como sua própria expressão e gestos tocavam o âmago da alma humana.

Posteriormente naquele ano, enquanto estive em San Francisco, enviei a Śrīla Prabhupāda sua primeira passagem de avião, e ele voou de Nova Iorque para San Francisco. Um grupo bastante grande de nós saudou-o no aeroporto cantando o *mantra* Hare Kṛṣṇa. Depois nós o levamos de carro à orla oriental do Golden Gate Park para um apartamento recém-alugado e um templo em loja de frente — um arranjo muito semelhante ao de Nova Iorque. Havíamos estabelecido um padrão. Śrīla Prabhupāda estava extático.

Algumas semanas depois, a primeira *mṛdaṅga* (tambor feito de barro com duas extremidades para batuque) chegou a San Francisco, proveniente da Índia. Quando subi ao apartamento de Śrīla Prabhupāda e lhe dei a notícia, ele arregalou os olhos e, com voz extasiada, mandou que eu descesse rapidamente e abrisse o engradado. Peguei o elevador, saltei no andar térreo e estava andando em direção à porta da frente quando Śrīla Prabhupāda apareceu. Ele estava tão ávido de ver a *mṛdaṅga* que desceu pela escada chegando primeiro que o elevador. Ele nos pediu para abrir o engradado, rasgou um pedaço da roupa açafroada que estava usando, e, deixando apenas as extremidades para batuque expostas, envolveu toda a *mṛdaṅga* com o pano. Então disse: “Isto nunca deve ser tirado,” e começou a dar instruções detalhadas sobre como tocar e cuidar do instrumento.

Ainda em San Francisco, em 1967, Śrīla Prabhupāda inaugurou o Ratha-yātrā, o Festival dos Carros, um dos vários festivais que, graças a ele, as pessoas podem assistir hoje em dia em todo o mundo. O Ratha-yātrā acontece na cidade de Jagannathā Purī na Índia, ano após ano, desde há dois mil anos, e em 1975 o festival já tinha se tornado tão popular entre os San Franciscanos que o prefeito declarou este dia feriado na cidade — “Dia do Ratha-yātrā em San Francisco”.

Em meados de 1966 Śrīla Prabhupāda começara a aceitar discípulos. Ele era rápido em chamar a atenção das pessoas para o fato de que todos deviam considerá-lo, não como Deus, mas como servo de Deus, e criticava os *gurus* da moda que deixavam seus discípulos adorá-los como Deus. “Esses ‘deuses’ são muito baratos”, costumava dizer. Certo dia, depois que alguém perguntou, “O senhor é Deus?”, Śrīla Prabhupāda respondeu: “Não, eu não sou Deus — sou servo de Deus”. Então ele refletiu por um momento e prosseguiu. “Na verdade, *eu não* sou servo de Deus. Estou *tentando* ser servo de Deus. Um servo de Deus não é algo comum”. Em meados dos anos 70 o trabalho de tradução e publicação de Śrīla Prabhupāda intensificou dramaticamente. Intelectuais em todo o mundo fizeram comentários favoráveis sobre seus livros, e praticamente todas as universidades e faculdades dos Estados Unidos aceitaram-nos como textos padrão. Ao todo, ele produziu cerca de oitenta livros, os quais seus discípulos têm traduzido para vinte e cinco idiomas e dos quais já distribuíram cerca de vinte e cinco milhões de cópias. Ele estabeleceu cento e oito templos em todo o mundo, e tem cerca de dez mil discípulos iniciados e uma congregação de milhões de seguidores. Śrīla Prabhupāda escreveu e traduziu até os últimos dias de sua estada de oitenta e um anos na Terra.

Śrīla Prabhupāda não foi apenas outro erudito, *guru*, místico, professor de *yoga* ou instrutor de meditação oriental. Ele foi a corporificação de toda uma cultura, a qual implantou no Ocidente. Para mim e para muitos outros, ele foi, antes

## *Ciência da Auto-Realização*

demais nada, alguém que realmente se preocupou conosco, que sacrificou completamente o seu próprio conforto para trabalhar para o bem dos outros. Ele não tinha vida privada, senão que vivia apenas para os outros. Ensinou ciência espiritual, filosofia, bom senso, belas artes, idiomas, o modo de vida védico — higiene, nutrição, medicina, etiqueta, vida familiar, agricultura. organização social, educação escolar, economia — e muitas coisas mais a muitas pessoas. Para mim, ele foi um mestre, um pai e meu mais querido amigo.

Estou profundamente endividado com Śrīla Prabhupāda, e é uma dívida que jamais serei capaz de liquidar. Mas posso ao menos mostrar alguma gratidão, juntando-me a seus outros seguidores para satisfazer seu desejo mais íntimo — publicar e distribuir seus livros.

“Jamais morrerei”, disse Śrīla Prabhupāda certa vez. “Viverei para sempre em meus livros”. Ele se foi deste mundo no dia 14 de novembro de 1977, mas, sem dúvida, ele viverá para sempre.

Michael Grant  
(Mukunda dasa)

## II. Escolhendo um mestre espiritual

### O que é um guru?

*Quando ouvimos a palavra “guru”, temos a tendência a visualizar uma imagem caricaturesca: um velhinho de aparência bizarra, barba longa e vestes esvoaçantes, meditando sobre verdades distantes e esotéricas. Ou então, pensamos em um sábio cósmico trocando por dinheiro a credulidade espiritual de jovens buscadores. Mas o que é realmente um guru? O que ele sabe que nós não sabemos? Como ele nos ilumina? Em palestra dada na Inglaterra em 1973, Śrīla Prabhupāda nos dá algumas respostas esclarecedoras.*

“Nasci na mais obscura ignorância, mas meu mestre espiritual abriu os meus olhos com o archote do conhecimento. Ofereço-lhe minhas respeitadas reverências”.

A palavra *ajñāna* quer dizer ignorância, ou escuridão. Se todas as luzes deste aposento se apagassem de repente, não seríamos capazes de dizer onde estamos sentados nem onde as demais pessoas estão sentadas. Tudo ficaria confuso. De modo semelhante, encontramos-nos todos na escuridão nesse mundo material, que é um mundo de *tamas*. *Tamas*, ou *timira*, quer dizer escuridão. Este mundo material é escuro, e por isso necessita da luz do sol ou da lua para se iluminar. Contudo, existe um outro mundo, um mundo espiritual, que está além desta escuridão. Śrī Kṛṣṇa descreve este mundo no *Bhagavad-gītā* (15.6):

“Esta Minha morada não é iluminada nem pelo sol nem pela lua, tampouco pela eletricidade. Alguém que chegue até ela jamais regressa a este mundo material”.

A missão do guru é trazer seus discípulos da escuridão para a luz. Atualmente todos sofrem por causa da ignorância, da mesma forma que, por ignorância, pessoas contraem doenças. Alguém que não conheça os princípios de higiene não sabe o que poderá contaminá-lo. Assim, devido à ignorância, temos infecções e sofremos de doenças. Pode ser que um criminoso diga: “Eu não tinha conhecimento da lei”, mas por isso ele não será perdoado se cometer um crime. A ignorância não é uma desculpa. De modo semelhante, uma criança, sem saber que o fogo queima, toca no fogo. O fogo não pensa: “Ela é uma criança e não sabe que eu queimo”. Não, não há desculpa. Assim como o Estado tem as leis, a natureza também tem leis estritas, as quais atuarão mesmo que as ignoremos. Se, por ignorância, fizemos algo errado, teremos de sofrer. Esta é a lei. Quer seja uma lei do Estado, quer seja uma lei da natureza, corremos o risco de sofrer se as transgredimos.

A missão do *guru* é cuidar para que nenhum ser humano sofra neste mundo material. Ninguém pode afirmar que não está sofrendo. Isto não é possível. Neste mundo material, há três tipos de sofrimento: *adhyātmika*, *adhibhautika* e *adhidaivika*. São misérias que surgem do corpo material e da mente material, de outras entidades vivas e das forças da natureza. Talvez padecemos de angústia mental, ou talvez padecemos por causa de outras entidades vivas — como, por exemplo, formigas, mosquitos ou moscas — ou talvez sofremos por causa de algum poder superior. Pode ser que não chova ou que haja enchente. Podemos sofrer de calor excessivo ou de frio excessivo. A natureza impõe muitos tipos de sofrimento. Assim no mundo material há três tipos de misérias, e todos sofrem com uma, duas ou três dessas misérias. Não há ninguém que possa dizer que está completamente livre de sofrimento.

Podemos então perguntar *por que* a entidade viva está sofrendo. A resposta é: por ignorância. Não pensamos: “Estou cometendo erros e levando uma vida pecaminosa; por isso é que estou sofrendo”. Por conseguinte, o primeiro dever do *guru* é resgatar seu discípulo dessa ignorância. Mandamos nossos filhos para a escola a fim de poupar-lhes sofrimentos. Se nossos filhos não recebem uma educação, tememos que venham a sofrer no futuro. O *guru* vê que a causa do sofrimento é a ignorância, a qual é comparada à escuridão. Como é que se pode salvar uma pessoa na escuridão? Com a luz. O *guru* toma o archote do conhecimento e o apresenta perante a entidade viva envolta na escuridão. Este conhecimento a alivia dos sofrimentos da obscura ignorância.

Pode alguém perguntar se o *guru* é absolutamente necessário. Os *Vedas* mandam que busquemos um *guru*; na realidade, eles dizem que busquemos o *guru* não apenas um *guru*. Só há um *guru* porque este chega até nós por intermédio da sucessão discipular. O que Vyāsadeva e Kṛṣṇa ensinaram há 5.000 anos atrás também está sendo ensinado agora. Não há diferença entre as duas instruções. Apesar de centenas de milhares de *ācāryas* terem ido e vindo, a mensagem é a mesma. O *guru* verdadeiro não pode ser dois, porque o *guru* verdadeiro não fala de modo diferente que seus predecessores. Alguns mestres espirituais dizem: “Na minha opinião, você deve fazer isto”. Mas isto não é um *guru*. Esses pseudo-*gurus* não passam de meros patifes. O *guru* genuíno tem apenas uma opinião, que é a opinião expressa por Kṛṣṇa, Vyāsadeva, Nārada, Arjuna, Śrī Caitanya Mahāprabhu e os *Gosvāmīs*. Há cinco mil anos o Senhor Śrī Kṛṣṇa falou o *Bhagavad-gītā*, o qual foi registrado por Vyāsadeva. Śrīla Vyāsadeva não disse: “Esta é minha opinião”. Pelo contrário, ele escreveu: *śrī bhagavān uvāca*, isto é: “a Suprema Personalidade de Deus diz”. Tudo que Vyāsadeva escreveu foi proferido originalmente pela Suprema Personalidade de Deus. Śrīla Vyāsadeva não deu sua opinião própria.

Conseqüentemente, Śrīla Vyāsadeva é um *guru*. Ele não interpreta mal as palavras de Kṛṣṇa, senão que as transmite exatamente como foram proferidas. Quando mandamos um telegrama, a pessoa que passa o telegrama não tem de corrigi-lo, redatá-lo nem adicionar nada a ele. Ela simplesmente o transmite. Esta é a função do *guru*. Pode ser que o *guru* seja esta pessoa ou aquela, mas a mensagem é a mesma; é por isso que se diz que só há um *guru*.

Na sucessão discipular encontramos uma simples repetição do mesmo assunto. No *Bhagavad-gītā* (9.34) Śrī Kṛṣṇa diz: “Ocupa sempre tua mente em pensar em Mim, torna-te Meu devoto, oferece-Me reverências e adora-Me. Se te absorveres

completamente em Mim, não há dúvida de que virás a Mim”. Estas mesmas instruções foram reiteradas por todos os *ācāryas* — Rāmānujācārya, Madhvācārya e Caitanya Mahāprabhu. Os seis Gosvāmīs também transmitiram a mesma mensagem, sendo que nós simplesmente seguimos-lhes os passos. Não há diferença. Não interpretamos as palavras de Kṛṣṇa, dizendo: “Na minha opinião, o Campo de Batalha de Kurukṣetra representa o corpo humano”. Quem dá interpretações como essa são os patifes. Há muitos *gurus* patifes no mundo que dão sua própria opinião, mas nós podemos desafiar qualquer patife. Um *guru* patife pode dizer: “Eu sou Deus”, ou então: “Todos nós somos Deus”. Muito bem, mas devemos procurar no dicionário o que quer dizer a palavra “Deus”. De modo geral um dicionário nos dirá que a palavra “Deus” indica o Ser Supremo. Assim, podemos perguntar a um desses *gurus*: “Você é o Ser Supremo?” Se ele não conseguir compreender isto, devemos então dizer-lhe o que significa Supremo. Qualquer dicionário há de nos informar que Supremo quer dizer “autoridade máxima”. Poderemos então perguntar: “Você é a autoridade máxima?” Um *guru* patife desse tipo, mesmo que proclame ser Deus, não poderá responder a essa pergunta. Deus é o Ser Supremo e a autoridade máxima. Ninguém é igual a Ele nem superior a Ele. Contudo, há muitos *gurus*-deuses, muitos patifes que alegam ser o Supremo. Tais patifes não podem nos ajudar a escapar da escuridão da existência material. Eles não podem iluminar nossa escuridão com o archote do conhecimento espiritual.

O *guru* autêntico vai simplesmente apresentar o que o *guru* supremo, Deus, diz na escritura autêntica. Um *guru* não pode alterar a mensagem da sucessão discipular.

Temos que compreender que não somos capazes de fazer investigações para encontrar a Verdade Absoluta. O próprio Caitanya Mahāprabhu dizia: “Meu Guru Mahārāja considerava-me um grande tolo”. Uma pessoa que se mantém como um grande tolo perante seu *guru* é ela mesma um *guru*. Entretanto, uma pessoa que diga: “Eu sou tão avançado que posso falar melhor que meu *guru*” não passa de um patife. No *Bhagavad-gītā* (4.2), Śrī Kṛṣṇa diz: “Esta ciência suprema foi assim recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos compreenderam-na dessa maneira. Porém, com o decorrer do tempo rompeu-se a sucessão, e por isso parece que a ciência como ela é está perdida”.

Aceitar um *guru* não é simplesmente uma coisa da moda. Uma pessoa que esteja levando a sério a compreensão da vida espiritual necessita de um *guru*. Um *guru* é uma questão de necessidade, pois temos de ser muito sérios para compreender a vida espiritual, Deus, a ação correta e nossa relação com Deus. Se queremos compreender esses assuntos com muita seriedade, precisamos de um *guru*. Não devemos nos dirigir a um *guru* só porque este *guru* é o *guru* da moda no momento. É preciso haver rendição, já que sem rendição não podemos aprender nada. Se nos dirigirmos a um *guru* apenas para desafiá-lo, não aprenderemos nada. Mas temos de aceitar o *guru* assim como Arjuna aceitou o seu *guru*, o próprio Śrī Kṛṣṇa: “Agora estou confuso com relação a minha obrigação e perdi toda a compostura por causa da fraqueza. Nesta condição peço-Vos que me digas claramente o que é melhor para mim. Agora sou Vosso discípulo e uma alma rendida a Vós. Por favor, instruí-me” (Bg. 2.7).

Este é o processo mediante o qual aceitamos um *guru*. O *guru* é o representante de Kṛṣṇa, o representante dos *ācāryas* anteriores. Kṛṣṇa diz que todos os *ācāryas* são Seus representantes; por isso, deve-se oferecer ao *guru* o mesmo respeito que se oferece a Deus. Como diz Viśvanātha Cakravartī Ṭhākura em suas orações ao mestre espiritual: *yasya prasādād bhagavat-prasādaḥ*. “Pela misericórdia do mestre espiritual, recebemos a bênção de Kṛṣṇa”. Assim, se nos entregamos ao *guru* autêntico, nos entregamos a Deus. Deus aceita nossa rendição ao *guru*. No *Bhagavad-gītā* (18.66), Kṛṣṇa instrui: “Abandona todas as variedades de religião e simplesmente rende-te a Mim. Hei de salvar-te de toda reação pecaminosa. Não temas”. Pode ser que alguém argumente: “Mostre-me Kṛṣṇa que eu me renderei a Ele”. Mas não é assim; o processo é que primeiro nos rendemos ao representante de Kṛṣṇa, para então nos rendermos a Kṛṣṇa. Por isso se diz: *sākṣād-dharitvena samasta-śāstraiḥ*: o *guru* é como Deus. Quando oferecemos respeitos ao *guru*, estamos oferecendo respeitos a Deus. Como estamos tentando ser conscientes de Deus, é necessário que aprendamos a como oferecer respeitos a Deus através do representante de Deus. Em todos os *śāstras* se descreve que o *guru* é como Deus, mas o *guru* jamais diz: “Eu sou Deus”. O discípulo tem a obrigação de oferecer respeitos ao *guru* da mesma forma que oferece respeitos a Deus, mas o *guru* jamais pensa: “Os meus discípulos estão me oferecendo o mesmo respeito que oferecem a Deus; portanto, tornei-me Deus”. Logo que pensa assim, ele se torna um cachorro em vez de Deus. Por isso, Viśvanātha Cakravartī Ṭhākura diz: *kintu prabhor yaḥ priya eva tasya*. Como o *guru* é o servo mais confidencial de Deus, oferece-se-lhe o mesmo respeito que se oferece a Deus. Deus é sempre Deus, e o *guru* é sempre o *guru*. Por uma questão de etiqueta. Deus é o Deus adorável, e o *guru* é o Deus adorador (*sevaka-bhagavān*). Por isso, o *guru* é chamado de *prabhupāda*. A palavra *prabhu* quer dizer “senhor”, e *pāda* quer dizer “posição”. Assim, *prabhupāda* quer dizer: “aquele que aceita a posição do Senhor”. Isto é o mesmo que *sākṣād-dharitvena samasta-śāstraiḥ*.

Mas só precisamos de um *guru* se levarmos muito a sério a vontade de compreender a ciência de Deus. Não devemos tentar manter um *guru* por uma questão de moda. Uma pessoa que tenha aceitado um *guru* fala com inteligência. Ela jamais fala disparates. Este é o sinal que distingue uma pessoa que aceitou um *guru* autêntico. Por certo que devemos oferecer todos respeitos ao mestre espiritual, mas devemos também nos lembrar de como levar a cabo as suas ordens. No *Bhagavad-gītā* (4.34) o próprio Śrī Kṛṣṇa nos diz qual é o método de buscar o *guru* e aproximar-se dele: “Procura aprender a verdade aproximando-te de um mestre espiritual. Indaga dele submissamente e presta-lhe serviço. A alma auto-realizada poderá transmitir-te conhecimento porque vê a verdade.” O primeiro processo é o processo da rendição. Temos que encontrar uma pessoa elevada e nos render voluntariamente a essa pessoa. Os *śāstras* mandam que, antes que aceitemos um *guru*, o examinemos cuidadosamente para ver se podemos nos render a ele. Não devemos aceitar um *guru* de repente, por fanatismo. Isso é muito perigoso. O *guru* também deve examinar a pessoa que quer tornar-se seu discípulo para ver se esta pessoa é idônea. É assim que se estabelece a

relação entre o *guru* e o discípulo. Tudo é providenciado. Mas devemos aceitar o processo com seriedade. Depois disso podemos ser treinados de modo a nos tornar discípulos autênticos. Em primeiro lugar, temos de encontrar um *guru* autêntico, estabelecer nossa relação com ele e proceder adequadamente. Então, alcançaremos o êxito em nossa vida, pois o *guru* pode iluminar o discípulo sincero que está na escuridão.

Todos nascem patifes e tolos. Se nascêssemos eruditos, por que precisaríamos ir à escola? Se não cultivamos conhecimento, não passamos de animais. Um animal pode dizer que não necessita de livros e que se tornou um *guru*, mas como pode alguém obter conhecimento sem estudar os livros autorizados sobre ciência e filosofia? Os *gurus* patifes tentam evitar estas coisas. Temos de compreender que todos nós nascemos patifes e tolos e que temos de ser esclarecidos. Temos de receber conhecimento para aperfeiçoar nossas vidas. Se não aperfeiçoarmos nossas vidas, malograremos. Qual é este malogro? A luta pela vida. Estamos tentando conseguir uma vida melhor, alcançar uma posição superior, e para isto lutamos duramente. Porém, não sabemos o que é realmente uma posição superior.

Teremos de abandonar qualquer posição que obtenhamos neste mundo material. Pode ser que obtenhamos uma boa posição ou uma posição ruim; de qualquer modo, não podemos permanecer aqui. Pode ser que ganhemos milhões em dinheiro e pensemos: “Agora tenho uma boa posição”, mas uma pequena desenteria ou cólera-morbo acabará com a nossa posição. Se o banco vai à falência, nossa posição vai por água abaixo. Assim, na realidade não há posição boa neste mundo material. É tudo uma farsa. Aqueles que tentam alcançar uma posição melhor no mundo material são por fim derrotados porque não existe posição melhor. O *Bhagavad-gītā* (14.26) diz qual é a posição melhor: “Aquele que se dedica completamente ao serviço devocional, que não cai em nenhuma circunstância, transcende de imediato os modos da natureza material e deste modo chega ao nível de Brahman”.

Há alguma ciência que nos dê o conhecimento pelo qual possamos nos tornar imortais? Sim, podemos nos tornar imortais, mas não no sentido material. Este conhecimento não pode ser recebido em pseudo-universidades. Entretanto, as escrituras védicas contêm um conhecimento através do qual podemos nos tornar imortais. Essa imortalidade é a nossa melhor posição. Não ter mais de nascer, não ter mais de morrer, não ter mais de envelhecer, não ter mais de adoecer. De modo que o *guru* aceita uma responsabilidade muito grande. Ele deve orientar seu discípulo e capacitá-lo a tornar-se um candidato elegível para a posição perfeita: a imortalidade. O *guru* tem de ter a competência para conduzir seu discípulo de volta a casa, de volta ao Supremo. Muito obrigado.

### Separando os santos dos vigaristas

*Todos os dias aumenta aos milhares o número de pessoas interessadas em praticar yoga e meditação. Infelizmente, uma pessoa que esteja buscando um guia adequado provavelmente encontrará um cortejo desorientador de gurus mágicos e de estilo próprio, e de deuses autoproclamados. Em uma entrevista com o London Times, Śrīla Prabhupāda explica como um buscador sincero pode saber a diferença entre um farsante e um guia espiritual genuíno.*

Repórter: Sua Graça, parece que, mais do que nunca, as pessoas estão buscando algum tipo de vida espiritual. Gostaria de saber se o senhor poderia explicar por quê.

Śrīla Prabhupāda: O desejo de vida espiritual é um anseio absolutamente natural. Por sermos almas espirituais, não podemos ser felizes na atmosfera material. Se você tira um peixe da água, ele não pode ser feliz em terra. Analogamente, se não temos consciência espiritual, não podemos ser felizes. Hoje em dia, muitas pessoas andam atrás de avanço e desenvolvimento econômico, mas elas não são felizes porque essas não são as verdadeiras metas da vida. Muitos jovens estão compreendendo isso, e estão rejeitando a vida materialista e tentando buscar a vida espiritual. Na verdade, essa é a busca correta. A consciência de Kṛṣṇa é a meta correta de vida. A menos que você adote a consciência de Kṛṣṇa, não poderá ser feliz. Isso é um fato. Por isso, convidamos todos ao estudo e entendimento deste grande movimento.

Repórter: O que francamente me preocupa é que desde a chegada na Inglaterra, algum tempo atrás, de um *yogi* indiano, que foi o primeiro *guru* de que se teve notícia, começaram a aparecer de repente muitos *gurus* do nada. Às vezes, tenho o sentimento que nem todos eles são tão genuínos como deveriam ser. Seria correto advertir as pessoas que estão pensando em aceitar a vida espiritual que elas tomassem as precauções para encontrar um *guru* genuíno a fim de ensiná-las?

Śrīla Prabhupāda: Sim. Evidentemente, buscar um *guru* é muito bom, mas se você quiser um *guru* barato, ou se quiser ser enganado, então encontrará muitos *gurus* enganadores. Porém, se você for sincero, encontrará um *guru* sincero. Porque as pessoas querem tudo muito barato, elas são enganadas. Nós pedimos a nossos estudantes que se abstenham do sexo ilícito, do comer de carne, dos jogos e da intoxicação. As pessoas acham que isso é muito difícil. Mas se outra pessoa diz: Faça qualquer disparate que você quiser e simplesmente use esse *mantra*, então as pessoas vão gostar dela. O fato é que as pessoas querem ser enganadas, e para tanto os enganadores aparecem. Ninguém quer submeter-se a nenhuma austeridade. Conseqüentemente, vem os enganadores e dizem: “Nada de austeridade. Faça o que quiser. Simplesmente pague-me que eu lhe darei um *mantra* e você se tornará Deus dentro de seis meses.” É isso o que está acontecendo. Se você quiser ser enganado assim, os enganadores virão.

Repórter: O que o senhor diz da pessoa que, seriamente, quer encontrar a vida espiritual, mas que acaba aceitando o *guru* errado?

Śrīla Prabhupāda: Se você apenas quer uma educação comum, você devotará apenas o tempo, o esforço e o

entendimento para isso. De modo semelhante, se você vai aceitar a vida espiritual, você tem de levar a coisa a sério. Como é possível que simplesmente através de alguns *mantras* maravilhosos alguém possa se tornar Deus dentro de seis meses? Por que as pessoas querem algo assim? Isso significa que elas querem ser enganadas.

Repórter: Como pode uma pessoa saber que tem um *guru* genuíno?

Śrīla Prabhupāda: Algum de meus estudantes pode responder a essa pergunta?

Discípulo: Eu me lembro que uma vez John Lennon perguntou ao senhor: “Como saberei quem é o *guru* genuíno?” E o senhor respondeu: “Simplesmente encontre aquele que é mais dedicado a Kṛṣṇa. Este é genuíno”.

Śrīla Prabhupāda: Sim. O *guru* é representante de Deus, e ele fala sobre Deus, e nada mais. O *guru* genuíno é aquele que não tem nenhum interesse na vida materialista. Ele quer Deus, e somente Deus. Este é um dos testes de um *guru* genuíno: *brahma-niṣṭham*. Ele está absorto na Verdade Absoluta. No *Muṇḍaka Upaniṣad* se afirma: *śrotṛiyam brahma-niṣṭham*: “O *guru* genuíno é bem versado nas escrituras e no conhecimento védico, e é completamente dependente de Brahman”. Ele deve saber o que é Brahman [espírito] e como situar-se em Brahman. Esses sinais são dados na literatura védica. Como eu disse antes, o verdadeiro *guru* é representante de Deus. Ele representa o Senhor Supremo, assim como o vice-rei representa o rei. O *guru* verdadeiro não inventará nada. Tudo que ele diz está de acordo com as escrituras e os *ācāryas* anteriores. Ele não vai lhe dar um *mantra* e dizer que você vai se tornar Deus dentro de seis meses. Essa não é a missão do *guru*. A missão do *guru* é convencer a todos a se tornarem devotos de Deus. Essa é a essência da missão do *guru* verdadeiro. De fato, ele não tem outra coisa a fazer. À quem quer que ele veja, ele diz: “Por favor, torne-se consciente de Deus”. Se de alguma forma ele fala em nome de Deus, tentando fazer com que todos se tornem devotos de Deus, ele é um *guru* genuíno.

Repórter: E o que o senhor me diz do sacerdote cristão?

Śrīla Prabhupāda: Cristão, maometano, hindu — não importa. Se ele simplesmente fala em nome de Deus, ele um *guru*. O Senhor Jesus Cristo, por exemplo. Ele doutrinava o povo, dizendo: “Tentem amar a Deus”. Qualquer um — não importa quem — seja ele hindu, muçulmano ou cristão, é um *guru* se convence as pessoas a amar a Deus. Esse é o teste. O *guru* nunca diz: “Eu sou Deus”, ou “Eu vou transformá-lo em Deus”. O *guru* verdadeiro diz: “Eu sou um servo de Deus e vou transformá-lo em servo de Deus também”. Não importa como o *guru* esteja vestido. Como Caitanya Mahāprabhu dizia: “Quem quer que possa transmitir conhecimento sobre Kṛṣṇa é um mestre espiritual”. O mestre espiritual genuíno simplesmente tenta fazer com que as pessoas se tornem devotos de Kṛṣṇa, ou Deus. Ele não tem outra coisa a fazer.

Repórter: Mas os *gurus* ruins...

Śrīla Prabhupāda: E que é um *guru* “ruim”?

Repórter: O *guru* ruim só quer dinheiro e fama.

Śrīla Prabhupāda: Bem, se ele é ruim, como pode se tornar um *guru*? [Ri] Como pode o ferro tornar-se ouro? Na verdade, o *guru* não pode ser ruim, pois se alguém é ruim, não pode ser *guru*. Você não pode dizer “*guru* ruim”. Isso é uma contradição. O que você pode fazer é simplesmente tentar entender o que é um *guru* genuíno. A definição de *guru* genuíno é que ele só fala de Deus — isso é tudo. Se ele fica falando quaisquer disparates, então ele não é um *guru*. Um *guru* não pode ser ruim. Não é possível haver um *guru* ruim, assim como não pode haver um *guru* vermelho ou um *guru* branco. *Guru* significa “*guru* genuíno”. Tudo o que precisamos saber é que o *guru* genuíno só fala de Deus e tenta fazer com que as pessoas se tornem devotos de Deus. Se ele faz isso, ele é genuíno.

Repórter: Se eu quisesse ser iniciado em sua sociedade, que precisaria fazer?

Śrīla Prabhupāda: Primeiramente, você teria de abandonar a vida sexual ilícita.

Repórter: Isso inclui todo tipo de vida sexual? O que é sexo ilícito?

Śrīla Prabhupāda: Sexo ilícito é sexo feito fora do matrimônio. Os animais fazem sexo sem restrições, mas na sociedade humana há restrições. Em todos os países e em todas as religiões, há alguma espécie de restrição da vida sexual. Você também teria de abandonar todos os intoxicantes, incluindo chá, cigarros, álcool, maconha — qualquer coisa que intoxique.

Repórter: Mais alguma coisa?

Śrīla Prabhupāda: Você teria também de deixar de comer carne, ovos e peixes. E teria que deixar de jogar. A menos que você deixasse essas quatro atividades pecaminosas, não poderia ser iniciado.

Repórter: Quantos seguidores o senhor tem em todo o mundo?

Śrīla Prabhupāda: Para algo genuíno, não pode haver muitos seguidores. Para algo imundo, pode haver muitos seguidores. Mesmo assim, temos cerca de cinco mil discípulos iniciados.

Repórter: O movimento da consciência de Kṛṣṇa está crescendo constantemente?

Śrīla Prabhupāda: Sim, está crescendo — mas devagar. Isto porque impomos muitas restrições. As pessoas não gostam de restrições.

Repórter: Onde o senhor tem mais seguidores?

Śrīla Prabhupāda: Nos Estados Unidos, na Europa, na América do Sul e na Austrália. E, evidentemente, na Índia há milhões de pessoas que praticam a consciência de Kṛṣṇa.

Repórter: O senhor poderia me falar sobre a meta de seu movimento?

Śrīla Prabhupāda: O objetivo deste movimento para a consciência de Kṛṣṇa é despertar a consciência original do homem. No momento atual, nossa consciência está sob designações. Há quem pense: “eu sou inglês”, e há quem pense: “eu sou americano”. Na verdade, não pertencemos a nenhuma dessas designações. Somos todos partes integrantes de Deus; essa é a nossa verdadeira identidade. Se todos chegassem a essa consciência, todos os problemas do mundo seriam resolvidos. Então chegaríamos a saber que somos unos, na mesma qualidade de alma



## Ciência da Auto-Realização - Escolhendo um Mestre Espiritual

espiritual. A mesma qualidade de alma espiritual está dentro de todos, embora possa estar revestida de formas diferentes. Essa é a explicação dada no *Bhagavad-gītā*.

Na verdade, a consciência de Kṛṣṇa é um processo purificador (*sarvopādhi-vinirmuktam*). Seu propósito é libertar as pessoas de todas as designações (*tatparatvena nirmalam*). Quando nossa consciência se purifica de todas as designações, as atividades que executamos com nossos sentidos purificados fazem-nos perfeitos. Eventualmente, chegamos à perfeição ideal da vida humana. A consciência de Kṛṣṇa também é um processo muito simples. Não é necessário tornar-se um grande filósofo, cientista ou o que quer que seja. Precisamos apenas cantar o santo nome do Senhor, entender que Sua personalidade, Seu nome e Suas qualidades são todos absolutos.

Consciência de Kṛṣṇa é uma grande ciência. Infelizmente, nas universidades não há um departamento para essa ciência. Por isso, convidamos todos os homens sérios que estejam interessados no bem-estar da sociedade humana a entenderem este grande movimento e, se possível, participarem dele e cooperarem conosco. Os problemas do mundo serão resolvidos. Este também é o veredicto do *Bhagavad-gītā*, o mais importante e autorizado livro de conhecimento espiritual. Muitos de vocês já ouviram falar do *Bhagavad-gītā*. Nosso movimento baseia-se nesse livro. Nosso movimento é aprovado por todos os grandes *ācāryas* da Índia. Rāmānujācārya, Madhvācārya, o Senhor Caitanya, e tantos outros. Todos vocês são representantes de jornais; por isso, peço-lhes que tentem compreender este movimento na medida do possível para o bem de toda a sociedade humana.

Repórter: O senhor acha que o seu movimento é o único caminho para conhecer a Deus?

Śrīla Prabhupāda: Sim.

Repórter: O que lhe dá esta certeza?

Śrīla Prabhupāda: As autoridades e Deus, Kṛṣṇa. Kṛṣṇa diz: “Abandona todas as variedades de religião e simplesmente rende-te a Mim. Hei de te libertar de todas as reações pecaminosas. Não temas”. [*Bhagavad-gītā* 18.66]

Repórter: “Render-se” significa que alguém teria de deixar sua família?

Śrīla Prabhupāda: Não.

Repórter: Mas suponha que eu estivesse para ser iniciado. Eu não teria de vir viver no templo?

Śrīla Prabhupāda: Não necessariamente.

Repórter: Eu poderia permanecer em casa?

Śrīla Prabhupāda: Sim, claro.

Repórter: E o trabalho? Eu teria de abandonar o emprego?

Śrīla Prabhupāda: Não, você simplesmente teria de abandonar seus maus hábitos e cantar o *mantra* Hare Kṛṣṇa com essas contas — isso é tudo.

Repórter: Eu precisaria dar algum apoio financeiro?

Śrīla Prabhupāda: Não, isso é algo voluntário. Se você der, será bom. Se você não der, não fará mal. Não dependemos da contribuição financeira de ninguém. Dependemos de Kṛṣṇa.

Repórter: Eu não precisaria dar nenhum tostão?

Śrīla Prabhupāda: Não.

Repórter: É essa uma das coisas principais que distingue o *guru* do *guru* farsante?

Śrīla Prabhupāda: Sim, o *guru* genuíno não é um homem de negócios. Ele é um representante de Deus. Tudo o que Deus diz, o *guru* repete. Ele não fala de outra maneira.

Repórter: Mas o senhor esperaria encontrar um *guru* verdadeiro, digamos, viajando de Rolls Royce e hospedando-se numa suíte em hotel de primeira classe?

Śrīla Prabhupāda: Às vezes as pessoas nos oferecem um cômodo em um hotel de primeira classe, mas geralmente nós ficamos em nossos próprios templos. Temos mais de cem templos em todo o mundo, de modo que não precisamos ir para nenhum hotel.

Repórter: Eu não estava tentando fazer acusações. Estava apenas tentando ilustrar que julgo sua advertência válida. Há muitas pessoas interessadas em encontrar uma vida espiritual, e, ao mesmo tempo, há um punhado de pessoas interessadas em aproveitar-se do “negócio de *guru*”

Śrīla Prabhupāda: Você é de opinião que vida espiritual significa aceitar voluntariamente a pobreza?

Repórter: Bem, eu não sei.

Śrīla Prabhupāda: Um homem na miséria pode ser um materialista, e um homem abastado pode ser muito espiritual. Vida espiritual não depende nem de pobreza, nem de riqueza. Vida espiritual é algo transcendental. Considere Arjuna, por exemplo. Arjuna era membro de uma família real, todavia era um devoto puro de Deus. E no *Bhagavad-gītā* [4.2] Śrī Kṛṣṇa diz: *evam paramparā-prāptam imām rājarṣayo viduḥ*: “Esta ciência suprema foi recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos entenderam-na dessa maneira”. No passado, todos os reis que eram santos entenderam a ciência espiritual. Portanto, a vida espiritual não depende de nossa condição material. Qualquer que seja a condição material de uma pessoa — seja ela um rei ou um pobretão — ela pode ainda assim entender a vida espiritual. Geralmente as pessoas não sabem o que é vida espiritual, e por isso elas desnecessariamente nos criticam. Se eu lhe perguntasse o que é vida espiritual, como você responderia?

Repórter: Bem, não estou bem certo.

Śrīla Prabhupāda: Embora você não saiba o que é vida espiritual, você ainda diz: “é assim, ou é assado”. Mas, primeiramente, você deve saber o que é vida espiritual. A vida espiritual começa quando você entende que não é seu corpo. Este é o verdadeiro começo da vida espiritual. Percebendo a diferença entre o seu eu e o seu corpo, você chega a entender o que é uma alma espiritual (*aham brahmāsmi*).

Repórter: O senhor acha que este conhecimento deveria fazer parte da educação de todos?

Śrīla Prabhupāda: Sim. Primeiramente, as pessoas devem aprender o que elas são. Elas são os corpos, ou algo mais? Esse é o começo da educação. Atualmente todos são educados a pensar que são o corpo. Porque alguém acidentalmente obtém um corpo americano, ele pensa: “eu sou americano”. Isso é como pensar: “eu sou uma camisa vermelha”, só porque você está usando uma camisa vermelha. Você não é uma camisa vermelha; você é um ser humano. Analogamente, este corpo é como uma camisa ou um paletó sobre a pessoa verdadeira — a alma espiritual. Se nos reconhecemos simplesmente por nossa “camisa” ou “paletó” corpóreos, então não temos nenhuma educação espiritual.

Repórter: O senhor acha que essa educação deve ser dada em escolas?

Śrīla Prabhupāda: Sim — em escolas, faculdades e universidades. Há uma imensa literatura sobre este assunto — um imenso fundo de conhecimento. O que é realmente necessário é que os líderes da sociedade se prontifiquem a compreender este movimento.

Repórter: Alguma vez o senhor recebeu alguém que anteriormente tivesse se envolvido com um *guru* farsante?

Śrīla Prabhupāda: Sim, e muitos.

Repórter: As vidas espirituais deles foram de alguma forma estragadas pelos *gurus* farsantes?

Śrīla Prabhupāda: Não, eles estavam genuinamente buscando algo espiritual, e essa era sua qualificação. Deus está dentro do coração de todos, e tão logo alguém O busque genuinamente, Ele ajuda essa pessoa a encontrar um *guru* genuíno.

Repórter: Alguma vez os *gurus* verdadeiros como o senhor tentaram dar um fim aos *gurus* falsos — isto é, pressioná-los para tirá-los, por assim dizer, do negócio?

Śrīla Prabhupāda: Não, este não é o meu objetivo. Eu comecei este movimento simplesmente cantando Hare Kṛṣṇa. Em Nova Iorque, eu cantava em um local chamado Tompkins Square Park, e logo as pessoas começaram a vir a mim. Dessa maneira, o movimento da consciência de Kṛṣṇa gradualmente se desenvolveu. Muitos aceitaram e muitos não aceitaram. Os que são afortunados têm aceitado.

Repórter: Por acaso o senhor não sente que as pessoas são desconfiadas por causa da experiência que tiveram com *gurus* farsantes? Se o senhor fosse a um dentista charlatão e ele lhe quebrassem o dente, talvez o senhor tivesse dúvida quando quisesse ir a outro dentista.

Śrīla Prabhupāda: Sim. Naturalmente, se você foi enganado, você fica desconfiado. Mas isto não significa que se você foi enganado uma vez, vai ser enganado sempre. Você deve encontrar alguém que seja genuíno. Mas, para chegar à consciência de Kṛṣṇa, você tem de ser ou muito afortunado, ou bem versado nesta ciência. Do *Bhagavad-gītā* entendemos que os buscadores genuínos são pouquíssimos: *manuṣyānām sahasreṣu kaścīd yatati siddhaye*. Dentre muitos milhões de pessoas, talvez haja uma apenas que esteja interessada em vida espiritual. Geralmente, as pessoas estão interessadas em comer, dormir, acasalar-se e defender-se. Como, então, poderíamos esperar encontrar muitos seguidores? Não é difícil observar que as pessoas perderam seu interesse espiritual. E quase todos aqueles que estão realmente interessados estão sendo enganados por ditos espiritualistas. Você não pode julgar um movimento simplesmente pelo número de seus seguidores. Se um homem é genuíno, então o movimento é bem-sucedido. Não é uma questão de quantidade, mas de qualidade.

Repórter: Pergunto-me se o senhor teria idéia de quantas pessoas têm sido enganadas por *gurus* farsantes?

Śrīla Prabhupāda: Praticamente todos. [Ri.] Contar está fora de cogitação.

Repórter: Isso quer dizer milhares de pessoas, não é?

Śrīla Prabhupāda: Milhões. Milhões de pessoas têm sido enganadas, porque elas querem ser enganadas. Deus é onisciente. Ele pode entender seus desejos. Ele está dentro de seu coração, e se você quer ser enganado. Deus lhe envia um enganador.

Repórter: É possível que todos atinjam o estágio de perfeição de que o senhor falou anteriormente.?

Śrīla Prabhupāda: Dentro de um segundo. Qualquer um pode alcançar a perfeição dentro de um segundo — contanto que assim o deseje. A dificuldade é que ninguém está querendo. No *Bhagavad-gītā* [18.66] Kṛṣṇa diz: *sarva-dharmān parityajya mām ekaṁ śaraṇam vraja*: “Simplesmente rende-te a Mim”. Mas quem vai se render a Deus? Todos dizem: “Oh! Por que deveria eu render-me a Deus? Prefiro ser independente”. Se você simplesmente se rendesse, seria uma questão de segundos. Isso seria tudo. Mas ninguém quer isso, essa é a dificuldade.

Repórter: Quando o senhor diz que muitas pessoas querem ser enganadas, o senhor quer dizer que muitas pessoas querem continuar com seus prazeres mundanos e, ao mesmo tempo, cantando um *mantra* e segurando uma flor, atingir a vida espiritual? É isso que o senhor quer dizer com querer ser enganado?

Śrīla Prabhupāda: Sim, é como um paciente pensar: “Continuarei com minha doença e, ao mesmo tempo, tornar-me-ei saudável”. Isso é contraditório. O primeiro requisito é que recebamos educação de vida espiritual. Vida espiritual não é algo que possa ser entendido através de uma conversa de alguns minutos. Há muitos livros de filosofia e teologia, mas as pessoas não estão interessadas neles. Essa é a dificuldade. Por exemplo, o *Śrīmad-Bhāgavatam* é uma obra muito extensa. Se você tentar ler esse livro, talvez leve dias para entender uma única linha dele. O *Bhāgavatam* descreve Deus, a Verdade Absoluta, mas as pessoas não estão interessadas. E se, por acaso, alguém fica um pouco interessado em vida espiritual, ele quer algo imediato e barato. Portanto, ele é enganado. Na verdade, a vida humana é feita para austeridade e penitência. É assim que funciona a civilização védica. Nos tempos védicos, eles treinavam os meninos como *brahmacārīs*; não era permitida a vida sexual até os vinte e cinco anos de idade. Onde podemos encontrar esse tipo de educação atualmente? O *brahmacārī* é um estudante que vive uma vida de completo celibato e obedece às ordens de seu *guru* na *guru-kula* [escola do mestre espiritual]. Agora, as escolas e faculdades estão ensinando sexo desde o começo, e meninos e meninas de doze ou treze anos estão fazendo sexo.

Como poderão eles ter vida espiritual? Vida espiritual significa aceitar voluntariamente algumas austeridades para a realização de Deus. É por isso que insistimos para que nossos estudantes iniciados não façam sexo, não comam carne, não joguem, nem se intoxiquem. Sem essas restrições, qualquer “meditação de *yoga*” ou dita disciplina espiritual não pode ser genuína. Não passa de relação comercial entre os enganadores e os enganados.

Repórter: Muito obrigado.

Śrīla Prabhupāda: Hare Kṛṣṇa.

### “Com toda humildade possível”

*Em fevereiro de 1936, em Bombaim, Índia, os membros de uma reputada sociedade religiosa, a Gauḍīya Maṭha, ficaram espantados com as palavras poderosas e eloquentes de um jovem membro em honra a seu mestre espiritual, Śrīla Bhaktisiddhānta Sarasvatī Gosvāmī. Três décadas depois, aquele jovem orador viria a ser o mundialmente famoso fundador e mestre espiritual do movimento para consciência de Kṛṣṇa. A apresentação de Śrīla Prabhupāda é declaração memorável sobre a importância do guru na vida espiritual.*

“Nas escrituras reveladas se declara que o mestre espiritual deve ser adorado como a Suprema Personalidade de Deus, e este preceito é obedecido pelos devotos puros do Senhor. O mestre espiritual é o servo mais confidencial do Senhor. Desse modo, ofereçamos nossas respeitadas reverências aos pés de lótus de nosso mestre espiritual”.

Cavalheiros, em nome dos membros da sede em Bombaim da Gauḍīya Maṭha permitam-me dar-lhes nossas boas-vindas, porque juntaram-se a nós tão amavelmente na noite em que oferecemos congregacionalmente nossa homenagem aos pés de lótus do mestre mundial, Ācāryadeva, que é o fundador dessa Missão Gauḍīya e é o presidente-ācārya de Śrī Śrī Viśva-vaiṣṇava Rājasabhā — refiro-me a meu eterno mestre divino, Paramahaṁsa Parivrājakācārya Śrī Śrīmad Bhaktisiddhānta Sarasvatī Gosvāmī Mahārāja.

Há sessenta e dois anos, neste dia auspicioso, o Ācāryadeva fez seu aparecimento em resposta ao apelo de Ṭhākura Bhaktivinoda em Śrī-kṣetra Jagannātha-dhāma em Purī.

Cavalheiros, o oferecimento dessa homenagem tal como foi programado para essa noite ao Ācāryadeva não é um assunto sectário, pois quando falamos do princípio fundamental de *gurudeva*, ou *ācāryadeva*, estamos falando de algo que é de aplicação universal. Está totalmente fora de cogitação discriminar meu *guru* do seu ou do de qualquer um. Só há um *guru*, que aparece em uma infinidade de formas para ensinar aos senhores, a mim e a todos os demais.

O *guru*, ou *ācāryadeva*, como aprendemos com as escrituras fidedignas, transmite a mensagem do mundo absoluto, a morada transcendental da Personalidade Absoluta, onde tudo sem exceção serve à Verdade Absoluta. Temos ouvido tantas vezes: *mahājano yena gataḥ sa panthāḥ* (“Trilha o caminho pelo qual andou vosso *ācārya* anterior”), porém mal e mal temos tentado entender o real significado deste *śloka*. Se estudarmos minuciosamente esta proposição, entenderemos que o *mahājana* é um só, e o caminho real para o mundo transcendental também é um só. No *Muṇḍaka Upaniṣad* [1.2.12] se diz: “A fim de aprender a ciência transcendental, devemos aproximar-nos do mestre espiritual fidedigno em sucessão discipular, que está fixo na Verdade Absoluta”.

De forma que aqui se prescreve que, a fim de recebermos esse conhecimento transcendental, devemos aproximar-nos do *guru*. Portanto, se a Verdade Absoluta é uma só, sobre o que julgamos não haver divergência de opinião, o *guru* também não pode ser dois. O Ācāryadeva em cuja honra nos reunimos hoje à noite a fim de oferecer nossas humildes homenagens não é o *guru* de uma instituição sectária ou um dos muitos diferentes expoentes da verdade. Pelo contrário, ele é o *Jagad-guru*, ou o *guru* de todos nós; a única diferença é que alguns lhe obedecem sinceramente, ao passo que outros não lhe obedecem diretamente.

No *Śrīmad-Bhāgavatam* [11.17.27] se diz: “Deve-se entender que o mestre espiritual é tão bom como Eu, disse o Bem-aventurado Senhor. Ninguém deve ter inveja do mestre espiritual ou pensar que ele é um homem comum, porque o mestre espiritual é o somatório de todos os semideuses”. Isto é, o *ācārya* é identificado com o próprio Deus. Ele nada tem a ver com os afazeres deste mundo mortal. Ele não desce aqui para imiscuir-se em assuntos de necessidades temporárias, mas para salvar as almas condicionadas caídas — as almas, ou entidades, que vieram ao mundo material com o interesse de desfrutar através da mente e dos cinco órgãos de percepção dos sentidos. Ele aparece ante nós para revelar a luz dos *Vedas* e outorgar-nos as bênçãos da liberdade completa, pela qual devemos ansiar a cada passo da jornada de nossa vida.

O conhecimento transcendental dos *Vedas* foi primeiramente comunicado por Deus a Brahmā, o criador deste universo particular. De Brahmā o conhecimento desceu para Nārada, de Nārada para Vyāsadeva, de Vyāsadeva para Madhva, e, neste processo de sucessão discipular, o conhecimento transcendental foi transmitido por um discípulo a outro até chegar ao Senhor Gaurāṅga, Śrī Kṛṣṇa Caitanya, que representou o papel de discípulo e sucessor de Śrī Īśvara Purī. O atual Ācāryadeva é o décimo representante discipular de Śrī Rūpa Gosvāmī, o representante original do Senhor Caitanya que pregou esta tradição transcendental em sua plenitude. O conhecimento que recebemos de nosso Gurudeva não é diferente daquele comunicado pelo próprio Deus e pela sucessão dos *ācāryas* na linha preceptoral de Brahmā. Adoramos este dia auspicioso como Śrī Vyāsa-pūjā-tithi, porque o *ācārya* é o representante vivo de Vyāsadeva, o divino compilador dos *Vedas*, *Purāṇas*, *Bhagavad-gītā*, *Mahābhārata* e *Śrīmad-Bhāgavatam*.

Aquele que interpreta o som divino, ou *śabda-brahma*, através de sua imperfeita percepção dos sentidos não pode ser um *guru* verdadeiro, porque, na ausência do devido treinamento disciplinar sob o *ācārya* fidedigno, o intérprete certamente diverge de Vyāsadeva (como acontece com os Māyāvādīs). Śrīla Vyāsadeva é a autoridade primordial da

## *Ciência da Auto-Realização - Escolhendo um Mestre Espiritual*

revelação védica, e por isso tal intérprete irrelevante não pode ser aceito como o *guru*, ou *ācārya*, por mais equipado que esteja com todas as aquisições de conhecimento material. Como se diz no *Padma Purāna*: “A menos que sejas iniciado por um mestre espiritual fidedigno na sucessão discipular, o *mantra* que tiveres recebido não terá nenhum efeito”.

Por outro lado, aquele que recebeu o conhecimento transcendental através da recepção auditiva de um mestre fidedigno na corrente discipular, e que tem consideração sincera pelo verdadeiro *ācārya*, deve necessariamente ser iluminado com o conhecimento revelado dos *Vedas*. Mas, este conhecimento é permanentemente vedado para a abordagem cognitiva dos empíricos. Como se diz no *Svetāśvatara Upaniṣad* [6.23]: “Apenas àquelas grandes almas que simultaneamente têm fé implícita tanto no Senhor quanto no mestre espiritual é que todos os significados do conhecimento védico são automaticamente revelados”.

Cavalheiros, nosso conhecimento é tão pobre, nossos sentidos são tão imperfeitos e nossas fontes são tão limitadas que não é possível termos um pouco sequer de conhecimento da região absoluta sem nos rendermos aos pés de lótus de Śrī Vyāsadeva ou seu representante fidedigno. A cada momento estamos sendo enganados pelo conhecimento de nossa percepção direta. Tudo não passa de criação ou invenção da mente, que é sempre enganadora, mutante e oscilante. Nada podemos conhecer a respeito da região transcendental através de nosso método limitado e pervertido de observação e experimentação. Mas todos nós podemos ouvir com ávida atenção o som transcendental transmitido daquela região para esta através do meio inadulterado de Śrī Gurudeva ou Śrī Vyāsadeva. Portanto, cavalheiros, devemos nos render hoje aos pés do representante de Śrī Vyāsadeva para eliminarmos todas as nossas divergências geradas por nossa atitude insubmissa. Dessa maneira, está dito no *Śrī Gītā* [4.34]: “Aproxima-te apenas do sábio e fidedigno mestre espiritual. Primeiramente rende-te a ele e tenta entendê-lo através de indagações e serviço. Esse sábio mestre espiritual iluminar-te-á com conhecimento transcendental, pois ele já conhece a Verdade Absoluta”.

Para recebermos conhecimento transcendental, devemos nos render completamente ao verdadeiro *ācārya* em espírito de indagação e serviço ardentes. Real execução de serviço ao Absoluto sob a orientação do *ācārya* é o único veículo pelo qual podemos assimilar o conhecimento transcendental. O encontro de hoje para oferecermos nossos humildes serviços e homenagens aos pés do Ācāryadeva, possibilitará que sejamos agraciados com a capacidade de assimilar o conhecimento transcendental tão bondosamente transmitido por ele a todas as pessoas, sem distinção.

Cavalheiros, somos todos mais ou menos orgulhosos de nossa antiga civilização indiana, mas, de fato, não conhecemos a verdadeira natureza dessa civilização. Não podemos ter orgulho de nossa civilização material passada, que agora está milhares de vezes mais avançada que em tempos anteriores. Diz-se que estamos atravessando a era da escuridão, a Kali-yuga. Que é essa escuridão? A escuridão não pode ser devida ao atraso em conhecimento material, porque atualmente temo-lo em maior grau do que antigamente. Se nós mesmos não temos, pelo menos nossos vizinhos o têm em bastante quantidade. Portanto, devemos concluir que a escuridão da atual era não é devida à falta de avanço material, mas sim ao fato de que perdemos a base de nosso avanço espiritual, que é a necessidade primordial da vida humana e o critério para o tipo — mais elevado de civilização humana. Atirar bombas de aviões não significa que a civilização avançou desde a primitiva e incivilizada prática de jogar grandes pedras sobre as cabeças dos inimigos dos topos das montanhas. Com certeza, o aprimoramento da arte de matar nossos vizinhos por meio de metralhadoras e gases venenosos não indica avanço sobre o barbarismo primitivo, que se orgulhava de sua arte de matar com arcos e flechas. Tampouco o desenvolvimento de um sentido de abundante egoísmo mostra ser algo superior a mero animalismo intelectual. A verdadeira civilização humana é muito diferente de todos esses estados, e por isso no *Kaṭha Upaniṣad* [1.3.14] encontramos o enfático apelo: “Por favor, despertai e tentai entender a dádiva que agora tendes sob esta forma humana de vida. O caminho da realização espiritual é muito difícil, é afiado como o fio da navalha. Esta é a opinião de eruditos acadêmicos transcendentais”.

Assim, enquanto outros estavam ainda no ventre do esquecimento histórico, os sábios da Índia já haviam desenvolvido um tipo diferente de civilização, que capacitou-os a se conhecerem a eles mesmos. Eles haviam descoberto que não são absolutamente entidades materiais, mas que são, isso sim, servos espirituais, permanentes e indestrutíveis do Absoluto. Mas, por termos escolhido, em desabono de melhor julgamento, identificar-nos completamente com esta existência material, nossos sofrimentos têm se multiplicado de acordo com a inexorável lei de nascimento e morte, com suas conseqüentes doenças e ansiedades. Esses sofrimentos não poderão ser realmente mitigados por nenhum acúmulo de felicidade material, porque matéria e espírito são elementos completamente diferentes. É como se alguém tirasse um animal aquático da água e o pusesse na terra, fornecendo-lhe toda a espécie de felicidade possível em terra. Os terríveis sofrimentos do animal não poderão ser aliviados a não ser que ele seja tirado do ambiente estranho a ele. Espírito e matéria são coisas completamente contraditórias. Todos nós somos entidades espirituais. Não poderemos ter felicidade perfeita, que é o nosso direito natural, por mais que nos imiscuamos nos assuntos de coisas mundanas. Só obteremos felicidade perfeita quando formos restabelecidos em nosso estado natural de existência espiritual. Essa é a mensagem distintiva de nossa antiga civilização indiana, essa é a mensagem do *Gītā*, essa é a mensagem dos *Vedas* e dos *Purānas*, e essa é a mensagem de todos os verdadeiros *ācāryas*, inclusive de nosso atual Ācāryadeva, na linha do Senhor Caitanya.

Cavalheiros, embora de modo tão imperfeito fomos capacitados pela graça dele a compreender as sublimes mensagens de nosso Ācāryadeva, Om̐ Viṣṇupāda Paramahaṁsa Parivrājakācārya Śrī Śrīmad Bhaktisiddhānta Sarasvatī Gosvāmī Mahārāja, devemos, contudo, admitir termos compreendido definitivamente que a mensagem divina de seus lábios de lótus é coisa inata para a humanidade sofredora. Todos nós deveríamos ouvi-lo pacientemente. Se ouvirmos o som transcendental sem descabida oposição, certamente a misericórdia cairá sobre nós. A mensagem do Ācāryadeva para levar-nos de volta a nosso lar original, de volta a Deus. Repito, portanto, que deveríamos ouvi-lo pacientemente,

seguí-lo na medida de nossa convicção e prostrar-nos a seus pés de lótus para nos livrarmos de nossa atual e imotivada falta de vontade de servir ao Absoluto e a todas as almas.

Do *Gītā* aprendemos que mesmo após a destruição do corpo, a *ātmā*, ou a alma, não é destruída; ela é sempre a mesma, sempre nova e viçosa. O fogo não pode queimá-la, a água não pode dissolvê-la, o ar não pode secá-la e a espada não pode matá-la. Ela é duradoura e eterna, e isso também é confirmado no *Śrīmad-Bhāgavatam* [10.84.13]: “Qualquer um que aceite esta bolsa corpórea de três elementos [bílis, muco e ar] como sendo o seu eu, que tenha afinidade por um relacionamento íntimo com sua esposa e filhos, que considere sua terra adorável, que tome banho nas águas dos locais sagrados de peregrinação mas nunca tira proveito daquelas pessoas que têm conhecimento verdadeiro — não passa de um asno ou uma vaca”.

Infelizmente, nos dias que correm, todos nós nos convertemos em tolos por termos negligenciado nosso verdadeiro conforto e identificado a gaiola material conosco mesmos. Temos concentrado todas as nossas energias na manutenção secundária da gaiola material em benefício da própria gaiola, negligenciando completamente a alma, cativa nesta gaiola. A gaiola destina-se à destruição do pássaro; o pássaro não se destina ao bem-estar da gaiola. Meditemos, portanto, profundamente sobre isso. Todas as nossas atividades estão agora voltadas para a manutenção da gaiola, e o máximo que fazemos é tentar dar algum alimento à mente através da arte e da literatura. Mas não sabemos que esta mente também é material sob aparência mais sutil. Isso é declarado no *Gītā* [7.4]: “Terra, fogo, água, ar, céu, inteligência, mente e ego são todos Minhas energias separadas”.

Mal temos tentado dar alimento à alma, que é distinta do corpo e da mente; portanto, estamos todos cometendo suicídio no próprio sentido do termo. A mensagem do Ācāryadeva é para dar-nos um aviso que nos faça parar com tais atividades erradas. Prostremo-nos, portanto, a seus pés de lótus gratos pela imaculada misericórdia e bondade que ele nos outorgou.

Cavalheiros, não pensem um instante sequer que meu Gurudeva quer suspender completamente a civilização material — um feito impossível. Mas aprendamos com ele a arte de fazer o melhor uso de um mau negócio, e entendamos a importância desta vida humana, que é apta para o mais elevado desenvolvimento da consciência verdadeira. O melhor uso desta preciosa vida humana não deve ser negligenciado. Como se diz no *Śrīmad-Bhāgavatam* ([11.9.29]: “Esta forma humana de vida é obtida após muitos e muitos nascimentos, e, apesar de não ser permanente, pode oferecer os mais elevados benefícios. Por isso, um homem sóbrio e inteligente deve imediatamente tentar cumprir sua missão e alcançar o benefício máximo da vida antes que ocorra outra morte. Ele deve evitar o gozo dos sentidos, a que tem acesso em todas as circunstâncias.”

Não abusemos desta vida humana na vã busca de desfrute material, ou, em outras palavras, em troca de apenas comer, dormir, temer e ter atividades sensoriais. A mensagem do Ācāryadeva é transmitida pelas palavras de Śrī Rūpa Gosvāmī [*Bhakti-rasāmṛta-sindhu* 1.2.255-256]: “Diz-se que uma pessoa está situada totalmente na ordem de vida renunciada se ela vive de acordo com a consciência de Kṛṣṇa. Ela não deve ter apego ao gozo dos sentidos e deve aceitar apenas o que é necessário para a manutenção do corpo. Por outro lado, aquele que renuncia às coisas que poderiam ser usadas no serviço a Kṛṣṇa, com o pretexto de que tais coisas são materiais, não pratica renúncia completa”.

O significado desses *ślokas* só pode ser compreendido quando desenvolvemos completamente a parte racional de nossa vida, e não a parte animal. Sentados aos pés de lótus do Ācāryadeva, tentemos entender desta fonte transcendental de conhecimento o que nós somos, que é o universo, que é Deus e qual é o nosso relacionamento com Ele. A mensagem do Senhor Caitanya é a mensagem para as entidades vivas e a mensagem do mundo vivo. O Senhor Caitanya não se importou com a elevação deste mundo morto, que é adequadamente chamado *Martyaloka*, o mundo onde tudo está destinado a morrer. Ele apareceu perante nós há quatrocentos e cinquenta anos para nos falar algo do universo transcendental, onde tudo é permanente e tudo é para o serviço ao Absoluto. Porém, recentemente o Senhor Caitanya tem sido mal representado por algumas pessoas inescrupulosas, e a mais elevada filosofia do Senhor tem sido interpretada erradamente como sendo o culto do tipo mais baixo de sociedade. Temos a satisfação de anunciar hoje à noite que nosso Ācāryadeva, com sua bondade costumeira, salvou-nos desse tipo horrível de degradação, e por isso prostremo-nos a seus pés de lótus com toda a humildade.

Cavalheiros, tem sido uma das manias da sociedade culta (ou inculta) dos dias atuais atribuir à Personalidade de Deus aspectos meramente impessoais e estultificá-LO, afirmando que Ele não tem sentidos, nem forma, nem atividade, nem cabeça, nem pernas, nem prazer. Este tem sido também o prazer dos eruditos modernos devido a sua completa falta de apropriada orientação e verdadeira introspecção do reino espiritual. Todos esses empiristas pensam da mesma forma: todas as coisas desfrutáveis devem ser monopolizadas pela sociedade humana, ou apenas por uma classe particular, e o Deus impessoal deve ser um mero fornecedor de encomendas para suas façanhas caprichosas. Sentimo-nos felizes por termos sido livrados desta horrível espécie de doença pela misericórdia de Sua Divina Graça Paramahansa Parivrajakācārya Śrī Śrīmad Bhaktisiddhānta Sarasvatī Gosvāmī Mahārāja. É ele quem abre nossos olhos, nosso pai eterno, nosso preceptor eterno e nosso guia eterno. Prostremo-nos, portanto, a seus pés de lótus neste dia auspicioso.

Cavalheiros, embora sejamos como crianças ignorantes no conhecimento da Transcendência, mesmo assim Sua Divina Graça, meu Gurudeva, acendeu o pequeno fogo dentro de nós para dissipar a invencível escuridão do conhecimento empírico. Agora estamos tão fixos no lado seguro que nenhuma quantidade de argumentos filosóficos apresentados pelas escolas empíricas de pensamento poderá nos desviar um milímetro sequer da posição de nossa eterna dependência dos pés de lótus de Sua Divina Graça. Além disso, estamos preparados para desafiar os mais eruditos acadêmicos da escola Māyāvāda e provar que apenas a Personalidade de Deus e Suas atividades

## ***Ciência da Auto-Realização - Escolhendo um Mestre Espiritual***

transcendentais em Goloka constituem a sublime informação dos *Vedas*. Há indicações explícitas disso no *Chândogya Upaniṣad* [8.13.1]: “Para receber a misericórdia de Kṛṣṇa, eu me rendo a Sua energia (Rādhā), e para receber a misericórdia de Sua energia, eu me rendo a Kṛṣṇa”.

Também no *R̥g Veda* [1.2.22.20]: “Os pés de lótus do Senhor Viṣṇu são o objetivo supremo de todos os semideuses. Esses pés de lótus do Senhor são tão luminosos como o sol no céu”.

A verdade simples tão vividamente explicada no *Gītā*, que é a lição central dos *Vedas*, não é entendida, ou nem mesmo suspeitada, pelos mais poderosos eruditos das escolas empíricas. Aqui está o segredo de Śrī Vyāsa-pūjā. Quando meditamos nos passatempos transcendentais da Divindade Absoluta, temos orgulho de sentir que somos Seus servos eternos, e nos tornamos jubilantes e dançamos de alegria. Todas as glórias a meu mestre divino! pois foi ele que, por seu incessante fluxo de misericórdia, despertou dentro de nós tal movimento de existência eterna. Prostremo-nos a seus pés de lótus.

Cavaleiros, se ele não tivesse aparecido diante de nós para nos salvar da escravidão desta grosseira ilusão mundana, certamente teríamos permanecido desamparados por vidas e eras na escuridão do cativeiro. Se ele não tivesse aparecido diante de nós, não teríamos sido capazes de entender a verdade eterna do ensinamento sublime do Senhor Caitanya. Se ele não tivesse aparecido diante de nós, não poderíamos ter sido capazes de conhecer o significado do primeiro *śloka* do *Brahma-saṁhitā*: “Kṛṣṇa, que é conhecido como Govinda, é a Divindade Suprema. Ele tem um corpo eterno, bem-aventurado, espiritual. Ele é a origem de tudo. Ele não tem outra origem, e é a causa primordial de todas as causas”.

Pessoalmente, não tenho esperança de executar algum serviço direto nos vindouros milhões de nascimentos da jornada de minha vida, mas confio em que algum dia serei salvo deste atoleiro de ilusão do qual estou tão profundamente afundado atualmente. Por isso, deixai-me orar com toda a minha sinceridade aos pés de lótus de meu mestre divino para que me permita sofrer o quinhão a mim destinado devido a meus malfeitos passados, mas que eu possa guardar na memória que não passo de insignificante servo da Todo-poderosa Divindade Absoluta, compreendida através da firme misericórdia de meu mestre divino. Deixai-me, portanto, prostrar-me a seus pés de lótus com toda a humildade possível.

### III. Examinando as bases culturais

#### O maior impersonalista da Índia meditava no Senhor Kṛṣṇa e no Bhagavad-gītā

*Através dos séculos, os maiores filósofos e espiritualistas da Índia têm louvado o Bhagavad-gītā como a essência pura da eterna sabedoria védica. Śaṅkara, o célebre filósofo do século VI, em suas “Meditações sobre o Bhagavad-gītā” versificadas abaixo, glorifica o Gītā e seu divino autor, Śrī Kṛṣṇa. Embora Śaṅkara seja célebre universalmente como impersonalista, aqui revela sua devoção pela forma pessoal e original de Deus, o Senhor Śrī Kṛṣṇa. E Śrīla Prabhupāda o explica.*

—1—

Ó Bhagavad-gītā,  
Através de Vossos dezoito capítulos  
Inundais o homem  
Com o néctar imortal  
Da sabedoria do Absoluto.  
Ó bendito Gītā,  
Através de Vós, o próprio Senhor Kṛṣṇa  
iluminou Arjuna.  
Depois disso, o antigo sábio Vyāsa  
Incluiu-Vos no Mahābhārata.  
Ó mãe amorosa,  
Destruidora do renascimento do homem  
Na escuridão deste mundo mortal,  
Em Vós eu medito.

—2—

Saudações a ti, ó Vyāsa,  
Tens poderoso intelecto,  
E teus olhos  
São grandes como as pétalas  
Do lótus totalmente florido.  
Foste tu  
A acender esta luz de sabedoria,  
Enchendo-a com o óleo  
Do Mahābhārata.

#### SIGNIFICADO

Se analisamos do ponto de vista materialista, Śrīpāda Śaṅkarācārya era um impersonalista. Mas ele jamais negou a forma espiritual conhecida como *sac-cid-ānanda-vigraha*, ou a eterna e bem-aventurada forma de conhecimento que existia antes da criação. Quando ele falava do Brahman Supremo como sendo impessoal, ele queria dizer que a forma *sac-cid-ānanda* do Senhor não devia ser confundida com a concepção material de personalidade. Logo no começo de seu comentário sobre o Gītā, ele assevera que Nārāyaṇa, o Senhor Supremo, é transcendental à criação material. O Senhor existia antes da criação como a personalidade transcendental, e Ele nada tem a ver com a personalidade material. O Senhor Kṛṣṇa é a própria Personalidade Suprema, e Ele não tem ligação com um corpo material. Ele desce em Sua forma espiritual eterna, mas os tolos equivocam-se, pensando que Seu corpo é como o nosso. A pregação do impersonalismo de Śaṅkara destina-se especialmente a ensinar aos tolos que consideram Kṛṣṇa um homem comum composto de matéria.

Ninguém se interessaria por ler o Gītā se ele tivesse sido falado por um homem material, e certamente Vyāsadeva não teria se dado ao incômodo de incorporá-lo à história do Mahābhārata. De acordo com os versos acima, o Mahābhārata é a história do mundo antigo, e Vyāsadeva é o escritor desta grande epopéia. O Bhagavad-gītā é idêntico a Kṛṣṇa; e porque Kṛṣṇa é a Suprema Personalidade de Deus Absoluta, não há diferença entre Kṛṣṇa e Suas palavras. Portanto, o Bhagavad-gītā é tão adorável quanto o próprio Senhor Kṛṣṇa, sendo ambos absolutos, Aquele que ouve o Bhagavad-gītā “como ele é” na verdade ouve as palavras diretamente dos lábios de lótus do Senhor. Porém, pessoas desventuradas dizem que o Gītā é antiquado demais para o homem moderno, que quer descobrir Deus pela especulação ou pela meditação.

—3—

Eu Vos saúdo, ó Kṛṣṇa,  
Ó Vós que sois o refúgio  
Da Lakṣmī nascida do oceano  
E de todos que se refugiam  
A Vossos pés de lótus.  
Sois de fato a árvore que satisfaz os desejos  
De Vosso devoto,  
Uma de Vossas mãos carrega um bastão  
Para conduzir vacas,  
E Vossa outra mão está erguida —  
O polegar tocando a ponta  
De Vosso dedo indicador,  
Indicando conhecimento divino.  
Saudações a Vós, ó Senhor Supremo,  
Pois sois o ordenhador da ambrósia do Gītā.

#### SIGNIFICADO

Śrīpāda Śaṅkarācārya diz explicitamente: “Seus tolos! adorem Govinda e esse *Bhagavad-gītā* falado pelo próprio Nārāyaṇa”, todavia os tolos levam adiante sua pesquisa para descobrir Nārāyaṇa; conseqüentemente, eles são miseráveis, e perdem seu tempo em troca de nada. Nārāyaṇa jamais é miserável nem *daridra*; pelo contrário, Ele é adorado pela deusa da fortuna, Lakṣmī, como também por todas as entidades vivas. Śaṅkara declarava ser “Brahman”, mas ele admite que Nārāyaṇa, ou Kṛṣṇa, é a Suprema Personalidade que está além da criação material. Ele oferece seus respeitos a Kṛṣṇa como o Brahman Supremo, ou Parabrahman, porque Ele (Kṛṣṇa) é adorável por todos. Apenas os tolos e inimigos de Kṛṣṇa, que não podem entender o que é o *Bhagavad-gītā* (embora façam comentários sobre ele), dizem: “Não é ao Kṛṣṇa pessoal que temos que nos render completamente, mas sim ao Eterno não-nascido e sem princípio que fala através de Kṛṣṇa”. Os tolos entram precipitadamente onde os anjos temem pisar. Enquanto Śaṅkara, o maior dos impersonalistas, oferece seus devidos respeitos a Kṛṣṇa e a Seu livro o *Bhagavad-gītā*, os tolos dizem que “não precisamos nos render ao Kṛṣṇa pessoal”. Tais pessoas não iluminadas não sabem que Kṛṣṇa é absoluto e que não há diferença entre Seu interior e Seu exterior. A diferença de interior e exterior é experimentada no mundo material, dual. No mundo absoluto, não há tal diferença, porque no absoluto tudo é espiritual (*sac-cid-ānanda*), e Nārāyaṇa, ou Kṛṣṇa, pertence ao mundo absoluto. No mundo absoluto há apenas a personalidade real, e não há distinção entre corpo e alma.

—4—

Os *Upaniṣads*  
São como um rebanho de vacas,  
O Senhor Kṛṣṇa, filho de um vaqueiro,  
É seu ordenhador,  
Arjuna é o bezerro,  
O néctar supremo do Gītā  
É o leite.  
E o sábio de intelecto purificado  
É o bebedor.

#### SIGNIFICADO

A menos que se entenda a variedade espiritual, não se pode entender os passatempos transcendentais do Senhor. No *Brahma-saṁhitā* se diz que o nome, a forma, a qualidade, os passatempos, o séquito e a parafernália de Kṛṣṇa são todos *ānanda-cinmaya-rasa* — em suma, tudo em Sua associação transcendental é da mesma composição de bem-aventurança, conhecimento e eternidade espirituais. Não há fim para Seu nome, forma, etc., ao contrário do mundo material, onde todas as coisas têm seu fim. Como se declara no *Bhagavad-gītā*, somente os tolos O menosprezam; ao passo que é Śaṅkara, o maior impersonalista, que O adora, e a Suas vacas e passatempos como o filho de Vasudeva e o prazer de Devakī.

—5—

A Vós, filho de Vasudeva,  
Destruidor dos demônios Kaṁsa e Cāṅṁura,  
A Vós, bem-aventurança suprema de Mãe Devakī,  
A Vós, guru do universo,



Mestre dos mundos,  
A Vós, ó Kṛṣṇa, eu saúdo.

SIGNIFICADO

Śaṅkara O descreve como o filho de Vasudeva e Devakī. Ele quer dizer com isso que está adorando um homem material comum? Ele adora Kṛṣṇa porque sabe que o nascimento e as atividades de Kṛṣṇa são todos sobrenaturais. Como se declara no *Bhagavad-gītā* [4.9], o nascimento e as atividades de Kṛṣṇa são misteriosos e transcendentais, e por isso somente os devotos de Kṛṣṇa podem conhecê-los perfeitamente. Śaṅkara não era tolo assim que aceitasse Kṛṣṇa como um homem comum e, ao mesmo tempo, Lhe oferecesse todas as reverências devocionais, conhecendo-O como o filho de Devakī e Vasudeva. Segundo o *Bhagavad-gītā*, apenas por conhecer o nascimento e as atividades transcendentais de Kṛṣṇa pode-se alcançar a liberação, adquirindo uma forma espiritual como a de Kṛṣṇa. Há cinco tipos diferentes de liberação. Aquele que se funde nas auras espirituais de Kṛṣṇa, conhecidas como a refulgência do Brahman impessoal, não desenvolve completamente o seu corpo espiritual. Mas aquele que desenvolve completamente sua existência espiritual torna-se um companheiro de Nārāyaṇa ou Kṛṣṇa em diferentes moradas espirituais. Aquele que entra na morada de Nārāyaṇa desenvolve uma forma espiritual exatamente como a de Nārāyaṇa (de quatro braços), e aquele que entra na morada espiritual mais elevada de Kṛṣṇa, conhecida como Goloka Vṛndāvana, desenvolve uma forma espiritual de duas mãos como a de Kṛṣṇa. Śaṅkara, como uma encarnação do Senhor Śiva, conhece todas essas existências espirituais, mas ele não as revelou para seus então seguidores budistas, porque era-lhes impossível conhecer o mundo espiritual. O Senhor Buddha pregou que o vazio é a meta última; como, então, poderiam seus seguidores entender a variedade espiritual? Por isso, Śaṅkara disse: *brahma satyaṁ jagan mithyā*, ou, a variedade material é falsa, mas a variedade espiritual é verdadeira. No *Padma Purāṇa*, o Senhor Śiva admite que teve de pregar a filosofia de *māyā*, ou ilusão, na Kali-yuga como outra edição da filosofia do “vazio” de Buddha. Ele teve de fazer isso pela ordem do Senhor por motivos específicos. Ele revelou sua verdadeira mentalidade, contudo, recomendando que as pessoas adorem Kṛṣṇa, pois ninguém pode se salvar simplesmente através de especulações mentais compostas de malabarismos de palavras e manobras gramaticais. Śaṅkara instrui ainda: “Seus intelectuais tolos, adorem Govinda, adorem Govinda, adorem Govinda. Seu conhecimento gramatical e malabarismos de palavras não os salvarão no momento da morte”.

—6—

Daquele terrificante rio  
Do campo de batalha de Kurukṣetra  
Sobre o qual os Pāṇḍavas cruzaram vitoriosamente,  
Bhīṣma e Droṇa eram como as elevadas praias,  
Jayadratha como a água do rio,  
O rei de Gāndhāra, o nenúfar azul,  
Śalya, o tubarão, Kṛpa, a corrente,  
Karna, as poderosas ondas,  
Aśvatthāmā e Vikarna os terríveis jacarés,  
E Duryodhana, o próprio torvelinho —  
Mas Vós, ó Kṛṣṇa, éreis o barqueiro!

—7—

Que o lótus imaculado do *Mahābhārata*  
Que cresce nas águas  
Das palavras de Vyāsa  
E do qual o *Bhagavad-gītā*  
É a fragrância irresistivelmente doce  
E seus contos de heróis  
As pétalas desabrochadas  
Totalmente abertas pela conversa do Senhor Hari,  
Que destrói os pecados  
De Kali-yuga,  
E sobre o qual diariamente luzem  
As almas que buscam o néctar,  
Como muitas abelhas  
Apinhando-se alegremente —  
Que este lótus do *Mahābhārata*  
Conceda-nos o mais elevado benefício.

—8—

Saudações ao Senhor Kṛṣṇa  
A corporificação da bem-aventurança suprema.  
Por cuja graça e compaixão  
O mudo torna-se eloqüente  
E o aleijado escala montanhas—  
A Ele eu saúdo!

SIGNIFICADO

Os tolos seguidores de especuladores tolos não podem entender o sentido de se oferecer saudações ao Senhor Kṛṣṇa, a corporificação da bem-aventurança. O próprio Śaṅkara ofereceu suas saudações ao Senhor Kṛṣṇa para que alguns de seus seguidores inteligentes entendessem o fato real pelo exemplo estabelecido por ele, seu grande mestre, Śaṅkara, a encarnação do Senhor Śiva. Mas há muitos seguidores obstinados de Śaṅkara que se negam a oferecer suas saudações ao Senhor Kṛṣṇa, e, ao invés, desencaminham pessoas inocentes, injetando materialismo no *Bhagavad-gītā* e confundindo leitores inocentes com seus comentários, e, conseqüentemente, os leitores nunca têm a oportunidade de serem abençoados oferecendo saudações ao Senhor Kṛṣṇa, a causa de todas as causas, O maior desserviço à humanidade é mantê-la na escuridão quanto à ciência de Kṛṣṇa, ou consciência de Kṛṣṇa, distorcendo o sentido do Gītā.

—9—

Saudações a esse Supremo ser brilhante  
A quem o criador Brahmā, Varuṇa,  
Indra, Rudra, Marut e todos os seres divinos  
Louvam com hinos,  
Cujas glórias são cantadas  
Pelos versos dos *Vedas*,  
A quem os cantores do *Sāma* exaltam  
E de cujas glórias os *Upaniṣads*  
Proclamam em coro completo,  
A quem os *yogīs* vêm  
Com suas mentes absortas  
Em meditação perfeita,  
E de quem todas as hostes  
De deuses e demônios  
Não conhecem as limitações.  
Para Ele, o Deus Supremo, Kṛṣṇa, sejam todas as saudações—  
A Ele saudamos! A Ele saudamos! A Ele saudamos!

SIGNIFICADO

Com a recitação do nono verso de sua meditação, citado do *Śrīmad-Bhāgavatam*, Śaṅkara indica que o Senhor Kṛṣṇa é adorável por cada um e por todos, incluindo ele próprio. Ele dá sugestões a materialistas, impersonalistas, especuladores mentais, filósofos do “vazio” e todos os outros candidatos sujeitos ao castigo das misérias materiais: ofereçam somente saudações ao Senhor Kṛṣṇa, que é adorado por Brahmā, Śiva, Varuṇa, Indra e todos os outros semideuses. Ele não menciona, contudo, o nome de Viṣṇu, porque Viṣṇu é idêntico a Kṛṣṇa. Os *Vedas* e os *Upaniṣads* destinam-se ao entendimento do processo através do qual podemos nos render a Kṛṣṇa. Os *yogīs* tentam vê-lo (a Kṛṣṇa) dentro deles mesmos através da meditação. Em outras palavras, é a todos os semideuses e demônios que não sabem onde está o fim último que Śaṅkara ensina, e ele especialmente instrui os demônios e os tolos a oferecerem saudações a Kṛṣṇa e a Suas palavras, o *Bhagavad-gītā*, seguindo seus passos. Apenas através de tais atos é que os demônios serão beneficiados, e não desencaminhando seus seguidores ingênuos mediante supostas especulações mentais ou meditações encenadas. Śaṅkara diretamente oferece saudações a Kṛṣṇa, como que para mostrar aos tolos, que estão buscando a luz, que *aqui há luz como do sol*. Mas os demônios caídos são como corujas que não querem abrir seus olhos por causa de seu temor à própria luz do sol. Essas corujas jamais abrirão seus olhos para ver a sublime luz de Kṛṣṇa e Suas palavras, o *Bhagavad-gītā*. Contudo, eles hão de comentar sobre o *Gītā* com seus olhos cerrados de coruja para desencaminhar seus desventurados leitores e seguidores. Śaṅkara, entretanto, revela a luz para seus seguidores menos inteligentes e mostra que o *Bhagavad-gītā* e Kṛṣṇa são a única fonte de luz. Tudo isso é para ensinar aos buscadores sinceros da verdade a oferecerem saudações ao Senhor Kṛṣṇa e assim renderem-se a Ele sem receios. Essa é a perfeição máxima da vida, e esse é o ensinamento máximo de Śaṅkara, o grande acadêmico erudito cujos ensinamentos desterraram a filosofia niilista de Buddha para fora da Índia, a terra do conhecimento. *Oṃ tat sat*.

## O movimento da consciência de Kṛṣṇa é o processo védico genuíno

*Em 11 de janeiro de 1970, um artigo do Los Angeles Times informava que alguns professores da Universidade de Berkeley, Califórnia, entre os quais se encontrava o Dr. J. F. Staal, professor de Filosofia e Línguas Sul-Asiáticas, haviam recusado a petição de outorgar valor acadêmico a um curso experimental referente ao processo da Consciência de Kṛṣṇa, que ia ser ministrado por Hans Kary, presidente do centro de Berkeley do movimento Hare Kṛṣṇa. Ao recusar a petição, o Dr. Staal indicou que os devotos “empregam demasiado tempo em cantar, devido a isto, não podem desenvolver uma filosofia”. Quando Śrīla Prabhupāda, o fundador e mestre espiritual do movimento Hare Kṛṣṇa, leu o artigo, iniciou uma correspondência pouco comum com o célebre professor.*

*Excerto do artigo do Los Angeles Times*

“O Dr. J. F. Staal, Professor de Filosofia e Línguas do Oriente Próximo da Universidade da Califórnia, Berkeley e lente de filosofia indiana, acredita que a seita Kṛṣṇa é uma religião indiana autêntica e que seus adeptos são sinceros. Ele atribui o rápido aumento de membros da Sociedade à tendência da geração mais jovem de hoje em dia de rejeitar a organizada freqüência à igreja e ao mesmo tempo buscar a satisfação da crença no misticismo.

No entanto, ele chama a atenção para o fato de que as pessoas que se afastam do cristianismo, do maometanismo e do judaísmo são aquelas que geralmente perderam sua fé no deus pessoal dessas religiões e andam em busca de uma religião mística sem absolutos.

Essas pessoas no movimento Kṛṣṇa converteram-se ao hinduísmo, mas, curiosamente, este é um culto que é altamente personalístico, disse Staal. Eles aceitam um deus pessoal, Kṛṣṇa, que o cristianismo também tem. Parece-me que eles transferiram alguns de seus antecedentes cristãos para uma seita hindu”.

Ele também acha que eles gastam tempo demais cantando para desenvolver uma filosofia. Baseados nesses fatos, ele e outros na faculdade rejeitaram um pedido de outorgar valor acadêmico a um curso experimental sobre a consciência de Kṛṣṇa que será dado durante o trimestre de inverno por Hans Katy, presidente do templo de Berkeley da seita”.

*Carta de Śrīla Prabhupāda ao Los Angeles Times*

14 de janeiro de 1970

Ao Editor

Los Angeles Times

Caro Senhor:

Com referência a seu artigo no *Los Angeles Times* datado de domingo, 11 de janeiro de 1970, com o título “Canto Kṛṣṇa”, tomo a liberdade de indicar que a religião hindu é perfeitamente baseada na concepção pessoal de Deus, ou Viṣṇu. A concepção impessoal de Deus é uma conseqüência paralela, ou um dos três aspectos de Deus. A Verdade Absoluta é, em última análise, a Suprema Personalidade de Deus, a concepção Paramātmā é o aspecto localizado de Sua onipresença, e a concepção impessoal é o aspecto de Sua grandeza e eternidade. Mas, todos esses aspectos combinados formam o Todo Completo.

A afirmação do Dr. J. F. Staal de que o culto a Kṛṣṇa é uma combinação de religião cristã com religião hindu, como se fosse algo inventado, não é correta. Se as religiões cristã, maometana e budista são pessoais, isso é muito alvissareiro. Mas a religião de Kṛṣṇa tem sido pessoal desde há muito, muito tempo, desde épocas em que as religiões cristã, maometana e budista ainda não haviam surgido. Segundo a concepção védica, a religião é basicamente feita pelo Deus pessoal como Suas leis. A religião não pode ser fabricada pelo homem ou qualquer um, exceto Deus, superior ao homem. A religião é unicamente a lei de Deus.

Infelizmente, todos os svāmīs com que me encontrei neste país enfatizavam o aspecto impessoal de Deus, sem conhecimento suficiente do aspecto pessoal de Deus. No *Bhagavad-gītā*, portanto, diz-se que apenas as pessoas menos inteligentes consideram que Deus é originalmente impessoal, mas assume uma forma quando Se encarna. A filosofia de Kṛṣṇa, contudo, baseada na autoridade dos *Vedas*, é que, originalmente a Verdade Absoluta é a Suprema Personalidade de Deus. Sua expansão plenária está presente no coração de todos sob Seu aspecto localizado, e a refulgência do Brahman impessoal é a luz transcendental e calor distribuídos por toda a parte.

No *Bhagavad-gītā* diz-se claramente que o objetivo do processo védico de busca da Verdade Absoluta é encontrar o Deus pessoal. Deve-se considerar que alguém que esteja satisfeito com os outros aspectos da Verdade Absoluta, a saber, o aspecto Paramātmā ou o aspecto Brahman, possui um pobre fundo de conhecimento. Recentemente, publicamos nosso *Śrī Isopaniṣad*, uma literatura védica, e nesse opúsculo discutimos exaustivamente este ponto.

Quanto à religião hindu, há milhões de templos de Kṛṣṇa na Índia, e não há um hindu sequer que não adore Kṛṣṇa. Portanto, este movimento para a consciência de Kṛṣṇa não é uma idéia inventada. Convidamos todos os intelectuais, filósofos, religiosos e membros do público em geral a entenderem este movimento através de um estudo crítico. E aquele que o fizer seriamente entenderá a posição sublime deste grande movimento.

O processo de cantar também é autorizado. O sentimento de desgosto do Professor Staal quanto ao constante

## Ciência da Auto-Realização - Examinanda as Bases Culturais

cantar do santo nome de Kṛṣṇa é uma definitiva prova de sua falta de conhecimento sobre este autorizado movimento da consciência de Kṛṣṇa. Em vez de rejeitar a solicitação de Kary, reconhecendo o valor acadêmico de seu curso, ele e todos os outros eruditos professores da Universidade da Califórnia em Berkeley deviam pacientemente ouvir sobre a verdade deste autorizado movimento tão necessário, no momento, a esta sociedade ateuista. [Posteriormente o valor acadêmico do curso foi aprovado.] Este é o único movimento que pode salvar a confusa geração mais jovem. Convidarei todos os guardiães responsáveis deste país a compreenderem este movimento transcendental e então dar-lhes-ei todas as boas oportunidades de difundi-lo para o benefício de todos.

A.C. Bhaktivedanta Swami  
Mestre Espiritual do Movimento Hare Kṛṣṇa

\* \* \*

*O intercâmbio entre Śrīla Prabhupāda e Dr. Staal*

23 de janeiro de 1970

Caro Swamiji:

Fico muito agradecido por ter me enviado uma cópia de sua carta endereçada ao *Los Angeles Times*, agora também publicada no *Daily Californian*. Penso que o senhor concordará comigo de que, afora a publicidade, pouco se ganha discutindo questões religiosas ou filosóficas através de entrevistas e cartas na imprensa; mas, permita-me fazer duas breves observações.

Primeiramente, eu sei que a devoção a Kṛṣṇa é algo antigo (embora definitivamente não tão antigo como os *Vedas*) e jamais foi influenciada pelo cristianismo, islamismo ou judaísmo (nunca me referi ao budismo a este respeito). As divergências entre o pessoal e o impessoal são relativamente vagas, mas, adotando esta distinção para simplificar, eu exprimi surpresa ao ver que pessoas crescidas dentro de uma cultura ocidental, a qual dá ênfase ao pessoal, aceitaram um culto indiano que faz o mesmo. Surpreende-me menos quando as pessoas que estão insatisfeitas com o monoteísmo ocidental aceitam uma filosofia indiana que enfatiza um absoluto impessoal.

Em segundo lugar, jamais exprimi ou senti desgosto pelo canto do nome de Kṛṣṇa. Não somente não estou irritado com isso (como algumas pessoas), mas, antes, chego mesmo a gostar disso. Mas é um fato indiscutível que o *Bhagavad-gītā* (isto para não mencionar os *Vedas*) não exige esse cantar constante. O *Gītā* trata de assuntos completamente diferentes, com os quais eu lido até certo ponto em meus cursos sobre as filosofias da Índia.

Agradecendo-lhe, Atenciosamente,  
J.F. Staal - Professor de Filosofia e Línguas Sul-Asiáticas

\* \* \*

30 de janeiro de 1970

Meu caro Professor Staal:

Fico agradecido por sua carta datada de 23 de janeiro de 1970. No último parágrafo de sua carta, o senhor menciona que não está irritado com o canto do *mantra* Hare Kṛṣṇa (como algumas pessoas), mas, antes, chega mesmo a gostar dele. Isso me dá muita satisfação, e aqui lhe envio uma cópia de nossa revista, *De Volta ao Supremo*, edição número 28, na qual o senhor encontrará como os estudantes [em um programa na Universidade do Estado de Ohio] gostaram deste cantar do *mantra* Hare Kṛṣṇa, embora todos eles fossem neófitos neste culto de cantar. Na realidade, este canto é muito agradável ao coração e é o melhor meio de infundir consciência espiritual, ou consciência de Kṛṣṇa, nos corações das pessoas em geral.

Esse é o processo mais fácil de realização espiritual e é recomendado nos *Vedas*. No *Bṛhan-nārādīya Purāṇa* afirma-se claramente que somente o cantar do santo nome de Hari [Kṛṣṇa] pode salvar as pessoas dos problemas da existência materialista, e não há nenhuma outra alternativa, nenhuma outra alternativa, nenhuma outra alternativa nesta era de Kali.

A cultura ocidental é monoteísta, mas os ocidentais estão sendo desencaminhados pela especulação impessoal indiana. Os jovens do Ocidente estão frustrados porque não lhes estão ensinando adequadamente o monoteísmo. Eles não estão satisfeitos com esse processo de ensinar e entender. O movimento para a consciência de Kṛṣṇa é uma dádiva para eles porque eles estão sendo realmente treinados a entender o monoteísmo ocidental sob o autorizado sistema védico. Nós não discutimos apenas teoricamente; pelo contrário, aprendemos através do método prescrito nas regulações védicas.

Mas estou surpreso de ver que no último parágrafo de sua carta o senhor diz: “É um fato indiscutível que o *Bhagavad-gītā* (isto para não mencionar os *Vedas*) não exige esse constante cantar. Acho que o senhor não entendeu o seguinte verso do *Bhagavad-gītā*, além de muitos outros versos semelhantes: a ocupação das grandes almas, livres da ilusão e perfeitas em sua compreensão de Deus, é descrita aqui: *satatam kīrtayanto mām* — eles estão sempre (*satatam*) cantando (*kīrtayantaḥ*) Minhas glórias e — *nitya-yuktā upāsate* — sempre Me (a Kṛṣṇa) adorando.

De forma que eu não sei como o senhor pode dizer “indiscutível.” E se o senhor quer referências dos *Vedas*, posso

dar-lhe muitas. Nos *Vedas*, a principal vibração transcendental, *omkāra*, é, também, Kṛṣṇa. *Praṇava omkāra* é a substância divina dos *Vedas*. Seguir os *Vedas* significa cantar os *mantras* védicos, e nenhum *mantra* védico é completo sem *omkāra*. No *Māṇḍūkya Upaniṣad*, afirma-se que *omkāra* é a mais auspiciosa representação sonora do Senhor Supremo. Isto também é confirmado novamente no *Atharva Veda*. *Omkāra* é a representação sonora do Senhor Supremo e é, por isso, a palavra principal nos *Vedas*. A este respeito, o Senhor Supremo, Kṛṣṇa, diz: *praṇavaḥ sarva-vedeṣu*: “Eu sou a sílaba *om* em todos os *mantras* védicos [Bg. 7.8].

Além disso, no *Bhagavad-gītā*, Décimo Quinto Capítulo, verso 15, Kṛṣṇa diz: “Estou sentado no coração de todos. Através de todos os *Vedas*, Eu sou aquele que deve ser conhecido; Eu sou o compilador do *Vedānta*, e conheço o *Veda* tal como ele é”. O Senhor Supremo, sentado no coração de todos, descrito tanto no *Muṇḍaka* quanto no *Śvetāśvatara Upaniṣads*: *dvā suparṇā sayujā sakhāyā...* O Senhor Supremo e a alma individual estão pousados no corpo assim como duas aves amigáveis em uma árvore. Uma ave está comendo os frutos da árvore, ou colhendo as reações de atividades materiais, e a outra ave, a Superalma, está testemunhando.

A meta do estudo Vedântico, portanto, é conhecer o Senhor Supremo, Kṛṣṇa. Este ponto é enfatizado no *Bhagavad-gītā*, Oitavo Capítulo, verso 13, onde se afirma que através do processo da yoga mística, vibrando-se finalmente a sagrada sílaba *om*, atinge-se Seu planeta espiritual supremo. Nos *Vedānta-sūtras*, que com toda a certeza o senhor terá lido, o Quarto Capítulo, *adhikaraṇa 4, sūtra 22*, declara positivamente, *anaāvṛttiḥ śabdāt*: Através da vibração sonora, uma pessoa se torna liberada”. Através do serviço devocional, compreendendo bem a Suprema Personalidade de Deus, uma pessoa pode ir a Sua morada e nunca mais retornar a essa condição material. Como isso é possível? A resposta é: simplesmente por se cantar Seu nome constantemente.

Isto é aceito pelo discípulo exemplar, Arjuna, que aprende perfeitamente a conclusão da ciência espiritual com o *yogeshvara*, o senhor do conhecimento místico, Kṛṣṇa. Reconhecendo Kṛṣṇa como a Suprema Personalidade de Deus, Arjuna dirige-se a Ele, *sthāne hṛṣīkeṣa...*: “O mundo torna-se alegre ouvindo Vosso nome, e assim todos se apegam a Vós” [Bg. 11.36]. O processo de cantar é autorizado nessa passagem como o meio direto de contatar com a Suprema Verdade Absoluta, a Personalidade de Deus. Simplesmente por cantar o santo nome de Kṛṣṇa, a alma é atraída pela Pessoa Suprema, Kṛṣṇa, a voltar ao lar, voltar ao Supremo.

No *Nārada-pañcarātra* afirma-se que todos os rituais, *mantras* e entendimentos védicos estão comprimidos nas oito palavras Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare. De modo semelhante, no *Kali-santarāṇa Upaniṣad* afirma-se que essas dezesseis palavras. Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare / Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare, destinam-se especialmente a neutralizar a degradante e contaminante influência desta materialista era de Kali.

Todos esses pontos são elaboradamente apresentados em meu livro *Ensinos do Senhor Caitanya*.

O processo de cantar é, portanto, não somente o método sublinhe para a perfeição prática da vida, mas também o princípio védico autorizado, inaugurado pelo maior erudito védico e devoto, Senhor Caitanya (o qual consideramos uma encarnação de Kṛṣṇa). Estamos simplesmente seguindo Seus passes autorizados.

O alcance do movimento para a consciência de Kṛṣṇa é universal. O processo para recuperar nosso status espiritual original de vida eterna, plena de bem-aventurança e conhecimento, não é teorização árida e abstrata. A vida espiritual não é descrita nos *Vedas* como algo teórico, árido ou impessoal. Os *Vedas* objetivam a implantação do amor puro a Deus apenas, e esta conclusão harmoniosa é praticamente realizada pelo movimento da consciência de Kṛṣṇa, ou pelo cantar do *mantra* Hare Kṛṣṇa.

Como a meta da realização espiritual é uma só, o amor a Deus, da mesma forma os *Vedas* constituem um único todo abrangente no que diz respeito ao entendimento transcendental. Apenas os vários pontos de vista incompletos de vários grupos à parte das fidedignas linhas védicas de ensino dão uma aparência rota ao *Bhagavad-gītā*. O fator reconciliatório que ajusta todas as proposições aparentemente diversas dos *Vedas* é a essência do *Veda*, ou consciência de Kṛṣṇa (amor a Deus).

Agradecendo-lhe mais uma vez,  
Atenciosamente  
A.C. Bhaktivedanta Swami

\* \* \*

8 de fevereiro de 1970

Caro Swamiji:

Agradeço-lhe muito por sua gentileza ao enviar-me sua longa e interessante carta do dia 30 de janeiro, juntamente com o último número de *De Volta ao Supremo*. Até o momento tenho tido algumas discussões com membros de sua sociedade aqui, mas elas não são inteiramente satisfatórias desde o meu ponto de vista. Mas agora que acabo de receber sua carta de máxima autoridade, a discussão avança para um nível superior.

E não obstante, lamento dizer que o senhor ainda não me convenceu de que todas as escrituras citadas pelo senhor prescrevem apenas o cantar do nome de Kṛṣṇa. Vou me referir apenas àquelas que são mais importantes.

No *Bhagavad-gītā* [9.14], *kīrtayantaḥ* não significa necessariamente canto do nome de Kṛṣṇa. Pode significar glorificação, canto, recitação, conversa e referir-se às canções, hinos, descrições ou conversações. Os comentaristas analisam dessa maneira. Śaṅkara em seu comentário apenas repete a palavra, mas Ānandagiri, em seu *vyākhyā*

classifica *kīrtanam* como *vedānta śravaṇam praṇava-japaś ca*: “ouvir o *Vedānta* e murmurar o *om̐*” (que o *om̐* védico é Kṛṣṇa é dito no *Bhagavad-gītā*, onde Kṛṣṇa também é identificado com muitas outras coisas, e o qual é *smṛti*, mas não nos *Vedas*, que são *śruti*). Outro comentarista, Hanumān, em seu *Paiśāca-bhāṣya*, diz que *kīrtayantaḥ* meramente significa *bhāṣamāna* — “conversar [sobre]”.

E o que é mais importante, creio eu, do que o preciso significado desta palavra, é que todo o verso não exige que todos sempre se ocupem em *kīrtana*, mas meramente afirma que algumas grandes almas o fazem. Isso fica óbvio pelo verso seguinte, o qual afirma que *anye*, “outros”, ocupam-se em *jñāna-yajñena... yajanto mām*, “adorando-me... com a adoração do conhecimento”. O *Bhagavad-gītā* é liberal e tolera uma variedade de abordagens religiosas, embora enfatize, também, um aspecto acima de todos os outros (i.e., *sarva-phala-tyāga* – renúncia a todos os frutos do próprio trabalho).

Finalmente, no último *sūtra* do *Vedānta-sūtra*, *anāvṛtīḥ śabdāt...*, *śabda* refere-se à escritura ou à revelação dos *Vedas*, como fica claro pelo contexto e pelos comentaristas. Śaṅkara cita alguns textos (finalizando com *ity ādi-śabdebhyaḥ*, “de acordo com esses *śabdās*”) para apoiar isso. i.e., para apoiar a declaração de que “de acordo com as escrituras não há retorno”. Ele também se refere a *śabda* neste *sūtra*, dizendo, *mantrārtha-vādādi... mantras*, descrições, etc”. Vācaspati Mīśra no *Bhāmati* apoia isso e esclarece isso um pouco mais, adicionando que um ponto de vista contrário é *śruti-smṛti-virodhaḥ*, “em conflito com o *smṛti* e o *śruti*”.

Agradecendo-lhe mais uma vez por sua amável atenção.  
Muito atentamente,  
J.F. Staal

\* \* \*

15 de fevereiro de 1970

Meu caro Dr. Staal:

Fiquei muito contente em receber sua carta datada de domingo, 8 de fevereiro de 1970. Também fiquei muito satisfeito ao examinar o conteúdo.

No que diz respeito a convencê-lo de que todas as escrituras prescrevem o canto do nome de Kṛṣṇa, posso simplesmente apresentar a autoridade do Senhor Caitanya. O Senhor Caitanya recomendava, *kīrtaniyaḥ sadā hariḥ* [“Hari, Kṛṣṇa, deve ser constantemente louvado”] (*Sikṣāstaka* 3)]. De modo semelhante, Madhvācārya cita: *vede rāmāyaṇe caiva hariḥ sarvatra gīyate* [“Canta-se sobre Hari em toda a parte dos *Vedas* e do *Rāmāyaṇa*”]. Do mesmo modo, no *Bhagavad-gītā* [15.15] o Senhor diz: *vedaiś ca sarvair aham eva vedyaḥ* [“Através de todos os *Vedas*, Eu sou aquele que deve ser conhecido”].

De maneiras que encontramos todas as escrituras objetivando a Pessoa Suprema. No *Rg Veda* [1.22.20] o *mantra* é *om̐ tad viṣṇoḥ paramam padam sad? paśyanti sūrayaḥ* [“Os semideuses estão sempre almejando aquela morada suprema de Viṣṇu”]. Todo o processo védico, portanto, consiste em entender o Senhor Viṣṇu, e qualquer escritura está direta ou indiretamente cantando as glórias do Senhor Supremo, Viṣṇu.

Quanto ao *Bhagavad-gītā*, verso 9.14, *kīrtayantaḥ* certamente significa glorificar, cantar, recitar e conversar, como o senhor disse; mas glorificar, cantar ou recitar sobre quem? Certamente que é sobre Kṛṣṇa. A palavra usada a este respeito é *mām* [“a Mim”]. Portanto, nós não discordamos quando uma pessoa glorifica Kṛṣṇa, como Śukadeva fez no *Śrīmad-Bhāgavatam*. Isto também é *kīrtanam*. A mais elevada entre todas as literaturas védicas é o local adequado para tal glorificação do Senhor Supremo, Kṛṣṇa, e isso deve ser bem entendido pelo verso: “Ó homens expertos e pensativos, saboreai o *Śrīmad-Bhāgavatam*, o fruto maduro da árvore-dos-desejos das literaturas védicas. Ele emanou dos lábios de Śrī Śukadeva Gosvāmī. Portanto, este fruto tornou-se ainda mais saboroso, embora seu suco neotáreo já fosse saboroso para todos, inclusive as almas liberadas” [*Śrīmad-Bhāgavatam* 1.1.3].

Diz-se que Mahārāja Parīkṣit alcançou a salvação simplesmente por ouvir, e, de modo semelhante, Śukadeva Gosvāmī alcançou a salvação simplesmente por cantar. Em nosso serviço devocional, há nove métodos diferentes para se atingir a mesma meta, amor a Deus, e o primeiro processo é ouvir. Este processo de ouvir chama-se *śruti*. O processo seguinte é cantar. O processo de cantar é *smṛti*. Aceitamos tanto *śruti* quanto *smṛti* simultaneamente. Consideramos *śruti* a mãe e *smṛti* a irmã, porque um filho ouve da mãe e depois novamente aprende com a irmã pela descrição. *Śruti* e *smṛti* são duas linhas paralelas. Portanto, qualquer um que mostre êxtase devocional sem referência aos *sāstras* [escrituras védicas] simplesmente cria distúrbios. Por outro lado, se simplesmente nos mantemos fiéis aos *śrutis*, então nos tornamos *veda-vāta-rata* (Bg. 2.42 “Ocupados meramente em declamar as palavras das escrituras, mas não entendê-las ou praticá-las”), os quais não são muito apreciados no *Bhagavad-gītā*.

Portanto, o *Bhagavad-gītā*, apesar de ser *smṛti*, é a essência de toda escritura védica, *sarvopaniṣado gāvaḥ* (veja a Quarta das meditações de Śaṅkarācārya no capítulo anterior deste livro). Ele é assim como uma vaca ao dar o leite, ou a essência de todos os *Vedas* e *Upaniṣads*, e todos os *ācāryas*, incluindo Śaṅkarācārya, aceitam o *Bhagavad-gītā* como tal. Por isso o Senhor não pode negar a autoridade do *Bhagavad-gītā* porque ele é *smṛti*; este ponto de vista é *śruti-smṛti-virodhaḥ*, “em conflito com o *smṛti* e o *śruti*,” como o senhor disse corretamente.

Quanto à citação de Ānandagiri de que *kīrtanam* significa *vedānta-śravaṇam praṇava-japaś ca* [“ouvir o *Vedānta* e murmurar o *om̐*”], o conhecedor do *Vedānta* é Kṛṣṇa, e Ele é o compilador do *Vedānta*. Ele é *veda-vit* e *vedānta-kṛt*. Então, haverá uma oportunidade maior de *vedānta-śravaṇam*, do que ouvi-la de Kṛṣṇa?

No que concerne ao verso seguinte, em que se menciona que *jñāna-yajñena... yajanto mām*, o objeto de

adoração é Kṛṣṇa, como indica a palavra *mām*, [“a Mim”]. O processo é descrito no *Īsopaniṣad*, *mantra* 11: “Somente aquele que pode aprender o processo da ignorância e o do conhecimento transcendental, paralelamente, pode transcender a influência de repetidos nascimentos e mortes e desfrutar das bênçãos completas da imortalidade”.

O cultivo de *vidyā*, ou conhecimento transcendental, é essencial para o ser humano, caso contrário, o cultivo de *avidyā*, ou ignorância prende-o à existência condicionada da plataforma material. Existência materialista significa busca ou cultivo de gozo dos sentidos, e este tipo de conhecimento de gozo dos sentidos (*avidyā*) significa prossecução de repetidos nascimentos e mortes. Aqueles que estão absorvidos em tal conhecimento não podem aprender nenhuma lição das leis da natureza, e fazem as mesmas coisas repetidamente, por estarem enamorados da beleza de coisas ilusórias. *Vidyā*, ou conhecimento real, por outro lado, significa conhecer completamente o processo de atividades de ignorância enquanto ao mesmo tempo se cultiva a ciência transcendental, seguindo, desse modo, o caminho da liberação sem desvios.

A liberação é o gozo das bênçãos completas da imortalidade. Esta imortalidade é desfrutada no reino eterno de Deus (*sambhūty-amṛtam aśnute*), a região da Suprema Personalidade de Deus, e é o resultado obtido através da adoração ao Senhor Supremo, a causa de todas as causas, *sambhavāt*. Então, dessa maneira, conhecimento verdadeiro, *vidyā*, significa adorar a Suprema Personalidade de Deus, Kṛṣṇa; isto é *jñāna-yajñena*, a adoração do conhecimento.

Este *jñāna-yajñena... yajanto mām* é a perfeição do conhecimento, como se afirma no *Bhagavad-gītā* [7.19]: “Após muitos nascimentos e mortes, aquele que tem realmente conhecimento rende-se a Mim [Kṛṣṇa], sabendo que Eu Sou a causa de todas as causas e de tudo que existe. Uma grande alma assim é muito rara”.

Se uma pessoa ainda não chegou a esta conclusão de conhecimento e simplesmente se entrega à especulação seca, sem Kṛṣṇa, então seu árduo esforço especulativo é assim como bater cascas de arroz vazias. O arroz descascado e as cascas vazias de arroz são muito semelhantes. Aquele que sabe como debulhar o arroz da casca é sábio, mas aquele que bate a casca vazia, pensando obter algum resultado, está simplesmente desperdiçando seu esforço inutilmente. De modo similar, se estudamos os *Vedas* sem encontrar a meta dos *Vedas*, Kṛṣṇa, simplesmente perdemos nosso valioso tempo.

De forma que o cultivo de conhecimento para adorar Kṛṣṇa culmina, após muitos e muitos nascimentos e mortes quando nos tornamos realmente sábios. Quando alguém torna-se sábio dessa maneira, ele se rende a Kṛṣṇa, reconhecendo-O finalmente como a causa de todas as causas e de tudo que existe. Esse tipo de grande alma é muito raro. Assim, aqueles que entregaram vida e alma a Kṛṣṇa são raros *sudurlabha mahātmās*. Não são *mahātmās* comuns.

Pela graça do Senhor Caitanya, esse status máximo de perfeição da vida está sendo distribuído muito livremente. O efeito também é muito encorajador; senão, como rapazes e moças sem nenhum antecedente de cultura védica estão rapidamente ocupando as posições raras de *mahātmās* simplesmente por vibrarem este som transcendental, Hare Kṛṣṇa? E simplesmente com base neste canto, a maioria deles (aqueles que são muito sinceros) é estável no serviço devocional e não está descambando para os quatro princípios de vida material pecaminosa, a saber, (1) comer carne, (2) relações sexuais ilícitas, (3) consumo de intoxicantes, incluindo café, chá e tabaco, e (4) jogos de azar. E este é o último *sūtra* do *Vedānta-sūtra*, i.e., *anāvṛtīḥ śabdāt* [“Através da vibração sonora uma pessoa toma-se liberada”].

É preciso aprender, medindo o resultado (*phalena paricīyate*). Nós mandamos nossos estudantes agir assim e eles não estão caindo. O fato de eles permanecerem na plataforma da vida espiritual pura sem ansiar pela volta aos princípios acima mencionados de *avidyā*, ou gozo dos sentidos, é a prova de seu entendimento correto dos *Vedas*. Eles não voltam à plataforma material, porque estão saboreando o fruto nectáreo do amor a Deus.

*Sarva-phala-tyāga* [“renúncia a todos os frutos do próprio trabalho”] é explicada no *Bhagavad-gītā* pelo próprio Senhor nas palavras *sarva-dharmān parityajya mām ekaṁ śaraṇam vraja*: “Abandona tudo e simplesmente rende-te a Mim [Kṛṣṇa]”. O *mantra* Hare Kṛṣṇa significa: “Ó Suprema Energia de Kṛṣṇa e ó Senhor Kṛṣṇa, por favor, ocupai-me em Vosso serviço eterno!” Por isso, abandonamos tudo e estamos simplesmente ocupados no serviço ao Senhor. O que Kṛṣṇa nos mandar fazer é a nossa ocupação. Abandonamos todas as ações resultantes de *karma*, *jñāna* e *yoga*; e este é o estágio de serviço devocional puro, *bhaktir uttamā*.

Atenciosamente,  
A.C. Bhaktivedanta Swami

\* \* \*

25 de fevereiro de 1970

Caro Swamiji:

Fico muito agradecido por sua interessantíssima carta datada de 15 de fevereiro de 1970, com anexo. Temo dizer que sempre que o senhor cita uma passagem tencionando mostrar que apenas o cantar do nome de Kṛṣṇa é necessário, eu posso citar outra que exige algo mais, adicionando: “Se meros versos são autorizados, este verso também deveria ser considerado autorizado”. E talvez não haja fim para isto no futuro previsível, como também diz Patañjali: “Pois vasto é o domínio para o uso de palavras”.

Muito atenciosamente, J.F. Staal

\* \* \*

24 de abril de 1970

Caro Dr. Staal:

Fico-lhe muito agradecido por sua amável carta datada de 25 de fevereiro de 1970. Sinto não ter podido responder a sua carta antes, porque estava um pouco atarefado, negociando a aquisição de uma nova propriedade, que, anteriormente, era uma igreja, no endereço acima. Estabelecemos um lugar muito bom para um templo separado, uma sala de palestra, minha residência, e as acomodações dos devotos, tudo combinado em um belo local com todos os confortos modernos.

Aproveito para fazer-lhe o convite a que venha visitar-nos neste local quando lhe convier, e se o senhor me avisar de sua vinda com um dia de antecedência, meus estudantes terão todo o prazer em recebê-lo adequadamente.

Quanto à nossa correspondência, na verdade, esta citação e contra-citação não pode solucionar o problema. Em uma corte, ambos os advogados eruditos citam passagens dos livros de lei, mas essa não é a solução para o caso. A determinação do caso é o julgamento do juiz presidente. De forma que a argumentação não pode nos levar a uma conclusão.

As citações escriturais são às vezes contraditórias, e todo filósofo tem uma opinião diferente, porque, sem apresentar uma tese diferente, ninguém pode tornar-se um filósofo famoso. Por isso, é difícil chegar à conclusão correta. A conclusão é, como mencionei acima, aceitar o julgamento da autoridade. Nós seguimos a autoridade do Senhor Caitanya Mahāprabhu, que não é diferente de Kṛṣṇa, e Sua versão segundo a escritura védica é que nesta era este canto é a única solução para todos os problemas da vida. E isso está sendo realmente demonstrado pela experiência prática.

Recentemente, houve uma grande procissão de nossos estudantes em Berkeley no Dia do Advento do Senhor Caitanya, e o público observou o seguinte: “Essa multidão de homens não é como as demais, que se reúnem para quebrar janelas e criar confusão”. Isto também foi confirmado pela polícia com as seguintes palavras: “Os membros do movimento para consciência de Kṛṣṇa cooperaram completamente com a polícia, e seus esforços em manter ordem pacífica durante toda a parada foram tão bem-sucedidos que a interferência policial não foi praticamente necessária”.

Do mesmo modo, em Detroit houve uma grande marcha pela paz, e nossos homens foram apreciados como “anjos” na multidão. Assim, este movimento da consciência de Kṛṣṇa é realmente necessário no momento atual como a panacéia para todos os tipos de problemas da sociedade humana.

Outras citações não serão tão apreciáveis nesse momento. Numa farmácia pode haver muitos remédios, e todos podem ser genuínos, mas é necessário que um médico experiente prescreva o remédio para cada paciente em particular. Neste caso não podemos dizer: “Isto também é remédio, e aquilo também é remédio”. Não. O remédio que é eficaz para uma pessoa em particular é o remédio receitado para ela — *phalena paricīyate*.

Muito atentiosamente

A.C. Bhaktivedanta Swami

\* \* \*

#### *Nota final de Śrīla Prabhupāda*

Em uma corte de justiça dois advogados apresentam seus respectivos argumentos relevantes, tirados dos livros de lei autorizados, para decidir uma questão, mas depende do juiz decidir o caso em favor de um dos litigantes. Quando os advogados opositores apresentam seus argumentos, ambos são legais e fidedignos, mas o julgamento é dado em relação ao arrazoado aplicável ao caso particular.

O Senhor Caitanya dá Seu julgamento, baseado na autoridade dos *sāstras*, de que o cantar dos santos nomes do Senhor é o único meio para elevar alguém à plataforma transcendental, e realmente podemos ver que isso é eficiente. Cada um de nossos estudantes que tenha seriamente aceito este processo pode ser examinado individualmente, e qualquer juiz imparcial considerará fácil perceber que eles têm avançado mais em sua realização transcendental do que quaisquer filósofos, religiosos, *yogīs*, *karmīs*, etc.

Temos de aceitar tudo que seja favorável ao caso circunstancial. A rejeição de outros métodos em uma circunstância particular não significa que os métodos rejeitados não sejam autênticos. Mas, por agora, levando em consideração a era, o momento e o objeto, às vezes os métodos são rejeitados, apesar de serem autênticos. Temos de pôr tudo à prova através de seu resultado prático. Por esse teste, nesta era, o cantar constante do *mahā-mantra* Hare Kṛṣṇa mostra ser muito eficiente.

A.C. Bhaktivedanta Swami



## Consciência de Kṛṣṇa: culto hindu ou cultura divina?

*Ao situar o movimento da consciência de Kṛṣṇa dentro de um contexto histórico-cultural conveniente, muita gente identifica o movimento com o hinduísmo. Mas isso é um erro. Śrīla Prabhupāda nega por completo a relação com o panteísmo, o politeísmo e a consciência de casta que impera no hinduísmo moderno. Se bem que, a filosofia da consciência de Kṛṣṇa e o hinduísmo moderno, compartilham de uma raiz histórica comum — a antiga cultura védica da Índia — o hinduísmo, juntamente com as outras “grandes religiões”, se converteu em uma instituição sectária, enquanto que a filosofia da consciência de Kṛṣṇa é universal, e transcende as relativas designações sectárias.*

Faz-se idéia errada do movimento da consciência de Kṛṣṇa ao representá-lo como religião hindu. Entretanto, a consciência de Kṛṣṇa não é alguma forma de fé ou religião que procure destruir qualquer outra fé ou religião. Pelo contrário, é um movimento cultural essencial para toda a sociedade humana e não se considera nenhuma fé sectária particular. Este movimento cultural destina-se especialmente a educar as pessoas como elas devem amar a Deus.

Às vezes, os indianos, tanto fora quanto dentro da Índia, pensam que estamos pregando a religião hindu, mas na verdade não é isso. Ninguém encontrará a palavra “hindu” no *Bhagavad-gītā*. Na realidade, essa palavra “hindu” não existe em nenhuma parte da literatura védica. Esta palavra foi introduzida pelos muçulmanos provenientes das províncias próximas da Índia, como o Afeganistão, o Baluchistão e a Pérsia. Existe um rio chamado Sindhu que faz fronteira com as províncias situadas ao noroeste da Índia, e, uma vez que os muçulmanos daquela região não conseguiam pronunciar corretamente a palavra Sindhu, eles chamavam o rio de “Hindu” e os habitantes desta região de “hindus”. Na Índia segundo o idioma védico, os europeus são chamados *mlecchas* ou *yavanas*. De modo similar, “hindu” é um nome dado aos indianos pelos muçulmanos.

A verdadeira cultura da Índia é descrita no *Bhagavad-gītā*, onde se afirma que de acordo com as diferentes qualidades ou modos da natureza existem diferentes classes de homens, que geralmente são classificados dentro de quatro ordens sociais e quatro ordens espirituais. Este sistema de divisão social e espiritual é conhecido como *varṇāśrama-dharma*. Os quatro *varṇas*, ou ordens sociais, são *brāhmana*, *kṣatriya*, *vaiśya* e *śūdra*. Os quatro *āśramas*, ou ordens espirituais, são *brahmacarya*, *gṛhastha*, *vānaprastha* e *sannyāsa*. O sistema *varṇāśrama* é descrito nas escrituras védicas conhecidas como os *Purānas*. O objetivo desta instituição da cultura védica é educar todos os homens no avanço do conhecimento acerca de Kṛṣṇa, ou Deus. Nisto consiste todo o programa védico.

Ao conversar com o grande devoto Rāmānanda Rāya, o Senhor Caitanya perguntou-lhe: “Qual é o princípio básico da vida humana?” Rāmānanda Rāya respondeu que a civilização humana começa com a aceitação do *varṇāśrama-dharma*. Antes de se chegar ao padrão de *varṇāśrama-dharma*, não se pode falar de civilização humana. Portanto, o movimento da consciência de Kṛṣṇa está tentando estabelecer este sistema correto de civilização humana, que é conhecido como consciência de Kṛṣṇa, ou *daiva-varṇāśrama* — cultura divina.

Atualmente na Índia, o sistema *varṇāśrama* está sendo entendido de um modo pervertido, e assim um homem nascido na família de um *brāhmana* (a ordem social superior) exige que o aceitem como um *brāhmana*. Mas esta exigência não é aceita pelo *śāstra* (escritura). Nosso antepassado pode ter sido um *brāhmana* segundo a *gotra*, ou a ordem hereditária da família, mas o verdadeiro *varṇāśrama-dharma* baseia-se na *qualidade* concreta que tenhamos obtido, independentemente de nascimento ou hereditariedade. Portanto, não estamos pregando o atual sistema dos hindus, especialmente daqueles que estão sob a influência de Śaṅkarācārya, pois Śaṅkarācārya ensinou que a Verdade Absoluta é impessoal, negando, desse modo, indiretamente a existência de Deus.

A missão de Śaṅkarācārya foi especial: ele apareceu para restabelecer a influência védica após a influência do budismo. Porque o budismo foi patrocinado pelo Imperador Aśoka, há 2.600 anos a religião budista tinha penetrado praticamente em toda a Índia. Segundo a literatura védica, Buddha é uma encarnação de Kṛṣṇa dotada de poder especial que apareceu com um propósito especial. Seu sistema de pensamento, ou fé, foi largamente aceito, porém, Buddha rejeitou a autoridade dos *Vedas*. Enquanto o Budismo se espalhava, a cultura védica sofreu interrupção tanto na Índia quanto em outros lugares. Portanto, já que o único objetivo de Śaṅkarācārya era acabar com o sistema filosófico de Buddha, ele introduziu o sistema chamado Māyāvāda.

Estritamente falando, a filosofia Māyāvāda é ateuista, pois é um processo no qual se *imagina* que Deus existe. Este sistema Māyāvāda de filosofia tem existido desde tempos imemoriais. O atual sistema indiano de religião ou cultura baseia-se na filosofia Māyāvāda de Śaṅkarācārya, que se coaduna com a filosofia budista. Segundo a filosofia Māyāvāda, na verdade Deus não existe, ou se Deus existe, ele é impessoal e onipenetrante, e pode, portanto, ser imaginado sob qualquer forma. Esta conclusão não está de acordo com a literatura védica. Esta literatura menciona muitos semideuses, que são adorados para diferentes objetivos, mas em todos os casos o Senhor Supremo, a Personalidade de Deus, Viṣṇu, é aceito como o controlador supremo. Esta é a verdadeira cultura védica.

A filosofia da consciência de Kṛṣṇa não nega a existência de Deus e dos semideuses, ao passo que a filosofia Māyāvāda nega ambas, afirmando que nem os semideuses, nem Deus existem. Para os Māyāvādīs, em última análise tudo é nada. Eles dizem que se pode imaginar qualquer autoridade — seja Viṣṇu, seja Durgā, seja o Senhor Śiva, seja o deus do Sol — porque estes são os semideuses geralmente adorados na sociedade. Mas, de fato, a filosofia Māyāvāda não aceita a existência de nenhum deles. Os Māyāvādīs dizem que, como não podemos concentrar a mente no Brahman impessoal, podemos entretanto imaginar qualquer uma dessas formas. Este é um sistema novo, chamado *pañcopāsanā*. Foi introduzido por Śaṅkarācārya, mas o *Bhagavad-gītā* não ensina doutrinas dessa espécie, que, portanto, não são autorizadas.

O *Bhagavad-gītā* aceita a existência dos semideuses. Os semideuses são descritos nos *Vedas*, e não se pode negar sua existência. Mas não devemos compreendê-los nem adorá-los de acordo com o método de Śaṅkarācārya. A adoração a semideuses é rejeitada no *Bhagavad-gītā*. O *Gītā* [7.20] afirma claramente: “Aqueles cujas mentes são corrompidas por desejos materiais rendem-se aos semideuses e seguem as regras e regulações particulares de adoração, conforme a própria natureza deles”.

Isto também é explicado mais detalhadamente no *Bhagavad-gītā* [7.23]: “Homens de pouca inteligência adoram os semideuses, e colhem frutos limitados e temporários. Aqueles que adoram os semideuses vão para os planetas dos semideuses, mas Meus devotos alcançam Minha morada suprema. As recompensas dadas pelos semideuses são temporárias porque qualquer vantagem material está necessariamente relacionada com o corpo temporário. Qualquer que seja a vantagem material obtida, seja mediante os modernos métodos científicos, seja mediante a obtenção de bênção dos semideuses — essas vantagens acabarão com o corpo. Mas o avanço espiritual não terá fim jamais.

As pessoas não devem pensar que estamos pregando uma religião sectária. Não. Estamos simplesmente pregando como amar a Deus. Há muitas teorias sobre a existência de Deus. O ateuista, por exemplo, jamais acreditará em Deus. Ateístas como o Professor Jacques Monod, que ganhou o Prêmio Nobel, declaram que tudo é acaso (teoria esta já advogada muito tempo atrás por filósofos ateuistas da Índia, como Cārvāka). Depois, outras filosofias, como a filosofia *karma-mīmāṃsā*, aceitam que se continuamos trabalhando correta e honestamente, o resultado virá automaticamente, sem que precisemos recorrer a Deus. Para dar provas disto, os que propõem tais teorias citam o argumento de que, se alguém adoecer por causa de uma infecção e tomar remédio para neutralizá-la, a doença será neutralizada. Mas nosso argumento a este respeito é que mesmo que se dê o melhor remédio a uma pessoa, ela ainda assim poderá morrer. Os resultados nem sempre podem ser prognosticados. Portanto, existe uma autoridade superior, *daiva-netreṇa*, um diretor supremo. Senão, como é que o filho de um homem rico e piedoso se torna um hippie na rua, ou que um homem que trabalha arduamente e enriquece ouve seu médico dizer: “Agora o senhor não pode comer nada, somente sopa de cereais”?

A teoria *karma-mīmāṃsā* advoga que o mundo continua existindo sem a direção suprema de Deus. Tais filosofias dizem que tudo acontece por luxúria (*kāma-haitukam*). Através da luxúria, um homem sente-se atraído por uma mulher, e por acaso os dois fazem sexo, e a mulher fica grávida. Na verdade, não são feitos planos para engravidar a mulher, mas, dentro de uma sequência natural, quando um homem e uma mulher unem-se, produz-se este resultado. A teoria ateuista, que é descrita no Décimo Sexto Capítulo do *Bhagavad-gītā* como asúrica, é que na verdade tudo está acontecendo dessa maneira por causa do acaso que resulta da atração natural. Esta teoria demoníaca apóia a idéia de que se quisermos evitar filhos, podemos utilizar um método anticoncepcional.

Na verdade, entretanto, há um plano superior para tudo — o plano védico. A literatura védica dá instruções sobre como homens e mulheres devem unir-se, como devem gerar filhos, e qual é o objetivo da vida sexual. Kṛṣṇa diz no *Bhagavad-gītā* que a vida sexual sancionada pela ordem védica, ou a vida sexual sob a orientação das regras e regulações védicas, é autêntica e aceitável para Ele. Mas a vida sexual indiscriminada não é aceitável. Se por acaso uma pessoa se sente atraída sexualmente e gera filhos, estes filhos são chamados *varṇa-saṅkara*, ou seja, população não desejada. É assim que fazem os animais inferiores: isto não é aceitável para os seres humanos. Para os seres humanos, há um plano. Não podemos aceitar a teoria de que não há plano algum para a vida humana, ou que tudo surge do acaso e da necessidade material.

A teoria de Śaṅkarācārya de que Deus não existe e que podemos continuar com nosso trabalho, imaginando Deus sob qualquer forma só para manter a paz e a tranquilidade na sociedade, também se baseia mais ou menos nesta idéia de acaso e necessidade. Nosso método, entretanto, que é completamente diferente, baseia-se na autoridade. É este *varṇāśrama-dharma* divino que Kṛṣṇa recomenda, não o sistema de castas como é entendido hoje em dia. Este sistema moderno de castas da Índia de hoje também é condenado, e deve sê-lo, pois a classificação de diferentes espécies de homens de acordo com o nascimento não é o sistema de castas védico, ou divino.

Há muitas classes de homens na sociedade — uns são engenheiros, outros são médicos, químicos, comerciantes, homens de negócios e assim por diante. Estas variedades de classes não podem, entretanto, ser determinadas pelo nascimento, mas sim pela qualidade. Este sistema de castas por nascimento não é sancionado pela literatura védica, nem nós o aceitamos. Nada temos a ver com o sistema de castas, que atualmente também está sendo rejeitado pelo público na Índia. Ao contrário, damos a todos a oportunidade de se tornarem *brāhmanas* e assim atingirem a posição mais elevada da vida.

Como atualmente há uma escassez de *brāhmanas*, líderes espirituais, e de *kṣatriyas*, administradores, e como o mundo inteiro está sendo governado por *śūdras*, ou homens da classe dos trabalhadores braçais, há muitas discrepâncias na sociedade. É para mitigar todas estas discrepâncias que adotamos este movimento para a consciência de Kṛṣṇa. Se a classe dos *brāhmanas* for realmente estabelecida, as outras ordens de bem-estar social seguirão automaticamente, da mesma forma que se o cérebro está perfeitamente em ordem, as outras partes do corpo, tais como os braços, o estômago e as pernas, funcionarão muito bem.

O objetivo último deste movimento é educar as pessoas no amor a Deus. O Senhor Caitanya Mahāprabhu aprova a conclusão de que a perfeição máxima da vida humana é aprender a amar a Deus. O movimento para a consciência de Kṛṣṇa nada tem a ver com a religião hindu ou qualquer outro sistema de religião. Nenhum cavalheiro cristão estará interessado em mudar sua fé cristã para a fé hindu. Da mesma forma, nenhum cavalheiro hindu, que seja culto, estará disposto a passar para a fé cristã. Mudanças desse tipo são para homens que não têm status social firmado. Mas todos estarão interessados em compreender a filosofia e ciência de Deus e levá-la a sério. Deve-se compreender claramente que o movimento para consciência de Kṛṣṇa não está pregando a suposta religião hindu. Estamos apresentando uma cultura espiritual que pode resolver todos os problemas da vida, e por isso ela está sendo aceita em todo o mundo.

## IV. Compreendendo Kṛṣṇa e Cristo

### Kṛṣṇa ou Cristo — o nome é o mesmo

1974. Próximo ao centro da ISKCON em Frankfurt am Main, Alemanha Ocidental, Śrīla Prabhupāda e vários de seus discípulos dão uma caminhada matinal com o Padre Emmanuel Jungclaussen, um monge beneditino do Mosteiro Niederalteich. Notando que Śrīla Prabhupāda traz consigo contas de meditação semelhantes ao rosário, Padre Emmanuel explica que ele também canta uma oração constante: “Senhor Jesus Cristo, tem misericórdia de nós”. A seguinte conversação sucede:

Śrīla Prabhupāda: Qual é o significado da palavra *Cristo*?

Padre Emmanuel: *Cristo* vem do grego *Christos*, significando “o ungido”.

Śrīla Prabhupāda: *Christos* é a versão grega da palavra *Kṛṣṇa*.

Padre Emmanuel: Isso é muito interessante.

Śrīla Prabhupāda: Quando uma pessoa indiana chama por Kṛṣṇa, muitas vezes ela diz: “Kṛṣṭa”. *Kṛṣṭa* é uma palavra sânscrita que significa “atração”. Assim quando nos dirigimos a Deus como “Cristo”, “Kṛṣṭa”, ou “Kṛṣṇa”, indicamos a mesma Suprema Personalidade de Deus todo-atrativa. Quando Jesus dizia: “Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome”, esse nome de Deus era “Kṛṣṭa” ou “Kṛṣṇa”. O senhor concorda?

Padre Emmanuel: Creio que Jesus, como o filho de Deus, tem-nos revelado o verdadeiro nome de Deus: Cristo. Podemos chamar Deus de “Pai”, mas se quisermos chamá-lo por Seu nome verdadeiro, teremos que dizer “Cristo”.

Śrīla Prabhupāda: Sim. “Cristo” é outra forma de dizer *Kṛṣṭa*, e “Kṛṣṭa” é outra maneira de pronunciar *Kṛṣṇa*, o nome de Deus. Jesus disse que devemos glorificar o nome de Deus, mas ontem eu ouvi um teólogo dizer que Deus não tem nome — que só podemos chamá-lo de “Pai”. Um filho pode chamar seu pai de “Pai” mas o pai também tem um nome específico. De forma semelhante “Deus” é o nome geral da Suprema Personalidade de Deus, cujo nome específico é Kṛṣṇa. Portanto, quer o senhor chame Deus de “Cristo,” “Kṛṣṭa,” ou “Kṛṣṇa,” em última análise o senhor está se dirigindo à mesma Suprema Personalidade de Deus.

Padre Emmanuel: Sim, se falamos do verdadeiro nome de Deus, então devemos dizer: “Christos”. Em nossa religião, temos a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Cremos que só poderemos conhecer o nome de Deus pela revelação do Filho de Deus. Jesus Cristo revelou o nome do pai, e por isso consideramos Cristo como o nome revelado de Deus.

Śrīla Prabhupāda: Na verdade, não importa — Kṛṣṇa ou *Cristo* — o nome é o mesmo. O ponto principal é seguir os preceitos das escrituras védicas que recomendam o cantar do nome de Deus nesta era. O método mais fácil é cantar o *mahā-mantra*: Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa. Hare Hare / Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. *Rāma* e *Kṛṣṇa* são nomes de Deus, e *Hare* é a energia de Deus. Então, quando cantamos o *mahā-mantra*, dirigimo-nos a Deus juntamente com Sua energia. Esta energia é de dois tipos, a espiritual e a material. No momento, estamos nas garras da energia material. Por isso, oramos a Kṛṣṇa para que Ele, por favor, nos salve do serviço à energia material e nos aceite no serviço à energia espiritual. Essa é toda a nossa filosofia. *Hare Kṛṣṇa* significa: “Ó energia de Deus, ó Deus [Kṛṣṇa], por favor, ocupai-me em Vosso serviço”. É nossa natureza prestar serviço. De alguma forma, acabamos servindo a coisas materiais, mas, quando este serviço é transformado no serviço à energia espiritual, então nossa vida é perfeita. Praticar *bhakti-yoga* [serviço amoroso a Deus] significa livrar-se de designações, tais como “hindu”, “muçulmano”, “cristão”, isso ou aquilo, e simplesmente servir a Deus. Criamos as religiões cristã, hindu e maometana, mas quando chegamos a uma religião sem designações, em que não pensamos que somos hindus, ou cristãos, ou maometanos, então podemos falar de religião pura, ou *bhakti*.

Padre Emmanuel: *Mukti*?

Śrīla Prabhupāda: Não, *bhakti*. Quando falamos de *bhakti*, *mukti* [liberação das misérias materiais] está incluída. Sem *bhakti* não há *mukti*, mas se agimos na plataforma de *bhakti*, então *mukti* está incluída. Aprendemos isso no *Bhagavad-gītā* [14.26]: “Aquele que se ocupa em serviço devocional pleno, que não cai em nenhuma circunstância, imediatamente transcende os modos da natureza material e desse modo chega ao nível de Brahman”.

Padre Emmanuel: Por acaso Brahman é Kṛṣṇa?

Śrīla Prabhupāda: Kṛṣṇa é Parabrahman. Brahman é compreendido sob três aspectos: como Brahman impessoal, como Paramātmā localizado e como Brahman pessoal. Kṛṣṇa é pessoal e é o Brahman Supremo, pois em última análise Deus é uma pessoa. No *Śrīmad-Bhāgavatam* [1.2.11] isto é confirmado: “Transcendentalistas eruditos que conhecem a Verdade Absoluta chamam esta substância não dual de Brahman, Paramātmā ou Bhagavān”. O aspecto da Personalidade Suprema é a compreensão última de Deus. Ele tem plenamente todas as seis opulências: Ele é o mais forte, o mais rico, o mais belo, o mais famoso, o mais sábio e o mais renunciado.

Padre Emmanuel: Sim, eu concordo.

Śrīla Prabhupāda: Porque Deus é absoluto, Seu nome, Sua forma e Suas qualidades também são absolutas e não são diferentes de Ele. Portanto, cantar o santo nome de Deus significa associar-se diretamente com Ele. Quando nos associamos com Deus, adquirimos qualidades divinas, e quando nos purificamos completamente, tornamo-nos companheiros do Senhor Supremo.

Padre Emmanuel: Mas nosso entendimento do nome de Deus é limitado.

Śrīla Prabhupāda: Sim, nós somos limitados, mas Deus é ilimitado. E por Ele ser ilimitado, ou absoluto, Ele tem nomes ilimitados, cada um dos quais é Deus. Podemos entender Seus nomes na medida do desenvolvimento de nossa compreensão espiritual.

Padre Emmanuel: Posso fazer-lhe uma pergunta? Nós, cristãos, também pregamos o amor a Deus, e tentamos compreender o amor a Deus e prestar-lhe serviço com todo o nosso coração e toda a nossa alma. Agora, qual é a diferença entre o seu movimento e o nosso? Por que vocês mandam seus discípulos pregar o amor a Deus nos países ocidentais quando o evangelho de Jesus Cristo está propondo a mesma mensagem?

Śrīla Prabhupāda: O problema é que os cristãos não seguem os mandamentos de Deus. O senhor não concorda comigo?

Padre Emmanuel: Sim, em grande parte o senhor está certo.

Śrīla Prabhupāda: Então, qual é o significado do amor que os cristãos têm por Deus? Se o senhor não segue as ordens de Deus, então onde está o seu amor? Por isso, nós viemos ensinar o que significa amar a Deus: se o senhor O ama, não pode desobedecer as Suas ordens. E se o senhor é desobediente, o seu amor não é verdadeiro.

Em todo o mundo, as pessoas amam, não a Deus, mas sim a seus cães. O movimento da consciência de Kṛṣṇa é portanto necessário para ensinar as pessoas a reviver seu amor esquecido por Deus. Não somente os cristãos, mas também os hindus, os maometanos e todos os demais são culpados. Eles se rotulam como “cristão”, “hindu”, ou “maometano”, mas não obedecem a Deus. Esse é o problema.

Visitante: O senhor poderia dizer de que forma os cristãos são desobedientes?

Śrīla Prabhupāda: Sim. O primeiro ponto é que eles violam o mandamento “Não matarás”, mantendo matadouros. O senhor concorda que este mandamento está sendo violado?

Padre Emmanuel: Pessoalmente, eu concordo.

Śrīla Prabhupāda: Bom. Então, se os cristãos querem amar a Deus, eles têm que parar de matar animais.

Padre Emmanuel: Mas o ponto mais importante...

Śrīla Prabhupāda: Se deixar passar um ponto, haverá erro em seu cálculo. Não importando se o senhor vai adicionar ou subtrair depois disso, o erro já está no cálculo, e tudo que vier a seguir também será defeituoso. Não podemos simplesmente aceitar aquela parte da escritura da qual gostamos, e rejeitar o que não gostamos, e ainda assim esperar obter o resultado. Por exemplo, uma galinha põe ovos com sua parte traseira e come com seu bico. Talvez um fazendeiro considere: “A parte da frente da galinha dá muitos gastos, porque eu tenho que alimentá-la. É melhor tirá-la fora”. Mas se estiver faltando a cabeça, não haverá mais ovos porque o corpo estará morto. Analogamente, se rejeitamos a parte difícil das escrituras e obedecemos a parte de que gostamos, tal interpretação não nos ajudará. Temos de aceitar todos os preceitos das escrituras tais como eles são dados, e não apenas àqueles que nos convêm. Se o senhor não segue a primeira ordem, “Não matarás”, então qual será a possibilidade de amar a Deus?

Visitante: Os cristãos consideram este mandamento aplicável aos seres humanos, e não aos animais.

Śrīla Prabhupāda: Isso significaria que Cristo não era inteligente o bastante para usar a palavra certa: *assassinar*. Há o termo *matar* e o termo *assassinar*. O termo *assassinar* refere-se aos seres humanos. O senhor acha que Jesus não era inteligente o bastante para usar a palavra certa — *assassinar* — em vez da palavra *matar*?

*Matar* significa qualquer tipo de matança, e principalmente matança de animais. Se Jesus tivesse querido se referir simplesmente à matança de seres humanos, ele teria usado a palavra *assassinar*.

Padre Emmanuel: Mas no Velho Testamento o mandamento “Não matarás” *refere-se a* assassínio. E quando Jesus dizia, “Não matarás” ele estendia este mandamento para significar que um ser humano deve não somente abster-se de matar outro ser humano, mas também deve tratá-lo com amor. Ele jamais falou sobre a relação do homem com outras entidades vivas, mas somente sobre sua relação com outros seres humanos. Quando ele dizia, “Não matarás,” ele também se referia ao sentido mental e emocional — de que não devemos insultar ninguém nem magoar ninguém, nem tratar mal, e assim por diante.

Śrīla Prabhupāda: Não estamos interessados neste ou naquele testamento, mas apenas nas palavras usadas nos mandamentos. Se o senhor quer interpretar essas palavras, isso é outra coisa. Entendemos o significado direto. “Não matarás” significa, “Os cristãos não devem matar”. O senhor poderá propor interpretações a fim de manter o atual modo de ação, mas nós entendemos claramente que não há necessidade de interpretação. A interpretação se faz necessária quando as coisas não estão claras. Mas aqui o significado é claro. “Não matarás” é uma instrução clara. Por que haveríamos de interpretá-la?

Padre Emmanuel: Mas comer plantas também não é matar?

Śrīla Prabhupāda: A filosofia Vaiṣṇava ensina que nem as plantas nós devemos matar desnecessariamente. No *Bhagavad-gītā* [9.26], Kṛṣṇa diz: “Se alguém Me oferecer, com amor e devoção, uma folha, uma flor, uma fruta ou um pouco d’água, Eu aceitarei”. Nós só oferecemos a Kṛṣṇa o tipo de alimento que Ele exige, e então comemos os restos. Se oferecer alimentos vegetarianos a Kṛṣṇa fosse pecaminoso, então este seria um pecado de Kṛṣṇa, e não nosso. Mas Deus é *apāpa-viddha* — as reações pecaminosas não são aplicáveis a Ele. Ele é como o sol, o qual é tão poderoso que pode purificar até mesmo a urina — algo que para nós é impossível. Kṛṣṇa também pode ser comparado a um rei, que pode mandar enforcar um assassino, mas que está além da punição, por ser muito poderoso. Comer alimentos oferecidos primeiramente, também pode ser comparado a um soldado que mata durante o tempo da guerra. Durante uma guerra, quando o comandante manda um homem atacar, o soldado obediente que mata o inimigo receberá uma medalha. Mas se o mesmo soldado matar alguém por sua própria conta, ele será castigado. De modo semelhante, quando comemos apenas *prasāda* [os restos do alimento oferecido a Kṛṣṇa], não cometemos nenhum pecado.

Isso é confirmado *Bhagavad-gītā* [3.13]: “Os devotos do Senhor são liberados de todos os tipos de pecado porque comem alimentos que são primeiramente oferecidos em sacrifício. Os demais, que preparam os alimentos para desfrute pessoal dos sentidos, na verdade comem apenas pecado”.

Padre Emmanuel: Kṛṣṇa não pode dar permissão para se comer animais?

Śrīla Prabhupāda: Sim — no reino animal. Mas o ser humano civilizado, o ser humano religioso, não se destina a matar e comer animais. Se o senhor parar de matar animais e cantar o santo nome Cristo, tudo será perfeito. Eu não estou aqui para ensiná-lo, mas sim para solicitar-lhe que, por favor, cante o nome de Deus. A Bíblia também exige isto de vocês. Portanto, cooperemos amavelmente e cantemos, e se o senhor tem preconceito contra cantar o nome Kṛṣṇa, então cante “Christos” ou “Kṛṣṭa”— não há diferença. Śrī Caitanya dizia: “Deus tem milhões e milhões de nomes, e, porque não há diferença entre o nome de Deus e Ele Mesmo, cada um desses nomes tem a mesma potência de Deus”. Portanto, mesmo que o senhor aceite designações, tais como “hindu”, “cristão” ou “maometano”, se o senhor simplesmente cantar o nome de Deus encontrado em suas próprias escrituras, o senhor alcançará a plataforma espiritual. A vida humana destina-se à auto-realização — a aprender como amar a Deus. Essa é a beleza eterna do homem. Quer o senhor cumpra este dever como hindu, cristão ou maometano, isso não importa — mas cumpra-o!

Padre Emmanuel: Concordo com o senhor.

Śrīla Prabhupāda: [Apontando para um colar com 108 contas para meditação]: Nós sempre levamos essas contas conosco, assim como o senhor tem seu rosário. O senhor está cantando, mas por que os outros cristãos também não cantam? Por que haveriam eles de perder essa oportunidade como seres humanos? Os cães e gatos não podem cantar, mas nós podemos porque temos uma língua humana. Se cantarmos os santos nomes de Deus, nada teremos a perder; pelo contrário, ganharemos e muito. Meus discípulos praticam o cantar de Hare Kṛṣṇa constantemente. Eles poderiam também ir ao cinema, ou fazer tantas outras coisas, mas eles abandonaram tudo. Eles não comem peixe, nem carne, nem ovos; eles não tomam intoxicantes, não bebem, não fumam, não jogam, não especulam e não têm relações sexuais ilícitas. Mas eles cantam o santo nome de Deus. Se o senhor quer cooperar conosco, então vá às igrejas e cante, “Cristo”, “Kṛṣṭa” ou “Kṛṣṇa”. Qual poderia ser a objeção?

Padre Emmanuel: Nenhuma. Por mim, eu teria prazer em me juntar a vocês.

Śrīla Prabhupāda: Não, estamos falando com o senhor como representante da Igreja Cristã. Em vez de manter as igrejas fechadas, por que não dá-las a nós? Cantaríamos o santo nome de Deus ali por vinte e quatro horas diariamente. Em muitos lugares compramos igrejas que estavam praticamente fechadas porque ninguém as estava freqüentando. Em Londres, vi centenas de igrejas que estavam fechadas ou eram usadas para propósitos mundanos. Compramos uma de tais igrejas em Los Angeles. Ela foi-nos vendida porque ninguém a freqüentava mais. Mas se o senhor visitar essa mesma igreja hoje em dia, encontrará milhares de pessoas. Qualquer pessoa inteligente pode entender o que é Deus em cinco minutos; não são necessárias cinco horas.

Padre Emmanuel: Compreendo.

Śrīla Prabhupāda: Mas as pessoas não. A doença delas é que elas não querem compreender.

Visitante: Eu acho que compreender Deus não é uma questão de inteligência, mas sim de humildade.

Śrīla Prabhupāda: Humildade significa inteligência. Os mansos e humildes têm o reino de Deus. Isso é afirmado na Bíblia, não é? Mas a filosofia dos patifes é que todos são Deus, e hoje em dia esta idéia tem se tornado popular. Portanto, ninguém é manso e humilde. Se todos acham que são Deus, por que seriam mansos e humildes? Por isso, eu ensino a meus discípulos como se tornar manso e humilde. Eles sempre oferecem suas respeitadas reverências no templo e ao mestre espiritual, e dessa maneira eles avançam. As qualidades de humildade e mansidão nos levam rapidamente à compreensão espiritual. Nas escrituras védicas se diz: “Aqueles que têm fé firme em Deus e no mestre espiritual, que é Seu representante, o significado das escrituras védicas é revelado”.

Padre Emmanuel: Mas essa humildade não deveria ser oferecida a todos os demais também?

Śrīla Prabhupāda: Sim, mas há dois tipos de respeito: o especial e o comum. Śrī Kṛṣṇa Caitanya ensinou-nos que não devemos esperar honra para nós próprios, mas devemos sempre respeitar a todos os demais, mesmo aqueles que nos desrespeitam. Mas, deve-se dar respeito especial a Deus e a Seu devoto puro.

Padre Emmanuel: Sim, eu concordo com o senhor.

Śrīla Prabhupāda: Acho que os sacerdotes cristãos devem cooperar com o movimento para a consciência de Kṛṣṇa. Eles devem cantar o nome Cristo ou Christos e devem parar de indultar a matança de animais. Este programa obedece aos ensinamentos da Bíblia; não é minha filosofia. Por favor, aja de acordo com esses ensinamentos e o senhor verá que a situação do mundo mudará.

Padre Emmanuel: Muito obrigado.

Śrīla Prabhupāda: Hare Kṛṣṇa.

### Cristo, cristãos e Kṛṣṇa

*O líder espiritual do movimento Hare Kṛṣṇa reconhece aqui o Senhor Jesus Cristo como “o filho de Deus, o representante de Deus.. nosso guru.. nosso mestre espiritual”. Não obstante, tem umas palavras duras para aqueles que atualmente declaram ser seguidores de Cristo...*

O *Śrīmad-Bhāgavatam* afirma que qualquer pregador autêntico da consciência de Deus deve ter as qualidades de

*titiṣā* (tolerância) e *karunā* (compaixão). No caráter do Senhor Jesus Cristo encontramos ambas essas qualidades. Ele era tão tolerante que mesmo enquanto estava sendo crucificado, não condenou ninguém. E era tão compassivo que orou ao Senhor para perdoar as muitas pessoas que estavam tentando matá-lo (Evidentemente, elas não poderiam matá-lo realmente. Mas, por pensarem que ele poderia ser humano, estavam cometendo uma grande ofensa). Enquanto Cristo estava sendo crucificado ele orava: “Pai, perdoai-os. Eles não sabem o que estão fazendo”.

Um pregador da consciência de Deus é um amigo para todos os seres vivos. O Senhor Jesus Cristo exemplificou isto ensinando: “Não matarás”. Mas os cristãos gostam de interpretar mal esta instrução. Eles acham que os animais não têm alma, e por isso acham que podem livremente matar bilhões de animais inocentes nos matadouros. Então, embora haja muitas pessoas que professem ser cristãs, seria muito difícil encontrar uma que siga estritamente as instruções do Senhor Jesus Cristo.

Um *vaiṣṇava* fica infeliz de ver o sofrimento dos outros. Por isso, o Senhor Jesus Cristo concordou em ser crucificado — para livrar os outros do sofrimento deles. Mas seus seguidores são tão infiéis que tomaram a seguinte decisão: “Que Cristo sofra por nós, e nós continuaremos pecando”. Eles amam tanto a Cristo que pensam: “Meu caro Cristo, somos muito fracos. Não podemos abandonar nossas atividades pecaminosas. Então, por favor, sofre por nós”.

Jesus Cristo ensinou: “Não matarás”. Mas agora seus seguidores decidiram: “Vamos matar mesmo assim”, e abrem grandes matadouros modernos e científicos. “Se houver algum pecado nisso, Cristo sofrerá por nós”. Esta uma conclusão muito abominável.

Cristo pode aceitar os sofrimentos pelos pecados anteriores de seus devotos. Mas primeiramente eles têm de ser sensatos: “Por que deveria eu fazer Jesus Cristo sofrer por meus pecados? Vou parar com minhas atividades pecaminosas”.

Suponhamos que um homem — o filho favorito de seu pai — cometa um assassinato. E suponhamos que ele pense: “Se eu tiver que ser castigado, meu pai poderá sofrer por mim”. Acaso a lei permitirá isso? Quando o assassino for preso e disser: “Não, não. Soltem-me e prendam meu pai; eu sou seu filho predileto”, acaso os policiais acederão ao pedido desse tolo? *Ele* cometeu o assassinato, mas pensa que *seu pai* deve sofrer o castigo! Acaso esta é uma proposta sensata? Não. “*Você* cometeu o assassinato; *você* tem de ser enforcado”. De modo semelhante, quando você comete atividades pecaminosas, você tem de sofrer — e não Jesus Cristo. Esta é a lei de Deus.

Jesus Cristo era uma personalidade tão grandiosa — o filho de Deus, o representante de Deus. Ele não tinha defeitos. Mesmo assim, foi crucificado. Ele quis transmitir a consciência de Deus, mas, como retribuição, eles o crucificaram — como foram ingratos! Não souberam dar valor a sua pregação. Mas nós o sabemos e damos-lhe toda a honra devida ao representante de Deus.

Evidentemente, a mensagem que Cristo pregou estava em conformidade com sua época, local e país particulares, e era adequada para um grupo particular de pessoas. Mas não resta dúvida de que ele é o representante de Deus. Por isso, adoramos o Senhor Jesus Cristo e oferecemos-lhe reverências.

Certa vez, em Melbourne, um grupo de ministros cristãos veio visitar-me. Eles perguntaram: “Que idéia tem o senhor de Jesus Cristo?” Eu lhe respondi: “Ele é nosso *guru*. Como ele está pregando a consciência de Deus, ele é nosso mestre espiritual”. Os ministros apreciaram muito isto.

Na verdade, qualquer pessoa que esteja pregando as glórias de Deus deve ser aceita como *guru*. Jesus Cristo é uma grande personalidade assim. Não devemos considerá-lo um ser humano comum. As escrituras dizem que qualquer um que considere o mestre espiritual um homem comum tem a mentalidade diabólica. Se Jesus Cristo fosse um homem comum, ele não poderia ter transmitido a consciência de Deus.

## Não matarás

*Julho de 1973. Próximo a Paris, em um retiro monástico, Śrīla Prabhupāda conversou com o Cardeal Jean Daniélou: “...A Bíblia não diz unicamente: “Não mate o ser humano”. Diz em geral “Não matarás”,... por que o senhor interpreta isto à sua própria conveniência?”*

Śrīla Prabhupāda: Jesus Cristo disse: “Não matarás”. Por que é, então, que o povo cristão está matando animais?

Cardeal Daniélou: Sem dúvida, no cristianismo, é proibido matar, mas acreditamos que há uma diferença entre a vida de um ser humano e a vida das bestas. A vida de um ser humano é sagrada porque o homem é feito à imagem de Deus; por isso, matar um ser humano é proibido.

Śrīla Prabhupāda: Mas a Bíblia não diz apenas: “Não mate o ser humano”. Ela diz em sentido mais amplo: “Não matarás”.

Cardeal Daniélou: Acreditamos que apenas o ser humano é sagrado.

Śrīla Prabhupāda: Esta é uma interpretação. O mandamento é “Não matarás”.

Cardeal Daniélou: É necessário que o homem mate animais para ter o que comer.

Śrīla Prabhupāda: Não. O homem pode comer cereais, legumes, frutas e leite.

Cardeal Daniélou: Nenhuma carne?

Śrīla Prabhupāda: Não. Os seres humanos destinam-se a comer alimento vegetariano. O tigre não vem comer suas frutas. Seu alimento prescrito é a carne animal. Mas o alimento do homem são os legumes, frutas, cereais e produtos lácteos. Como, então, pode o senhor dizer que matar animais não é pecado?

Cardeal Daniélou: Acreditamos que isso é uma questão de motivação. Se o animal é morto para dar de comer aos

famintos, então isso se justifica.

Śrīla Prabhupāda: Mas considere a vaca: nós bebemos o seu leite; por isso, ela é nossa mãe. O senhor concorda?

Cardeal Daniélou: Sim, certamente.

Śrīla Prabhupāda: Então se a vaca é sua mãe, como o senhor pode deixar que a matem? O senhor tira o leite dela, e quando ela está velha e não dá mais leite, o senhor corta-lhe a garganta. Acaso isto é humano? Na Índia, aqueles que comem carne são aconselhados a matar animais inferiores, tais como as cabras, os porcos ou mesmo o búfalo. Mas matar vacas é o maior dos pecados. Ao pregar a consciência de Kṛṣṇa, nós pedimos às pessoas que não comam nenhum tipo de carne, e meus discípulos seguem este princípio estritamente. Mas se, sob certas circunstâncias, os outros são obrigados a comer carne, então eles devem comer a carne de algum animal inferior. Não matem vacas. Este é o maior dos pecados. E enquanto o homem for pecaminoso, ele não poderá entender Deus. A principal missão do ser humano é entender Deus e amá-lo. Mas se o senhor continuar pecando, não será capaz de entender Deus, isto para não falar de amá-lo.

Cardeal Daniélou: Creio que talvez este não seja um ponto essencial. O importante é amar a Deus. Os mandamentos práticos podem variar de uma religião para outra.

Śrīla Prabhupāda: Então, na Bíblia o mandamento prático de Deus é que o senhor não pode matar; portanto matar vacas é um pecado para o senhor.

Cardeal Daniélou: Deus diz aos indianos que matar não é bom, e diz aos judeus que...

Śrīla Prabhupāda: Não, não. Jesus Cristo ensinou: “Não matarás”. Por que o senhor interpreta isso de modo a se ajustar a sua própria conveniência?

Cardeal Daniélou: Mas Jesus permitiu o sacrifício do Cordeiro Pascal.

Śrīla Prabhupāda: Mas ele jamais manteve um matadouro.

Cardeal Daniélou: [Ri] Não, mas ele comeu carne.

Śrīla Prabhupāda: Quando não há alimento, alguém pode comer carne para não morrer de fome. Isso é outra coisa. Mas é muito pecaminoso regularmente manter matadouros apenas para a satisfação da língua. Na verdade, vocês nunca terão nem mesmo uma sociedade humana até que se suspenda este costume cruel de manter matadouros. E, embora a matança de animais às vezes seja necessária para a sobrevivência, pelo menos o animal-mãe, a vaca, não deve ser morto. Isto é apenas uma questão de decoro humano. No movimento para consciência de Kṛṣṇa nosso costume é que não permitimos a matança de nenhum animal. Kṛṣṇa diz: “Legumes, frutas, leite e cereais devem ser oferecidos a Mim com devoção” [*Bhagavad-gītā* 9.26]. Só tomamos os restos do alimento de Kṛṣṇa (*prasāda*). As árvores oferecem-nos muitas variedades de frutas, mas as árvores não são mortas. Evidentemente, uma entidade viva é alimento para outra entidade viva, mas isto não significa que o senhor pode matar sua mãe para se alimentar. As vacas são inocentes; elas nos dão o leite. O senhor tira-lhes o leite — e depois mata-as no matadouro. Isto é pecaminoso.

Estudante: Śrīla Prabhupāda, a sanção do cristianismo de comer carne baseia-se no ponto de vista de que as espécies inferiores de vida não têm uma alma como a dos seres humanos.

Śrīla Prabhupāda: Isso é tolice. Antes de mais nada, precisamos entender a evidência da presença da alma dentro do corpo. Daí então poderemos investigar se o ser humano tem uma alma e a vaca não. Quais são as características que diferenciam a vaca do homem? Se encontrarmos uma diferença nas características, poderemos dizer que no animal não existe alma. Mas se vemos que o animal e o ser humano têm as mesmas características, como, então, vocês podem dizer que o animal não tem alma? Os sintomas gerais são que o animal come, vocês comem; o animal dorme, vocês dormem: o animal reproduz, vocês reproduzem; o animal se defende e vocês se defendem. Onde está a diferença?

Cardeal Daniélou: Admitimos que no animal pode haver o mesmo tipo de existência biológica que no homem, mas não existe alma. cremos que a alma é uma alma humana.

Śrīla Prabhupāda: Nosso *Bhagavad-gītā* diz *sarva-yoniṣu*: “Em todas as espécies de vida existe a alma”. O corpo é como um conjunto de roupas. O senhor está usando vestes negras; eu estou usando vestes açafroadas. Mas, por detrás das vestes, o senhor é um ser humano, e eu também sou um ser humano. De modo semelhante, os corpos das diferentes espécies são assim como diferentes tipos de roupas. Há 8.400.000 espécies, ou roupas, mas dentro de cada uma delas há uma alma espiritual, uma parte integrante de Deus. Suponhamos que um homem tem dois filhos, não igualmente meritórios. Pode ser que um seja juiz da Corte Suprema e o outro seja um operário comum, mas o pai considera ambos como filhos. Ele não faz a distinção de que o filho que é juiz é muito importante, e o filho operário não é importante. E se o filho juiz disser, “Meu caro pai, seu outro filho é inútil; vou decapitá-lo e comê-lo”, acaso o pai permitirá isso?

Cardeal Daniélou: Certamente que não, mas a idéia de que toda a vida faz parte da vida de Deus é difícil para nós aceitarmos. Há uma grande diferença entre vida humana e vida animal.

Śrīla Prabhupāda: Essa diferença deve-se ao desenvolvimento da consciência. No corpo humano, há consciência desenvolvida. Mesmo uma árvore tem alma, mas a consciência da árvore não é muito desenvolvida. Se o senhor corta uma árvore, ela não resiste. Na verdade, ela resiste, mas apenas até certo ponto. Há um cientista chamado Jagadish Chandra Bose que fez uma máquina a qual mostra que as árvores e plantas são capazes de sentir dor quando cortadas. E podemos ver diretamente que quando alguém vem matar um animal, este resiste, chora e emite um som horrível. De maneira que é uma questão de desenvolvimento de consciência. Mas a alma existe dentro de todos os seres vivos.

Cardeal Daniélou: Porém, metafisicamente, a vida do homem é sagrada. Os seres humanos pensam em um nível superior ao dos animais.

## ***Ciência da Auto-Realização - Compreendendo Kṛṣṇa e Cristo***

Śrīla Prabhupāda: Que nível superior é esse? O animal come para manter seu corpo, e o senhor também come a fim de manter seu corpo. A vaca come capim no campo, e o ser humano come carne de um enorme matadouro cheio de máquinas modernas. Mas só porque o senhor tem grandes máquinas e uma cena horripilante, enquanto o animal simplesmente come capim, isso não significa que o senhor é tão avançado que somente dentro de seu corpo existe uma alma e que não há alma dentro do corpo do animal. Isto é ilógico. Podemos ver que as características básicas são as mesmas no animal e no ser humano.

Cardeal Daniélou: Mas somente nos seres humanos encontramos uma busca metafísica do sentido da vida.

Śrīla Prabhupāda: Sim. Então, investigue metafisicamente por que o senhor crê que não existe alma dentro do animal — isto é metafísica. Se o senhor está pensando metafisicamente, não tem problema. Mas se o senhor está pensando como um animal, para que serve o seu estudo metafísico? *Metafísico* significa “acima do físico” ou, em outras palavras, “espiritual”. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa diz: *sarva-yoniṣu kaunteya*: “Em todos os seres vivos existe uma alma espiritual”. Isto é entendimento metafísico. Agora, ou o senhor aceita os ensinamentos de Kṛṣṇa como metafísicos, ou terá de se valer da opinião de um tolo de terceira classe, considerando-a metafísica. Qual o senhor aceita?

Cardeal Daniélou: Mas por que Deus cria alguns animais que comem outros animais? Parece haver um defeito na criação,

Śrīla Prabhupāda: Não há defeito algum. Deus é muito bondoso. Se o senhor quer comer animal, então Ele dar-lhe-á toda a facilidade. Deus dar-lhe-á o corpo de um tigre em sua próxima vida para que o senhor possa comer carne a vontade. “Por que vocês estão mantendo matadouros? Vou lhes dar presas e patas. Agora comam”. De modo que os comedores de carne têm reservado para si este castigo. Os comedores de animais tornam-se tigres, gatos e cães em sua próxima vida — para terem mais facilidade.



## V. Praticando yoga na era das desavenças

### Superconsciência

*As metas dos entusiastas da yoga ocidental dos dias que correm tornam-se insignificantes quando comparadas com as realizações dos yogīs da Índia antiga, que, segundo registros históricos, conseguiram tornar-se menores que átomos e mais leves que o ar, e que podiam viajar, sem veículos, por qualquer parte do universo. Todavia, mesmo essas super-realizações, diz Śrīla Prabhupāda, são “apenas um passo adiante”. Como o verdadeiro pináculo da perfeição humana, a superconsciência, é obtível — aqui e agora — é revelado por Śrīla Prabhupāda na seguinte palestra dada em 1967.*

A consciência de Kṛṣṇa é a mais elevada prática de *yoga* aceita por treinados *yogīs* devocionais. O sistema de *yoga*, como se afirma na fórmula de prática de *yoga* padrão, dada pelo Senhor Kṛṣṇa no *Bhagavad-gītā*, e como se recomenda na disciplina da *yoga* de Patañjali, é diferente da *haṭha-yoga* praticada hoje em dia, como é geralmente entendida nos países ocidentais.

Real prática de *yoga* significa controlar os sentidos e, depois que tal controle é estabelecido, concentrar a mente na forma Nārāyaṇa da Suprema Personalidade de Deus, Śrī Kṛṣṇa. O Senhor Kṛṣṇa é a original Personalidade Absoluta, a Divindade, e todas as outras formas de Visnu — com quatro mãos, decoradas com búzio, lótus, maçã e roda — são expansões plenárias de Kṛṣṇa.

No *Bhagavad-gītā* recomenda-se que devemos meditar na forma do Senhor. Para praticar a concentração da mente, é preciso sentar-se em local solitário e santificado por uma atmosfera sagrada, e o *yogī* deve observar as regras e regulações de *brahmacarya* — levar uma vida de estrita auto-abstinência e celibato. Ninguém pode praticar *yoga* em cidades congestionadas, levando uma vida de extravagâncias, incluindo práticas sexuais irrestritas e adultério da língua.

Já afirmamos que prática de *yoga* significa controlar os sentidos, e começamos a controlar os sentidos controlando a língua. Não podemos permitir que a língua tome todos os tipos de alimentos e bebidas proibidos, e ao mesmo tempo nos aprimoremos na prática da *yoga*. É um fato muito lamentável que muitos ditos *yogīs*, não autorizados e transviados, venham agora para o Ocidente e explorem a inclinação das pessoas pela *yoga*. Esses *yogīs* não autorizados ousam mesmo dizer publicamente que se pode beber e ao mesmo tempo praticar meditação.

Há cinco mil anos, no diálogo *Bhagavad-gītā*, o Senhor Kṛṣṇa recomendou a prática da *yoga* a Seu discípulo Arjuna, mas Arjuna abertamente expressou sua incapacidade de seguir as estritas regras e regulações da *yoga*. Devemos ser práticos em todos os campos de atividades. Não devemos perder nosso tempo simplesmente praticando alguns exercícios de ginástica em nome da *yoga*. Verdadeira *yoga* é buscar a Superalma de quatro mãos dentro de nosso coração, e vê-LO perpetuamente em meditação. Essa meditação contínua chama-se *samādhi*. Se, contudo, quisermos meditar em algo vazio ou impessoal, será necessário um tempo muito prolongado para atingir algo através da prática da *yoga*. Não podemos concentrar nossa mente em algo vazio ou impessoal. Verdadeira prática da *yoga* significa fixar a mente na pessoa de Nārāyaṇa de quatro mãos que mora no coração de todos.

Às vezes se diz que através da meditação alguém compreenderá que Deus está situado sempre dentro do coração, mesmo quando não se sabe disso. Deus está situado dentro do coração de todos. Ele está situado não somente no coração do ser humano, mas também nos corações dos cães e dos gatos. O *Bhagavad-gītā* atesta isto com a declaração de que *īśvara*, o supremo controlador do mundo, está situado no coração de todos. Ele está presente não apenas no coração de todos, como também dentro dos átomos. Nenhum lugar é vazio; nenhum lugar é desprovido da presença do Senhor.

O aspecto do Senhor através do qual Ele está presente em toda a parte chama-se Paramātmā. A palavra *ātmā* significa a alma individual, e Paramātmā significa a Superalma individual. Tanto a *ātmā* quanto o Paramātmā são pessoas individuais. A diferença entre eles, contudo, é que a *ātmā*, ou alma, está presente apenas em um local particular, ao passo que o Paramātmā está presente em toda a parte. A este respeito, o exemplo do sol é muito bom. Uma pessoa individual pode estar situada em um local, mas o sol, apesar de ser uma entidade viva específica, está presente sobre a cabeça de todas as pessoas individuais. No *Bhagavad-gītā* isto é muito bem explicado. Portanto, muito embora as qualidades de todas as entidades, incluindo o Senhor, sejam iguais, a Superalma é diferente da alma individual por quantidade de expansão. O Senhor, ou a Superalma, pode Se expandir em milhões de formas diferentes, ao passo que a alma individual não pode fazê-lo.

A Superalma, estando situada no coração de todos, pode testemunhar as atividades de todos, no passado, no presente e no futuro. Nos *Upaniṣads* se diz que a Superalma está pousada como a alma individual, como um amigo e testemunha. Como amigo, Ela está sempre ansiosa por trazer a alma individual de volta ao lar, de volta ao Supremo. Como testemunha, Ela é quem concede todas as bênçãos que resultam das ações do indivíduo. A Superalma dá à alma individual toda a facilidade de atingir tudo o que ela possa desejar. Mas Ela dá instruções a Seu amigo, para que ele por fim abandone todas as outras ocupações e simplesmente se renda a Deus para a bem-aventurança perpétua e vida eterna, plena de conhecimento. Esta é a última instrução do *Bhagavad-gītā*, o mais autorizado e amplamente lido livro sobre todas as formas de *yoga*.

A última palavra do *Bhagavad-gītā*, como afirmado acima, é a última palavra quanto ao aperfeiçoamento do sistema de *yoga*. É afirmado ainda no *Bhagavad-gītā* que uma pessoa que está sempre absorta em consciência de Kṛṣṇa é o *yogī*

mais elevado. Que é esta consciência de Kṛṣṇa?

Assim como a alma individual está presente através de sua Paramātmā, está presente em toda a criação através de Sua superconsciência. Esta superconsciência não pode ser imitada pela alma individual, que tem conhecimento limitado; eu posso entender a consciência em todo o corpo, da mesma forma a Superalma, ou que está acontecendo dentro de meu corpo limitado, mas não posso sentir o que está acontecendo no corpo de outrem. Eu estou presente em todo o meu corpo através de minha consciência, mas não estou presente no corpo de ninguém mais através de minha consciência. Contudo, a Superalma, ou Paramātmā, estando presente dentro de todos, situada em toda parte, é consciente de toda a existência. A teoria de que a alma e a Superalma são iguais não é aceitável, porque a consciência da alma individual não pode agir em superconsciência. Esta superconsciência só pode ser atingida, ajustando-se a consciência individual à superconsciência; e este processo de ajustamento é chamado rendição, ou consciência de Kṛṣṇa.

Nos ensinamentos do *Bhagavad-gītā* aprendemos claramente que no começo Arjuna não queria lutar com seus parentes, mas, após entender o *Bhagavad-gītā*, quando ajustou sua consciência a superconsciência de Kṛṣṇa, sua consciência tornou-se consciência de Kṛṣṇa. Uma pessoa em plena consciência de Kṛṣṇa age segundo os ditames de Kṛṣṇa, e dessa maneira Arjuna concordou em lutar na Batalha de Kurukṣetra.

No começo da consciência de Kṛṣṇa este ditame do Senhor é recebido através do meio transparente do mestre espiritual. Quando uma pessoa está suficientemente treinada e age com submissa fé e amor por Kṛṣṇa, sob a orientação do mestre espiritual fidedigno, o processo de ajustamento torna-se mais firme e acurado. Neste estágio, Kṛṣṇa dá as ordens internamente. Externamente, o devoto é ajudado pelo mestre espiritual, o representante fidedigno de Kṛṣṇa, e internamente o Senhor ajuda o devoto como *caitya-guru*, estando situado dentro do coração de todos.

Simplesmente entender que Deus está situado no coração de todos não é a perfeição. É preciso familiarizar-se com Deus interna e externamente e desse modo agir em consciência de Kṛṣṇa. Este é o mais elevado estágio para a forma humana de vida, e o estágio mais elevado em todos os sistemas de *yoga*.

Para um *yogī* perfeito há oito tipos de super-realizações:

1. Ele pode tornar-se menor que o átomo.
2. Ele pode tornar-se maior que uma montanha.
3. Ele pode tornar-se mais leve que o ar.
4. Ele pode tornar-se mais pesado que qualquer metal.
5. Ele pode realizar qualquer feito material que deseje (criar um planeta, por exemplo).
6. Ele pode, assim como o Senhor, controlar os outros.
7. Ele pode viajar por qualquer parte dentro (ou além) do universo.
8. Ele pode escolher seu próprio momento e local de morte, e renascer onde quer que deseje.

Mas, quando nos elevamos ao estágio perfectivo de receber ordens do Senhor, estamos acima do estágio das realizações materiais acima mencionadas.

O exercício respiratório do sistema de *yoga* que geralmente é praticado, é apenas o começo do sistema. Meditação na Superalma é apenas um passo adiante. Obtenção de admirável sucesso material também é apenas um passo adiante. Mas, atingir contato direto com a Superalma e receber ordens dEla é o mais elevado estágio perfectivo.

Os exercícios respiratórios e as práticas de meditação da *yoga* são muito difíceis nesta era. Mesmo há cinco mil anos eram muito difíceis, pois, senão, Arjuna não teria rejeitado a proposta de Kṛṣṇa. Esta era de Kali é considerada uma era decaída. No momento atual, as pessoas em geral têm vida curta e são muito lentas para o entendimento da auto-realização, ou vida espiritual. Elas são, na sua maioria, desventuradas, e, sendo assim, se alguém desperta um pouquinho de interesse pela auto-realização, é desencaminhado por muitas fraudes. O único método verdadeiro para compreensão do estágio perfeito da *yoga* é seguir os princípios do *Bhagavad-gītā* tais como foram postos em prática pelo Senhor Caitanya Mahāprabhu. Esta é a mais simples e a mais elevada perfeição da prática da *yoga*.

O Senhor Caitanya demonstrou praticamente a *yoga* da consciência de Kṛṣṇa, simplesmente cantando os santos nomes de Kṛṣṇa, tais como são mencionados no *Vedānta*, no *Śrīmad-Bhāgavatam* e em *Purāṇas* muito importantes. A grande maioria dos indianos segue esta prática de *yoga*, e em muitas cidades dos Estados Unidos e outros países também esta prática está crescendo gradualmente. Ela é muito fácil e exequível para esta era, especialmente para aqueles que estão seriamente interessados em alcançar sucesso na *yoga*. Nenhum outro processo pode ser bem-sucedido nesta era.

O processo de meditação adotado com seriedade era possível na Era Dourada, Satya-yuga, porque as pessoas naquela época viviam cem mil anos em média.

Na era atual, contudo, se você quer sucesso em *yoga* prática, adote o cantar de Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare / Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare, e sinta você mesmo como está avançando. Devemos nós mesmos saber o quanto estamos avançando na prática de *yoga*.

No *Bhagavad-gītā*, esta prática da consciência de Kṛṣṇa é descrita como *rāja-vidyā*, o rei de toda a erudição; *rāja-guhyam*, o mais confidencial sistema de compreensão espiritual; *pavitram*, o mais puro de tudo que é puro; *susukham*, executado muito alegremente; e *avyayam*, inexaurível.

Aqueles que adotaram este muito sublime sistema de *bhakti-yoga*, esta prática de serviço devocional com amor transcendental por Kṛṣṇa, podem atestar como estão desfrutando agradavelmente de sua alegre e fácil execução. *Yoga* significa controlar os sentidos, e *bhakti-yoga* significa purificar os sentidos. Quando os sentidos se purificam, eles também são, automaticamente, controlados. Você não pode suspender as atividades dos sentidos por meios artificiais, mas, se você purifica os sentidos, não somente eles se abstêm de ocupações imundas, mas também ocupam-se positivamente no transcendental serviço ao Senhor.

A consciência de Kṛṣṇa não foi fabricada por nós através da especulação mental. Ela é prescrita no *Bhagavad-gītā*, o qual diz que quando pensamos em Kṛṣṇa, cantamos em Kṛṣṇa, vivemos em Kṛṣṇa, comemos em Kṛṣṇa, conversamos em Kṛṣṇa, esperamos em Kṛṣṇa e nos sustentamos em Kṛṣṇa, regressamos a Kṛṣṇa sem sombra de dúvida. E esta é a essência da consciência de Kṛṣṇa.

### A encarnação do amor a Deus

*Faz somente quinhentos anos, o Senhor Caitanya Mahāprabhu, um grande santo e místico, profetizou que o mantra Hare Kṛṣṇa seria escutado em todos os povoados e aldeias do mundo. Numa época em que o homem ocidental estava dirigindo seu espírito explorador para estudos sobre o universo físico e a circunavegação do globo, na Índia, Śrī Caitanya estava inaugurando e dirigindo uma revolução canalizada para o eu interno do indivíduo. Seu movimento inundou o subcontinente, conquistou milhões de seguidores e influenciou profundamente o futuro do pensamento filosófico religioso tanto da Índia como do Ocidente. No seguinte discurso apresentado em novembro de 1969 no Conway Hall de Londres, Śrīla Prabhupāda descreve a divina aparição de Śrī Caitanya.*

Śrī Caitanya Mahāprabhu, o *avatāra* dourado, apareceu na Índia há aproximadamente quinhentos anos. Na Índia é costume chamar um astrólogo quando nasce uma criança. Quando o Senhor Kṛṣṇa, a Suprema Personalidade de Deus, apareceu há cinco mil atrás, Seu pai mandou chamar Gargamuni, e este disse: “Esta criança encarnou-Se anteriormente em três cores: branco, vermelho e dourado, e agora Ele aparece em cor negra”. Nas escrituras descreve-se que a cor de Kṛṣṇa é negra, assim como a cor de uma nuvem. Entende-se que o Senhor Caitanya é Kṛṣṇa que aparece com tez dourada.

Há muitas evidências na literatura védica de que Caitanya Mahāprabhu é uma encarnação de Kṛṣṇa, e isto é confirmado por eruditos e devotos. No *Śrīmad-Bhāgavatam* confirma-se que a encarnação de Kṛṣṇa, ou Deus, nesta era atual, Kali-yuga, estará sempre ocupada em descrever Kṛṣṇa. Ele Kṛṣṇa, mas, como devoto de Kṛṣṇa, Ele Se descreve. E nesta era a cor de Seu Corpo não será negra. Isto significa que poderia ser branca, vermelha ou amarela porque essas quatro cores — branco, vermelho, amarelo e negro — são as cores assumidas pelas encarnações para as diferentes eras. Portanto, uma vez que as cores vermelha, branca e negra já haviam sido assumidas por encarnações anteriores, a cor restante, dourada, é assumida por Caitanya Mahāprabhu. Sua tez não é negra, mas Ele é Kṛṣṇa.

Outra característica deste *avatāra* é que Ele está sempre acompanhado por Seus associados. No quadro de Caitanya Mahāprabhu encontra-IO-emos acompanhado por muitos devotos, cantando. Sempre que Deus Se encarna Ele tem duas missões, como afirma no *Bhagavad-gītā*. Ali Kṛṣṇa diz: “Sempre que Eu apareço, Minha missão é salvar os devotos piedosos e aniquilar os demônios”. Quando Kṛṣṇa apareceu, Ele teve de matar muitos demônios. Se vírmos um quadro de Viṣṇu, perceberemos que Ele tem um búzio, uma flor de lótus, maça e disco. Estes dois últimos artigos destinam-se a matar demônios. Dentro deste mundo há duas classes de homens — os demônios e os devotos. Os devotos chamam-se semideuses; eles são quase como Deus porque tem qualidades divinas. Aqueles que são devotos são chamados pessoas divinas, e aqueles que são não-devotos, ateístas, são chamados demônios. De modo que Kṛṣṇa, ou Deus, vem com duas missões: dar proteção aos devotos e destruir os demônios. Nesta era, a missão de Caitanya Mahāprabhu também é essa: salvar os devotos e aniquilar os não-devotos, os demônios. Mas nesta era Ele tem uma arma diferente. Essa arma não é uma maça, nem disco, nem qualquer arma mortal — Sua arma é o movimento *saṅkīrtana*. Ele matou a mentalidade demoníaca das pessoas introduzindo o movimento *saṅkīrtana*. Esta é a importância específica do Senhor Caitanya. Nesta era, as pessoas já estão se matando. Elas têm descoberto armas atômicas com as quais se matam, de modo que não há necessidade de que Deus venha matá-las. Porém, Ele apareceu para matar a mentalidade demoníaca delas. Isto é possível através deste movimento para consciência de Kṛṣṇa.

Portanto, no *Śrīmad-Bhāgavatam* se diz que esta é a encarnação de Deus para esta era. E quem O adora? O processo é muito simples. Simplesmente mantenha um quadro do Senhor Caitanya com Seus associados. O Senhor Caitanya está no meio, acompanhado por Seus associados principais — Nityānanda, Advaita, Gadādhara e Śrīvāsa. Tem-se simplesmente que manter este quadro. Podemos mantê-lo em qualquer parte. Não é que seja preciso as pessoas virem até nós para ver este quadro. Qualquer um pode ter seu quadro em casa, cantar este *mantra* Hare Kṛṣṇa e desse modo adorar o Senhor Caitanya. É este o simples método. Mas quem entenderá este simples método? Aqueles que têm inteligência. Sem muito incômodo, alguém que simplesmente mantenha um quadro de Śrī Caitanya Mahāprabhu em casa e cante Hare Kṛṣṇa, compreenderá Deus. Qualquer um pode adotar este simples método. Não é dispendioso, é isento de impostos, e não é necessário construir igreja ou templo. Qualquer um, em qualquer parte, pode sentar-se na rua ou debaixo de uma árvore, cantar o *mantra* Hare Kṛṣṇa e adorar Deus. Portanto, esta é uma grande oportunidade. Por exemplo, no comércio ou na política, às vezes encontramos uma grande oportunidade. Aqueles que são políticos inteligentes aproveitam essas boas oportunidades e fazem sucesso imediatamente. De modo semelhante, nesta era, aqueles que têm inteligência suficiente adotam este movimento *saṅkīrtana*, e avançam rapidamente.

O Senhor Caitanya é chamado “o *avatāra* dourado”. *Avatāra* significa “descer, advir”. Assim como alguém pode descer do quinto andar ou do centésimo andar de um prédio, da mesma forma um *avatāra* desce dos planetas espirituais no céu espiritual. O céu que vemos a olho nu ou com um telescópio é apenas o céu material. Mas, além deste

há outro céu, que não podemos ver com nossos olhos ou com instrumentos. Esta informação encontra-se no *Bhagavad-gītā*: não é imaginação. Kṛṣṇa diz que além do céu material existe outro céu, o céu espiritual.

Temos de aceitar as palavras de Kṛṣṇa tais como elas são. Por exemplo, ensinamos às crianças que além da Inglaterra há outros lugares chamados Alemanha e Índia, e as crianças têm de aprender esse assunto através da versão do professor, porque esses lugares estão além de sua esfera. Analogamente, além deste céu material existe outro céu. Não podemos esperar encontrá-lo, assim como uma criança não pode esperar achar a Alemanha ou a Índia. Isso não é possível. Se quisermos obter conhecimento, teremos de aceitar uma autoridade. De modo semelhante, se quisermos conhecer o que está além do mundo material, teremos de aceitar a autoridade védica, senão não haverá possibilidade de conhecer esse assunto. Isso está além do conhecimento material. Não podemos ir nem sequer aos planetas distantes deste universo, e o que dizer de ir além deste universo? Faz-se a estimativa de que, para ir ao planeta mais elevado deste universo, com máquinas modernas, seria preciso viajar durante quarenta mil anos luz. Não podemos nem sequer viajar dentro deste céu material. Nossa vida e nossos meios são tão limitados que não podemos ter conhecimento apropriado nem sequer deste mundo material.

No *Bhagavad-gītā*, quando Arjuna perguntou a Kṛṣṇa, “Podeis, por favor, explicar as dimensões dentro das quais Vossas energias funcionam?”, o Senhor Supremo deu-lhe muitos exemplos, e por fim disse, “Meu caro Arjuna, que poderei explicar sobre Minhas energias? Na verdade, não é possível que tu entendas. Porém, podes apenas imaginar a expansão de Minhas energias: este mundo material, que consiste de milhões de universos, é manifestação de apenas uma quarta parte de Minha criação”. Não podemos nem sequer avaliar a posição de um só universo, e há milhões de universos. Depois, além disso está o céu espiritual, e existem milhões de planetas espirituais. Toda esta informação é dada pela literatura védica. Se aceitamos a literatura védica, podemos adquirir este conhecimento. Se não a aceitamos, não há outra alternativa. Essa é a nossa escolha. Portanto, segundo a civilização védica, sempre que um *ācārya* fala ele imediatamente cita referências da literatura védica. Então outras pessoas aceitá-lo-ão: “Sim, isto é correto”. Em uma corte judicial o advogado cita referências de julgamentos passados da corte, e se o caso é justo, o juiz aceita. Analogamente, se alguém pode dar evidências dos *Vedas*, sua posição é compreendida como real.

O *avatāra* para esta era, Senhor Caitanya, é descrito na literatura védica. Não podemos aceitar qualquer um como *avatāra* a não ser que seus sintomas sejam descritos nas escrituras. Não aceitamos caprichosamente o Senhor Caitanya como *avatāra*, na base da votação. Hoje em dia tornou-se moda qualquer homem vir e dizer que é Deus ou encarnação de Deus; e há alguns tolos e patifes que o aceitarão: “Oh! ele é Deus!” Não aceitamos um *avatāra* assim. Baseamo-nos nas evidências dos *Vedas*. É preciso que os sintomas do *avatāra* coincidam com as descrições dos *Vedas*. Aí então o aceitamos; de outro modo, não. Para cada *avatāra* há uma descrição nos *Vedas*: Ele aparecerá em tal e tal lugar, com tal e tal forma, e agirá assim. Essa é a natureza das evidências védicas.

No *Śrīmad-Bhāgavatam*, há uma lista dos *avatāras*, o qual menciona o nome do Senhor Buddha. Este *Śrīmad-Bhāgavatam* foi escrito há cinco mil anos e menciona diferentes nomes para tempos futuros. Ele diz que no futuro o Senhor aparecerá como Senhor Buddha, o nome de sua mãe seria Añjanā, e ele aparecerá em Gāyā. Assim que Buddha apareceu há dois mil e seiscientos anos, e o *Śrīmad-Bhāgavatam*, que foi escrito há cinco mil anos, mencionou que ele aparecerá no futuro. De modo semelhante, faz-se menção do Senhor Caitanya, e do mesmo modo o último *avatāra* desta Kali-yuga é mencionado no *Bhāgavatam*. Menciona-se que a última encarnação desta era é Kalki. Ele aparecerá como o filho de um *brāhmaṇa* cujo nome é Viṣṇu-yaśā, em um local chamado Śambhala. Há um local na Índia com esse nome, de modo que talvez seja lá que o Senhor aparecerá.

Assim, um *avatāra* tem seus sintomas confirmados pelas descrições encontradas nos *Upanisads*, *Śrīmad-Bhāgavatam*, *Mahābhārata* e outros textos védicos. Baseados na autoridade da literatura védica e no comentário de grandes e resolutos *gosvāmīs* como Jīva Gosvāmī, que foi o maior erudito e filósofo do mundo, podemos aceitar o Senhor Caitanya como uma encarnação de Kṛṣṇa.

Por que o Senhor Caitanya apareceu? No *Bhagavad-gītā* o Senhor Kṛṣṇa diz, “Abandona todas as outras ocupações e simplesmente ocupa-te em Meu serviço. Hei de proteger-te de todos os resultados de ações pecaminosas”. Neste mundo material, na vida condicionada, simplesmente criamos reações pecaminosas. Isso é tudo. E por causa das reações pecaminosas, recebemos este corpo. Se nossas reações pecaminosas cessassem, não precisaríamos aceitar um corpo material; obteríamos um corpo espiritual.

Que é um corpo espiritual? O corpo espiritual é um corpo livre de morte, nascimento, doença e velhice. É um corpo eterno, pleno de conhecimento e bem-aventurança. Diferentes corpos são criados por diferentes desejos. Enquanto tivermos desejos de diferentes tipos de desfrute, teremos de aceitar diferentes tipos de corpos materiais. Kṛṣṇa, Deus, é tão bondoso que nos concede tudo o que quisermos. Se quisermos um corpo de tigre, com força e dentes de tigre para poder capturar animais e sugar sangue fresco, então Kṛṣṇa dar-nos-á esta oportunidade. Se quisermos o corpo de uma pessoa santa, um devoto ocupado apenas no serviço ao Senhor, Ele dar-nos-á este corpo. Isso é afirmado no *Bhagavad-gītā*.

Se uma pessoa ocupada em *yoga*, o processo de auto-realização, de alguma forma não consegue completar o processo, ela recebe outra oportunidade; ela nasce em família de um *brāhmaṇa* puro ou de um homem rico. Se alguém tem a fortuna de nascer em tal família, ela obtém todas as facilidades para compreender a importância da auto-realização. Já desde o começo da vida, nossos filhos conscientes de Kṛṣṇa estão tendo a oportunidade de aprender a cantar e a dançar, de modo que, ao crescerem, não mudarão, mas, ao invés, automaticamente farão progresso. Eles são muito afortunados. Quer nasça na América ou na Europa, a criança avançará se seu pai e sua mãe forem devotos. Ela terá esta oportunidade. Se uma criança nasce em família de devotos, isto significa que em sua vida passada ela já havia aceitado o processo da *yoga*, mas, de algum modo, não pôde completá-lo. Portanto, a criança recebe outra

oportunidade de avançar mais sob os cuidados de um bom pai e uma boa mãe para que possa continuar avançando. Dessa maneira, assim que completamos nosso desenvolvimento de consciência de Deus, não precisamos mais nascer neste mundo material, senão que regressamos ao mundo espiritual.

Kṛṣṇa diz no *Bhagavad-gītā*: “Meu caro Arjuna, se alguém compreende Meu aparecimento, desaparecimento e atividades, simplesmente por causa desta compreensão ele recebe a oportunidade de nascer no mundo espiritual após abandonar este corpo”. Temos de abandonar este corpo — hoje, amanhã ou talvez depois de amanhã. É compulsório. Mas uma pessoa que tenha compreendido Kṛṣṇa não terá de aceitar outro corpo material. Ela irá diretamente ao mundo espiritual e nascerá em um dos planetas espirituais. Então Kṛṣṇa diz que tão logo obtemos este corpo atual — não importa que seja da Índia, ou da Lua, ou do Sol, ou de Brahmaloça, ou de qualquer parte deste mundo material — devemos entender que isto se deve a nossas atividades pecaminosas. Há gradações de atividades pecaminosas, de modo que, conforme o grau de pecaminosidade, toma-se um corpo material determinado. Portanto, nosso problema verdadeiro não é como comer, dormir, acasalar-se e defender-se — nosso problema mesmo e como obter um corpo que não seja material, mas sim espiritual. Esta é a solução final para todos os problemas. Assim Kṛṣṇa garante que se alguém se render a Ele, se alguém se tornar plenamente consciente de Kṛṣṇa, então Ele protegê-lo-á de todas as reações à vida pecaminosa.

Esta certeza foi dada por Kṛṣṇa no *Bhagavad-gītā*, mas havia muitos tolos que não puderam compreender Kṛṣṇa. No *Bhagavad-gītā* eles são descritos como *mūḍhas*. *Mūḍha* significa “patife,” e Kṛṣṇa diz no *Gītā*, “Eles não sabem o que Eu sou realmente”. De maneiras que muitas pessoas mal-entenderam Kṛṣṇa. Embora Kṛṣṇa nos desse esta mensagem do *Bhagavad-gītā* para que pudéssemos compreendê-lo, muitas pessoas perderam a oportunidade. Por isso Kṛṣṇa, por Sua compaixão, veio novamente, como um devoto, e nos mostrou como render-nos a Ele. O próprio Kṛṣṇa veio ensinar-nos a rendição. Sua última instrução no *Bhagavad-gītā* é a rendição, mas as pessoas — *mūḍhas*, patifes — diziam, “Por que deveria eu me render?” Portanto, embora Caitanya Mahāprabhu seja o próprio Kṛṣṇa, dessa vez Ele nos ensina praticamente a como executar a missão do *Bhagavad-gītā*. Isso é tudo. Caitanya Mahāprabhu não está ensinando nada de extraordinário; nada mais que o processo de render-se à Suprema Personalidade de Deus, que já fora ensinado no *Bhagavad-gītā*. Não há outro ensinamento, mas o mesmo ensinamento é apresentado de diferentes maneiras para que diferentes tipos de pessoas o adotem e aproveitem a oportunidade para se aproximarem de Deus.

Caitanya Mahāprabhu nos dá a oportunidade de chegar a Deus diretamente. Quando Rūpa Gosvāmī, o principal discípulo do Senhor Caitanya, viu o Senhor Caitanya pela primeira vez, ele era ministro no governo da Bengala, mas queria juntar-se ao movimento de Caitanya Mahāprabhu. Então ele abandonou sua posição como ministro, e, após juntar-se ao movimento de Caitanya, ao render-se, ele Lhe ofereceu uma bela oração. Esta oração diz: “Meu caro Senhor, sois a mais magnânima de todas as encarnações”. Por que? *kṛṣṇa-prema-pradāya te*: “Estais diretamente dando amor a Deus. Não tendes outro objetivo. Vosso processo é tão maravilhoso que uma pessoa pode imediatamente aprender a amar a Deus. Por isso, sois a mais magnânima de todas as encarnações. Não é possível que alguma personalidade, exceto o próprio Kṛṣṇa, conceda esta bênção; é por isso que digo que Vós sois Kṛṣṇa”. *Kṛṣṇāya kṛṣṇa-caitanya-nāmine*: “Vós sois Kṛṣṇa, mas assumistes o nome Kṛṣṇa Caitanya. Rendo-me a Vós”.

Então é este o processo. Caitanya Mahāprabhu é o próprio Kṛṣṇa, e está ensinando a como desenvolver amor por Deus através de um método muito simples. Ele diz simplesmente para cantar Hare Kṛṣṇa. “Nesta era, simplesmente prossiga cantando o *mantra* Hare Kṛṣṇa. Não há outra alternativa”. Como as pessoas estão embaraçadas com tantos métodos de realização, elas não podem adotar os verdadeiros processos ritualísticos de meditação ou *yoga*; isto não é possível. Por isso, o Senhor Caitanya diz que se alguém aceitar este processo de cantar, imediatamente poderá alcançar a plataforma da realização.

O processo de cantar oferecido pelo Senhor Caitanya para atingir amor a Deus é chamado *saṅkīrtana*. *Saṅkīrtana* é uma palavra sânscrita. *Sam* significa *samyak* — “completo”. E *kīrtana* significa “glorificar” ou “descrever”. Assim, descrição completa significa glorificação completa do Supremo, ou o Completo Todo Supremo. Não é que alguém possa descrever qualquer coisa ou glorificar qualquer coisa e isso será *kīrtana*. Do ponto de vista gramatical isso pode ser *kīrtana*, mas, segundo o sistema védico, *kīrtana* significa descrever a autoridade suprema, a Verdade Absoluta, a Suprema Personalidade de Deus, Isso se chama *kīrtana*.

Este serviço devocional começa com o método de *śravaṇa*. *Śravaṇa* significa “ouvir”, e *kīrtana* significa “descrever”. Alguém deve descrever, e outrem deve ouvir. Ou a mesma pessoa pode fazer ambas as coisas, descrever e ouvir. Ela não precisa da ajuda de ninguém. Quando cantamos Hare Kṛṣṇa, cantamos e ouvimos. Isto é completo. Este é um método completo. Mas o que é este cantar e ouvir? Deve-se cantar e ouvir sobre Viṣṇu, Kṛṣṇa, e não sobre qualquer coisa. *Śravaṇam kīrtanam viṣṇoḥ*: podemos compreender Viṣṇu, a onipenetrante Verdade Absoluta, a Suprema Personalidade de Deus, pelo método de ouvir.

Temos de ouvir; se alguém simplesmente ouve, este é o começo. Não é necessário ter alguma educação ou desenvolvimento de conhecimento material. A criança, por exemplo: assim que ela ouve, imediatamente pode responder e dançar. Assim, por natureza, Deus nos deu estes ótimos instrumentos — ouvidos — para que possamos ouvir. Mas devemos ouvir da fonte correta. Isso é afirmado no *Śrīmad-Bhāgavatam*. Deve-se ouvir daqueles que são devotados à Suprema Personalidade de Deus. Eles são chamados *satām*. Se ouvimos da fonte certa, de uma alma realizada, isto surtirá efeito. E essas palavras de Deus, ou Kṛṣṇa, são muito saborosas. Se uma pessoa for inteligente o bastante, ouvirá o que fala a alma realizada. Então brevemente ela se libertará dos enredamentos materiais.

Esta vida humana destina-se ao avanço no caminho da liberação. Isto se chama *apavarga*, liberação do enredamento. Estamos todos enredados. O fato de termos aceitado este corpo material significa que já estamos

enredados. Mas não devemos progredir no processo de enredamento. Este processo chama-se *karma*. Enquanto a mente estiver absorta em *karma*, teremos de aceitar um corpo material. No momento da morte, nossa mente poderá estar pensando: “Oh! Não pude completar este trabalho. Oh! Estou morrendo! Tenho que fazer isso! Tenho que fazer aquilo!” Isto significa que Kṛṣṇa dar-nos-á outra oportunidade de fazê-lo, e desse modo teremos de aceitar outro corpo. Ele dar-nos-á a oportunidade: “Está bem. Você não pôde fazê-lo. Agora faça-o. Tome este corpo”. Por isso o *Śrīmad-Bhāgavatam* diz: “Esses patifes embriagaram-se loucamente; por causa da embriaguez estão fazendo algo que não deveriam ter feito”. Que estão fazendo? Mahārāja Dhṛtarāṣṭra é um ótimo exemplo disso. Mahārāja Dhṛtarāṣṭra estava astutamente planejando matar os Pāṇḍavas a fim de favorecer seus próprios filhos. Então Kṛṣṇa mandou Seu tio, Akrūra, aconselhá-lo a não fazer aquilo. Dhṛtarāṣṭra compreendeu os conselhos de Akrūra, mas disse: “Meu caro Akrūra, o que estás dizendo é totalmente correto, mas não entra em meu coração; portanto não posso mudar minha política. Tenho de seguir esta política e deixar acontecer o que tiver que acontecer”.

Assim, quando os homens querem satisfazer seus sentidos, eles ficam loucos, e nesta loucura são capazes de fazer qualquer coisa. Por exemplo, há muitos casos na vida material em que alguém enlouqueceu por algo e por causa disso chegou a cometer assassinato: não conseguiu se conter. De forma semelhante, estamos acostumados ao gozo dos sentidos. Estamos loucos, e por isso nossas mentes estão completamente absortas em *karma*. Isto é muito triste porque nosso corpo, embora temporário, é o reservatório de todos os infortúnios e misérias; ele está sempre nos dando trabalho. Esses assuntos devem ser estudados. Não devemos ser loucos. A vida humana não foi feita para isso. O defeito da civilização atual é que as pessoas andam loucas atrás de gozo dos sentidos. Isso é tudo. Elas não conhecem o real valor da vida, e por isso estão negligenciando a forma mais valiosa da vida, esta forma humana.

Quando este corpo se acaba não há garantia de que tipo de corpo se obterá a seguir. Suponha que em minha próxima vida eu por acaso obtenha o corpo de uma árvore. Por milhares de anos terei de ficar parado, de pé. Mas as pessoas não são muito sérias. Elas chegam mesmo a dizer: “Que é isso? Mesmo que eu tenha de ficar de pé, me esquecerei disso”. As espécies inferiores de vida estão situadas no esquecimento. Se uma árvore não estivesse no esquecimento ser-lhe-ia impossível viver. Suponha que nos dissessem: “Fique aí de pé durante três dias!” Como não estamos no esquecimento, ficaríamos loucos com isso. Assim, pela lei da natureza, todas essas espécies inferiores de vida estão no esquecimento. A consciência delas não é desenvolvida. Uma árvore tem vida, mas mesmo que alguém a corte, por sua consciência não ser desenvolvida, ela não reage. De forma que devemos ser muito cuidadosos em utilizar esta forma humana de vida apropriadamente. O movimento para consciência de Kṛṣṇa destina-se àqueles que desejam alcançar a perfeição na vida. Não se trata de farsa ou exploração, mas infelizmente as pessoas estão acostumadas a ser trapaceadas. Há um verso de um poeta indiano: “Se alguém falar coisas sensatas, as pessoas brigarão com ele: “Oh! que disparate estás a falar.” Mas, se ele as trapacear, elas ficarão muito contentes”. Se um trapaceiro diz: “Faça isso, dê-me uma gratificação e dentro de seis meses você tornar-se-á Deus” eles concordarão: “Sim, tome aí sua gratificação, que dentro de seis meses tornar-me-ei Deus”. Não. Esses processos enganosos não resolverão nosso problema. Se alguém quiser realmente solucionar os problemas da vida nesta era, então terá de aceitar este processo de *kīrtana*. É este o processo recomendado.

Nesta era, Kali-yuga, não se pode executar nenhum processo de auto-realização ou perfeição da vida, exceto o processo de *kīrtana*. *Kīrtana* é essencial nesta era.

Em todos os textos védicos confirma-se que devemos meditar na Suprema Verdade Absoluta, Viṣṇu, e não em algo mais. Mas há diferentes processos de meditação recomendados para diferentes eras. O processo de meditação da *yoga* mística era possível em Satya-yuga, quando os homens viviam por muitos milhares de anos. Atualmente as pessoas não acreditam nisso, mas em uma era anterior havia pessoas que viviam cem mil anos. Essa era chamava-se Satya-yuga, e a meditação da *yoga* mística era possível naquele tempo. Nessa era, o grande *yogī* Vālmīki Muni meditou durante sessenta mil anos. Portanto, este é um processo que requer um período prolongado, não sendo possível executá-lo nesta era. Se alguém deseja fazer uma farsa, isso é outra coisa. Mas aquele que quer realmente praticar tal meditação levará um tempo extremamente prolongado para aperfeiçoar-se. Na era seguinte, Tretā-yuga, o processo de realização consistia em executar os vários sacrifícios ritualísticos recomendados nos *Vedas*. Na era seguinte, Dvāpara-yuga, o processo era a adoração no templo. Na era atual, o mesmo resultado pode ser atingido através do processo de *hari-kīrtana*, glorificação de Hari, Kṛṣṇa, a Suprema Personalidade de Deus.

Nenhum outro *kīrtana* é recomendado. Este *hari-kīrtana* foi iniciado há quinhentos anos na Bengala pelo Senhor Caitanya. Na Bengala, há competição entre os Vaiṣṇavas e os *śāktas*. Os *śāktas* introduziram certo tipo de *kīrtana* chamado *kālī-kīrtana*. Porém, nas escrituras védicas, não se recomenda *kālī-kīrtana*. *Kīrtana* significa *hari-kīrtana*. Ninguém pode dizer: “Ah! o senhor é Vaiṣṇava. O senhor pode executar *hari-kīrtana*. Eu executarei *śiva-kīrtana* ou *devī-kīrtana* ou *gaṇeśa-kīrtana*”. Não. As escrituras védicas não autorizam nenhum *kīrtana* além do *hari-kīrtana*. *Kīrtana* significa *hari-kīrtana*, a glorificação de Kṛṣṇa.

De modo que este processo de *hari-kīrtana* é muito simples: Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare / Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. Na realidade, são apenas três palavras: *Hare*, *Kṛṣṇa* e *Rāma*. Mas elas são tão bem dispostas para o canto que todos podem pegar o *mantra* e cantar Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare. Desde que começamos este movimento nos países ocidentais, europeus, americanos, africanos, egípcios e japoneses estão cantando. Não há dificuldade. Eles estão cantando com muita alegria, e estão obtendo os resultados. Qual seria a dificuldade? Estamos distribuindo este canto sem cobrar nada, e ele é muito simples. Simplesmente por cantar, podemos ter auto-realização, realização de Deus, e, quando há realização de Deus, a realização da natureza também está incluída. Por exemplo, se alguém aprende um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e zero, então já estudou toda a matemática, porque matemática significa simplesmente mudar esses dez algarismos de lugar. Isso é

tudo. De modo semelhante, se simplesmente estudarmos Kṛṣṇa, então todo o nosso conhecimento será perfeito. E Kṛṣṇa é facilmente compreendido simplesmente por se cantar este *mantra*, Hare Kṛṣṇa. Por que, então, não aproveitar esta oportunidade?

Aproveite esta oportunidade que está sendo oferecida à sociedade humana. É algo muito antigo e científico. Não se trata de uma invenção que perdurará apenas três ou quatro anos. Não. No *Bhagavad-gītā* o próprio Kṛṣṇa diz: “Esta filosofia é inexaurível e indestrutível. Jamais se perde nem se destrói”. Pode ser que por algum tempo fique coberta, mas nunca é destruída. Por isso ela é chamada *avyayam*. *Avyaya* significa “exaustão”. Por exemplo, pode ser que alguém tenha cem dólares, mas, se os for gastando, um após o outro, chegará um dia a ter zero dólar. Isso é *vyaya*, exaurível. Mas a consciência de Kṛṣṇa não é assim. Se você cultivar este conhecimento da consciência de Kṛṣṇa, ele aumentará. Isso é atestado pelo Senhor Caitanya Mahāprabhu. *Ānandāmbudhi-varḍhanam*. *Ānanda* significa “prazer”, “bem-aventurança transcendental,” e *ambudhi* significa “oceano”. No mundo material, vemos que o oceano não aumenta. Mas, se alguém cultivar consciência de Kṛṣṇa, sua bem-aventurança transcendental aumentará. *Ānandāmbudhi-varḍhanam*. E eu devo sempre lembrar a todos que o processo é muito simples. Qualquer um pode cantar, em qualquer parte, sem pagar impostos nem perder nada, mas o lucro é muito grande.

Śrī Caitanya Mahāprabhu explica este movimento *kīrtana* em Seu *Sikṣāṣṭaka*. *Sikṣā* significa instrução”, e *aṣṭaka* significa “oito”. Ele nos deu oito versos para nos ajudar a compreender este movimento para a consciência de Kṛṣṇa, e agora vou explicar a primeira dessas instruções. O Senhor diz: *ceto-darpaṇa-mārjanam*: deve-se purificar o coração. Tenho explicado isso várias vezes, mas a repetição dessa explicação nunca se torna monótona. É assim como o cantar de Hare Kṛṣṇa: nunca se torna cansativo. Nossos estudantes podem cantar o *mantra* Hare Kṛṣṇa vinte e quatro horas por dia, que nunca ficarão cansados. Eles continuarão a dançar e a cantar. E qualquer um pode experimentar isso; por não ser algo material, uma pessoa jamais se cansará de cantar Hare Kṛṣṇa. No mundo material, se alguém cantar algo, qualquer nome de sua predileção, três, quatro ou dez vezes, ficará cansado disso. Isso é um fato. Mas, porque Hare Kṛṣṇa não é material, aquele que cantar este *mantra* jamais se cansará dele. Quanto mais cantar, mais seu coração se purificará da sujeira material e mais os problemas de sua vida dentro deste mundo material serão resolvidos.

Qual é o problema de nossas vidas? Isso nós não sabemos. A educação moderna não dá nenhum esclarecimento sobre o verdadeiro problema da vida, que é indicado no *Bhagavad-gītā*. Aqueles que são educados e estão avançando em conhecimento devem saber qual é o problema da vida. Este problema é declarado no *Bhagavad-gītā*: devemos sempre considerar as inconveniências do nascimento, da morte, da velhice e da doença. Infelizmente ninguém presta atenção a esses problemas. Quando um homem está doente ele pensa: “Tudo bem. Deixe-me ir ao médico. Ele me receitará algum remédio e eu ficarei bom”. Mas ele não medita seriamente sobre o problema. Eu não queria ficar doente. Por que existe doença? Acaso não é possível tornar-se livre de doenças?”

Ele nunca pensa assim. Isto porque sua inteligência é de nível muito baixo, tal qual a de um animal. O animal sofre, mas não tem consciência disso. Se um animal é trazido para o matadouro e vê que o animal à sua frente está sendo morto, ele ainda assim permanece ali, alegremente comendo capim. Isso é vida animal. Ele não sabe que vai ser o próximo a ser sacrificado. Eu tive oportunidade de ver isso. Em um templo de Kālī vi uma cabra parada, prestes a ser sacrificada, enquanto outra cabra alegremente comia capim.

De forma semelhante, Mahārāja Yudhiṣṭhira foi indagado por Yamarāja: “Qual é a coisa mais admirável que há neste mundo? Poderias explicar-me isso?” Então Mahārāja Yudhiṣṭhira respondeu: “Sim. A coisa mais admirável é que a cada momento alguém pode ver que seus amigos, seus pais e seus parentes estão morrendo, mas ainda assim ele pensa: Eu viverei para sempre”. Ele nunca pensa que morrerá, assim como um animal nunca pensa que no próximo momento poderá ser sacrificado. Ele se satisfaz com o capim, isso é tudo. Ele se satisfaz com o gozo dos sentidos. Ele não sabe que também vai morrer.

Meu pai morreu, minha mãe morreu, ele morreu, ela morreu. De modo que eu também terei de morrer. Então o que acontece após a morte? Eu não sei. Este é o problema. As pessoas não levam este problema a sério, mas o *Bhagavad-gītā* indica que isto é educação verdadeira. Educação verdadeira é indagar por que, apesar de não quisermos morrer, a morte vem. Isto é indagação verdadeira. Não queremos nos tornar velhos. Por que a velhice nos ataca? Temos muitos problemas, mas esta é a essência de todos eles.

A fim de solucionar este problema, o Senhor Caitanya Mahāprabhu prescreve o cantar de Hare Kṛṣṇa. Tão logo nosso coração se purifique através do cantar deste *mantra* Hare Kṛṣṇa, o fogo ardente de nossa problemática existência material se extingue. Como ele se extingue? Quando purificarmos nosso coração compreenderemos que não pertencemos a este mundo material. Porque as pessoas estão se identificando com este mundo material, elas estão pensando: “eu sou indiano, eu sou inglês, eu sou isso, eu sou aquilo”. Mas aquele que cantar o *mantra* Hare Kṛṣṇa compreenderá que não é este corpo material. “Eu não pertenço a este corpo material nem a este mundo material. Sou alma espiritual, parte integrante do Supremo. Estou eternamente relacionado com Ele, e nada tenho a ver com o mundo material”. Isto se chama liberação, conhecimento. Se eu nada tenho a ver com este mundo material, então estou liberado. E este conhecimento chama-se *brahma-bhūta*.

Uma pessoa com esta compreensão não tem dever a cumprir. Porque agora estamos identificando nossa existência com este mundo material, temos muitos deveres. O *Śrīmad-Bhāgavatam* diz que enquanto não houver auto-realização, teremos muitos deveres e dívidas. Temos dívidas para com os semideuses. Os semideuses não são apenas personagens fictícios. Eles são reais. Há semideuses controlando o Sol, a Lua e o ar. Assim como há diretores dos departamentos governamentais, da mesma forma para o departamento de calefação existe o deus do Sol, para o departamento de circulação do ar existe Varuna, e, de modo semelhante, existem outros semideuses setoriais. Nos *Vedas* eles são descritos como deidades controladoras, de maneira que não podemos negligenciá-los. Além disso,

existem grandes sábios e filósofos que nos dão conhecimento, e nós temos dívidas para com eles. Assim, tão logo nascemos estamos em dívida com tantas entidades vivas, mas é impossível liquidar todas essas dívidas. Portanto, a literatura védica recomenda que nos refugiemos aos pés de lótus de Kṛṣṇa. E Kṛṣṇa diz: “Se alguém se refugia em Mim não tem de se refugiar em ninguém mais”.

Portanto, aqueles que são devotos conscientes de Kṛṣṇa refugiam-se em Kṛṣṇa, e o começo do processo é ouvir e cantar. *Śravaṇam kīrtanam viṣṇoḥ*. Então, nosso apelo fervoroso e humilde a todos é que, por favor, aceitem este canto. Este movimento para consciência de Kṛṣṇa foi introduzido pelo Senhor Caitanya há quinhentos anos na Bengala, e agora em toda a Índia e especialmente na Bengala há milhões de seguidores de Caitanya Mahāprabhu. Agora este movimento está começando nos países ocidentais, por isso tentem entendê-lo seriamente. Não criticamos nenhuma outra religião. Não considerem que o façamos. Não temos nenhum interesse em criticar qualquer outro processo de religião. A consciência de Kṛṣṇa está dando às pessoas a mais sublime religião — o amor a Deus. Isso é tudo. Estamos ensinando o amor a Deus. Todos já estão amando, mas esse amor está sendo mal-empregado. Amamos este rapaz, ou esta moça, ou este país, ou aquela sociedade, ou mesmo os cães e os gatos, mas não estamos satisfeitos. Por isso devemos depositar nosso amor em Deus. Se depositarmos nosso amor em Deus seremos felizes.

Não pensem que este movimento para consciência de Kṛṣṇa é um novo tipo de religião. Qual é a religião que não reconhece Deus? Podemos chamar Deus de “Alá” ou “Kṛṣṇa” ou algo mais, mas qual é a religião que não reconhece Deus? Estamos ensinando que as pessoas devem simplesmente tentar amar a Deus. Sentimo-nos atraídos por tantas coisas, mas se nosso amor for depositado em Deus, aí então seremos felizes. Não é preciso aprender a amar ninguém mais; tudo o mais está automaticamente incluído. Apenas tentem amar a Deus. Não tentem amar apenas as árvores, ou plantas, ou insetos. Isso jamais será satisfatório. Aprendam a amar a Deus. Esta é a missão de Caitanya Mahāprabhu; esta é a nossa missão.

## Consciência de Kṛṣṇa — a yoga para a era moderna

*“Não é que este movimento seja simplesmente um movimento de sentimentais. Não pensem que estes rapazes estejam dançando devido a algum sentimentalismo ou fanatismo religioso. Não. Temos as mais elevadas bases filosóficas e teosóficas... Mas todo o processo foi simplificado. Esta é a beleza deste movimento. Quer alguém seja um grande erudito ou uma criança, ele pode participar desse movimento sem dificuldade”.*

Todas as glórias ao movimento *saṅkīrtana*. Quando o Senhor Caitanya Mahāprabhu tinha apenas dezesseis anos de idade, há quinhentos anos, Ele introduziu este movimento *saṅkīrtana* em Navadvīpa, Índia. Não que Ele tivesse inventado algum sistema religioso, à maneira dos sistemas que estão sendo fabricados hoje em dia. Na realidade, a religião não pode ser fabricada ou inventada. Religião significa os códigos de Deus, as leis de Deus, isso é tudo. Sem dúvida não podemos viver sem obedecer às leis do estado, e, semelhantemente, não podemos viver sem obedecer às leis de Deus. E no *Bhagavad-gītā* (4.7) o Senhor diz que sempre que há discrepâncias na execução de atividades religiosas e há predominância de atividades irreligiosas, então Eu (Kṛṣṇa) apareço. E no mundo material podemos ver a demonstração do mesmo princípio, pois, sempre que há desobediência às leis do estado, há o advento de alguma autoridade do estado ou de algum policial para “endireitar as coisas”.

O Senhor Caitanya Mahāprabhu é adorado pelos Gosvāmīs. Há seis Gosvāmīs: Rūpa Gosvāmī, Sanātana Gosvāmī, Raghunātha Bhaṭṭa Gosvāmī, Jīva Gosvāmī, Gopāla Bhaṭṭa Gosvāmī e Raghunātha dāsa Gosvāmī. *Go* tem três significados. *Go* significa “terra”, “vaca” e “sentidos”. E *svāmī* significa “senhor”. Portanto *gosvāmī* significa que eles eram senhores dos sentidos. Quando nos tornamos senhores dos sentidos, ou *gosvāmīs*, podemos avançar na vida espiritual. Este é o verdadeiro significado de *svāmī*. *Svāmī* significa que não somos servos dos sentidos, mas sim senhores deles.

Um desses seis Gosvāmīs, Rūpa Gosvāmī, era o principal, e ele compilou um belo verso em honra ao Senhor Caitanya Mahāprabhu. Ele diz que nesta era de Kali, em que tudo é discórdia e desavenças, “Vós descestes para oferecer o mais elevado amor a Deus”. *Samarpayitum unnatojjvala-rasām*: e não somente a mais elevada, mas também uma *rasa*, ou sentimento transcendental muito brilhante. *Puraṭa-sundara-dyuti*. “Vossa tez é assim como o ouro, como o brilho do ouro”. Sois tão bondoso que eu abençoo a todos (os Gosvāmīs podem dar bênçãos porque são senhores dos sentidos) para que esta forma do Senhor, Senhor Caitanya Mahāprabhu permaneça dançando sempre no coração de todos”.

Quando Rūpa Gosvāmī encontrou-se pela primeira vez com o Senhor Caitanya Mahāprabhu em Prayāga, o Senhor Caitanya estava cantando e dançando na rua, “Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa” Naquela ocasião, também, Rūpa Gosvāmī ofereceu-Lhe uma oração: “Oh! Sois a mais magnânima de todas as encarnações porque estais distribuindo amor a Deus”. “Sois o próprio Kṛṣṇa porque, se não foreis Kṛṣṇa, não poderíeis distribuir *kṛṣṇa-prema*, ou amor a Deus, pois o amor de Kṛṣṇa não se adquire tão facilmente. Vós, porém, estais distribuindo este amor livremente a todos”.

Dessa maneira, o movimento *saṅkīrtana* foi inaugurado na Bengala, Índia, em Navadvīpa. Neste sentido, os bengalis são muito afortunados devido a que o próprio Senhor Caitanya inaugurou este movimento no país deles. O Senhor Caitanya predisse: “Em todas as aldeias e cidades em todo o mundo, em toda a parte, este movimento *saṅkīrtana* será pregado”. Esta é predição dEle.



Assim, pela graça do Senhor Caitanya, este movimento já foi introduzido nos países ocidentais, tendo seu início em Nova Iorque. Nosso movimento *saṅkīrtana* foi introduzido inicialmente em Nova Iorque no ano de 1966. Naquela época, eu vim e comecei a cantar este *mantra* Hare Kṛṣṇa no Tompkins Square. Eu cantava ali por três horas seguidas com uma pequena *mrdaṅga* (tambor), e esses rapazes americanos vinham e gradualmente juntaram-se a mim, e dessa forma o movimento está crescendo. A princípio, ele foi iniciado numa lojinha em Nova Iorque, no número 26 da Segunda Avenida, e depois inauguramos sedes em São Francisco, Montreal, Boston, Los Angeles, Buffalo, Columbus. Atualmente (1970) temos vinte-e-quatro centros, incluindo um em Londres e outro em Hamburgo. Em Londres, todos os membros são rapazes e moças americanos, e eles estão pregando. Eles não são *sannyāsīs*, nem são vedantistas, nem hindus, nem indianos, mas estão levando este movimento muito a sério. Inclusive, no *London Times* saiu um artigo intitulado: “Canto Kṛṣṇa surpreende Londres”. De modo que temos muitos participantes do movimento atualmente. Todos os meus discípulos, pelo menos neste país, são americanos e europeus. Eles estão cantando, dançando e distribuindo uma revista, *De Volta ao Supremo*. Até o momento publicamos muitos livros — o *Śrīmad-Bhāgavatam*, o *Bhagavad-gītā Como Ele É*, *Os Ensinamentos do Senhor Caitanya* e o *Īsopaniṣad*. Não é que este movimento seja simplesmente um movimento de sentimentalistas. Não pensem que esses rapazes estejam dançando devido a algum sentimentalismo ou fanatismo religioso. Não. Temos as mais elevadas bases filosóficas e teosóficas.

Para ilustrar esta afirmação, consideremos Caitanya Mahāprabhu. Enquanto Ele esteve pregando, Ele foi para Benares, o reduto dos *sannyāsīs* Māyāvādīs. A maior parte dos seguidores de Śaṅkarācārya são encontrados em Benares. Quando Caitanya Mahāprabhu esteve ali, Ele cantava e dançava. Algumas das pessoas apreciaram muito isto, e dessa forma Ele tornou-Se famosorapidamente. Um preeminente *sannyāsī*, Prakāśānanda Sarasvatī, líder de muitos milhares de *sannyāsīs* Māyāvādīs, ouviu dizer: “Oh! Um jovem *sannyāsī* chegou da Bengala. Ele canta e dança muito bem”. Prakāśānanda Sarasvatī era um grande vedāntista, e não gostou da idéia. Ele disse: “Ah! Ele é um pseudo-sannyāsī. Ele está cantando e dançando, mas esta não é a ocupação de um *sannyāsī*. O *sannyāsī* deve ocupar-se sempre no estudo da filosofia e do *Vedānta*”.

Então, um dos devotos que não gostou das observações de Prakāśānanda Sarasvatī saiu e foi dizer ao Senhor Caitanya que Ele estava sendo criticado. Assim, o devoto promoveu um encontro de todos os *sannyāsīs*, e houve uma discussão filosófica entre Prakāśānanda Sarasvatī e o Senhor Caitanya Mahāprabhu. Essas ocorrências e discussões filosóficas são apresentadas em nossos *Ensinamentos do Senhor Caitanya*. É notável que o próprio Prakāśānanda com todos os seus discípulos tenham se tornado *vaiṣṇavas*.

De modo semelhante, Caitanya Mahāprabhu teve uma grande discussão com Sārvabhauma Bhaṭṭācārya, o maior lógico daquela época, que também era Māyāvādī, e este também foi convertido. Vê-se assim que o movimento de Caitanya Mahāprabhu não é um movimento de mero sentimentalismo. Há bases muito ricas para quem quer compreender este movimento *saṅkīrtana* através da filosofia e da lógica. Há ampla oportunidade, pois este movimento baseia-se na ciência e na autoridade dos *Vedas*. Mas todo o processo foi simplificado. Esta é a beleza deste movimento. Quer alguém seja um erudito, ou um filósofo ou uma criança, ele pode participar deste movimento sem nenhuma dificuldade. Outros sistemas de auto-realização, o processo de *jñāna* ou o processo de *yoga*, também são reconhecidos, mas não é possível praticá-los nesta era. Esse é o veredicto dos *Vedas*. Na Satya-yuga, a Era Dourada, era possível executar o processo de meditação. Vālmīki Muni, por exemplo, meditou durante sessenta mil anos para obter a perfeição. Mas, e a nossa velhice? Além disso, para o processo de meditação, como se descreve no *Bhagavad-gītā*, deve-se escolher um local solitário, deve-se executá-lo sozinho, sentar-se com uma postura rígida, observar celibato completo e assim por diante. Há muitas regras e regulações. Assim, a meditação da *aṣṭāṅga-yoga* não é possível. Se alguém se contenta em imitar, isso é diferente, mas se alguém quer a perfeição, deve então executar todos os oito estágios da *aṣṭāṅga-yoga*. Mas se isto não é possível, então é perda de tempo.

Qual é a meta final do processo de *yoga* ou meditação? Contato com o Supremo, a Superalma, o Senhor Supremo, é o objetivo e objeto de todos os processos de *yoga*. De modo semelhante, a investigação filosófica, o processo de *jñāna*, também visa à compreensão do Brahman Supremo. São estes os processos reconhecidos, indubitavelmente, mas, segundo descrições autorizadas, eles não são práticos nesta Era de Ferro, ou de Kali. Portanto, temos de adotar este processo de *hari-kīrtana*. Qualquer um pode praticá-lo sem nenhum pré-requisito. Não é preciso estudar filosofia ou *Vedānta*. Este foi o significado do encontro do Senhor Caitanya com Prakāśānanda Sarasvatī.

Quando a filosofia *Vedānta* foi amplamente discutida entre o Senhor Caitanya e Prakāśānanda Sarasvatī, primeiramente Prakāśānanda Sarasvatī perguntou a Caitanya Mahāprabhu: “Sei que Vós fostes um grande erudito em Vossos verdes anos. (O Senhor Caitanya foi realmente um grande erudito. Ele era chamado Nimāi Pandita, e aos dezesseis anos derrotou um grande erudito de Kashmir, Keśava Kaśmīrī.) E sei, também, que sois muito versado em sânscrito, e que especialmente em lógica sois acadêmico muito erudito. Além disso, nascestes em família *brāhmaṇa*, e agora sois um *sannyāsī*. Como é, então, que estais cantando e dançando, em vez de ler o *Vedānta*?” Esta foi a primeira pergunta feita por Prakāśānanda Sarasvatī, e o Senhor Caitanya respondeu: “Sim, a razão é que, quando fui iniciado por Meu mestre espiritual, ele disse que sou o tolo número um. “Não discutas o *Vedānta*,” disse-Me ele, “Vais simplesmente perder Teu tempo. Simplesmente adota este cantar de Hare Kṛṣṇa, que serás bem-sucedido”. Esta foi a resposta dEle. Evidentemente, Caitanya Mahāprabhu não era um tolo, e certamente o *Vedānta* não é para tolos. É preciso ter educação suficiente, e tem-se que alcançar determinado status antes que se possa compreender o *Vedānta*. Em todas e cada uma das palavras dessa obra há volumes de significados, e há muitos comentários de Śaṅkarācārya e Rāmānujācārya sobre essa mesma obra, volumes imensos em sânscrito. Mas como poderemos compreender o *Vedānta*? Isso não é possível. Talvez seja possível que uma ou duas pessoas o compreendam, mas para a massa popular, isso não acontecerá. Tampouco é possível praticar *yoga*. Portanto, se alguém adota o método de Caitanya

Mahāprabhu, cantar Hare Kṛṣṇa, o primeiro benefício será: o coração será purificado de todas as coisas sujas simplesmente pelo canto. Cantem. Não se gasta nada, nem se perde nada. Se alguém simplesmente cantar por uma semana, verá o quanto avançará em conhecimento espiritual.

Estamos atraindo muitos estudantes simplesmente cantando, e eles estão compreendendo toda a filosofia e se purificando. O movimento desta Sociedade começou há apenas quatro anos, em 1966, e já temos muitos centros. Os rapazes e moças americanos estão levando este movimento muito a sério, e eles estão felizes. Perguntem a qualquer um deles. Eles estão purificando o coração das coisas sujas, simplesmente por cantarem Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare.

O próximo ponto é: tão logo o coração se purifique de todas as coisas sujas, todos os problemas da existência material são imediatamente resolvidos. Compara-se este mundo a *dāvāgni*, que significa incêndio ardente na floresta. Nesta existência material, ninguém quer infelicidade, mas ela vem à força. Esta é a lei da natureza material. Ninguém quer incêndios, mas, onde quer que vamos em uma cidade, o corpo de bombeiros está sempre ativo. Sempre há incêndios. De modo semelhante há muitas coisas que ninguém quer. Ninguém quer a morte — mas a morte existe. Ninguém quer doenças — mas há doenças. Ninguém quer envelhecer — mas a velhice existe. Essas coisas existem, contra nossa vontade, contra nosso desejo.

Assim, devemos considerar o estado desta existência material. Esta forma humana de vida destina-se à compreensão, e não ao desperdício de tão valiosa vida, como fazem os animais ao comer, dormir, acasalar-se e defender-se. Isso não é avanço de civilização. O *Bhāgavatam* diz que este corpo não é feito para se trabalhar arduamente visando apenas ao gozo dos sentidos.

Trabalhar arduamente e satisfazer-se através do gozo dos sentidos é a ocupação de porcos, e não de seres humanos. O ser humano deve aprender *tapasya*. Especialmente na Índia, tantos grandes sábios, tantos grandes reis e tantos *brahmacārīs* e *sannyāsīs* têm passado suas vidas em rigorosa *tapasya* a fim de cessar o dormir. O Senhor Buddha foi um príncipe que renunciou a tudo e ocupou-se em *tapasya*. Isto é vida. Quando o rei Bharata, sob cujo nome a Índia foi denominada Bhārata-varṣa, tinha vinte e quatro anos de idade, ele abandonou seu reino, sua jovem esposa e jovens filhos e foi embora para praticar *tapasya*. Quando o Senhor Caitanya Mahāprabhu tinha apenas vinte e quatro anos, abandonou Sua jovem esposa, mãe, tudo. Há muitíssimos exemplos disso. A Índia é a terra da *tapasya*, mas estamos nos esquecendo disso. Agora estamos fazendo dela a terra da tecnologia. É surpreendente que a Índia não esteja mais propagando esta *tapasya*, pois a Índia é a terra de *dharma*.

Mas isso não está acontecendo apenas na Índia; em toda a parte nesta era de ferro tudo está degradado. Nesta era de Kali a duração da vida decresce, e os homens não se inclinam a compreender a auto-realização, e quando o fazem, invariavelmente eles são desencaminhados por vários líderes enganadores. Essa era é muito corrupta. Portanto, o processo de Caitanya Mahāprabhu de cantar Hare Kṛṣṇa é o método melhor e mais simples.

“Nesta era de Kali, não há outra religião além da glorificação do Senhor através do cantar de Seu santo nome, e este é o preceito de todas as escrituras reveladas. Não há outra maneira, não há outra maneira, não há outra maneira”. Este verso aparece no *Bṛhan-nāradya Purāna*. Simplesmente cante Hare Kṛṣṇa. Não há outra alternativa. Nesta era, Kali, não há outra alternativa para a auto-realização. Portanto temos de aceitá-la.

Há outro verso semelhante no *Śrīmad-Bhāgavatam*. No Décimo Segundo Canto, Terceiro Capítulo, Parīkṣit Mahārāja foi informado por Śukadeva Gosvāmī a respeito das faltas desta era, e agora todos os sintomas da era de Kali se manifestam. Na parte conclusiva, entretanto, Śukadeva Gosvāmī disse: “Meu caro rei, esta era, Kali, é cheia de coisas defeituosas; resta, porém, uma única boa oportunidade”. Qual é? “Simplesmente por cantar este *mantra* Hare Kṛṣṇa, uma pessoa pode liberar-se e voltar ao Supremo”.

Isto é prático e autorizado, e podemos também pôr-nos à prova para ver o quanto estamos avançando simplesmente por cantarmos. Este movimento da consciência de Kṛṣṇa não é algo novo, algo que tenhamos introduzido ou fabricado. Ele é autorizado com base nos princípios védicos, autorizado por *ācāryas* como Caitanya Mahāprabhu e outros. O método é muito simples e sem perdas a lamentar. Não cobramos nada, não exigimos mensalidades, nem, damos às pessoas algum *mantra* secreto, nem lhes prometemos que dentro de seis meses tornar-se-ão Deus. Não. Este movimento é aberto a todos — crianças, mulheres, moças, rapazes, pessoas idosas — todos podem cantar e ver os resultados.

Para incrementar este objetivo, não estabelecemos apenas Nova Vṛndāvana, nosso projeto rural na Virgínia Ocidental, mas também estamos estabelecendo outras comunidades espirituais, tais como Nova Navadvīpa e Nova Jagannātha Purī. Já inauguramos Nova Jagannātha Purī em São Francisco, e o festival Ratha-yātrā já está acontecendo. Este ano, também em Londres, haverá uma grande cerimônia de Ratha-yātrā. Haverá três carros, para Jagannātha, Subhadrā e Balarāma, e eles serão conduzidos até o rio Tāmisa. Se a América importou Nova Inglaterra e Nova Iorque, por que não, então, Nova Vṛndāvana? Devemos estabelecer esta Nova Vṛndāvana especialmente porque o Senhor Caitanya recomendou: “Kṛṣṇa, o filho de Nanda Mahārāja, na Vṛndāvana-dhāma de Vrajabhūmi, é a suprema Deidade adorável, e Seu lugar Vṛndāvana também é adorável”. Os rapazes e moças ocidentais estão aceitando a consciência de Kṛṣṇa, e devem ter um lugar como Vṛndāvana. Em Vṛndāvana, existem cinco mil templos de Rādhā-Kṛṣṇa, mas os templos mais importantes são sete, estabelecidos pelos Gosvāmīs. Nosso projeto é viver em Nova Vṛndāvana, depender da agricultura e das vacas como solução econômica, e pacificamente executar a consciência de Kṛṣṇa, cantar Hare Kṛṣṇa — este é o esquema de Vṛndāvana. Esta forma humana de vida não se destina a fomentar necessidades artificiais. Devemos nos satisfazer apenas com manter-nos vivos, e no resto do tempo devemos fomentar nossa consciência de Kṛṣṇa para que, após deixarmos este corpo, não tenhamos de aceitar outro corpo material, senão que sejamos aptos a voltar ao lar, voltar ao Supremo. Este deve ser o lema da vida humana.

Vida material significa comer, dormir, acasalar-se e defender-se, mas vida espiritual significa algo mais que isso. Esta também é a diferença entre vida animal e vida humana. Na vida animal, a fórmula comum é comer, dormir, acasalar-se e defender-se. O cão come, o homem também come. O homem dorme, e o cão também dorme. O homem faz sexo, e o cão também faz sexo. O cão se defende a seu modo, e o homem também se defende a seu modo, talvez com bombas atômicas. Estes quatro princípios são comuns para seres humanos e animais, e o avanço desses quatro princípios não é civilização humana, mas sim civilização animal. Civilização humana significa: “Agora é hora de indagar sobre o Brahman”. Isso é vida humana. Enquanto uma pessoa não é espiritualmente inquisitiva, ela é um animal porque vive de acordo com esses quatro princípios e nada mais. Ela deve ser inquisitiva para saber o que ela é e por que foi posta nessas misérias de nascimento, morte, velhice e doença. Acaso há para isso algum remédio? Esses assuntos devem ser questionados. Isso é vida humana; isso é vida espiritual.

Vida espiritual significa vida humana, e vida material significa vida animal, Isso é tudo. Temos de fazer os ajustes que são recomendados no *Bhagavad-gītā*. Por exemplo: não é porque queira ser um homem espiritual que vou deixar de comer. Pelo contrário, meu comer deve ser ajustado. O *Bhagavad-gītā* descreve que espécie de alimento é de primeira classe, em bondade, e que espécie de alimento está em paixão, e terceira classe, em ignorância. Temos de nos elevar à plataforma sãtvica (de bondade) da civilização humana, e daí reviver nossa consciência transcendental, ou consciência de Kṛṣṇa. Encontra-se tudo isto nos *sāstras*. Porém, infelizmente, não os consultamos.

A menos que nos libertemos das garras desses três modos da natureza material, não podemos compreender Deus. Devemos ser almas com compreensão de Brahman.

Estes preceitos existem, de modo que devemos tirar proveito desses *sāstras* e pregar. Essa é a responsabilidade dos homens inteligentes. A massa popular sabe que Deus é grande, mas eles não sabem o quanto Deus realmente é grande. Poderemos encontrar isso na literatura védica. Nesta era de ferro nosso dever é esse. *Hari-kīrtana* é isso: glorificação do Supremo.

## Meditação e o eu interior

*Pode a meditação resolver os problemas de nosso dia-a-dia? Acaso há vida após a morte? Podem as drogas nos ajudar a alcançar a auto-realização? Durante uma visita à África do Sul, Śrīla Prabhupāda responde a essas e outras perguntas do entrevistador Bill Faill do Natal Mercury de Durban.*

Śrīla Prabhupāda: *Kṛṣṇa* é um nome de Deus que significa “todo-atrativo”. A menos que alguém seja todo-atrativo ele não pode ser Deus. Assim, consciência de Kṛṣṇa significa consciência de Deus. Todos nós somos pequenas partículas de Deus, iguais a Ele em qualidade. Nossa posição como entidades vivas é como a de uma pequena partícula de ouro em relação com uma grande quantidade de ouro.

Sr. Faill: Somos algo parecido com centelhas de um fogo?

Śrīla Prabhupāda: Sim. Tanto o fogo quanto a centelha são fogo, mas este é grande ao passo que aquela é muito pequena. Diferentemente da relação entre a centelha e o fogo, contudo, nossa relação com Deus é eterna, embora no momento atual estejamos esquecidos dessa relação devido ao contato com a energia material. Estamos enfrentando muitos problemas apenas por causa deste esquecimento. Se pudermos reviver nossa consciência de Deus original, tornar-nos-emos felizes. Esta é a essência da consciência de Kṛṣṇa. Não há melhor processo através do qual possamos reviver nossa original consciência de Deus. Há diferentes processos de auto-realização, mas na atual era de Kali, as pessoas são muito caídas, e por isso precisam do processo simples da consciência de Kṛṣṇa. Agora elas estão pensando que o dito avanço material é a solução para seus problemas, mas isto não é um fato. A verdadeira solução é sair integralmente da condição material, tornando-se consciente de Kṛṣṇa. Porque Deus é eterno, nós também somos eternos, mas, na condição material, pensamos: “eu sou este corpo,” e por isso temos de mudar de um corpo para outro, repetidamente. A causa disto é a ignorância. Na verdade, nós não somos nossos corpos, mas sim centelhas espirituais, partes integrantes de Deus.

Sr. Faill: Então o corpo é assim como um veículo para a alma?

Śrīla Prabhupāda: Sim. Ele é como um automóvel. Assim como o senhor vai de um lugar para outro de carro, da mesma forma, devido à invenção mental na condição material de vida, saltamos de uma posição a outra, tentando tornar-nos felizes. Mas nada nos fará felizes a menos que cheguemos à nossa verdadeira posição, que é a de partes integrantes de Deus, sendo nossa ocupação real associar-nos com Deus e ajudar todas as entidades vivas, cooperando com Ele. A vida humana civilizada só é alcançada após uma longa evolução através de 8.400.000 espécies de vida. Assim, se não tiramos proveito desta vida humana civilizada para compreender quem é Deus, quem somos nós e que relação temos com Ele, mas, ao invés, simplesmente desperdiçarmos nossa vida como cães e gatos, andando de um lado para outro atrás de gozo dos sentidos então teremos perdido uma grande oportunidade. O movimento para consciência de Kṛṣṇa destina-se a ensinar às pessoas como tirar proveito integral da forma humana de vida, tentando compreender Deus e nosso relacionamento com Ele.

Sr. Faill: Se não nos aproveitamos bem desta vida, obtemos uma segunda oportunidade em outra vida?

Śrīla Prabhupāda: Sim. De acordo com seus desejos no momento da morte, o senhor obtém outro corpo. Ninguém pode garantir que esse corpo vá ser um corpo humano, porém, como eu já expliquei, há 8.400.000 diferentes formas de vida. O senhor pode entrar em qualquer uma delas, de acordo com sua condição mental à hora da morte. Aquilo em que pensamos no momento da morte depende de como agimos durante nossa vida. Enquanto estamos em

consciência material, nossas ações estão sob o controle da natureza material, que está sendo conduzida de três modos: bondade, paixão e ignorância. Esses modos são como as três cores primárias — amarelo, vermelho e azul. Assim como podemos misturar vermelho, amarelo e azul para produzir milhões de cores, os modos da natureza estão sendo misturados para produzir muitas variedades de vida. Para pararmos com a repetição de nascimento e morte em diferentes formas de vida, temos de transcender a cobertura da natureza material e chegar à plataforma de consciência pura. Mas, se não aprendermos a ciência transcendental da consciência de Kṛṣṇa, à hora da morte teremos de nos transferir para outro corpo, ou melhor ou pior que o atual. Se cultivarmos o modo da bondade, seremos promovidos ao sistema planetário superior, onde há um padrão melhor de vida. Se cultivarmos o modo da paixão, permaneceremos no estágio atual. Mas, se por ignorância, cometermos atividades pecaminosas e violamos as leis da natureza, seremos degradados à vida de animal ou de planta. Daí novamente teremos que evoluir à forma humana, um processo que poderá levar milhões de anos. Por isso, um ser humano deve ser responsável. Ele deve aproveitar-se da rara oportunidade da vida humana, compreendendo sua relação com Deus e agindo de acordo com essa relação. Então ele poderá sair do ciclo de nascimento e morte em diferentes formas de vida e voltar ao lar, voltar ao Supremo.

Sr. Faill: O senhor acha que a meditação transcendental está ajudando as pessoas?

Śrīla Prabhupāda: Elas não sabem o que é verdadeira meditação. Sua meditação não passa de mera farsa — outro processo enganador de ditos *svāmīs* e *yogīs*. O senhor me pergunta se a meditação está ajudando as pessoas, mas o senhor sabe o que é meditação?

Sr. Faill: Um apaziguamento da mente — tentar situá-la no centro sem oscilar para lado algum.

Śrīla Prabhupāda: E qual é o centro?

Sr. Faill: Não sei.

Śrīla Prabhupāda: Bem, todos estão conversando muito sobre meditação, mas ninguém sabe realmente o que é meditação. Esses trapaceiros usam a palavra “meditação,” mas não conhecem o tema adequado da meditação. Eles estão simplesmente fazendo propaganda falsa.

Sr. Faill: Acaso a meditação não é valiosa apenas pelo fato de fazer com que as pessoas pensem corretamente?

Śrīla Prabhupāda: Não. Verdadeira meditação significa atingir um estado em que a mente se sature de consciência de Deus. Mas se o senhor não sabe o que é Deus, como poderá meditar? Além disso, nesta era as mentes das pessoas são tão agitadas que elas não conseguem se concentrar. Eu já vi esta assim chamada meditação; eles simplesmente dormem e roncam. Infelizmente, em nome da consciência de Deus ou “auto-realização,” muitos trapaceiros estão apresentando métodos inautênticos de meditação, sem se referirem aos livros autorizados de conhecimento védico. Eles estão simplesmente praticando um outro tipo de exploração.

Sr. Faill: E o que o senhor diz dos outros mestres, como Ouspensky e Gurdjieff? No passado, eles trouxeram para o Ocidente uma mensagem semelhante à sua.

Śrīla Prabhupāda: Teríamos de estudar os pormenores de seus ensinamentos para saber se eles estão à altura do padrão védico. Consciência de Deus é uma ciência, assim como a ciência médica ou qualquer outra ciência. Ela não pode ser diferente por ser proferida por homens diferentes. Dois mais dois fazem quatro em toda a parte, e não cinco, ou três. Isso é ciência.

Sr. Faill: O senhor acha que outras pessoas teriam possivelmente ensinado o genuíno método de consciência de Deus?

Śrīla Prabhupāda: A menos que eu estudasse seus ensinamentos detalhadamente, seria muito difícil dizer. Existem muitos trapaceiros.

Sr. Faill: Que estão fazendo isso só por dinheiro.

Śrīla Prabhupāda: Isso é tudo. Eles não têm um método legítimo. Por isso, estamos apresentando o *Bhagavad-gītā* *Como Ele É*, sem nenhuma interpretação pessoal. Este é o padrão.

Sr. Faill: Sim, se o senhor começar a enfeitar as coisas, inevitavelmente muda-las-á.

Śrīla Prabhupāda: A consciência de Kṛṣṇa não é um processo novo. É antiquíssimo — e legítimo. Não pode ser mudado. Tão logo se tente mudá-lo, perde-se a potência. Esta potência é como a eletricidade. Se o senhor quiser gerar eletricidade, terá que seguir os regulamentos padronizados, dispendo os pólos negativos e positivos adequadamente. O senhor não pode construir o gerador caprichosamente e mesmo assim produzir eletricidade. De modo semelhante, há um método padrão de compreensão da filosofia consciente de Kṛṣṇa a partir de autoridades competentes. Se lhes seguirmos as instruções, o processo surtirá efeito. Infelizmente, uma das doenças perigosas do homem moderno é que todos querem fazer as coisas de acordo com seus próprios caprichos. Ninguém quer seguir o método padrão. Portanto todos estão fracassando, tanto espiritual quanto materialmente.

Sr. Faill: O movimento da consciência de Kṛṣṇa está crescendo?

Śrīla Prabhupāda: Ah, sim! E muito. Talvez o senhor fique surpreso de saber que estamos vendendo livros aos milhares. Temos cerca de cinquenta livros, e muitos bibliotecários e professores universitários os apreciam muito porque, antes destas publicações, nada existia a respeito. Esta é uma nova contribuição para o mundo.

Sr. Faill: Consciência de Kṛṣṇa parece exigir cabeça rapada e uso de vestes açafroadas. Como pode um homem comum, envolvido com vida familiar, praticar a consciência de Kṛṣṇa?

Śrīla Prabhupāda: As vestes açafroadas e a cabeça rapada não são coisas essenciais, embora criem uma boa situação mental, assim como quando um militar está vestido devidamente ele adquire energia — ele se sente como um militar. Acaso isso significa que a menos que esteja uniformizado ele não poderá lutar? Não. Da mesma forma, não se pode reprimir a consciência de Deus — ela pode ser revivida em quaisquer circunstâncias — mas determinadas condições são úteis. Por isso, prescrevemos que o senhor deve viver de certa maneira, vestir-se de certa maneira, comer de certa

maneira e assim por diante. Essas coisas nos ajudam a praticar a consciência de Kṛṣṇa, mas não são coisas essenciais. Sr. Faill: Então uma pessoa pode ser estudante da consciência de Kṛṣṇa ao mesmo tempo que leva sua vida diária normal?

Śrīla Prabhupāda: Sim.

Sr. Faill: E quanto às drogas? Elas podem ajudar no processo de compreensão de Deus?

Śrīla Prabhupāda: Se as drogas pudessem ajudar na compreensão de Deus, essas drogas seriam mais poderosas que Deus. Como poderíamos aceitar isso? As drogas são substâncias químicas, são materiais. Como pode algo material ajudar-nos a compreender Deus, que é todo-espiritual? Isso é impossível. O que alguém experimenta tomando drogas não passa de um tipo de intoxicação ou alucinação; isso não é compreensão de Deus.

Sr. Faill: O senhor acha que os grandes místicos desde eras passadas até hoje têm realmente visto a centelha espiritual que o senhor mencionou antes?

Śrīla Prabhupāda: O que o senhor quer dizer com “místicos”?

Sr. Faill: É apenas um nome dado às pessoas que tenham tido experiência de outro nível de realidade.

Śrīla Prabhupāda: Nós não usamos a palavra “místico”. Nossa realidade é a compreensão de Deus, que ocorre quando chegamos à plataforma espiritual. Enquanto temos um conceito corpóreo da vida nosso entendimento é gozo dos sentidos porque o corpo é feito de sentidos. Quando progredimos da plataforma corpórea e vemos a mente como o centro da atividade sensorial, consideramos a mente como estágio final de realização. Esta é a plataforma mental. Da plataforma mental podemos chegar à plataforma intelectual, e da plataforma intelectual podemos elevar-nos à plataforma transcendental. Finalmente, podemos elevar-nos acima inclusive da plataforma transcendental e chegar à plataforma espiritual, madura. Esses são os estágios de compreensão de Deus. Entretanto, nesta era, porque as pessoas são tão caídas, os *sāstras* (escrituras) fazem recomendação especial de que as pessoas cheguem diretamente à plataforma espiritual cantando os santos nomes de Deus: Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare / Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. Se cultivarmos esta prática na plataforma espiritual, imediatamente poderemos compreender nossa identidade espiritual. Então o processo de compreensão de Deus tornar-se bem-sucedido muito rapidamente.

Sr. Faill: Hoje em dia muitas pessoas estão dizendo que devemos buscar a verdade dentro de nós, em vez de externamente no mundo dos sentidos.

Śrīla Prabhupāda: Buscar dentro de si significa saber que o senhor é uma alma espiritual. A menos que o senhor entenda que não é o corpo, mas sim uma alma, a busca interior não é possível.

Primeiramente, temos de estudar: “Eu sou este corpo, ou sou algo dentro deste corpo?” Infelizmente, este assunto não é ensinado em nenhuma escola, faculdade ou universidade. Todos estão pensando: “Eu sou este corpo”. Por exemplo, neste país em toda a parte as pessoas estão pensando: “Eu sou africano do sul, eles são indianos, eles são gregos”, e assim por diante. Na realidade, todos, no mundo inteiro, estão na concepção corpórea da vida. A consciência de Kṛṣṇa começa quando nos situamos acima desta concepção corpórea.

Sr. Faill: Então o reconhecimento da centelha espiritual vem em primeiro lugar?

Śrīla Prabhupāda: Sim. Reconhecer a existência da alma espiritual dentro do corpo é o primeiro passo. A menos que se entenda este simples fato, não há possibilidade de avanço espiritual.

Sr. Faill: Acaso é uma questão de apenas compreender isto intelectualmente?

Śrīla Prabhupāda: No começo, sim. Há dois departamentos de conhecimento: o teórico e o prático. Primeiramente, devemos aprender a ciência espiritual teoricamente; depois, trabalhando na plataforma espiritual, chegamos ao ponto da compreensão prática.

Infelizmente, hoje em dia quase todo o mundo está na escuridão da concepção corpórea da vida. Portanto, este movimento é muito importante porque pode tirar os homens civilizados dessa escuridão. Enquanto estiverem na concepção corpórea da vida, eles não passarão de animais. “Eu sou um cachorro”, “eu sou um gato”, “eu sou uma vaca”. Os animais pensam assim. Assim que alguém passa, o cachorro ladra, pensando: “Eu sou um cachorro. Fui posto aqui para vigiar a casa”. De forma semelhante, se eu adotar a mentalidade do cachorro e desafiar os estrangeiros assim: — “Por que você veio a este país? Por que você está invadindo o nosso terreno?” — qual será, então, a diferença entre o cachorro e eu?

Sr. Faill: Não haverá diferença. Mudando um pouco de assunto, é necessário seguir certos hábitos alimentares para praticar vida espiritual?

Śrīla Prabhupāda: Sim, todo o processo destina-se a nos purificar, e comer faz parte dessa purificação. Creio que vocês têm um ditado: “Você é o que come,” e isso é um fato. Nossa constituição corpórea e atmosfera mental são determinadas de acordo com — como e o que comemos. Portanto, os *sāstras* recomendam que, para nos tornarmos conscientes de Kṛṣṇa, devemos comer os restos de alimento deixado por Kṛṣṇa. Se um paciente de tuberculose come algo e o senhor lhe come os restos, o senhor será contagiado pela tuberculose. De modo semelhante, se o senhor comer *kṛṣṇa-prasāda*, então será contagiado pela consciência de Kṛṣṇa. Assim nosso processo consiste em não comermos nada imediatamente. Primeiramente, oferecemos o alimento a Kṛṣṇa, depois o comemos. Isto nos ajuda a avançar em consciência de Kṛṣṇa.

Sr. Faill: Vocês são todos vegetarianos?

Śrīla Prabhupāda: Sim, porque Kṛṣṇa é vegetariano. Kṛṣṇa pode comer qualquer coisa porque Ele é Deus, mas no *Bhagavad-gītā* (9.26) Ele diz: “Se alguém Me oferece, com amor e devoção, uma folha, uma flor, frutas ou água, Eu aceito”. Ele nunca diz: “Dai-Me carne e vinho”.

Sr. Faill: E quanto ao tabaco?

Śrīla Prabhupāda: O tabaco também é um intoxicante. Nós já estamos intoxicados por estarmos na concepção corpórea da vida, e, se aumentarmos a intoxicação, estaremos perdidos.

Sr. Faill: O senhor quer dizer que coisas como carne, álcool e tabaco apenas consolidam a consciência corpórea?

Śrīla Prabhupāda: Sim. Suponha que o senhor tem uma doença e quer se curar. O senhor tem de seguir as instruções de um médico. Se ele disser: “Não coma isto; só coma aquilo”, o senhor terá de seguir esta prescrição. De modo semelhante, nós também temos uma prescrição para nos curar da concepção corpórea da vida: cantar Hare Kṛṣṇa, ouvir sobre as atividades de Kṛṣṇa e comer *prasāda*. Este tratamento é o processo da consciência de Kṛṣṇa.

## VI: Encontrando a cura para as doenças sociais de hoje em dia

### Crime: por que e o que fazer?

Nesta entrevista de julho de 1975, o relações públicas do Departamento Policial de Chicago, Tenente David Mozee, indaga acerca de conter o sempre crescente índice de criminalidade nos Estados Unidos. Śrīla Prabhupāda responde: “Se os seres humanos não tiverem oportunidade de aprender sobre Deus, eles permanecerão ao nível de cães e gatos. Não é possível haver paz numa sociedade de cães e gatos... O ladrão e o assassino já conhecem a lei, contudo ainda cometem crimes violentos devido a seus corações impuros. De maneira que nosso processo consiste em purificar o coração”.

Tenente Mozee: Fiquei sabendo que o senhor tem algumas idéias que poderiam nos ajudar em nossos esforços para prevenir o crime. Eu estou muito interessado em ouvi-las.

Śrīla Prabhupāda: A diferença entre um homem piedoso e um criminoso é que um é puro de coração e o outro é impuro. Esta impureza é como uma doença sob a forma de luxúria e cobiça incontroláveis no coração do criminoso. Hoje em dia as pessoas em geral estão nesta condição mórbida, e por conseguinte o crime está se propagando tanto. Quando as pessoas se purificarem dessas impurezas, o crime desaparecerá. O processo mais simples de purificação é reunir-se em congregação e cantar os santos nomes de Deus. Isto se chama *saṅkīrtana* e é a base de nosso movimento para a consciência de Kṛṣṇa. Então, se o senhor quer parar com o crime, o senhor deve reunir o maior número de pessoas possível para um *saṅkīrtana* de massa. Este canto congregacional do santo nome de Deus dissipará todas as coisas impuras no coração de todos. Então não haverá mais crime.

Tenente Mozee: O senhor acha que o crime aqui nos Estados Unidos é de alguma forma diferente do crime em seu próprio país, Índia?

Śrīla Prabhupāda: Qual é a sua definição de crime?

Tenente Mozee: Qualquer usurpação dos direitos de uma pessoa por parte de outra pessoa.

Śrīla Prabhupāda: Sim. Nossa definição é a mesma. Nos *Upaniṣads* se diz: “Tudo pertence a Deus”. Portanto, todos têm o direito de utilizar tudo o que lhes seja dado por Deus, mas não se deve usurpar a propriedade dos outros. Se alguém o faz, torna-se um criminoso. Na verdade, o primeiro crime é que vocês, americanos, estão pensando que esta terra da América é de vocês. Embora há duzentos anos atrás ela não fosse de vocês, vocês vieram de outras partes do mundo e declararam que essa terra era de vocês. Na realidade, essa terra é de Deus, e por isso pertence a todos, visto que todos são filhos de Deus. Porém, a grande maioria das pessoas não tem conceito de Deus. Praticamente falando, todos são ateus. Portanto eles devem ser educados no amor a Deus. Na América, o seu governo tem um slogan: “Em Deus confiamos”. Não é assim?

Tenente Mozee: Sim.

Śrīla Prabhupāda: Mas onde está a educação sobre Deus? Confiar é ótimo, mas a simples confiança não vai perdurar a menos que seja baseada em conhecimento científico de Deus. Pode ser que alguém saiba que tem um pai, mas a menos que ele saiba quem é seu pai, seu conhecimento é imperfeito. E essa educação na ciência de Deus está faltando.

Tenente Mozee: O senhor acha que ela está faltando apenas aqui nos Estados Unidos?

Śrīla Prabhupāda: Não. Em toda a parte. A era em que vivemos chama-se Kali-yuga, a era do esquecimento de Deus. É uma era de mal-entendidos e desavenças, e os corações das pessoas estão cheios de coisas impuras. Mas Deus é tão poderoso que, se cantamos Seu santo nome, purificamo-nos, assim como meus discípulos, purificaram-se de seus maus hábitos. Nosso movimento baseia-se neste princípio de cantar o santo nome de Deus. Damos a oportunidade a todos, sem nenhuma distinção. Eles podem vir a nosso templo, cantar o *mantra* Hare Kṛṣṇa, tomar um pouco de *prasāda* (alimento oferecido primeiramente ao Senhor) para revigorar-se, e purificar-se gradualmente. Assim, se as autoridades governamentais nos derem algumas facilidades, poderemos, então, promover *saṅkīrtana* em massa. Daí, sem sombra de dúvida, toda a sociedade mudará.

Tenente Mozee: Se o entendo corretamente, o senhor está dizendo que devemos enfatizar um retorno aos princípios religiosos.

Śrīla Prabhupāda: Sem dúvida. Sem princípios religiosos, qual é a diferença entre um cachorro e um homem? O homem pode compreender a religião, mas o cachorro não. Esta é a diferença. Então, se a sociedade humana permanece ao nível de cães e gatos, como pode o senhor esperar uma sociedade pacífica? Se o senhor pegar uma dúzia de cachorros e colocá-los juntos num cômodo, será possível mantê-los pacíficos? Semelhantemente, se a sociedade humana está cheia de homens cuja mentalidade está ao nível da dos cães, como pode o senhor esperar paz?

Tenente Mozee: Se algumas de minhas perguntas parecem desrespeitosas, isto é apenas porque não compreendo perfeitamente suas crenças religiosas. Não tenho a menor intenção de desrespeitá-lo.

Śrīla Prabhupāda: Não, não se trata de minhas crenças religiosas. Estou simplesmente chamando a atenção para a distinção entre vida humana e vida animal. Os animais não podem em hipótese alguma aprender algo sobre Deus, mas os seres humanos podem-no. Entretanto, se os seres humanos não têm oportunidade de aprender sobre Deus, então eles permanecem ao nível de cães e gatos. Não pode haver paz numa sociedade de cães e gatos. Portanto, é dever das

autoridades governamentais cuidar para que as pessoas aprendam como tornar-se conscientes de Deus. Caso contrário, haverá problemas, porque sem consciência de Deus não há diferença entre um cão e um homem: o cão come, nós também; o cão dorme, nós dormimos; o cão faz sexo, nós fazemos sexo; o cão tenta defender-se, e nós também tentamos defender-nos. Esses são os fatores comuns. A única diferença é que o cão não pode ser instruído sobre sua relação com Deus, ao passo que o homem pode.

Tenente Mozee: Acaso não seria a paz um precursor de um retorno à religião? Não precisaríamos primeiramente ter paz?

Śrīla Prabhupāda: Não, não, essa é a dificuldade. No momento atual, ninguém conhece realmente o significado de religião. Religião significa obedecer às leis de Deus, assim como boa cidadania significa obedecer às leis do governo. Porque ninguém tem compreensão alguma de Deus, ninguém conhece as leis de Deus ou o significado de religião. Esta é a situação atual das pessoas na sociedade de hoje em dia. Elas estão desconhecendo a religião, considerando-a um tipo de fé. Fé pode ser fé cega. Fé não é a verdadeira descrição de religião. Religião significa as leis dadas por Deus, e qualquer um que siga essas leis é religioso, quer seja cristão, hindu ou muçulmano.

Tenente Mozee: Com todo o devido respeito, não é verdade que na Índia, onde os costumes religiosos têm sido seguidos por séculos e séculos, estamos presenciando, não um retorno, mas um afastamento da vida espiritual?

Śrīla Prabhupāda: Sim, mas isto é devido apenas a má liderança. Por outro lado, a grande maioria do povo indiano é plenamente consciente de Deus, e eles tentam seguir as leis de Deus. Aqui no Ocidente, mesmo eminentes professores universitários não crêem em Deus ou em vida após a morte. Mas na Índia, mesmo o homem mais pobre crê em Deus e numa próxima vida. Ele sabe que se cometer pecado sofrerá e se agir piedosamente desfrutará. Até hoje em dia, se há um desacordo entre dois aldeões, eles vão ao templo para resolvê-lo, porque todos sabem que os adversários hesitarão em falar mentiras perante as Deidades. Assim, sob muitos aspectos, a Índia ainda é oitenta por cento religiosa. Esse é o privilégio especial de nascer na Índia, e a responsabilidade especial também. Śrī Caitanya Mahāprabhu diz: “Qualquer um que tenha nascido na Índia deve fazer sua vida perfeita tornando-se consciente de Kṛṣṇa. Depois, ele deve distribuir consciência de Kṛṣṇa em todo o mundo”.

Tenente Mozee: Senhor, há uma parábola cristã que diz ser mais fácil um camelo passar pelo orifício de uma agulha do que um rico chegar perante o trono de Deus. O senhor acha que a riqueza dos Estados Unidos e outros países ocidentais é um obstáculo para a fé espiritual?

Śrīla Prabhupāda: Sim. Riqueza em excesso é um obstáculo. Kṣna afirma no *Bhagavad-gītā* (2.44): Se alguém é materialmente muito opulento, ele se esquece de Deus. Portanto riqueza material em excesso é uma desqualificação para se compreender Deus. Embora não haja leis absolutas de que somente o pobre pode compreender Deus, de um modo geral se alguém é extraordinariamente rico, sua única ambição é adquirir dinheiro, e é difícil para ele entender ensinamentos espirituais.

Tenente Mozee: Na América, aqueles que pertencem fé cristã também crêem nessas coisas. Não vejo grandes diferenças entre as crenças espirituais de um grupo religioso e as de outro.

Śrīla Prabhupāda: Sim, a essência de toda a religião é a mesma. Nossa proposta é que qualquer que seja o sistema religioso seguido, deve-se tentar compreender Deus e amá-LO. Se o senhor é cristão, não dizemos: “Isso não é bom; o senhor tem que ser como nós”. Nossa proposta é: quem quer que o senhor seja, cristão, muçulmano ou hindu, simplesmente tente compreender Deus e amá-LO.

Tenente Mozee: Se eu pudesse voltar ao objetivo original de minha vinda, eu perguntaria que conselho o senhor poderia dar para nos ajudar a reduzir o crime. Reconheço que o primeiro e mais importante método seria um retorno a Deus, como o senhor diz — e quanto a isso não há dúvida — mas há algo que pudéssemos fazer imediatamente para diminuir esta crescente mentalidade criminoso?

Śrīla Prabhupāda: Sim. Como já delineei no começo de nossa conversa, o senhor deve dar-nos a oportunidade de cantar o santo nome de Deus e distribuir *prasaḍa*. Então haverá uma tremenda mudança na população. Eu vim sozinho da Índia e agora tenho muitos seguidores. Que fiz eu? Eu lhes pedia que se sentassem e cantassem o *mantra* Hare Kṛṣṇa, e depois disso distribuía um pouco de *prasaḍa* para eles. Se isso for feito em massa, toda a sociedade tornar-se-á bem comportada. Isto é um fato.

Tenente Mozee: O senhor gostaria de começar o programa numa área de afluência ou numa área de pobreza?

Śrīla Prabhupāda: Não fazemos tais distinções. Qualquer local, facilmente acessível a todos os tipos de homens seria bem adequado para fazermos *saṅkīrtana*. Não há restrição de que apenas os pobres necessitam do benefício, mas os ricos não. Todos precisam ser purificados. O senhor acha que a criminalidade existe apenas na seção mais pobre da sociedade?

Tenente Mozee: Não. O que eu quis perguntar foi se haveria uma influência mais benéfica — um fortalecimento maior para a comunidade — se o programa fosse feito numa área mais pobre em vez de em área abastada.

Śrīla Prabhupāda: Nosso tratamento é para a pessoa espiritualmente doente. Quando uma pessoa é afligida por uma doença, não há distinções entre o pobre e o rico. Ambos são admitidos no mesmo hospital. Assim como o hospital deve ser um local onde tanto pobres quanto ricos possam se chegar facilmente, a localização da realização do *saṅkīrtana* deve ser facilmente acessível a todos. Uma vez que todos estão materialmente infectados, todos devem ter o direito de serem socorridos.

A dificuldade é que o rico pensa ser perfeitamente saudável, apesar de ser o mais doente de todos. Mas, sendo um policial, o senhor sabe muito bem que há criminalidade tanto entre ricos quanto entre pobres. Assim, nosso processo de cantar é para todos porque esse processo purifica o coração, sem olhar a opulência ou a pobreza do homem. A única maneira de mudar permanentemente o hábito criminoso é mudar o coração do criminoso. Como o senhor



sabe muito bem, muitos ladrões são presos inúmeras vezes e postos na prisão. Embora eles saibam que se roubarem irão para a cadeia, ainda assim são impelidos a roubar por causa de seus corações impuros. Portanto, sem purificar o coração do criminoso, o senhor não pode acabar com o crime simplesmente através de coação legal mais estrita. O ladrão e o assassino já conhecem a lei, todavia continuam cometendo crimes violentos devido a seus corações impuros. Assim que nosso processo consiste em purificar o coração. Então todos os problemas deste mundo material serão resolvidos.

Tenente Mozee: Essa é uma tarefa muito difícil, senhor.

Śrīla Prabhupāda: Não é difícil. Simplesmente convide a todos: “Venham, cantem Hare Kṛṣṇa, dancem e tomem *prasāda* deliciosa”. Qual é a dificuldade? Estamos fazendo isso em nossos centros, e as pessoas estão vindo. Mas, porque temos pouco dinheiro, só podemos fazer *saṅkīrtana* em pequena escala. Convidamos a todos, e gradualmente as pessoas estão vindo a nossos centros e se tornando devotos. Se o governo nos desse uma facilidade maior, entretanto, poderíamos nos expandir ilimitadamente. E o problema é grande; senão, por que haveria artigos na imprensa nacional perguntando o que fazer? Nenhum estado civil quer esta criminalidade. Isto é um fato. Mas os líderes não sabem como acabar com ela. Se eles nos ouvissem, no entanto, poderíamos dar-lhes a resposta. Por que o crime? Porque as pessoas são ateístas. E o que fazer? Cantar Hare Kṛṣṇa e tomar *prasāda*. Se o senhor quiser, pode adotar este processo de *saṅkīrtana*. Caso contrário, nós continuaremos promovendo-o em pequena escala. Somos assim como um médico pobre com um pouco de prática que poderia abrir um grande hospital se lhe dessem a oportunidade. O governo é o executivo. Se eles aceitarem nosso conselho e adotarem o processo de *saṅkīrtana*, então o problema do crime será resolvido.

Tenente Mozee: Há muitas organizações cristãs nos Estados Unidos que dão a sagrada comunhão. Por que isso não funciona? Por que isso não está purificando o coração?

Śrīla Prabhupāda: Falando francamente, eu acho difícil encontrar uma única pessoa que seja realmente cristã. Os assim chamados cristãos não obedecem à ordem da Bíblia. Um dos dez mandamentos na Bíblia é: “Não matarás” Mas onde está o cristão que não mata comendo a carne da vaca? O processo de cantar o santo nome do Senhor e distribuir *prasāda* será eficiente se for executado por pessoas que estejam realmente praticando religião. Meus discípulos são treinados para seguir estritamente os princípios religiosos, e por isso eles cantarem o santo nome de Deus é diferente de outros cantarem. A posição deles não é apenas uma posição de rótulo. Eles têm compreendido o poder purificador do santo nome através da prática.

Tenente Mozee: Senhor, acaso a dificuldade não seria que, embora um pequeno círculo de sacerdotes e devotos siga princípios religiosos, aqueles que são marginais se desviem e causem problemas? Por exemplo, suponhamos que o movimento Hare Kṛṣṇa cresça em proporções gigantescas, como aconteceu com o cristianismo. Acaso o senhor não teria problemas com as pessoas marginalizadas do movimento que professassem ser seguidores mas realmente não o fossem?

Śrīla Prabhupāda: Essa possibilidade sempre existirá, mas o que estou dizendo é que se o senhor não for um cristão verdadeiro, então sua pregação não será eficiente. Ao passo que, por estarmos seguindo estritamente os princípios religiosos, nossa pregação é eficaz na propagação da consciência de Deus e na mitigação do problema do crime,

Tenente Mozee: Senhor, deixe-me agradecer-lhe por ter gasto seu tempo comigo. Apresentarei essa gravação a meus superiores. Espero que ela seja eficaz, assim como o senhor é eficaz

Śrīla Prabhupāda: Muito obrigado.

## Podemos impedir que a sociedade se transforme em sociedade de cães?

Śrīla Prabhupāda fala francamente ao Bhavan's Journal da Índia: “Um cão aparece quando há algo para comer: eu digo “passa!” e ele vai-se embora. Mas ele volta novamente — ele não tem memória. Assim, visto que nossa lembrança de Deus está se reduzindo, isso significa que nossas qualidades humanas estão se reduzindo... Não existe religião, mas simplesmente uma corrida de cães. O cão corre sobre quatro pernas, e vocês estão correndo sobre quatro rodas — isso é tudo. E vocês acham que a corrida sobre quatro rodas é avanço de civilização!”

Entrevistador: A primeira pergunta é a seguinte: “A influência da religião está em declínio? E se está, este fator tem algo a ver com o aumento de corrupção e a deterioração geral dos valores morais?”

Śrīla Prabhupāda: Sim, a religião está em declínio. Isso é predito no *Śrīmad-Bhāgavatam* (12.2.1): “Na Kali-yuga (a atual era de desavenças e hipocrisia) as seguintes coisas diminuirão: religião, veracidade, limpeza, misericórdia, duração de vida, força corporal e memória”.

Esses são bens humanos, que distinguem o ser humano do animal. Mas essas coisas declinarão. Não haverá misericórdia, não haverá veracidade, a memória será curta e a duração de vida será reduzida. De modo semelhante, a religião desaparecerá. Isso significa que gradualmente chegaremos à plataforma de animais.

Entrevistador: A religião desaparecerá? Nós nos tornaremos animais?

Śrīla Prabhupāda: Especialmente quando não há religião, isso não passa de vida animal. Qualquer homem comum pode distinguir que o cão não compreende o que é religião. O cão também é um ser vivo, mas ele não está interessado em compreender o *Bhagavad-gītā* ou o *Śrīmad-Bhāgavatam*. Ele não está interessado. Esta é a distinção entre homem e animal: o animal não está interessado.

Assim, quando os seres humanos perdem interesse por coisas religiosas, então eles são animais. E como pode haver felicidade ou paz numa sociedade animal? Eles querem manter as pessoas como animais, e estão fazendo as Nações Unidas. Como isso é possível? Animais unidos, sociedade para animais unidos? É isso o que está acontecendo.

Entrevistador: O senhor vê alguns sinais de esperança?

Śrīla Prabhupāda: Pelo menos eles percebem que a religião está em declínio. Isso é bom. “Declínio” significa que eles serão animais. Em lógica se diz que o homem é um animal racional. Quando falta a racionalidade, então ele é um simples animal, e não um ser humano. Na sociedade humana, ou você torna-se cristão, maometano, hindu ou budista; não importa. Tem de haver algum sistema de religião. Sociedade humana sem religião é sociedade animal. Este é um fato simples. Por que estão as pessoas tão infelizes atualmente? Porque não há religião. Elas estão negligenciando a religião.

Um cavalheiro escreveu-me que Tolstoy disse certa vez: “A menos que se coloque dinamite debaixo da igreja, não pode haver paz”. Mesmo atualmente o governo russo opõe-se muito estritamente à consciência de Deus porque eles acham que a religião tem arruinado toda a atmosfera social.

Entrevistador: Parece que há alguma verdade nisso.

Śrīla Prabhupāda: Pode ser que o sistema religioso tenha sido mal usado, mas isso não significa que a religião deva ser evitada. Deve-se adotar a verdadeira religião. Não é que, porque a religião não tem sido executada corretamente pelos ditos sacerdotes, a religião deva ser rejeitada. Se meu olho está me dando algum problema por causa de uma catarata, isso não significa que o olho deva ser extraído. A catarata é que deve ser removida. Isso é consciência de Kṛṣṇa.

Entrevistador: Creio que a história mostra que muitas pessoas têm usado mal a religião. Isso não é um fato?

Śrīla Prabhupāda: Essas pessoas não têm concepção de Deus e estão pregando a religião. O que é religião? “O caminho da religião é diretamente enunciado pelo Senhor Supremo”. Eles não têm conceito de Deus — eles não sabem o que é Deus — e estão professando alguma religião. Por quanto tempo isso poderá continuar artificialmente? Isso vai se deteriorar.

Esta é a condição atual. Eles não têm a menor idéia de Deus; como, então, saberão qual é a ordem de Deus? Religião significa a ordem de Deus. Por exemplo, lei significa a ordem do estado. Se não há estado, então onde está a ordem? Nós temos uma concepção clara de Deus — Kṛṣṇa. Ele está dando Sua ordem, e nós a aceitamos. Isso é religião clara. Se não existe Deus, nem conceito de Deus, nem ordem de Deus, então onde está a religião? Se não há governo, então onde está a lei?

Entrevistador: Bem, não existiria nenhuma lei. Seria uma sociedade fora da lei.

Śrīla Prabhupāda: Fora da lei — todos são fora da lei, manufaturando seu próprio sistema inventado de religião. É isso o que está acontecendo. Vá e pergunte — em qualquer sistema religioso, que concepção eles têm de Deus? Poderá alguém explicar-lhe esse assunto claramente? Ninguém conseguirá. Nós, porém, diremos imediatamente: “Eu adoro Govinda, o Senhor primordial, que gosta de tocar Sua flauta, cujos olhos brilhantes são como pétalas de lótus, cuja cabeça é enfeitada com uma pluma de pavão, cuja figura de beleza é colorida com o matiz de nuvens azuis e cujo encanto sem par cativa milhões de Cupidos”. (*Brahma-samhitā* 5.30). Podemos dar imediatamente uma descrição de Deus. Se não há idéia de Deus, então que tipo de religião é essa?

Entrevistador: Não sei.

Śrīla Prabhupāda: É falsa. As pessoas não têm concepção de Deus, e por isso não têm entendimento de religião. Este é o declínio, e, porque a religião está em declínio, os seres humanos estão se tornando cada vez mais como animais.

“Animal” significa não ter memória. O cão aparece quando há algo para comer; eu digo “passa!” e ele vai-se embora. Mas ele volta novamente — ele não tem memória. Assim, visto que nossa lembrança de Deus está se reduzindo, isso significa que nossas qualidades humanas estão se reduzindo. Na Kali-yuga essas qualidades humanas serão reduzidas. Isso quer dizer que as pessoas estão se tornando como cães e gatos.

Entrevistador: Eis aqui a segunda pergunta: A acusação tradicional contra a cultura védica é que ela é fatalista, que faz as pessoas escravas da crença na predestinação e que portanto inibe o progresso. Até que ponto esta acusação é verdadeira?”

Śrīla Prabhupāda: Que progresso é este? Acaso é progresso um cão pular? Isso é progresso? O cão está correndo de um lado para outro sobre quatro pernas, e vocês estão correndo de um lado para outro sobre as quatro rodas do automóvel. Isso é progresso? Este não é o sistema védico. Segundo o sistema védico, o ser humano tem determinada quantidade de energia, e, uma vez que o ser humano tem melhor consciência que os animais, a energia dos seres humanos é mais valiosa que a energia dos animais.

Entrevistador: Provavelmente ninguém discutiria que o ser humano tem mais liberdade ou, suponho eu, responsabilidade que os animais.

Śrīla Prabhupāda: Portanto a energia humana deve ser utilizada para o avanço espiritual; não é que essa energia deva ser empregada para competir com o cão. A pessoa santa não está ocupada como o cão. Hoje em dia as pessoas pensam que “cachorrismo” é vida, mas vida real é progresso espiritual. Portanto, a literatura védica diz: “Pessoas que sejam realmente inteligentes e filosoficamente propensas devem esforçar-se apenas por esse fim significativo que não pode ser alcançado nem mesmo vagando desde o planeta mais elevado (Brahmaloka) até o planeta mais baixo (Patala). Quanto à felicidade obtida do gozo dos sentidos, ela pode ser obtida automaticamente com o decorrer do tempo, assim como no decorrer do tempo obtemos misérias apesar de não as desejarmos” (*Śrīmad-Bhāgavatam* 1.5.18).

Entrevistador: O senhor poderia explicar isso um pouco mais?

Śrīla Prabhupāda: O ser humano deve empregar sua energia naquilo que ele não obteve em muitas e muitas vidas. Por muitas e muitas vidas a alma tem estado nas formas de cães, ou semideuses, ou gatos, aves, bestas e muitas outras. Existem 8.400.000 tipos diferentes de corpos. De modo que esta transmigração da alma está acontecendo. O interesse em todos os casos é o gozo dos sentidos.

Entrevistador: O que significa isso?

Śrīla Prabhupāda: Por exemplo, o cão está ocupado em buscar o gozo dos sentidos: onde está a comida, onde está o abrigo, onde está a fêmea, onde está a defesa? O homem também está fazendo a mesma coisa, de diferentes maneiras. Isto está acontecendo, vida após vida. Mesmo um pequeno inseto está tentando obter a mesma coisa. Aves, bestas, peixes — em toda a parte está acontecendo a mesma luta. Onde está a comida, onde está o sexo, onde está o abrigo e como defender-se? A literatura védica diz que temos feito essas coisas por muitas e muitas vidas, e que se não sairmos dessa luta pela vida, teremos de fazer as mesmas coisas novamente por muitas e muitas vidas,

Entrevistador: Estou começando a compreender.

Śrīla Prabhupāda: Sim, e por isso essas coisas devem cessar. Portanto, Prahlāda Mahārāja faz esta declaração: “Meus caros amigos nascidos em famílias demoníacas, a felicidade percebida com referência aos objetos dos sentidos pelo contato com o corpo pode ser obtida em qualquer forma de vida, de acordo com nossas atividades frutivas passadas. Essa felicidade é obtida automaticamente, sem esforços, assim como obtemos aflição” (*Bhāg.* 7.6.3).

O cão tem um corpo, e eu tenho um corpo. Então, não há diferença entre meu prazer sexual e o prazer sexual do cão. O prazer obtido do sexo é o mesmo. O cão não tem medo de ter prazer sexual na rua diante de todos, mas nós, o temos ‘as escondidas. Isso é tudo. As pessoas pensam que ter prazer sexual em um bom apartamento é algo avançado. Contudo, isso não é avançado. E elas estão fazendo corrida de cachorro por este suposto avanço. As pessoas não sabem que, de acordo com o tipo de corpo que se adquira, o prazer já está reservado.

Entrevistador: O que o senhor quer dizer com “o prazer já está reservado”?

Śrīla Prabhupāda: Isso se chama destino. O porco recebe determinado tipo de corpo e alimenta-se de excremento. Você não pode alterar isso. O porco não vai gostar de comer *halavā* (um doce feito de semolina tostada na manteiga). Isso não é possível. Porque tem um tipo de corpo particular, ele tem que comer assim. Pode algum cientista melhorar o padrão de vida do porco?

Entrevistador: Eu duvido muito.

Śrīla Prabhupāda: Por isso, Prahlāda Mahārāja diz que o prazer já está reservado. O prazer é basicamente o mesmo, mas um pouco diferente de acordo com o corpo. O homem incivilizado na selva está tendo a mesma coisa.

Agora as pessoas estão pensando que civilização significa construir arranha-céus. Mas a civilização védica diz: não, isso não é avanço. O real avanço da vida humana é auto-realização, o quanto você tem compreendido o seu eu. E não quantos arranha-céus você tenha construído.

Entrevistador: Mas acaso o que o senhor está dizendo não faria sentido para a maioria das pessoas?

Śrīla Prabhupāda: Às vezes as pessoas interpretam mal. Em uma corte suprema, o juiz está sentado sobriamente, aparentemente não fazendo nada, mas está recebendo salário alto. Alguém mais estará pensando: “eu estou trabalhando tão arduamente na mesma corte, carimbando e não estou recebendo nem um décimo do salário do juiz”. Ele está pensando: “Estou tão atarefado, trabalhando tão arduamente, mas não recebo um salário tão bom como o do homem que fica apenas sentado no banco”. Essa é a situação: a civilização védica destina-se à auto-realização, e não a uma corrida de cachorros.

Entrevistador: Mesmo assim, acaso não é considerado honrável trabalhar arduamente, lutar e eventualmente “vencer” na vida?

Śrīla Prabhupāda: Os *karmīs*, trabalhadores frutivos, são descritos no *Bhagavad-gītā* como mūdhas, asnos. Por que eles são comparados a asnos? Porque o asno trabalha muito arduamente com cargas nas costas, e como retribuição seu dono lhe dá apenas um bocado de capim. Ele fica parado à porta do lavadeiro e come capim enquanto o lavadeiro carrega novamente suas costas. Ele não tem raciocínio para pensar: “Se eu sair da cabana do lavadeiro, poderei obter capim em qualquer lugar. Por que estou carregando tanto peso?”

Entrevistador: Isto me faz lembrar de algumas pessoas que eu conheço.

Śrīla Prabhupāda: O trabalhador frutivo é assim. Ele está muito atarefado no escritório, e se você quiser vê-lo ele dirá: “Estou muito ocupado”. Qual é, então, o resultado de ele estar tão ocupado? Ele come duas torradas e uma xícara de chá. E com este objetivo ele está tão atarefado? Ele não sabe por que está atarefado. Nos livros de contabilidade ele encontrará que o saldo foi de um milhão de dólares e agora passa a dois milhões. Ele fica satisfeito com isso, mas vai tomar apenas duas torradas e uma xícara de chá, e continuará trabalhando arduamente. É isso o que significa *karmī*. Asnos — eles trabalham como asnos, sem objetivo algum na vida.

Mas a civilização védica é diferente. A acusação não é correta — as pessoas na civilização védica não são absolutamente preguiçosas. Elas estão ocupadas visando a um assunto superior. Prahlāda Mahārāja enfatiza que esta ocupação é tão importante que deve começar desde a própria infância. Não se deve perder um segundo. Isto é civilização védica. Os asnos vêem: “Esses homens não estão trabalhando como eu” — como cães e gatos — e consideram que nós estamos escapando. Sim, escapando de seu esforço infrutífero. A civilização védica destina-se à auto-realização.

Entrevistador: O senhor poderia dar-nos mais uma idéia sobre como é a civilização védica?

Śrīla Prabhupāda: A civilização védica começa com o sistema *varṇāśrama*. No sistema *varṇāśrama* há a seguinte organização: *brāhmaṇas* (intelectuais, conselheiros), *kṣatriyas* (administradores), *vaiśyas* (mercadores, fazendeiros), *śūdras* (trabalhadores), *brahmacārīs* (estudantes celibatários), *grhasthas* (chefes de família), *vānaprasthas* (pessoas casadas mas retiradas) e *sannyāsīs* (monges renunciantes).

A meta última é que Kṛṣṇa, o Senhor Supremo, deve ser adorado. Assim, se você adora Kṛṣṇa, você cumpre todos os seus deveres ocupacionais, seja como *brāhmaṇa*, *kṣatriya*, *vaiśya*, *śūdra*, *brahmacārī*, e assim por diante. Adote esse caminho imediatamente — adote a consciência de Kṛṣṇa. Isso é muito importante.

Entrevistador: Se as pessoas realmente conhecessem um estilo de vida que fosse mais natural, mais satisfatório, qual seria o problema? Como o senhor diz, elas realmente o adotariam.

Śrīla Prabhupāda: Mas elas *não* conhecem, e por isso não existe religião, simplesmente uma corrida de cachorros. O cachorro está correndo sobre quatro pernas, e vocês estão correndo sobre quatro rodas — isso é tudo. E vocês acham que a corrida sobre quatro rodas é o avanço da civilização.

Portanto se diz que a civilização moderna praticamente não está fazendo nada. Tudo o que for obtível através do destino você conseguirá, onde quer que você esteja. Em vez disso, adote a consciência de Kṛṣṇa. Prahlāda Mahārāja dá o exemplo de que você não quer nada que seja amargo e, todavia, tantas coisas amargas o afetam. De modo semelhante, mesmo que não queira a felicidade para a qual você está destinado, você a encontrará. Você não deve desperdiçar sua energia em troca de felicidade material. Você não pode conseguir mais felicidade material do que a que lhe está destinada.

Entrevistador: Como o senhor pode ter certeza disto?

Śrīla Prabhupāda: Como acreditarei nisso? Porque você obtém certas condições aflitivas apesar de não as querer. Por exemplo, o Presidente Kennedy morreu pela mão de seu próprio compatriota. Quem queria isso, e por que isso aconteceu? Ele era um grande homem, estava protegido por tantas pessoas, e ainda assim estava destinado a ser morto. Quem pode proteger você?

Assim, se alguma condição aflitiva vem a mim através do destino, então a posição oposta — felicidade — também virá. Por que eu perderia meu tempo com essa retificação? Que eu use minha energia para a consciência de Kṛṣṇa. Isso é inteligente. Você não pode evitar o seu destino. Todos experimentarão uma determinada quantidade de felicidade e uma determinada quantidade de aflição. Ninguém está desfrutando de felicidade ininterrupta. Isso não é possível.

Assim como você não pode evitar sua aflição, da mesma forma você não pode evitar sua felicidade. Isso virá automaticamente. Portanto, não perca seu tempo com essas coisas. Em vez disso, você deve utilizar seu tempo para avançar em consciência de Kṛṣṇa.

Entrevistador: Acaso uma pessoa consciente de Kṛṣṇa não tentaria obter progresso?

Śrīla Prabhupāda: O negócio é que se você tenta obter progresso futilmente, então de que adianta isso? Se é um fato que você não pode mudar o seu destino, então de que adianta tentar mudá-lo? Nós nos satisfaremos com a quantidade de felicidade e aflição que nos for destinada.

A civilização védica destina-se à compreensão de Deus. Essa é a idéia. Você ainda pode verificar na Índia que durante festivais importantes muitos milhões de pessoas vão banhar-se no Ganges, porque elas estão interessadas em se liberar. Elas não são preguiçosas. Elas viajam mil milhas, duas mil milhas de distância para banhar-se no Ganges. Elas não são preguiçosas, mas não estão atarefadas na corrida de cachorros. Pelo contrário, elas se ocupam desde a infância na tentativa de tornar-se auto-realizadas. Elas estão de tal modo atarefadas que querem começar seu processo de auto-realização a partir da própria infância. Por isso, é uma idéia errada pensar que elas são preguiçosas.

Entrevistador: Ora, poder-se-ia questionar que se o destino não pode ser evitado, por que, então, não deixar todas as crianças recém-nascidas correr à vontade como animais, e tudo o que estiver destinado a acontecer a elas acontecerá?

Śrīla Prabhupāda: Não, a vantagem é que você pode treiná-las espiritualmente. Por isso se diz: você deve empregar sua energia para a auto-realização. O serviço devocional, consciência de Kṛṣṇa, não pode ser impedido. Assim como o destino material não pode ser evitado, seu avanço em vida espiritual não poderá ser impedido se você se esforçar por consegui-lo.

Na verdade, Kṛṣṇa mudará o destino — mas apenas para Seu devoto. Ele diz: “Dar-te-ei toda a proteção contra todas as reações de atividades pecaminosas”. (*Bhagavad-gītā* 18.66)

Por exemplo, se alguém é condenado ao enforcamento pela justiça, ninguém pode impedir isso. Até mesmo o próprio juiz que deu este veredicto não pode impedir isso. Mas se o réu suplica pela misericórdia do rei, que está acima de todas as leis, então o rei pode impedir a execução.

Portanto, o que devemos fazer é nos render a Kṛṣṇa. Se quisermos artificialmente ser mais felizes mediante o desenvolvimento econômico, isso não é possível. Há muitos homens trabalhando tão arduamente, mas isso significa que todos tornar-se-ão um Henry Ford ou um Rockefeller? Todos estão se esforçando. O destino do senhor Ford era tornar-se um homem rico, mas isso significa que qualquer outro homem que trabalhou tão arduamente quanto Ford tornar-se-á rico como Ford? Não. Isto é algo prático. Você não pode mudar o seu destino simplesmente trabalhando duro como um asno ou um cão. Mas você pode utilizar essa energia para melhorar sua consciência de Kṛṣṇa.

Entrevistador: O que é exatamente a consciência de Kṛṣṇa? O senhor poderia nos falar mais sobre ela?

Śrīla Prabhupāda: Amor a Deus — isso é consciência de Kṛṣṇa. Se você não aprendeu a amar a Deus, qual é, então, o sentido de sua religião? Quando você está realmente na plataforma de amor a Deus, você compreende sua relação com Deus — “eu sou parte integrante de Deus”. Então você expande seu amor até aos animais. Se você realmente ama a Deus, você também tem amor pelo inseto. Você compreende: “Este inseto tem um corpo diferente, mas ele também é parte integrante de meu pai; portanto, ele é meu irmão”. Então você não pode manter um matadouro. Se você mantém um matadouro e desobece à ordem de Cristo — “Não matarás” — e afirma ser cristão ou hindu, isso não é religião. Isso é mera perda de tempo — porque você não compreende Deus; você não tem amor por Deus, e está se rotulando sob alguma seita, mas isso não é religião verdadeira. É isso o que está acontecendo em todo o mundo.

Entrevistador: Como podemos remediar a situação?

Śrīla Prabhupāda: Kṛṣṇa é a Suprema Personalidade de Deus. Se você não aceita que Kṛṣṇa é a entidade suprema, então procure compreender. Isso é educação: há alguém supremo; Kṛṣṇa não é indiano; Ele é Deus. O sol nasce primeiramente na Índia, mas isso não significa que o sol é indiano; de forma semelhante, apesar de Kṛṣṇa ter aparecido na Índia, agora Ele veio para os países ocidentais, através deste movimento da consciência de Kṛṣṇa.

### O serviço social supremo

*Śrīla Prabhupāda corresponde-se com o Secretário do Comitê do Fundo de Socorro Social a Andhra Pradesh de Hyderabad, Índia: "...se o senhor quer executar serviço social simplesmente através da arrecadação de fundos, acho que isso não será bem-sucedido. O senhor tem de satisfazer a autoridade suprema, e esse é o caminho para o sucesso. Por exemplo, devido à realização de san̄kīrtana (canto congregacional de Hare Kṛṣṇa) aqui, a chuva está começando a cair após uma seca de dois anos..".*

Venerado Swamiji:

Os residentes das cidades gêmeas estão felizes de ter esta oportunidade de encontrar o senhor e seus estimados seguidores. Talvez o senhor saiba que, devido a chuvas insuficientes durante os últimos dois anos e sua completa escassez este ano, mais da metade de nosso estado (Andhra Pradesh, um estado no sul da Índia) está experimentando a crise de uma seca rigorosa. Com vistas a suplementar esforços governamentais para combater este mal, uma Organização Voluntária Central de cidadãos pertencentes a várias camadas da sociedade foi estabelecida. Os membros desta organização examinaram as áreas afetadas pela seca. A situação é patética. Há aldeias sem água potável num raio de quilômetros. Devido à escassez de forragem, os proprietários de gado estão se desfazendo de seu gado a preços módicos. Grande parte do gado desgarrado está em extinção devido à escassez de forragem e água. O problema alimentar também é muito sério. Devido aos altos preços dos grãos alimentícios no mercado livre, a aquisição de cereais a preços de mercado está além do alcance dos aldeões pobres, como resultado de que pelo menos cinco a seis milhões de pessoas mal fazem uma refeição por dia. Há muitos que estão à beira da inanição. Toda a situação é muito patética e dilacera o coração.

Por isso, apelamos à sua venerada pessoa para considerar como sua Sociedade melhor poderia vir em auxílio desses milhões de almas que estão passando miséria inimaginável. O Comitê gostaria de sugerir que os membros de sua Sociedade apelem aos *bhaktas* (devotos) que assistem a suas palestras para darem sua contribuição ao Fundo de Socorro Social de Andhra Pradesh.

O Comitê está preparado para enviar alguns de seus representantes juntamente com os membros de sua Sociedade onde quer que o senhor deseje distribuir *prasāda* para os milhões de famintos no estado.

Como *mānava-sevā* é *mādhava-sevā* ("Serviço ao homem é serviço a Deus"), o Comitê tem certeza de que mesmo um pequeno esforço feito por sua benigna Sociedade ajudará muito na mitigação dos sofrimentos de centenas de milhares de pessoas.

Atenciosamente, sempre no serviço ao Senhor,  
T.L. Katidia, Secretário  
Comitê do Fundo de Socorro Social  
Andhra Pradesh - Hyderabad, Índia

Meu caro Sr. Katidia,

Por favor, aceite minhas saudações. Com referência a sua carta e a sua entrevista pessoal, tomo a liberdade de informá-lo que sem satisfazer à Suprema Personalidade de Deus, ninguém pode se tornar feliz. Infelizmente, as pessoas não sabem quem é Deus e como fazê-lo feliz. Nosso movimento para a consciência de Kṛṣṇa destina-se, portanto, a apresentar a Suprema Personalidade de Deus diretamente às pessoas. Como se afirma no *Śrīmad-Bhāgavatam*, Setímo Canto, Sexto Capítulo: "Satisfazendo a Suprema Personalidade de Deus, satisfazemos a todos, e não há possibilidade de escassez". Porque as pessoas não conhecem este segredo do sucesso elas estão fazendo seus próprios planos independentes para ser felizes. Contudo, não é possível alcançar felicidade dessa maneira. Em sua lista de membros, encontro o nome de muitos homens importantes neste país que estão interessados em aliviar os sofrimentos das pessoas, mas eles deviam saber por certo que, sem satisfazer a Suprema Personalidade de Deus, todas as suas tentativas serão fúteis. Um homem doente não pode viver simplesmente apoiado na ajuda de um médico perito e de remédios. Se fosse assim, então nenhum homem rico jamais morreria. É preciso que sejamos favorecidos por Kṛṣṇa, a Suprema Personalidade de Deus.

Portanto, se o senhor quer executar serviço social simplesmente arrecadando fundos, acho que isso não será bem-sucedido. O senhor tem de satisfazer a autoridade suprema, e essa é a forma de obter êxito. Por exemplo, devido à execução de san̄kīrtana aqui, a chuva começou a cair após uma seca de dois anos. Na última vez que promovemos um Festival Hare Kṛṣṇa em Delhi, havia perigo iminente de o Paquistão declarar guerra, e quando um homem da imprensa aproximou-se de mim para pedir a minha opinião, eu disse que certamente haveria guerra porque o outro grupo era

agressivo. Todavia, por causa de nosso movimento de saṅkīrtana, a Índia saiu vitoriosa. De modo semelhante, quando fizemos um festival em Calcutá, o movimento Naxalite (Comunista) parou. Isto são fatos. Através do movimento de saṅkīrtana podemos não apenas obter todas as facilidades para viver, como também afinal voltar ao lar, voltar ao Supremo. Aqueles que são de natureza demoníaca não podem compreender isso, mas isso é um fato.

Portanto solicito-lhes, como membros que lideram a sociedade, que se juntem a este movimento. Cantando o *mantra* Hare Kṛṣṇa ninguém sai perdendo, mas ganha, e muito. Segundo o *Bhagavad-gītā* (3.21), o que é aceito pelos líderes também é aceito por homens comuns. “Qualquer que seja a ação executada por um grande homem é seguida pelos homens comuns. E quaisquer que sejam os padrões por ele estabelecidos são seguidos por todo o mundo”.

O movimento *saṅkīrtana* da consciência de Kṛṣṇa é muito importante. Por isso, através do senhor, desejo apelar a todos os líderes da Índia que aceitem muito seriamente este movimento e nos dêem toda a facilidade para difundir este movimento em todo o mundo. Então haverá uma condição muito feliz, não só na Índia, mas em todo o mundo também.

Esperando que esta o encontre gozando de boa saúde,  
Seu eterno benquerente  
A.C. Bhaktivedanta Swami

### **Declarando nossa dependência de Deus**

*Em uma conversa com o pessoal de De Volta ao Supremo, Śrīla Prabhupāda discute a Revolução Americana: “Os americanos dizem que confiam em Deus. Mas, sem a ciência de Deus, essa confiança é simplesmente fictícia. Primeiramente, adotem a ciência de Deus seriamente; depois depositem sua fé nEle... Eles estão inventando sua própria forma de governar. E este é o defeito deles. Eles jamais serão bem-sucedidos... Sempre haverá revoluções — uma após outra. Nunca haverá paz”.*

De Volta ao Supremo: Thomas Jefferson coloca a filosofia básica da Revolução Americana na Declaração de Independência. Os homens importantes da época que assinaram este documento concordaram em que há certas verdades muito óbvias ou auto-evidentes, a primeira das quais é que todos os homens foram criados iguais. Com isto, eles queriam dizer que todos os homens são iguais perante a lei e têm uma oportunidade igual de serem protegidos pela lei.

Śrīla Prabhupāda: Sim, nesse sentido os homens foram, como você diz, criados iguais.

DVS: Outro ponto da Declaração de Independência é que todos os homens são dotados por Deus com certos direitos naturais dos quais eles não podem ser privados. Esses são os direitos de vida, liberdade e...

Śrīla Prabhupāda: Mas os animais também têm direito de viver. Por que os animais também não têm direito de viver? Os coelhos, por exemplo, estão vivendo a seu próprio modo na floresta. Por que o governo permite que os caçadores vão e atirem neles?

DVS: Eles falavam só dos seres humanos.

Śrīla Prabhupāda: Então eles não têm filosofia verdadeira. A idéia mesquinha de que minha família ou meu irmão são bons, e de que eu posso matar todos os outros, é criminoso. Suponha que, por causa de minha família, eu mate seu pai. Isso é filosofia? Filosofia verdadeira é: amizade com todas as entidades vivas. Por certo que isto se aplica aos seres humanos, mas mesmo que desnecessariamente você mate um animal, eu protestarei imediatamente: “Que disparate você está fazendo?”

DVS: Os fundadores da América diziam que outro direito natural é o direito à liberdade, ou independência. Liberdade no sentido de que o governo não tem o direito de lhe dizer que trabalho o senhor tem de fazer.

Śrīla Prabhupāda: Se o governo não é perfeito, não se deve permitir que ele diga às pessoas o que fazer. Mas se o governo é perfeito, então ele pode dizê-lo.

DVS: O terceiro direito natural por eles mencionado era que todo ser humano tem o direito de buscar a felicidade.

Śrīla Prabhupāda: Sim. Mas seu padrão de felicidade pode ser diferente do meu. Talvez você goste de comer carne; eu odeio isso. Como pode o seu padrão de felicidade ser igual ao meu?

DVS: Então todos devem ter liberdade para tentar alcançar qualquer padrão de felicidade que queiram?

Śrīla Prabhupāda: Não, o padrão de felicidade deve ser prescrito de acordo com as qualidades da pessoa. Você tem de dividir toda a sociedade em quatro grupos: aqueles com qualidades de *brāhmaṇas* (professores e mestres espirituais), aqueles com qualidades de *kṣatriyas* (militares e administradores), aqueles com qualidades de *vaiśyas* (fazendeiros e comerciantes) e aqueles com qualidades de *sūdras* (trabalhadores). Todos devem ter boas facilidades para trabalhar de acordo com suas qualidades naturais.

Você não pode ocupar um touro no serviço de um cavalo, nem pode ocupar um cavalo no serviço de um touro. Hoje em dia, praticamente todos estão obtendo educação universitária. Mas o que é ensinado nessas faculdades? Na maior parte das vezes, conhecimento técnico, que é educação de *sūdra*. Verdadeira educação superior significa sabedoria védica. Ela destina-se aos *brāhmaṇas*. Sozinha, a educação de *sūdra* leva a uma condição caótica, todos devem ser testados para se descobrir que educação lhes é adequada. Alguns *sūdras* poderão receber educação técnica, mas a maioria dos *sūdras* deve trabalhar nas fazendas. Porque todos estão vindo para as cidades a fim de obter educação, pensando: “Assim podemos conseguir mais dinheiro”, a agricultura está sendo negligenciada.

Atualmente há escassez porque ninguém está ocupado em produzir bons alimentos. Todas essas anomalias têm sido causadas por maus governos. É dever do governo cuidar para que todos se ocupem de acordo com suas qualidades naturais. Aí então as pessoas serão felizes.

DVS: Então se o governo artificialmente coloca todos os homens numa classe, não pode haver felicidade.

Śrīla Prabhupāda: Não, isso não é natural e provocará o caos.

DVS: Os fundadores da América não gostavam de classes porque tinham tido uma experiência muito ruim com elas. Antes da revolução, os americanos haviam sido governados por monarcas, mas os monarcas tornavam-se sempre tirânicos e injustos.

Śrīla Prabhupāda: Isto porque eles não eram treinados para ser monarcas santos. Na civilização védica, os meninos eram treinados desde o começo da vida como *brahmacārīs* (estudantes celibatários) de primeira classe. Eles iam à *gurukula*, a escola do mestre espiritual, e aprendiam auto-controle, limpeza, veracidade e muitas outras qualidades santas. Os melhores entre eles eram depois aptos a governar o país.

A Revolução Americana não tem nenhuma importância especial. O negócio é que quando as pessoas tornam-se infelizes, elas se revoltam. Isso aconteceu na América, isso aconteceu na França e isso aconteceu na Rússia.

DVS: Os revolucionários americanos diziam que se um governo deixa de governar o povo apropriadamente, então o povo tem o direito de dissolver este governo.

Śrīla Prabhupāda: Sim. Assim como no caso de Nixon: eles o depuseram. Mas se eles substituem Nixon por outro Nixon, então qual é o valor disso? Eles têm de saber como substituir Nixon por um líder santo. Porque as pessoas não têm esse treinamento e essa cultura, elas continuarão elegendo um Nixon após o outro e jamais se tornarão felizes. As pessoas podem ser felizes. A fórmula para a paz encontra-se no *Bhagavad-gītā*. A primeira coisa que eles precisam saber é que a terra pertence a Deus, Por que os americanos afirmam que a terra lhes pertence? Quando os primeiros colonos foram para a América, eles disseram: “Esta terra pertence a Deus; portanto temos o direito de viver aqui”. Por que, então, agora eles não estão permitindo que outros se estabeleçam na terra? Qual é a filosofia deles? Existem tantos países superpovoados. O governo americano devia deixar essas pessoas virem para a América e devia dar-lhes facilidades para elas cultivarem a terra e produzir grãos. Por que eles não estão fazendo isso? Eles tomaram a propriedade dos outros à força, e, à força, estão impedindo outras pessoas de ir para lá. Que filosofia há por detrás disso?

DVS: Não há filosofia.

Śrīla Prabhupāda: Velhacaria é a filosofia deles. Eles tomam a propriedade à força, e depois fazem uma lei de que ninguém pode tomar a propriedade de outrem à força. De modo que eles são ladrões. Eles não podem proibir que a propriedade de Deus seja ocupada pelos filhos de Deus. Os Estados Unidos e os outros países das Nações Unidas deviam concordar em que onde quer que haja terra suficiente, ela seja utilizada pela sociedade humana para produzir alimento. O governo poderá dizer: “Está bem, vocês estão superpovoados. Seu povo pode vir para cá. Nós dar-lhes-emos terra, com a qual eles poderão produzir alimento”. Teríamos um resultado maravilhoso. Mas acaso eles farão isso? Não. Qual é, então, sua filosofia? Velhacaria. “Tomarei a terra à força, e depois não permitirei que outros venham para cá”.

DVS: Um lema americano é “Uma única nação sob Deus”.

Śrīla Prabhupāda: Sim, isso é consciência de Kṛṣṇa. Devia haver uma única nação sob Deus, e também um único governo mundial sob Deus. Tudo pertence a Deus, e todos nós somos Seus filhos. Essa filosofia está faltando.

DVS: Mas na América as pessoas têm muito medo de um governo central porque pensam que sempre que houver um governo forte haverá uma tirania.

Śrīla Prabhupāda: Se os líderes forem devidamente treinados, não poderá haver tirania.

DVS: Mas uma das premissas do sistema americano de governo é que se um líder tiver excesso de poder, ele inevitavelmente tornar-se-á corrupto.

Śrīla Prabhupāda: Você tem de treiná-lo de tal maneira que ele não possa tornar-se corrupto!

DVS: Qual é esse processo de treinamento?

Śrīla Prabhupāda: Esse treinamento é o *varṇāśrama-dharma*. (sistema que divide a sociedade em quatro classes sociais e quatro ordens espirituais, de acordo com as qualidades naturais das pessoas). Divida a sociedade de acordo com a qualidade, e treine as pessoas dentro do princípio de que tudo pertence a Deus e deve ser usado no serviço a Deus. Então, poderá realmente haver “uma única nação sob Deus”.

DVS: Mas se a sociedade for dividida em diferentes grupos, não haverá inveja?

Śrīla Prabhupāda: Não, não. Assim como em meu corpo há diferentes partes que trabalham juntas, da mesma forma a sociedade pode ter diferentes partes trabalhando com a mesma meta. Minha mão é diferente de minha perna. Mas quando eu disser a mão, “Traga-me um copo d’água”, a perna ajudará. A perna é necessária e a mão é necessária.

DVS: Mas no mundo ocidental temos uma classe operária e uma classe capitalista, e há sempre desentendimento entre as duas.

Śrīla Prabhupāda: Sim. A classe capitalista é necessária e a classe operária também é necessária.

DVS: Mas eles estão lutando entre si.

Śrīla Prabhupāda: Porque eles não são treinados; eles não têm causa comum. A mão e a perna trabalham de forma diferente, mas a causa comum é manter o corpo. Assim, se você descobrir a causa comum tanto para os capitalistas quanto para os operários, então não haverá lutas. Mas se você não conhecer a causa comum, sempre haverá lutas.

DVS: Revolução?

Śrīla Prabhupāda: Sim.

DVS: Então a coisa mais importante é encontrar a causa comum em torno da qual as pessoas possam se unir?

Śrīla Prabhupāda: Sim, assim como em nossa sociedade consciente de Kṛṣṇa vocês vêm me consultar sobre todas as atividades porque eu posso lhes dar a causa comum. Caso contrário, haverá lutas. O governo deve ser muito habilidoso por conhecer o objetivo da vida — a causa comum — e eles devem treinar o povo para trabalhar pela causa comum. Então eles serão felizes e pacíficos. Mas se as pessoas simplesmente elegerem patifes como Nixon, elas jamais encontrarão uma causa comum. Qualquer patife pode angariar votos através de algum arranjo, e depois ele se torna o chefe do governo. Os candidatos estão subornando, enganando, fazendo propaganda para ganhar votos. De alguma forma eles conseguem os votos e galgam o posto principal. Este sistema é ruim.

DVS: Mas se não escolhermos nossos líderes através do voto popular, como a sociedade será governada?

Śrīla Prabhupāda: Vocês precisam de *brāhmaṇas*, *kṣatriyas*, *vaiśyas* e *śūdras*. Da mesma forma que, quando você quer construir um prédio, você precisa de engenheiros. Você não precisa de varredores. Não é assim? O que fará o varredor? Não, é preciso haver engenheiros. Então se você segue a divisão de *varṇāśrama*, somente os *kṣatriyas* têm permissão para governar. E para a assembleia legislativa — os senadores — somente *brāhmaṇas* qualificados. Atualmente o açougueiro está na assembleia legislativa. O que ele sabe sobre fazer leis? Ele é um açougueiro, mas, angariando votos, torna-se um senador. No momento atual, pelo princípio da *vox populi*, o açougueiro ingressa na legislatura. De modo que tudo depende de treinamento. Em nossa sociedade consciente de Kṛṣṇa estamos realmente fazendo isso, mas, no caso dos políticos, eles se esquecem disso. Não pode haver apenas uma classe. Isso é tolice, porque temos de ocupar diferentes classes de homens em diferentes atividades. Se não conhecermos esta arte, fracassaremos porque a menos que haja uma divisão de trabalho haverá estragos. Discutimos todas as responsabilidades do rei no *Śrīmad-Bhāgavatam*. As diferentes classes na sociedade devem cooperar entre si exatamente como as diferentes partes do corpo o fazem. Embora cada parte se destine a um objetivo diferente, todas elas trabalham por uma causa: manter o corpo adequadamente.

DVS: Qual é o verdadeiro dever do governo?

Śrīla Prabhupāda: Compreender o que Deus quer e cuidar para que a sociedade trabalhe rumo a esse objetivo. Aí as pessoas serão felizes. Mas, se as pessoas trabalharem na direção errada, como poderão ser felizes? O dever do governo é cuidar para que elas trabalhem na direção correta. A direção correta é conhecer Deus e agir segundo Suas instruções. Mas se os próprios líderes não crêem na supremacia de Deus, e se eles não sabem o que Deus quer fazer, ou o que Ele quer que nós façamos, como, então, pode haver um bom governo? Os líderes estão desencaminhados e estão desencaminhando os outros. Esta é a situação caótica do mundo hoje em dia.

DVS: Nos Estados Unidos tem havido tradicionalmente a separação de igreja e estado.

Śrīla Prabhupāda: Não estou falando de igreja. Igreja ou não, igreja — essa não é a questão. A questão principal é que os líderes têm de aceitar que existe um controlador supremo. Como podem eles negar isso? Tudo na natureza está acontecendo sob o controle do Senhor Supremo. Os líderes não podem controlar a natureza; por que, então, não aceitam um controlador supremo? Esse é o defeito na sociedade. Sob todos os aspectos, os líderes estão sentindo que deve haver um controlador supremo, e todavia ainda O estão negando.

DVS: Mas suponha que o governo seja ateuista...

Śrīla Prabhupāda: Então esse não pode ser um bom governo. Os americanos dizem que confiam em Deus. Mas, sem a ciência de Deus, essa confiança é simplesmente fictícia. Primeiramente adotem a ciência de Deus muito seriamente, depois depositem sua, confiança nEle. Eles não sabem o que é Deus, mas nós o sabemos. Nós realmente confiamos em Deus.

Eles estão inventando sua própria maneira de governar. E esse é o defeito deles. Eles jamais serão bem-sucedidos. Eles são imperfeitos, e se continuarem inventando seus próprios métodos e caminhos, permanecerão imperfeitos. Sempre haverá revoluções — uma após a outra. Nunca haverá paz.

DVS: Quem determina os princípios regulativos de religião que o povo deve seguir?

Śrīla Prabhupāda: Deus. Deus é perfeito. Ele faz isso. Segundo a versão védica, Deus é o líder de todas as entidades vivas. Nós somos diferentes dEle porque Ele é todo-perfeito e nós não somos. Somos muito pequenos. Temos as qualidades de Deus, mas em quantidade muito pequena. Portanto temos apenas pouco conhecimento — isso é tudo. Com pouco conhecimento poderemos fabricar um 747, mas você não pode fabricar um mosquito. Deus criou o corpo do mosquito, que também é um “avião”. E essa é a diferença entre Deus e nós: nós temos conhecimento, mas esse conhecimento não é perfeito como o conhecimento de Deus. De maneira que os líderes do governo devem consultar a Deus; então eles governarão perfeitamente.

DVS: Acaso Deus também projetou o mais perfeito governo?

Śrīla Prabhupāda: Ah, sim! Os *kṣatriyas* governavam nos tempos védicos. Quando havia uma guerra, o rei era o primeiro a lutar. Assim como o seu George Washington: quando veio a guerra ele lutou. Mas que tipo de presidente está governando agora? Quando há uma guerra, ele se senta muito tranquilamente e dá ordens pelo telefone. Ele não está apto a ser presidente. Quando há uma guerra, o presidente deve ser o primeiro a se apresentar e liderar a batalha.

DVS: Mas se o homem é pequeno e imperfeito, como pode ele cumprir as ordens perfeitas de Deus para um governo perfeito?

Śrīla Prabhupāda: Mesmo que você seja imperfeito, por você estar cumprindo minha ordem, você está se tornando perfeito. Você aceitou-me como seu líder e eu aceito Deus como meu líder. Dessa maneira, a sociedade pode ser governada perfeitamente.

DVS: Então, bom governo significa antes de mais nada aceitar o Ser Supremo como o verdadeiro regente do governo?

Śrīla Prabhupāda: Você não pode aceitar diretamente o Ser Supremo. Você tem de aceitar os servos do Ser Supremo —



os *brāhmaṇas* ou *vaiṣṇavas* (devotos do Senhor) — como seus orientadores. Os homens do governo são os *kṣatriyas* — a segunda classe. Os *kṣatriyas* devem pedir conselho aos *brāhmaṇas* ou *vaiṣṇavas* e fazer leis de acordo com esses conselhos. Os *vaiśyas* devem executar as ordens dos *kṣatriyas* na prática. E os *sūdras* devem trabalhar sob essas três ordens. Então a sociedade será perfeita.

### **A fórmula da paz**

*“A Terra é propriedade de Deus, mas nós, as entidades vivas, especialmente os chamados seres humanos civilizados, estamos afirmando que a propriedade de Deus é nossa, sob uma concepção falsa, tanto individual quanto coletivamente. Se vocês querem paz, vocês têm que afastar esta concepção falsa de sua mente e do mundo..”.*

O grande erro da civilização moderna é usurpar a propriedade dos outros como se ela nos pertencesse e desse modo criar uma desnecessária perturbação das leis da natureza. Essas leis são muito fortes. Nenhuma entidade viva pode violá-las. Somente alguém que seja consciente de Kṛṣṇa pode facilmente superar o rigor das leis da natureza e assim tornar-se feliz e pacífico no mundo.

Assim como um estado é protegido por um departamento de lei e ordem, da mesma forma o estado do Universo, do qual esta Terra não passa de insignificante fragmento, é protegido pelas leis da natureza. Esta natureza material é uma das diferentes potências de Deus, que é o proprietário último de tudo que existe. Esta Terra é, portanto, propriedade de Deus, mas nós, as entidades vivas, especialmente os chamados seres humanos civilizados, estamos afirmando que a propriedade de Deus nos pertence, sob uma concepção falsa, tanto individual quanto coletivamente. Se vocês querem paz, vocês têm que afastar esta concepção falsa de sua mente e do mundo. Esta falsa alegação de propriedade por parte da raça humana na Terra, é parcial ou totalmente a causa de todos os distúrbios da paz na Terra.

Os homens tolos e supostamente civilizados estão reivindicando direitos de propriedade sobre a propriedade de Deus porque atualmente se tornaram ateístas. Não se pode ser feliz e pacífico numa sociedade ateísta. No *Bhagavad-gītā*, o Senhor Kṛṣṇa diz que Ele é o verdadeiro desfrutador de todas as atividades das entidades vivas, que Ele é o Senhor Supremo de todos os universos e que Ele é o amigo benquerente de todos os seres. Quando as pessoas do mundo souberem que esta é a fórmula da paz, aí então que a paz prevalecerá.

Portanto, se vocês realmente querem paz, terão de mudar sua consciência para a consciência de Kṛṣṇa, tanto individual quanto coletivamente, através do simples processo de cantar o santo nome de Deus. Este é um processo padrão e reconhecido para se alcançar a paz no mundo. Nós, portanto, recomendamos que todos se tornem conscientes de Kṛṣṇa, cantando Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare.

Isso é prático, simples e sublime. Há quatrocentos e oitenta anos esta fórmula foi introduzida na Índia pelo Senhor Śrī Caitanya, e agora está disponível em seu país. Adotem este simples processo do cantar acima mencionado, compreendem sua verdadeira posição lendo o *Bhagavad-gītā Como Ele É* e restabeleçam sua relação perdida com Kṛṣṇa, Deus. Paz e prosperidade serão o imediato resultado mundial.

### **Comunismo espiritual**

*Durante sua visita à antiga União Soviética, Śrīla Prabhupāda conversa com o Professor Grigoriy Kotovsky, chefe do Departamento da Índia na Academia de Ciências da ex-U.R.S.S.: “Quer o senhor se renda à monarquia, à aristocracia ou à ditadura, o senhor tem que se render; isso é um fato. Sem rendição não há vida. Isso não é possível. De modo que estamos educando as pessoas a se renderem ao Supremo, de quem se consegue toda a proteção. Qualquer outra rendição precisa ser mudada através da revolução. Mas quando o senhor chega a Kṛṣṇa, isso é suficiente. E o senhor fica satisfeito”.*

Śrīla Prabhupāda: Outro dia eu estava lendo o jornal *Moscow News*. Houve um congresso comunista e o Presidente declarou: “Estamos dispostos a aceitar a experiência dos outros para nos aprimorarmos”. Por isso acho que o conceito védico de socialismo ou comunismo aprimorará muito a idéia de comunismo. Por exemplo, em um estado socialista a idéia é que ninguém deve passar fome; todos têm de ter seu alimento. Analogamente, no conceito védico de *grhastha* (chefe de família) recomenda-se que o chefe de família cuide para que nem uma lagartixa ou cobra que vivam em sua casa fiquem sem comida. Mesmo essas criaturas inferiores devem ser alimentadas, e certamente todos os seres humanos o devem. Recomenda-se que o *grhastha*, antes de tomar sua refeição, saia à rua e declare: “Se alguém está com fome, por favor, venha! A comida está servida!” Se não há resposta, então o proprietário da casa toma sua refeição. A sociedade moderna considera o povo como o todo ou o proprietário de um determinado estado, mas a concepção védica é — tudo é de propriedade de *iśa*, o controlador supremo. O senhor pode desfrutar daquilo que lhe é reservado por Ele, mas não usurpe a propriedade dos outros. Este é o *Isopaniṣad-Veda*. A mesma idéia é explicada nos diferentes *Purāṇas*. Há muitos bons conceitos na literatura védica sobre o comunismo. Por isso

eu achava que essas idéias deviam ser distribuídas entre seus homens mais meditativos. Portanto eu estava ansioso para falar com o senhor.

Prof. Kotovsky: É interessante que aqui em nosso país haja atualmente grande interesse pela história do pensamento antigo. A partir deste ponto de vista, nosso Instituto traduziu para o russo e publicou muitos monumentos literários da grande cultura indiana.

O senhor se interessará em descobrir que nós publicamos alguns dos *Purānas* e partes do *Rāmāyaṇa*. Há volumes em russo do *Mahābhārata* e também uma segunda edição do *Mahābhārata*, traduzido na íntegra. Também publicamos a tradução completa do *Manu-smṛiti* com comentários em sânscrito. Foi tão grande o interesse nessas publicações que elas se esgotaram numa semana. Era impossível consegui-las no mercado livreiro após um mês. Há grande interesse aqui em Moscou e na Rússia pela antiga cultura védica, e a partir deste ponto de vista publicamos muitos de tais livros.

Śrīla Prabhupāda: Entre esses *Purānas*, o *Śrīmad-Bhāgavatam* é chamado o *Mahā-Purāṇa*.

Prof. Kotovsky: *Mahā-Purāṇa*.

Śrīla Prabhupāda: Sim. Traduzimos todo o texto — primeiro apresentamos o texto original em sânscrito, sua transliteração, o equivalente em inglês para cada palavra, depois a tradução e então um significado, ou explicação do verso. Dessa maneira, há dezoito mil versos no *Śrīmad-Bhāgavatam*. Estamos traduzindo literalmente tudo. O senhor poderá ver. Todos e cada um dos versos recebe este tratamento no decurso de todo o *Bhāgavata Purāṇa*. A opinião dos *ācāryas*, os grandes sábios santos que são pregadores da filosofia *Bhāgavata*, é: este é o fruto maduro da árvore védica dos desejos (*Śrīmad-Bhāgavatam* 1.1.3). Ele é aceito por todos os acadêmicos indianos, e o Senhor Caitanya especialmente pregou este *Bhāgavatam*. De modo que temos o *Bhāgavatam* completo em sua tradução para o inglês. Se o senhor quiser vê-lo, posso lhe mostrar.

Prof. Kotovsky: Parece-me que nas bibliotecas de Moscou e Leningrado temos quase todos os textos principais da antiga cultura indiana, começando dos *Vedas*, os textos originais em sânscrito. Por exemplo, na seção de nosso Instituto em Leningrado há seis ou oito edições do *Manu-smṛiti*. Este Instituto foi fundado durante a Rússia Imperial em Leningrado, de modo que atualmente em Leningrado temos uma seção de nosso Instituto que trata principalmente da história da cultura asiática. O senhor encontrará aqui um relatório do que está sendo traduzido e que estudos estão sendo feitos sobre a história da religião indiana e também sobre o estado da religião indiana, hinduísmo, na Índia hindu de hoje em dia.

Śrīla Prabhupāda: O hinduísmo é um tópico muito complexo.

Prof. Kotovsky: Ah, sim. (Eles riem.) Realmente, pelo que posso entender, o hinduísmo não é uma religião do ponto de vista europeu; é um modo de vida — religião, filosofia, modo de vida, tudo o que o senhor queira.

Śrīla Prabhupāda: Este termo “hindu” não é palavra sânscrita. Foi um termo dado pelos maometanos. O senhor sabe que existe um rio, Indus, que em sânscrito chama-se Sindhu. Os maometanos pronunciam *s* com *h* (aspirado). Em vez de *Sindhu*, eles o chamavam de *Hindu*. Então “Hindu” é um termo que não é encontrado no dicionário sânscrito, mas que passou a ser usado. Porém, a verdadeira instituição cultural chama-se *varṇāśrama*. Existem quatro *varṇas* (divisões sociais) — *brāhmaṇa*, *kṣatriya*, *vaiśya* e *śūdra* — e quatro *āśramas* (divisões espirituais) — *brahmacārya*, *gṛhastha*, *vānaprastha* e *sannyāsa*. Segundo o conceito védico de vida, a menos que as pessoas adotem este sistema ou instituição de quatro *varṇas* e quatro *āśramas*, elas realmente não se tornam seres humanos civilizados. É preciso adotar este processo de quatro divisões de ordens sociais e quatro divisões de ordens espirituais; isso se chama *varṇāśrama*. A cultura da Índia baseia-se nesse antigo sistema védico.

Prof. Kotovsky: *Varṇāśrama*.

Śrīla Prabhupāda: *Varṇāśrama*. E no *Bhagavad-gītā* — talvez o senhor tenha lido o *Bhagavad-gītā*?

Prof. Kotovsky: Sim.

Śrīla Prabhupāda: Ali, no *Bhagavad-gītā* (4.13), há a declaração: este sistema foi criado por Viṣṇu (Deus). Assim, visto que o *varṇāśrama* é uma criação do Supremo, ele não pode ser mudado. Ele prevalece em toda a parte. É assim com o sol. O sol é uma criação do Supremo. O brilho do sol existe na América, na Rússia e na Índia — em toda a parte. De modo semelhante, este sistema *varṇāśrama* prevalece em toda a parte de uma forma ou de outra. Tome, por exemplo, os *brāhmaṇas*, a classe mais inteligente de homens. Eles são os cérebros da sociedade. Os *kṣatriyas* são a classe administrativa; depois, os *vaiśyas* são a classe produtiva, e os *śūdras* são a classe trabalhadora. Essas quatro classes de homens prevalecem em toda a parte sob diferentes nomes. Por ter sido criado pelo criador original, ele prevalece em toda a parte, o *varṇāśrama-dharma*.

Prof. Kotovsky: É interessante que na opinião de alguns intelectuais europeus e antigos russos, este sistema *varṇāśrama* é uma criação posterior, e se o senhor lesse os antigos textos da literatura védica, encontraria uma sociedade muito mais simples e mais agrária. É opinião desses intelectuais que o sistema *varṇāśrama* foi introduzido na sociedade indiana numa época posterior à era védica, mas não desde o princípio. E se o senhor analisasse os textos antigos, o senhor encontraria que na antiga Índia clássica esse sistema não prevalecia tanto.

Śrīla Prabhupāda: Quanto a nós, isso é mencionado no *Bhagavad-gītā*. O *Bhagavad-gītā* foi falado há cinco mil anos, e no *Bhagavad-gītā* se diz: “Este sistema do *Bhagavad-gītā* foi falado por Mim ao deus do Sol”. Assim, se o senhor fizer uma estimativa desse período, ele remonta a quarenta milhões de anos atrás. Podem os eruditos europeus remontar na história a cinco mil anos atrás? Podem eles remontar a quarenta milhões de anos no passado? Temos evidência de que este sistema *varṇāśrama* existe há pelo menos cinco mil anos. O sistema *varṇāśrama* também é mencionado no *Viṣṇu Purāṇa* (3.8.9). O *varṇāśrama-dharma* não é um fenômeno de um período histórico calculado na era moderna. É algo natural. No *Śrīmad-Bhāgavatam* dá-se a comparação de que assim como no corpo

há quatro divisões — a divisão do cérebro, a divisão dos braços, a divisão do estômago e a divisão das pernas — da mesma forma, por arranjo da natureza essas quatro divisões existem no corpo social. Existe uma classe de homens que são considerados o cérebro, uma classe de homens que são considerados os braços do estado, uma classe de homens que são chamados a classe produtora e assim por diante. Não há necessidade de investigar historicamente; esse arranjo, existe naturalmente desde o dia da criação.

Prof. Kotovsky: O senhor disse que em qualquer sociedade há quatro divisões, mas elas não são tão fáceis de se distinguir. Por exemplo, pode-se agrupar diferentes grupos profissionais e classes sociais em quatro divisões em qualquer sociedade; não há dificuldade. A única dificuldade é, por exemplo, na sociedade socialista — em nosso país e outras sociedades socialistas — saber como o senhor pode distinguir o grupo produtor dos trabalhadores.

Śrīla Prabhupāda: Por exemplo, nós pertencemos a classe intelectual de homens. Isto é uma divisão.

Prof. Kotovsky: Classe inteligente, *brāhmaṇas*. E o senhor pode, também, incluir toda a intelectualidade nesse setor.

Śrīla Prabhupāda: Sim.

Prof. Kotovsky: E depois a classe administrativa.

Śrīla Prabhupāda: Sim.

Prof. Kotovsky: Mas quem são os vaiśyas e os sūdras? Essa é a dificuldade. Porque todos os outros são trabalhadores — trabalhadores de indústrias, trabalhadores de coletividades agrícolas e assim por diante. Assim, a partir deste ponto de vista, há uma grande distinção, em minha opinião, entre a sociedade socialista e todas as sociedades que precedem ao socialismo, porque na moderna sociedade ocidental o senhor pode agrupar todas as classes sociais e profissionais nessas divisões de classe particulares — *brāhmaṇas*, *kṣatriyas*, *vaiśyas* e *sūdras*: intelectuais, classe produtora, proprietários do sistema produtor (donos de indústria, por exemplo) e trabalhadores subalternos. Mas aqui o senhor não encontra *vaiśyas* porque há grupos administrativos em indústrias, e o senhor pode chamá-los *kṣatriyas*, e depois há os *sūdras*, os próprios trabalhadores, mas nenhuma classe intermediária.

Śrīla Prabhupāda: Isso está afirmado. Nesta era, praticamente todos os homens são *sūdras*. Mas se houver simplesmente *sūdras*, a ordem social será perturbada. Apesar de seu estado de *sūdras*, o *brāhmaṇa* é encontrado, e isso é necessário. Se o senhor não dividir a ordem social dessa maneira, haverá caos. Esta é a estimativa científica dos Vedas. Pode ser que o senhor pertença à classe dos *sūdras*, mas, para manter a ordem social, o senhor tem de treinar alguns dos *sūdras* a se tornarem *brāhmaṇas*. A sociedade não pode depender de *sūdras*. Tampouco o senhor pode depender dos *brāhmaṇas*. Para satisfazer as necessidades de seu corpo, é preciso haver um cérebro, braços, um estômago e pernas. As pernas, o cérebro e os braços são todos necessários para a cooperação com o propósito de cumprir a missão de todo o corpo. Desse modo, em qualquer sociedade o senhor poderá ver que, a menos que haja essas quatro divisões, haverá caos. Ela não funcionará apropriadamente. Vai haver *māyā* e haverá distúrbios. É preciso haver o cérebro, mas no momento atual há escassez de cérebros. Eu não estou falando de seu estado ou meu estado; estou considerando o mundo como um todo. Antigamente a administração indiana era monárquica. Por exemplo, Mahārāja Parīkṣit era um rei *kṣatriya*. Justamente antes de sua morte, ele renunciou a sua ordem real. Ele foi para a floresta a fim de ouvir sobre a auto-realização. Se o senhor quer manter a paz e prosperidade de toda a sociedade mundial, o senhor tem de criar uma classe de homens muito inteligentes, uma classe de homens hábeis em administração, uma classe de homens hábeis em produção e uma classe de homens para trabalhar. Isso é necessário; não se pode evitar isso. Essa é a concepção védica. *Mukha* significa “o rosto”, *bāhu* significa “os braços”. *ūru* significa “a cintura,” e *pāda*, “as pernas”. Quer o senhor considere este estado ou aquele estado, a menos que haja o estabelecimento regular e sistemático dessas quatro ordens da vida, o estado ou sociedade não funcionará muito regularmente.

Prof. Kotovsky: De um modo geral, parece-me que todo este sistema *varṇāśrama* até certo ponto criou uma divisão natural de trabalho na sociedade antiga. Mas atualmente a divisão de trabalho entre as pessoas em qualquer sociedade é muito mais complicada e sofisticada. De modo que é muito confuso agrupá-las em quatro classes.

Śrīla Prabhupāda: A confusão surgiu porque na Índia, numa época posterior, o filho de um *brāhmaṇa*, sem ter qualificações bramânicas, afirmou ser um *brāhmaṇa*; e os outros, por superstição ou costume tradicional, aceitaram-no como *brāhmaṇa*. Portanto a ordem social indiana foi rompida. Porém, em nosso movimento da consciência de Kṛṣṇa estamos treinando *brāhmaṇas* em toda a parte, porque o mundo precisa do cérebro de um *brāhmaṇa*. Embora Mahārāja Parīkṣit fosse um monarca, ele mantinha um corpo de *brāhmaṇas* e sábios eruditos para suas consultas, um corpo consultivo. Não é que os monarcas eram independentes. Na história encontramos que se algum dos monarcas não estavam em ordem, eles eram destronados pelo conselho consultivo bramânico. Embora os *brāhmaṇas* não tomassem parte em política, eles aconselhavam o monarca a como executar a função real. Isso não acontecia em passado tão remoto assim. Há quanto tempo atrás reinou Aśoka?

Prof. Kotovsky: Isso equivaleria ao que chamamos, em nossa terminologia, de Índia antiga e medieval.

Śrīla Prabhupāda: Sim.

Prof. Kotovsky: Na antiga Índia feudal — o senhor tem razão — isso era muito freqüente, e a maior parte do alto pessoal administrativo no departamento legislativo eram *brāhmaṇas*. Mesmo na era mongol havia *brāhmaṇas* para aconselhar os imperadores e administradores muçulmanos.

Śrīla Prabhupāda: Isso é um fato — os *brāhmaṇas* eram aceitos. Eles formavam o comitê consultivo do rei. Por exemplo, Candragupta, o rei hindu, governou na época de Alexandre Magno. Foi justamente antes de Candragupta que Alexandre Magno foi da Grécia à Índia e conquistou-lhe uma parte. Quando Candragupta tornou-se imperador, ele tinha Cāṇakya como seu primeiro ministro. Talvez o senhor tenha ouvido falar deste nome, Cāṇakya?

Prof. Kotovsky: Sim.

Śrīla Prabhupāda: Sim, ele foi um grande político-*brāhmaṇa* e é por causa de seu nome que a área de Nova Delhi onde se encontram todas as embaixadas estrangeiras chama-se Cāṇakya Purī. Cāṇakya Paṇḍita foi um grande político e *brāhmaṇa*. Ele era vastamente erudito. Suas instruções morais ainda são valiosas. Na Índia, as crianças na escola aprendem as instruções de Cāṇakya Paṇḍita. Embora fosse o primeiro ministro, Cāṇakya Paṇḍita mantinha seu espírito de *brāhmaṇa*; ele não aceitava nenhum salário. Se um *brāhmaṇa* aceita salário, compreende-se que ele se tornou um cachorro. Isso é afirmado no *Śrīmad-Bhāgavatam*. Ele pode dar conselhos, mas não pode aceitar empregos. De forma que Cāṇakya Paṇḍita vivia numa cabana, mas na verdade ele era o primeiro ministro. Esta cultura bramânica e o cérebro bramânico são o padrão da civilização védica. O *Manu-smṛti* é um exemplo do padrão de cultura bramânica. O senhor não pode remontar na história ao tempo em que foi escrito o *Manu-smṛti*, mas ele é considerado tão perfeito que é a lei hindu. Não há necessidade de a legislatura decretar uma nova lei diariamente para ajustar a ordem social. A lei dada por Manu é tão perfeita que pode ser aplicável para todas as épocas. Em sânscrito declara-se que o *Manu-smṛti* é *tri-kālādau*, que significa “válido para o passado, o presente e o futuro”.

Prof. Kotovsky: Desculpe-me interrompê-lo, mas segundo sei, toda a sociedade hindu na segunda metade do século dezoito estava, por ordem da administração britânica, sob uma lei divergente da lei hindu. Houve muita mudança. A verdadeira lei hindu que era usada pelos hindus era completamente diferente do *Manu-smṛti* original.

Śrīla Prabhupāda: Agora eles fizeram mudanças. Mesmo nosso falecido Paṇḍita Jawaharlal Nehru introduziu seu próprio código hindu. Ele introduziu o direito de divórcio no matrimônio, mas isso não estava no *Manu-smṛti*. Há tantas coisas que eles mudaram, mas, antes desta era moderna, toda a sociedade humana era governada pelo *Manu-smṛti*. Estritamente falando, os hindus modernos não estão seguindo estritamente as escrituras hindus.

Mas nossa idéia não é tentar reviver o velho tipo de sociedade hindu. Isso é impossível. Nossa idéia é aproveitar as melhores idéias da idéia original. Por exemplo, no *Śrīmad-Bhāgavatam* há uma descrição da idéia comunista. Ela é descrita para Mahārāja Yudhiṣṭira. Se há algo de bom, uma boa experiência, por que não a adotar? Este é o nosso ponto de vista. Além disso, a civilização moderna está carente de um ponto totalmente importante — o objetivo da vida humana. Cientificamente, o objetivo da vida humana é a auto-realização, ātma-tattva. Afirma-se que a menos que os membros da sociedade humana cheguem ao ponto da auto-realização, eles são derrotados em tudo o que façam. Na verdade, isso está acontecendo na sociedade moderna, a despeito de todo o avanço econômico e outros avanços: em vez de manter a paz e a tranqüilidade, eles estão lutando — individual, social, política e nacionalmente. Se meditarmos sobre isso friamente, poderemos ver que, apesar de muitas melhorias em muitos ramos de conhecimento, estamos mantendo a mesma mentalidade que é visível na sociedade animal inferior. Nossa conclusão, segundo o *Śrīmad-Bhāgavatam*, é que este corpo humano não se destina a trabalhar arduamente para o gozo dos sentidos. Mas as pessoas não conhecem nada além disso. Elas não sabem da próxima vida. Não há ramo científico de conhecimento para estudar o que acontece depois que este corpo acaba. E esse é um importante setor de conhecimento. No *Bhagavad-gītā* (2.13) se diz, *dehino 'smin yathā dehe. Deha* significa “este corpo”. *Dehinaḥ* significa “aquele que possui este corpo” O *dehī*, o proprietário do corpo, está dentro, e o corpo está mudando de uma forma para outra. A criança tem determinado tipo de corpo que muda para outro tipo quando fica mais velho. Mas o proprietário do corpo ainda existe por todo esse tempo. De forma semelhante, quando este corpo se transforma completamente, aceitamos outro corpo. As pessoas não compreendem isto. Estamos aceitando diferentes corpos, mesmo durante esta vida, da infância à meninice, à adolescência, à juventude. Isso é um fato — todos sabem disso. Eu era uma criança, mas aquele corpo infantil não existe mais. Agora tenho um corpo diferente. Qual a dificuldade em entender que quando este corpo não existir mais, então terei de aceitar outro corpo? Essa é uma grande ciência.

Prof. Kotovsky: Como o senhor sabe, há duas abordagens para este problema, completamente opostas. A abordagem é ligeiramente diferente de acordo com diferentes religiões, mas, ao mesmo tempo, qualquer religião reconhece ou busca a experiência da mudança-de-local, ou transmigração da alma. Na religião cristã, no judaísmo, no...

Śrīla Prabhupāda: Não estou falando de religiões com o senhor. Estou falando de ciência e filosofia. Pode ser que uma religião aceite um método; esta não é a nossa preocupação. Estamos interessados na idéia de que se o proprietário do corpo é permanente apesar de diferentes alterações do corpo, não deve haver dificuldade em entender que quando este corpo mudar inteiramente, o proprietário do corpo terá outro corpo.

Prof. Kotovsky: Outra abordagem é que não há separação. Não há dois fenômenos — o corpo e o proprietário do corpo são a mesma coisa.

Śrīla Prabhupāda: (enfaticamente) Não.

Prof. Kotovsky: Quando o corpo morre, o proprietário também morre.

Śrīla Prabhupāda: Não, não. Mas por que não há departamento de conhecimento na universidade para estudar este fato cientificamente? Esta é minha proposição — eles estão carentes disso. Pode ser que seja como o senhor diz ou pode ser que seja como eu digo, mas é preciso haver um departamento de conhecimento para estudar isto. Recentemente, um cardiologista em Toronto, um médico, aceitou que existe uma alma. Eu me correspondo com ele e ele crê fortemente na existência de uma alma. De modo que há outro ponto de vista, mas nosso processo é aceitar conhecimento da autoridade. Temos a afirmação de Kṛṣṇa sobre este assunto, e Ele é autorizado. Kṛṣṇa é aceito como a autoridade por todos os *ācāryas*. O *Bhagavad-gītā* é aceito por círculos eruditos e filosóficos em todo o mundo. Kṛṣṇa diz: “Assim como a alma abandona o corpo infantil e chega à adolescência e depois à juventude, a alma também abandona este corpo e aceita outro corpo” (Bg. 2.13). Esta declaração é feita por Kṛṣṇa, a maior autoridade segundo nossa tradição de conhecimento. Nós aceitamos tal declaração sem argumentos. E assim que funciona a compreensão védica.

Prof. Kotovsky: A dificuldade de nossa abordagem é que não acreditamos em nada sem argumentação. Só podemos acreditar em coisas baseadas em argumentos.

Śrīla Prabhupāda: Sim, isso é permitido. Argumentação, é permitido — mas não com espírito desafiador, mas, antes, com o espírito de querer compreender. Não se nega a argumentação. Porém, no que diz respeito às afirmações védicas, elas são infalíveis, e os eruditos nos *Vedas* aceitam-nas dessa maneira. Por exemplo, o estrume de vaca é excremento de um animal. Ora, a afirmação védica é que tão logo se toque no excremento de qualquer animal — mesmo que se toque o próprio excremento — fica-se impuro e, para purificar-se, é preciso tomar banho. Segundo o sistema hindu, após evacuar temos de tomar banho.

Prof. Kotovsky: Este é um conhecimento higiênico bastante compreensível.

Śrīla Prabhupāda: Sim.

Prof. Kotovsky: Sim, isso é correto.

Śrīla Prabhupāda: Mas em outra parte se afirma que o estrume de vaca, apesar de ser excremento de um animal, é puro. Mesmo que o apliquemos a um local impuro, este local purifica-se. Isto é superficialmente contraditório. Em uma passagem se diz que o excremento de um animal é impuro e tão logo o toquemos temos que nos purificar, e em outra passagem se diz que o estrume de vaca é puro. De acordo com nosso conhecimento, isso é contraditório — mas ainda assim é aceito por àqueles que são seguidores dos *Vedas*. E o fato é que se o senhor analisar o estrume de vaca, observará que ele contém todas as propriedades antissépticas.

Prof. Kotovsky: Disso eu não sabia.

Śrīla Prabhupāda: Pois é. Um professor de uma faculdade de medicina analisou-o e descobriu que ele é cheio de propriedades antissépticas. Dessa forma, as afirmações védicas, mesmo que aparentemente contraditórias, se analisadas minuciosamente, mostrarão ser corretas. Pode ser que haja uma exceção. Mas ela é aceita, e quando cientificamente analisada e examinada, verifica-se que é correta.

Prof. Kotovsky: Sim, se o senhor analisa do ponto de vista científico, está bom.

Śrīla Prabhupāda: Há outros casos — por exemplo, o búzio. O búzio é o osso de um animal, e, segundo a instrução védica, se o senhor toca o osso de um animal o senhor torna-se impuro e tem de tomar banho. Mas este mesmo búzio é mantido nos aposentos da Deidade porque é aceito como sendo puro pelos *Vedas*. Meu ponto é que nós aceitamos as leis védicas sem argumentos. Este é o princípio seguido pelos eruditos. Se o senhor pode substanciar suas afirmações com citações dos *Vedas*, então elas são aceitas. Não é necessário substanciá-las de outras maneiras. Há diferentes tipos de *pramānas*, ou evidências. A prova dada pela citação védica chama-se *śruti-pramāna*. Assim como na justiça se o senhor pode apresentar declarações do livro de lei sua declaração é aceita, da mesma forma todas as declarações que o senhor apresenta, se apoiadas pelos *śruti-pramānas*, são aceitas pelos eruditos. Creio que o senhor conhece os *Vedas* como *śrutis*.

Prof. Kotovsky: Sim.

Śrīla Prabhupāda: Qualquer sistema que aceitamos deve ser apoiado por evidência de *śruti*, de *smṛti*, dos *Purānas* e do *Pañcarātra*. Aquilo que não é provado por esses *pramānas* é um distúrbio.

Prof. Kotovsky: O senhor me permitiria dizer apenas uma coisa? O que está nos *Vedas* também poderia ter sido provado de maneira científica. Suponha que hoje em dia haja um laboratório científico. O que é dito por este laboratório é verdade. O senhor aceita que é verdade, sem penetrar na veracidade disso. Suponha que o senhor tenha uma organização ou instituição científica; se esta organização ou instituição científica disser: “Isto não é bom”, a massa em geral tomará isto como certo: “Sim. O corpo científico disse assim, assim entendemos”.

Śrīla Prabhupāda: De modo semelhante, autorizadas afirmações védicas são aceitas pelos *ācāryas* (grandes mestres). A Índia é governada pelos *ācāryas* — Rāmānujācārya, Madhvācārya, Śaṅkarācārya. Eles aceitam os *Vedas*, e seus seguidores os aceitam. O benefício é que eu não perco meu tempo investigando se o estrume de vaca é puro ou impuro: pelo contrário, porque se afirma nos *Vedas* que ele é puro, eu aceito isso. Pouco meu tempo aceitando o *śruti-pramāna*. Dessa maneira, há diferentes afirmações nos *Vedas* em sociologia, em política ou qualquer coisa, pois *veda* significa “conhecimento”.

Prof. Kotovsky: Permita-me fazer-lhe uma pergunta. O senhor tem muitos centros de sua sociedade no mundo?

Śrīla Prabhupāda: sim.

Prof. Kotovsky: Onde se encontra o seu centro principal, e onde ficam os centros da sociedade da consciência de Kṛṣṇa?

Śrīla Prabhupāda: Bem, tenho cerca de sessenta e cinco centros.

Prof. Kotovsky: Sessenta e cinco.

Śrīla Prabhupāda: Sim, e estabeleci meu centro principal em Los Angeles. E agora estamos estabelecendo um importante centro em Māyāpur, a terra natal do Senhor Caitanya. O senhor já esteve na Índia?

Prof. Kotovsky: Seis ou sete vezes. Agora há uma situação muito difícil em Calcutá por causa do fluxo de refugiados de Bangladesh.

Śrīla Prabhupāda: Sim, mas fizemos nosso *saṅkīrtana* lá por dez dias, e foi algo muito maravilhoso. Juntavam-se nada menos que trinta mil pessoas diariamente. Eles estavam muito interessados em ouvir nossas palestras, visto que damos palestras sobre o *Śrīmad-Bhāgavatam* e o *Bhagavad-gītā*. De maneira que as pessoas estão correspondendo em todas as partes do mundo, especialmente os rapazes e moças americanos. Eles estão especialmente interessados, e a Inglaterra, e também a Alemanha e a França. Daqui eu planejo ir para Paris. Qual é o nome daquele lugar?

Discípulo: Em Paris? Ah, Fontenay-aux-Roses?

Śrīla Prabhupāda: Sim, eles adquiriram toda uma mansão, uma bela casa. De modo que nosso processo é muito

simples. Pedimos a nossos estudantes que observem quatro princípios proibitivos — nenhuma vida sexual ilícita, nenhum comer de carne, peixes ou ovos, nenhum jogo e nenhuma intoxicação, incluindo cigarros, chá e café. Tem-se de obedecer a esses quatro princípios e cantar o *mahā-mantra* Hare Kṛṣṇa, e o senhor verá como, unicamente através deste processo, esses rapazes e moças estão se aprimorando rapidamente. O processo é muito simples. Além disso, temos livros — volumes de livros — o *Śrīmad-Bhāgavatam*, o *Bhagavad-gītā*. Por todos esses anos, já escrevi cerca de uma dúzia de livros de quatrocentas páginas — *Kṛṣṇa, a Suprema Personalidade de Deus* em duas partes, o *Śrīmad-Bhāgavatam* em seis partes, *Ensinos do Senhor Caitanya*, numa parte, *O Néctar da Devoção* numa parte. Assim, estamos tentando difundir esta consciência de Kṛṣṇa. Kṛṣṇa é uma personalidade histórica, tanto quanto Lenin é uma personalidade histórica. Assim como o senhor está tentando entender a filosofia dele, nos estamos tentando entender a filosofia de Kṛṣṇa.

Prof. Kotovsky: Há muitos participantes em seus sessenta e cinco centros?

Śrīla Prabhupāda: Ah, sim, mais de mil iniciados, e fora há muitos. Os mil iniciados aceitaram os princípios. Assim como esses rapazes. (Śrīla Prabhupāda aponta para seus dois secretários.)

Prof. Kotovsky: Mas isso não quer dizer que esses estudantes se apartam de universidades ocidentais e européias normais? Por exemplo, pode um estudante normal de uma das várias universidades que esteja assistindo a cursos normalmente também ser iniciado e admitido em sua comunidade?

Śrīla Prabhupāda: Se o senhor quer viver em nossa comunidade e ser iniciado, damos-lhe boas-vindas. Se não, venha e tente compreender nossa filosofia, leia nossos livros — temos muitos livros, revistas, perguntas e respostas. Tente compreender a filosofia. Não é que de repente um estudante vem e torna-se nosso discípulo. Primeiramente ele vem, associa-se conosco e tenta compreender. Nós não fazemos solicitações. Ele voluntariamente diz que quer ser um discípulo.

Prof. Kotovsky: O que acontece se, por exemplo, alguém não é um estudante mas um jovem trabalhador ou o jovem filho de um fazendeiro? Acaso ele renunciaria a toda a sua vida e se juntaria a sua comunidade em um determinado centro? Como se manteria ele em sua vida diária, na vida material?

Śrīla Prabhupāda: Como eu lhe disse, esta propaganda destina-se a criar *brāhmaṇas* em todo o mundo porque o elemento *brāhmaṇa* está faltando. Alguém que venha seriamente até nós tem de se tornar um *brāhmaṇa*, e por isso deve adotar a ocupação de um *brāhmaṇa* e abandonar a ocupação de um *kṣatriya* ou *śūdra*.

Mas se alguém quer manter sua profissão e também, ao mesmo tempo, compreender nosso movimento, isso é permitido. Temos muitos professores que seguem o nosso movimento. Há o professor Howard Wheeler, da Universidade do Estado de Ohio. Ele é meu discípulo. Ele está continuando o seu professorado, mas quase todo o dinheiro que ele recebe ele gasta para esta consciência de Kṛṣṇa. Os *gṛhasthas*, aqueles que são casados e vivem fora da comunidade, devem contribuir com cinquenta por cento de sua renda para nossa sociedade, manter vinte e cinco por cento para a família e vinte e cinco por cento para emergências pessoais. Mas o Senhor Caitanya Mahāprabhu ensina que não importa que uma pessoa seja um *gṛhastha* (chefe de família), ou um renunciante, ou um *brāhmaṇa* ou um *śūdra*. O Senhor Caitanya diz: “Qualquer pessoa que compreenda a ciência de Kṛṣṇa torna-se Meu mestre espiritual”. As verdadeiras palavras para esta citação em Bengali são *kibā vipra, kibā nyāsī, śūdra kene naya*. O senhor entende um pouco de bengali?

Prof. Kotovsky: Um pouco.

Śrīla Prabhupāda: Sim, como uma vibração. “Qualquer um que compreenda a ciência de Kṛṣṇa pode tornar-se um mestre espiritual” (*Caitanya-caritāmṛta, Madhya* 8.128).

Prof. Kotovsky: Mas, por criar *brāhmaṇas* de diferentes classes sociais da sociedade, o senhor nega a antiga prescrição das escrituras hindus.

Śrīla Prabhupāda: Não, eu a estabeleço.

Prof. Kotovsky: De acordo com todas as escrituras — os *Purānas*, etc. — todos os membros de uma dessas quatro classes de *varṇas* têm de nascer dentro dela.

Śrīla Prabhupāda: Não, não, não, não.

Prof. Kotovsky: Esse é o fundamento de todos os *varṇas*...

Śrīla Prabhupāda: Não, não. Desculpe-me.

Prof. Kotovsky: O fundamento de todos os *varṇas*...

Śrīla Prabhupāda: O senhor está falando incorretamente. Com todo o respeito, eu tomo a liberdade de lhe dizer que o senhor está falando incorretamente. No *Bhagavad-gītā* (4.13) se afirma: “Essas quatro ordens de *brāhmaṇas*, *kṣatriyas*, *vaiśyas* e *śūdras* foram criadas por Mim de acordo com a qualidade e o trabalho”. Não se faz menção de nascimento.

Prof. Kotovsky: Concordo com o senhor que isso foi adicionado por *brāhmaṇas* posteriores que tentaram perpetuar essas qualidades.

Śrīla Prabhupāda: Isso tem destruído a cultura indiana. Caso contrário, não teria havido necessidade da secessão de parte Índia em Paquistão. Não apenas isso, mas do ponto de vista histórico todo este planeta era Bhārata-varṣa, e era controlado por uma única bandeira até a época de Mahārāja Parikṣit. Depois foi gradualmente parcelando-se. Esta é a história. Posteriormente, separou-se o Paquistão. De forma que atualmente Bhārata-varṣa está aleijada, tendo se transformado em pequeno pedaço de terra. Entretanto, segundo a escritura védica, todo este planeta chama-se Bhārata-varṣa. Antigamente, ele chamava-se Ilāvṛta-varṣa. Mas desde que o imperador Bhārata o governou, ele passou a ser chamado Bhārata-varṣa. Assim, esta cultura, a consciência de Kṛṣṇa, sempre existiu. Considere qualquer religião — cristã, maometana, judaica. São religiões de no máximo dois a três mil anos de existência. Mas o senhor

não pode remontar ao começo desta escritura védica. Portanto ela é chamada *sanātana*, eterna. Esta cultura é para toda esta sociedade humana. Não é uma fé religiosa. A fé religiosa o senhor pode mudar, mas o verdadeiro *dharma* o senhor não pode mudar. Tente compreender Kṛṣṇa. No *Bhagavad-gītā* (18.66) Ele diz: “Abandona todas as outras formas de religião e simplesmente rende-te a Mim”. Isso é verdadeiro conhecimento — render-se ao Supremo. O senhor ou eu — qualquer um — é rendido a alguém. Isso é um fato. Nossa vida baseia-se na rendição, não é assim? O senhor concorda com este ponto?

Prof. Kotovsky: Até certo ponto temos de nos render.

Śrīla Prabhupāda: Sim, completamente.

Prof. Kotovsky: Temos de nos render à sociedade, por exemplo. A todo o povo.

Śrīla Prabhupāda: Sim, a todo o povo, ou ao estado, ou ao rei ou governo, ou a tudo o que o senhor diga. Esta rendição tem de existir.

Prof. Kotovsky: A única dificuldade é que não podemos nos render pela metade a um governo ou a um rei. A diferença principal é a da rendição ao rei, a uma pessoa ou a sociedade.

Śrīla Prabhupāda: Não, isso é apenas uma mudança de cor. Mas o princípio da rendição é o mesmo em todos os casos. Quer o senhor se renda à monarquia, democracia, à aristocracia ou à ditadura, o senhor tem de se render; isso é um fato. Sem rendição não há vida. Isso não é possível. De modo que estamos educando as pessoas a se renderem ao Supremo, de quem obtemos toda a proteção, como o próprio Kṛṣṇa diz. Ninguém pode dizer, “não, eu não sou rendido a ninguém”. Nem uma só pessoa pode dizer isso. A diferença é *a quem* nos rendemos. O objeto último de rendição é Kṛṣṇa. Portanto no *Bhagavad-gītā* (7.19) Kṛṣṇa diz: “Após render-se a tantas coisas, nascimento após nascimento, quando alguém é realmente sábio ele se rende a Mim. Um *mahātmā* assim é muito raro”.

Prof. Kotovsky: Mas, ao mesmo tempo, parece-me que a rendição deve ser acompanhada pela revolta. A história da humanidade tem provado que a humanidade tem se desenvolvido apenas pela revolta contra algum tipo de rendição. Na era medieval houve a Revolução Francesa. Isso foi uma revolta contra a rendição. Mas a própria revolução foi rendição à tropa e fileira do povo. O senhor concorda?

Śrīla Prabhupāda: Sim.

Prof. Kotovsky: Então isso é suficiente para se chegar ao ponto final. Rendição deve ser acompanhada por uma revolta contra alguns e uma rendição a outras pessoas.

Śrīla Prabhupāda: Mas a rendição só terá terminado completamente quando for rendição a Kṛṣṇa.

Prof. Kotovsky: Ah, ah.

Śrīla Prabhupāda: Esse é o ponto final — nenhuma outra rendição. Qualquer outra rendição tem de ser mudada por uma revolução. Mas quando se chega a Kṛṣṇa, então isto é suficiente. Fica-se satisfeito. Vou-lhe dar um exemplo: uma criança está chorando, e as pessoas passam-na de um colo para outro. Oh, mas ela não pára de chorar. Mas logo que o bebê vai para o colo da mãe...

Prof. Kotovsky: Ele pára de chorar.

Śrīla Prabhupāda: Sim, plena satisfação. De maneira que esta rendição, essas mudanças, continuarão em diferentes níveis. Mas a soma de toda essa rendição é a rendição a *māyā*. Portanto, no *Bhagavad-gītā* se diz que esta rendição, que negligencia Kṛṣṇa, é completa *māyā*. Ou o senhor se rende a isso ou àquilo, mas a rendição final é a rendição a Kṛṣṇa: aí o senhor será feliz. O processo de rendição existe, mas a rendição a Kṛṣṇa mantém-nos completamente satisfeitos transcendentemente.

Prof. Kotovsky: Acaso o senhor não tem enfrentado atitudes hostis a seus ensinamentos da parte de hindus ortodoxos ou *brāhmaṇas* na Índia?

Śrīla Prabhupāda: Nós os conquistamos.

Prof. Kotovsky: Ah.

Śrīla Prabhupāda: Qualquer hindu ortodoxo pode vir e desafiar, mas nós temos nossas armas — os textos védicos. De forma que ninguém tem vindo. Mesmo os sacerdotes cristãos nos Estados Unidos gostam de mim. Eles dizem: “Esses rapazes são americanos, cristãos, judeus, e agora estão muito interessados em Deus. Mas nós não pudemos salvá-los”. Eles estão admitindo isso. Seus pais e parentes vêm até mim, oferecem suas reverências e dizem: “Swamijī, foi para nossa grande fortuna que o senhor veio aqui ensinar a consciência de Deus” Então, ao contrário, eu tenho sido bem recebido. Na Índia, também, já que o senhor indagou acerca da Índia, todas as outras seitas estão admitindo que antes de mim muitos tipos de swamis foram para os países ocidentais, mas não puderam converter nem sequer uma pessoa à consciência de Kṛṣṇa. Eles estão admitindo isso. E quanto a mim mesmo, não tenho nenhum mérito por isso, mas estou confiante de que, porque estou apresentando o conhecimento védico como ele é, sem adulteração, isso está sendo eficiente. Esta é a minha confiança. Se o senhor tem o remédio certo e o administra a um paciente, o senhor pode ter certeza de que ele será curado.

Prof. Kotovsky: Dentre seus mil discípulos, quantos o senhor tem na Índia? Quantos participantes de sua comunidade o senhor tem na Índia?

Śrīla Prabhupāda: Na Índia?

Prof. Kotovsky: Sim.

Śrīla Prabhupāda: Na Índia há muitas pessoas conscientes de Kṛṣṇa — centenas, milhares, milhões. A Índia está fora de cogitação. Não há um hindu sequer que não seja consciente de Kṛṣṇa.

Prof. Kotovsky: Sim, compreendo.

Śrīla Prabhupāda: Vaiṣṇavas. Este é chamado o culto Vaiṣṇava. O senhor tem estado na Índia, de modo que algo de conhecimento comum, de que há muitos milhões de vaiṣṇavas. Por exemplo, este cavalheiro (um cavalheiro indiano

presente) é comandante das linhas aéreas Air India. Ele não é meu discípulo, mas é um vaiṣṇava, consciente de Kṛṣṇa. De forma semelhante na Índia há milhões de pessoas conscientes de Kṛṣṇa. Há inclusive maometanos que são conscientes de Kṛṣṇa. Na Universidade de Gorakhpur há um professor maometano que é um grande devoto do Senhor Kṛṣṇa. De modo que isso é natural. Diz-se no *Caitanya-caritāmṛta* que a consciência de Kṛṣṇa está em toda a parte, no coração de todos. É preciso simplesmente despertá-la através deste processo. Isso é tudo. Ela também existe no seu coração. Não é que ela seja alheia ao senhor. No coração de todos existe a consciência de Kṛṣṇa. Através deste processo temos de despertá-la. É algo parecido com a maneira como o sol nasce. Não é que de repente o sol surja de lugar nenhum. Ele existe, mas nasce de manhã. Analogamente, esta consciência de Kṛṣṇa está em toda a parte, mas de uma forma ou de outra agora ela está coberta. Através deste processo, ela é redespertada e elevada pela associação.

Prof. Kotovsky: O senhor chegou ontem a Moscou. O senhor já teve oportunidade de visitar algum lugar aqui em Moscou?

Śrīla Prabhupāda: Não, não estou muito interessado em fazer excursão turística.

Prof. Kotovsky: Mas, de qualquer modo, apenas ficar hospedado em hotel velho não é interessante — não ver muitas pessoas. E o senhor já vai partir depois de amanhã?

Śrīla Prabhupāda: Este é o meu programa.

Prof. Kotovsky: O senhor estará indo para os Estados Unidos ou a Europa?

Śrīla Prabhupāda: Sim, para a Europa. Paris. E teremos duas grandes cerimônias em Londres e São Francisco. Eles estão organizando o Festival Ratha-yātrā. Este festival de carros é observado em Jagannātha Purī. O senhor chegou a visitar Jagannātha Purī?

Prof. Kotovsky: Sim, o festival dos carros tem sido observado desde tempos imemoriais. Uma tradição antiqüíssima. Carros enormes.

Śrīla Prabhupāda: Sim, e agora está sendo introduzido nos países ocidentais em Londres e em São Francisco, e gradualmente talvez o introduzamos em outros países também.

Prof. Kotovsky: Em Londres há uma grande comunidade indiana.

Śrīla Prabhupāda: Não, não. Isto é organizado pelos ingleses e os americanos. As comunidades indianas em Londres e em São Francisco estão tentando tornar-se — o senhor conhece a palavra? *Sahib?*

Prof. Kotovsky: (Ri.) Ocidentalizados. (Ambos riem.) Um grande antropólogo social na Universidade escreveu algo muito interessante. Ele diz que há dois processos — o processo de ocidentalização entre os *brāhmaṇas*, principalmente os da classe alta, e o processo chamado sanscritização, que é o processo de adotar rituais de *brāhmaṇas*, etc., por parte de ditas classes baixas, mesmo os intocáveis. É um processo muito interessante que está acontecendo agora na Índia. Mas a posição da Índia, infelizmente, é problemática.

Śrīla Prabhupāda: A dificuldade é que a Índia não está em parte alguma. Eles estão tentando imitar a vida ocidental, mas do ponto de vista materialista ou técnico, eles estão centenas de anos atrasados.

Prof. Kotovsky: Sim, isso é verdade. Mas o que fazer pela Índia?

Śrīla Prabhupāda: Há uma coisa que estou experimentando. Se o patrimônio espiritual da Índia for distribuído, isso aumentará a honra da Índia. Porque em todos os lugares onde vou, as pessoas ainda adoram a cultura indiana. Se este tesouro do conhecimento espiritual da Índia for apropriadamente distribuído, pelo menos as pessoas fora da Índia entenderão que estão recebendo algo da Índia.

Prof. Kotovsky: Evidentemente, o senhor está certo. A herança cultural da Índia deve ser dada a conhecer em toda a parte. Mas, ao mesmo tempo, de que maneira isto beneficiaria as próprias massas indianas? Eles estão lá na Índia, e nada têm a ganhar da difusão da herança cultural indiana em todo o mundo. As aldeias indianas precisam ter fertilizantes, tratores, etc.

Śrīla Prabhupāda: Sim, não fazemos objeções a isso.

Prof. Kotovsky: Sim, não creio que o senhor possa fazer objeções, mas, ao mesmo tempo, algo tem de ser feito na Índia. Pode ser que chamem isso de ocidentalização, mas esta introdução de uma revolução industrial-tecnológica é necessária em todos os campos da vida indiana — agricultura, indústria, etc.

Śrīla Prabhupāda: Arjuna, antes de entender o *Bhagavad-gītā*, era um guerreiro, e após entender o *Bhagavad-gītā* ele permaneceu um guerreiro. Assim, nós não queremos mudar de posição. Por exemplo, o senhor é um professor respeitável, um mestre. Nós não dizemos que o senhor precisa mudar sua posição. Viemos para convencê-lo a respeito de nossa filosofia. Isso é tudo. Arjuna estava se negando a lutar. “Kṛṣṇa, eu não quero matar meus parentes. Eu não quero este reino”. Mas Kṛṣṇa lhe ensinou o *Bhagavad-gītā*, e, por fim, quando Kṛṣṇa perguntou: “Qual é a tua decisão agora?” ele disse, — “Sim, agirei de acordo como que disserdes” (Bg. 18.72). Isso significa que sua consciência mudou. Ele era um guerreiro, e permaneceu um guerreiro, mas mudou sua consciência. Nós queremos isso. Não queremos perturbar a atual condição da sociedade. Não somos contra a tecnologia. Não, mas tentamos fazer as pessoas compreenderem esta consciência de Kṛṣṇa. Este é o nosso programa.

Prof. Kotovsky: Evidentemente, ao mesmo tempo a meta final de qualquer consciência é mudar a sociedade — para fazê-la uma sociedade melhor.

Śrīla Prabhupāda: Isso é automático

Prof. Kotovsky: Eu não estou realmente tão feliz de que a meta final não seja perturbar a sociedade, porque na sociedade moderna há muitas coisas que devem ser mudadas através da consciência.

Śrīla Prabhupāda: Essa mudança preliminar consiste em seguir as regras e regulações de austeridade. Por exemplo, não tomar intoxicantes.



Prof. Kotovsky: Não se entregar a intoxicantes — simplicidade, etc.

Śrīla Prabhupāda: Então, se alguém adota este processo...

Prof. Kotovsky: Os outros virão automaticamente.

Śrīla Prabhupāda: Toda a vida de qualquer pessoa mudará, porque essas quatro coisas — vida sexual ilícita, intoxicantes, comer de carne e jogo — são enormes obstáculos para o aprimoramento social.

Prof. Kotovsky: Isso automaticamente fará a vida mais simples porque uma pessoa que não se entrega ao sexo ilícito, aos intoxicantes e essas outras coisas tem de levar uma vida relativamente simples.

Śrīla Prabhupāda: Outro dia eu estava conversando em Bombaim com um cavalheiro respeitável. Eu lhe dizia que Kṛṣṇa diz: “Mesmo àqueles que são de nascimento baixo — *strī, vaiśyas e śūdras* — também estão incluídos se Me aceitam. Aceitando Meu refúgio, eles também são elevados à posição transcendental” (Bg. 9.32). Porque, então, as classes superiores da sociedade hindu negligenciaram este preceito do *Bhagavad-gītā*? Suponha que alguém seja *pāpa-yonayah*, de nascimento baixo. Kṛṣṇa diz que ele pode ser “elevado à posição transcendental se Me aceita”. Porque esta mensagem não foi propagada pela classe superior de pessoas para que os chamados indivíduos de nascimento baixo pudessem ser elevados? Por que eles o rejeitaram? O resultado foi que ao invés de aceitarem os maometanos, os indianos os rejeitaram, e agora eles estão divididos. Eles se tornaram eternos inimigos da Índia. Assim, pela primeira vez estamos tentando elevar as pessoas à posição superior de consciência de Kṛṣṇa, mesmo as de nascimento baixo. Porque a alma é pura. Nos *Vedas* se diz que a alma não é tocada por nenhuma contaminação material; ela só fica coberta temporariamente. Esta cobertura deve ser removida. Aí então a pessoa torna-se pura. Esta é a missão da vida humana — descobrir-nos deste envolvimento material, chegarmos à compreensão espiritual e render-nos a Kṛṣṇa. Então a vida é perfeita.

## O minúsculo mundo da ciência moderna

*Durante uma caminhada matinal em abril de 1973, em Venice Beach, Los Angeles, Śrīla Prabhupāda discute sobre a ciência moderna e seus altos sacerdotes: “Eles afirmam ter um conhecimento que vale trilhões de dólares, mas se você lhes faz uma pergunta, eles simplesmente lhe dão um cheque pré-datado. Por que deveríamos aceitá-lo? Eles não podem nem sequer produzir uma folha de capim através de suas experiências biológicas ou químicas. Não obstante, eles estão afirmando que a criação é produzida por algum método químico ou biológico. Por que ninguém questiona todo este disparate?”*

Śrīla Prabhupāda: Todo o mundo da ciência e da tecnologia baseia-se na idéia falsa de que a vida nasce da matéria. Não podemos permitir que esta teoria disparatada não seja desafiada. A vida não vem da matéria. A matéria é gerada da vida. Isto não é teoria; isso é um fato. A ciência baseia-se numa teoria errada; portanto todos os seus cálculos e conclusões estão errados, e as pessoas estão sofrendo por causa disso. Quando todas essas modernas teorias científicas erradas forem corrigidas, as pessoas tornar-se-ão felizes. Assim é que temos de desafiar os cientistas e derrotá-los. Caso contrário, eles desencaminharão toda a sociedade.

A matéria se transforma em seis fases: nascimento, crescimento, manutenção, produção de sub-produtos, degeneração e morte. Mas a vida dentro da matéria, a alma espiritual, é eterna; ela não passa por tais transformações. A vida parece desenvolver-se e decair, mas na realidade ela simplesmente passa por cada uma dessas seis fases até que o corpo material não pode mais ser mantido. Então o corpo velho morre e a alma entra em um novo corpo. Quando nossa roupa está velha e puída, nós a trocamos. Analogamente, um dia nossos corpos tornam-se velhos e inúteis, e nós passamos para um novo corpo.

Como Kṛṣṇa diz no *Bhagavad-gītā* (2.13): “Assim como a alma corporificada passa continuamente, neste corpo, da infância à juventude e à velhice, de forma semelhante a alma passa para outro corpo à hora da morte”. E um pouco depois (2.18) afirma-se que apenas o corpo material da entidade indestrutível e eterna está sujeito à destruição. Este corpo material é perecível, mas a vida dentro do corpo é *nitya*, eterna.

Segundo os *Vedas*, a medida da alma dentro do corpo é de uma décima milésima parte da ponta de um fio de cabelo. Ela é muito pequena; de fato, ela é atômica. Contudo, por causa desta energia espiritual atômica, meu corpo está funcionando. Acaso isso é tão difícil de entender? Suponhamos que um homem se julgue muito valente e forte. Por que ele é valente e forte? Somente porque dentro de seu corpo há uma pequena centelha espiritual. Mas assim que a centelha espiritual se vai, seu corpo morre, e sua força e vigor tornam-se vazios. Se os cientistas dizem que a matéria é a causa e origem da vida, por que, então, não ressuscitam pelo menos um homem, injetando-lhe elementos químicos? Mas isso eles não conseguem fazer.

Dr. Singh: Uma vez que os cientistas não podem ver a alma espiritual, eles dizem que sua existência é muito duvidosa.

Śrīla Prabhupāda: Como poderiam eles vê-la? Ela é muito pequena para ser vista. Quem teria essa capacidade de ver?

Dr. Singh: Mesmo assim, eles querem perceber isso por algum meio.

Śrīla Prabhupāda: Se você injeta apenas um grão de veneno mortal em alguém, ele morre imediatamente. Ninguém pode ver o veneno ou como ele atua. Mas de qualquer modo o veneno atua. Da mesma maneira, os *Vedas* dizem que porque a partícula diminuta chamada alma está dentro do corpo, todo o corpo está funcionando bem. Se eu me corto, imediatamente sinto dor porque sou consciente em toda a minha pele. Mas tão logo a alma se ausente, que é o que acontece quando meu corpo morre, você pode pegar essa mesma pele e cortá-la toda que ninguém protestará.

Por que essa coisa tão simples é tão difícil de ser entendida? Por acaso isso não demonstra a presença do espírito?

Dr. Singh: Isso é a alma. Mas, e Deus?

Śrīla Prabhupāda: Primeiramente, vamos compreender a alma. A alma é um Deus pequeno. Se você entende a amostra, então você pode compreender o todo.

Agora aqui está a matéria. (Śrīla Prabhupāda aponta para uma árvore morta com sua bengala.) Anteriormente cresciam folhas e galhos desta árvore. Por que eles não estão crescendo agora? Podem os cientistas responder a esta pergunta?

Karandhara dāsa: Eles diriam que a composição química se transformou.

Śrīla Prabhupāda: Está bem, então se eles são tão avançados em conhecimento de química, eles têm de fornecer os elementos químicos adequados para fazer as folhas e galhos crescer novamente.

Brahmānanda Swami: Conhecimento significa que a pessoa tem de ser capaz de demonstrar sua teoria. Eles deviam ser capazes de demonstrar em seus laboratórios que a vida é causada por uma combinação de elementos químicos.

Śrīla Prabhupāda: Sim, método científico significa primeiramente observação, depois hipótese e depois demonstração. Mas esses cientistas não podem demonstrar suas hipóteses. Eles simplesmente observam e depois falam disparates.

Os cientistas dizem que os elementos químicos são a causa da vida. Mas todos os elementos químicos que existiam quando a árvore estava viva ainda estão presentes. E também existe a energia vital. Há milhares de micróbios na árvore, e todos eles são entidades vivas. Ninguém pode afirmar que não existe energia vital no corpo desta árvore.

Dr. Singh: Mas o que o senhor me diz da energia vital da própria árvore?

Śrīla Prabhupāda: Sim, esta é a diferença. A força viva é individual, e a entidade viva individual particular que era a árvore partiu. Esta deve ser a explicação, visto que todos os elementos químicos necessários para manter a vida ainda existem e todavia a árvore está morta.

Eis aqui outro exemplo: suponhamos que eu estou vivendo num apartamento, e então eu o abandono. Eu fui embora, mas muitas outras entidades vivas permanecem ali — formigas, aranhas, e assim por diante. Não é verdade que simplesmente por eu ter deixado o apartamento ele não possa mais acomodar vida. Outros seres vivos ainda estão vivendo ali. A questão é que eu — um ser vivo individual — parti. Os elementos químicos na árvore são como o apartamento; são apenas o ambiente dentro do qual a força viva individual — a alma — atua. Desse modo, os cientistas jamais serão capazes de produzir vida no laboratório químico.

Os pretensos cientistas dizem que a vida começa a partir de elementos químicos. Mas a verdadeira pergunta é: “De onde vêm os elementos químicos?” Os elementos químicos vêm da vida, e isto significa que a vida tem poder místico. Por exemplo, uma laranjeira contém muitas laranjas, e cada laranja contém elementos químicos — ácido cítrico e outros. Então, de onde vêm esses elementos químicos? Obviamente, eles vêm da vida dentro da árvore. Os cientistas não conhecem a origem dos elementos químicos. Eles começam sua investigação a partir dos elementos químicos, mas não conseguem identificar a origem dos elementos químicos. Os elementos químicos vêm da vida suprema, Deus. Assim como o corpo vivo de um homem produz muitos elementos químicos, a vida suprema (o Senhor Supremo) está produzindo todos os elementos químicos encontrados na atmosfera, na água, nos humanos, nos animais e na terra. E isso chama-se poder místico. A menos que o poder místico do Senhor Supremo seja aceito, não há solução para o problema da origem da vida.

Dr. Singh: Os cientistas replicarão que não podem crer em poder místico.

Śrīla Prabhupāda: Mas eles têm de explicar a origem dos elementos químicos. Qualquer pessoa pode ver que uma árvore comum está produzindo muitos elementos químicos; ninguém pode negar isso? Mas como ela os produz? Já que eles não podem responder a essa pergunta, eles têm de aceitar que a força viva tem poder místico. Eu não posso explicar como a unha cresce em meu dedo; isso está além da capacidade de meu cérebro. Em outras palavras, ela está crescendo por potência inconcebível, ou *acintya-śakti*. Então, se existe *acintya-śakti* em um ser comum, imaginem quanta *acintya-śakti* Deus possui.

A diferença entre mim e Deus é que embora eu tenha as mesmas potências que Deus, eu só posso produzir uma pequena quantidade de elementos químicos, ao passo que Ele pode produzir enormes quantidades. Eu posso produzir um pouco d'água sob a forma de suor, mas Deus pode produzir os mares. A análise de uma gota de água do mar lhe dá a análise qualitativa do mar, sem nenhum erro. Analogamente, o ser vivo comum é parte integrante de Deus, de modo que, analisando os seres vivos, podemos começar a compreender Deus. Em Deus há grande potência mística. A potência mística de Deus funciona rapidamente, assim como uma máquina elétrica. As máquinas operam através de certa energia, e são tão bem feitas que todo o trabalho é feito com o simples apertar de um botão. Semelhantemente, Deus disse: “Faça-se a criação,” e houve a criação. Consideradas dessa maneira, as funções da natureza não são muito difíceis de serem entendidas. Deus tem potências tão maravilhosas que a criação, unicamente por Sua ordem, ocorre imediatamente.

Brahmānanda Swami: Os cientistas não aceitam Deus ou *acintya-śakti*.

Śrīla Prabhupāda: Essa é a patifaria deles. Deus existe, e Sua *acintya-śakti* também existe.

Karandhara dāsa: Os cientistas dizem que a vida foi criada bioquimicamente.

Śrīla Prabhupāda: E eu lhes digo: “Por que vocês não criam a vida? Sua biologia e sua química são muito avançadas; por que, então, vocês não criam a vida?”

Karandhara dāsa: Eles dizem que vão criar a vida no futuro.

Śrīla Prabhupāda: Quando no futuro? Se os cientistas conhecem, o processo criativo, por que não podem criar a vida

agora? Se a vida tem uma origem bioquímica, e se os biólogos e químicos são tão avançados, por que, então, não podem eles criar vida em seus laboratórios? Quando se levanta essa questão crucial, eles dizem: “Faremos isso no futuro”. Por que no futuro? Isso é disparate. Não confie no futuro, por mais agradável que seja. Qual é o significado do avanço deles? Eles estão apenas falando dispartes.

Karandhara dāsa: Eles dizem que estão prestes a criar a vida.

Śrīla Prabhupāda: Mas isso também é o futuro de uma forma diferente. Eles têm de aceitar que ainda não conhecem a verdade sobre a origem da vida. Uma vez que eles têm esperança de poderem criar a vida no futuro, atualmente seu conhecimento é certamente imperfeito. Sua proposição é algo parecido com dar um cheque pré-datado a alguém. Suponhamos que eu lhe deva dez mil dólares e diga: “Sim, pagar-lhe-ei toda essa quantia com este cheque pré-datado. Está bom assim?” Se você for inteligente, responderá: “Por agora, dê-me pelo menos cinco dólares em dinheiro para que eu possa ver algo tangível”. De forma semelhante, os cientistas não podem nem sequer produzir uma folha de capim através da bioquímica, todavia ainda afirmam que a vida é criada a partir da matéria. Que disparate é esse? Por que ninguém está questionando isso? Nós podemos provar que a vida começou da vida. Aqui está a prova: quando o pai gera o filho, o pai está vivo e o filho está vivo. Mas onde está a prova científica de que a vida vem da matéria? Nós podemos provar que a vida começa da vida, e também podemos provar que a vida original é Kṛṣṇa. Mas que evidência existe de que alguma vez uma criança tenha nascido de uma pedra morta? Os cientistas não podem provar que a vida vem da matéria. Eles estão deixando isso de lado para o futuro.

Karandhara dāsa: A base do que os cientistas chamam de “integridade científica” é que eles só falam do que podem experimentar através de seus sentidos.

Śrīla Prabhupāda: Então eles estão padecendo do que chamamos de “filosofia do Doutor Sapo”. Era uma vez um sapo que tinha vivido toda a sua vida num poço. Certo dia, um amigo visitou-o e informou-o da existência do Oceano Atlântico.

“Oh! Que é este Oceano Atlântico?” perguntou o sapo no poço.

“É um vasto corpo de água”, respondeu seu amigo.

“Quão vasto é ele? O dobro do tamanho deste poço?”

“Ah, não, muito maior”, respondeu seu amigo.

“Quantas vezes maior? Dez vezes?”

Dessa maneira, o sapo continuou calculando. Mas que possibilidade tinha ele de entender as profundezas e distâncias do grande oceano? Nossas faculdades, experiências e poderes de especulação são sempre limitados. O sapo estava sempre pensando em termos relativos a seu poço. Ele não tinha capacidade de pensar de outra maneira. Analogamente, os cientistas estão avaliando a Verdade Absoluta, a causa de todas as causas, com seus sentidos e mentes imperfeitos, e assim estão sujeitos a serem confundidos. O erro essencial dos ditos cientistas é que eles adotam o processo indutivo para chegar a suas conclusões. Por exemplo, se um cientista quer determinar se um homem é mortal ou não através do processo indutivo, ele tem de estudar cada homem para tentar descobrir se alguns ou um deles poderia ser imortal. O cientista diz: “Eu não posso aceitar a proposição de que todos os homens são mortais. Pode ser que haja alguns homens que são imortais. Ainda não examinei todos os homens. Portanto, como posso aceitar que o homem é mortal?” Este é chamado o processo indutivo. E o processo dedutivo significa que seu pai, seu professor ou seu guru dizem que o homem é mortal, e você aceita esta proposição.

Dr. Singh: Então há um processo ascendente de obter conhecimento e um processo descendente?

Śrīla Prabhupāda: Sim. O processo ascendente jamais será bem-sucedido porque conta com informações adquiridas através dos sentidos, e os sentidos são imperfeitos. De forma que aceitamos o processo descendente. Deus não pode ser conhecido através do processo indutivo. Por isso Ele é chamado *adhokṣaja*, que significa “que não pode ser conhecido pela percepção direta”. Os cientistas dizem que Deus não existe porque estão tentando compreender as coisas através da percepção direta. Mas Ele é *adhokṣaja*; por isso os cientistas são ignorantes de Deus por não terem o método para conhecê-lo. A fim de compreender a ciência transcendental, é preciso que nos aproximemos de um mestre espiritual fidedigno, ouçamos dele submissamente e prestemos-lhe serviço. O Senhor Kṛṣṇa explica isso no *Bhagavad-gītā* (4.34).

Dr. Singh: Há um jornal científico chamado *Nature*. Ele contém artigos relativos a produtos naturais, tais como plantas e animais, mas não menciona Deus — somente a natureza.

Śrīla Prabhupāda: Podemos corretamente observar que as plantas estão sendo produzidas pela natureza, mas devemos perguntar: “O que produziu a natureza?” Fazer esta pergunta é inteligência.

Dr. Singh: Os cientistas não pensam sobre isso.

Śrīla Prabhupāda: Então eles são tolos. Tão logo falemos de natureza, a próxima pergunta deve ser: “Natureza de quem?” Por exemplo, eu falo de minha natureza, e falo de sua natureza. Portanto, tão logo se mencione o termo natureza, a próxima indagação deve ser: “Natureza de quem?” Natureza significa energia, e logo que você fala de energia, você tem de aceitar a existência de uma fonte dessa energia. Por exemplo, a fonte da energia elétrica é a central elétrica. A eletricidade não é produzida automaticamente. É preciso que instalemos uma central elétrica e um gerador. Analogamente, nos *Vedas* se diz que a natureza material funciona sob a orientação de Kṛṣṇa.

Dr. Singh: Então o senhor quer dizer que a ciência começou de um ponto intermediário, e não do ponto original?

Śrīla Prabhupāda: Sim, é exatamente isso. Eles são ignorantes da origem. Os cientistas começam de um ponto, mas de onde vem este ponto? Disso eles não sabem, apesar das vastas investigações. Temos de aceitar que a fonte original é Deus, o qual é pleno de todos os poderes místicos e do qual tudo emana. Ele próprio diz no *Bhagavad-gītā* (10.8): *aham sarvasya prabhavo mattaḥ sarvaṁ pravartate*, “Eu sou a fonte de todos os mundos materiais e espirituais.

Tudo emana de Mim”. Nossas conclusões não se baseiam em fé cega; elas são muito científicas. A matéria vem da vida. Na vida — na origem — há ilimitados recursos materiais; esse é o grande mistério da criação.

A pesquisa científica moderna é assim como a filosofia Sāṅkhya, que analisa os elementos materiais. Sāṅkhya significa “contar”. Nós também somos filósofos Sāṅkhya até certo ponto, porque contamos e analisamos os elementos materiais; isso é terra, isso é água, isso é ar, isso é luz do sol, isso é fogo. Além disso, eu posso contar minha mente, minha inteligência e meu ego. Além de meu ego, entretanto, eu não posso contar. Mas Kṛṣṇa diz que há existência além do ego, e essa existência é a força viva — a alma espiritual. É isto que os cientistas não conhecem. Eles pensam que a vida é meramente uma combinação de elementos materiais, mas Kṛṣṇa nega isto no *Bhagavad-gītā* (5.12). “Além desta natureza inferior há a Minha energia superior”. A energia inferior é os elementos materiais, e a energia superior é a entidade viva.

“Terra, água, fogo, ar, éter, mente, inteligência e falso ego — ao todo esses oito elementos compreendem Minhas energias materiais separadas” (Bg. 7.4). Kṛṣṇa explica aqui no *Bhagavad-gītā* que *vāyu* (gás) provém de Ele, e que mais refinado que os gases é *kham* (éter). Mais sutil que o éter é a mente, mais sutil que a mente é a inteligência e mais sutil que a inteligência é a alma. Mas os cientistas não sabem disso. Eles só podem perceber as coisas grosseiras. Eles mencionam *vāyu*, mas de onde provém o *vāyu*? De onde provém o gás?

Dr. Singh: Isso eles não podem responder.

Śrīla Prabhupāda: Mas nós podemos responder. Nós temos o conhecimento de que o gás provém de *kham*, ou éter, e o éter provém da mente, e a mente provém da inteligência, e a inteligência provém da energia superior de Kṛṣṇa, a alma espiritual.

Dr. Singh: Acaso ambas as energias, inferior e superior, são estudadas na filosofia Sāṅkhya?

Śrīla Prabhupāda: Não. Os filósofos Sāṅkhya não conhecem a energia superior. Eles simplesmente analisam os elementos materiais, assim como o fazem os cientistas. Nem os cientistas nem os filósofos Sāṅkhya sabem nada da alma espiritual. Eles estão simplesmente analisando a energia material de Kṛṣṇa.

Dr. Singh: Eles estão analisando os elementos materiais criativos?

Śrīla Prabhupāda: Os elementos materiais não são criativos! A *alma* é criativa. Ninguém pode criar a vida apenas com matéria, e a matéria não pode criar-se a si mesma. Você, a entidade viva, pode misturar hidrogênio com oxigênio para criar água. Mas a matéria em si não tem energia criativa. Se você coloca uma garrafa de hidrogênio próxima a uma garrafa de oxigênio, acaso elas se combinarão automaticamente sem sua ajuda?

Dr. Singh: Não. Elas têm de ser misturadas.

Śrīla Prabhupāda: Sim, a energia superior — a entidade viva — é necessária. O oxigênio e o hidrogênio constituem energia inferior, mas quando a energia superior os mistura, então eles podem transformar-se em água.

A energia inferior não tem poder a menos que a energia superior esteja envolvida. Este mar (indicando o Oceano Pacífico) está calmo e quieto. Mas quando a força superior — o ar — o empurra, criam-se ondas altas. O mar não tem poder sem a força superior. Analogamente, existe outra força superior ao ar, e outra, e outra, até que chegamos a Kṛṣṇa, a força mais superior. Isto é pesquisa verdadeira. Suponha que um trem esteja começando a se locomover. A máquina empurra um carro, que empurra outro e assim por diante, até que o trem inteiro está se movimentando. E todo o movimento origina-se com o engenheiro, uma entidade viva. De forma semelhante, na criação cósmica, Kṛṣṇa dá o primeiro impulso, e depois, mediante muitos impulsos sucessivos, toda a manifestação cósmica vem a existir. Isto é explicado no *Bhagavad-gītā* (9.10): “Esta natureza material está funcionando sob Minha direção, ó filho de Kunti, e está produzindo todos os seres móveis e imóveis”. E um pouco adiante: “Todas as espécies de vida fazem-se possíveis pelo nascimento na natureza material, e Eu sou o pai que dá a semente” (Bg. 14.4). Por exemplo, se semeamos uma semente de figo de bengala, eventualmente cresce uma árvore imensa, que produz milhões de novas sementes. Cada uma dessas sementes, por sua vez, produz outra árvore com milhões de novas sementes, e assim por diante. Assim é que Kṛṣṇa é o pai original que dá a semente.

Infelizmente, os cientistas só observam a causa imediata; eles não percebem a causa remota. Existem duas causas — a causa imediata e a causa remota. Kṛṣṇa é descrito nos *Vedas* como a causa de todas as causas. Se você entende a causa de todas as causas, então você entende tudo. “Se você conhece a causa original, as causas subordinadas posteriores são automaticamente conhecidas”. Embora os cientistas estejam buscando a causa original, quando os *Vedas*, que contêm conhecimento perfeito, dão a causa original, eles não a aceitam. Eles se atêm a seu conhecimento parcial e imperfeito.

Dr. Singh: Os cientistas estão preocupados com as fontes de energia, e agora eles estão trabalhando para utilizar a energia solar para cozinhar, aquecer, iluminar e vários outros propósitos. Eles têm a esperança de que quando esgotarem todas as outras fontes de energia, eles serão capazes de usar a energia solar.

Śrīla Prabhupāda: Esta não é uma teoria muito nova. Todos sabem que porque as raízes das árvores armazenam a energia do sol, é possível obter fogo de uma árvore. Esses cientistas são criaturas minúsculas, mas são muito orgulhosos. Nós não lhes damos crédito, porque eles estão simplesmente afirmando o que todo o mundo sabe. Logo que corta uma árvore, você não consegue obter fogo dela. Ela tem de ficar secando ao sol. Quando se colhe a energia do sol, a árvore pode ser utilizada para o fogo. Na realidade, tudo está sendo mantido pela energia do sol, mas os cientistas não sabem de onde vem a energia do sol. No *Bhagavad-gītā* (15.12) Kṛṣṇa diz: “O esplendor do sol, que dissipa a escuridão de todo este mundo, vem de Mim. E o esplendor da lua e o esplendor do fogo também vêm de Mim”.

Novamente, Kṛṣṇa diz: “Das luzes Eu sou o sol radiante”. (Bg. 10.21) Também, no Décimo Primeiro Capítulo do *Bhagavad-gītā* Arjuna diz a Kṛṣṇa, “O sol e a lua estão entre Vossos grandes olhos ilimitados”. Este conhecimento

está contido no *Bhagavad-gītā*, mas os cientistas não podem alcançar este conhecimento através de sua especulação. Podem?

Dr. Singh: Isso não é possível.

Śrīla Prabhupāda: E qual é o conhecimento deles? As escrituras dizem que mesmo que você contasse todos os grãos de areia na Terra, ainda assim não seria capaz de compreender Deus. Toda esta contagem material não quer dizer que você tem a capacidade de entender o ilimitado. Mas isso está inclusive além da capacidade que eles têm de contar todas as coisas materiais. Por que os cientistas são tão orgulhosos de sua energia e capacidades? Eles nem sequer têm conhecimento das coisas materiais, e o que dizer das espirituais! Quanto aos cientistas e outras entidades vivas, o conhecimento deles é limitado. Mas isso não se aplica a Kṛṣṇa. Se recebemos conhecimento de Kṛṣṇa, esse conhecimento é perfeito. Nas escrituras recebemos informação de que há novecentas mil espécies de vida existindo dentro do oceano. A informação dada nas escrituras é exata porque vem de Kṛṣṇa, e como o próprio Kṛṣṇa diz: Sendo a Suprema Personalidade de Deus, Eu sei de tudo que aconteceu no passado, de tudo que está acontecendo no presente e de todas as coisas que ainda estão por acontecer” (Bg. 7.26).

Dr. Singh: Temos de receber conhecimento do conhecedor supremo.

Śrīla Prabhupāda: Para adquirirmos conhecimento perfeito temos de nos aproximar de uma pessoa superior, um *guru*. Pode ser que alguém tente aprender um assunto lendo livros em casa, mas ele pode aprender muito melhor indo à faculdade e se aproximando de um professor. Da mesma forma, temos de nos aproximar de um *guru*. Evidentemente, se encontramos um *guru* falso, nosso conhecimento é falso. Mas, se nosso *guru* é perfeito, nosso conhecimento é perfeito. Aceitamos Kṛṣṇa como nosso *guru*. Se Ele é perfeito em conhecimento, nosso conhecimento também é perfeito. Quanto a nós, não é preciso que nós mesmos sejamos perfeitos, mas se recebemos conhecimento do perfeito, nosso conhecimento é perfeito. Não podemos dizer que compreendemos que há novecentas mil espécies de vida no oceano por termos estudado o oceano inteiro. Pelo contrário, dizemos que recebemos esta informação das escrituras e por isso ela é perfeita. Este é o processo védico.

Pode ser que os cientistas façam muito trabalho de pesquisa, mas, por mais grandioso que seja um cientista, seus sentidos são imperfeitos. Portanto ele não pode ter conhecimento perfeito. Qual é o valor de seus olhos? Não podemos ver sem a luz do sol, nem coisas pequenas sem um microscópio. Nossos olhos são imperfeitos, e os instrumentos que nossos olhos têm descoberto também são imperfeitos. Como, então, é possível obter conhecimento perfeito? Porque a entidade viva é limitada, seu conhecimento é limitado. Pode ser que uma criança saiba que dois mais dois são quatro, mas quando ela fala de matemática superior, nós não a levamos a sério. Os sentidos através dos quais um cientista adquire conhecimento são limitados e imperfeitos; portanto seu conhecimento é limitado e imperfeito. Em sua ignorância, pode ser que ele afirme conhecer tudo, mas isso é simples disparate.

Pode ser que um cego conduza outro cego, mas de que lhes adianta isso quando ambos caem numa vala? As leis da natureza atam-nos pelas mãos e pelos pés, todavia pensamos que somos livres para especular. Isso é ilusão. Embora condicionados por tantas leis da natureza, os patifes pensam que são livres. Porém, se surge uma nuvem, eles não podem ver o sol. Que poder de visão temos nós? Somente quando as leis da natureza nos dão alguma facilidade é que somos capazes de ver. De fato, só podemos fazer experiências sob determinadas condições, e se as condições não são favoráveis, nossas experiências fracassam. Por que, então, temos tanto orgulho do conhecimento experimental?

Por que experiência? As coisas já existem. A energia do sol existe, dada por Deus para nós usarmos. Que mais há para se conhecer? Muitas maçãs caem das árvores. Que necessidade ulterior há de explicar a lei da gravidade? Na realidade, os cientistas estão carentes de senso comum. Eles estão simplesmente preocupados com explicações “científicas”. Eles dizem que a lei da gravidade funciona sob determinadas condições, mas quem fez essas condições? Quando Kṛṣṇa apareceu como o Senhor Rāmacandra, Ele atirou pedras na água e as pedras flutuaram. A lei da gravidade não funcionou neste caso. Portanto a lei da gravidade funciona apenas sob a direção do Senhor Supremo. A lei em si não é final. Pode ser que um rei decrete uma lei, mas ele pode mudar essa lei imediatamente. O legislador último é Kṛṣṇa, e uma lei só funcionará por vontade dEle. Os cientistas tentam explicar a vontade de Deus de muitas maneiras, mas, por estarem condicionados por *māyā*, ilusão, eles só podem falar como uma pessoa tomada por fantasmas. Digam-me, qual é a explicação científica que dá a razão de todas as variedades de árvores?

Karandhara dāsa: Eles dizem que a natureza se altera e faz essas variedades.

Śrīla Prabhupāda: Então esta deve ser a vontade da natureza. E o que é esta vontade? Acaso a terra não tem vontade?

Karandhara dāsa: Bem, eles são muito vagos sobre esta questão.

Śrīla Prabhupāda: Isso quer dizer que eles não têm conhecimento perfeito. Eles não sabem que por trás da natureza está a vontade de Kṛṣṇa.

Dr. Singh: Eles explicam que a “composição química” dessas diferentes plantas é diferente.

Śrīla Prabhupāda: Isso está certo, mas quem fez essas composições químicas? Logo que você se refere a “composição química”, você imediatamente precisa de um Deus.

Karandhara dāsa: Eles dizem que não há necessidade de um Deus porque se o senhor mistura dois elementos químicos...

Śrīla Prabhupāda: Deus ou não, é preciso haver alguma vontade. É preciso haver alguma consciência. Dois elementos químicos se misturam e produzem tal e tal coisa, Quem os mistura? Há uma consciência. Bem, essa consciência é Kṛṣṇa. Há consciência em toda a parte, e se você aceita essa consciência, você tem de aceitar a consciência como sendo uma pessoa. Por isso, falamos de consciência de Kṛṣṇa. No *Bhagavad-gītā* se afirma que a consciência é onipenetrante. Você pode ter consciência, e eu posso ter consciência, mas existe outra consciência, que é

onipenetrante. Minha consciência está limitada ao meu corpo, e a sua consciência está limitada ao seu, mas existe outra consciência, que está dentro de mim, de você e de todo o mundo. Essa é a consciência de Kṛṣṇa.

Na verdade, tudo no mundo é relativo. Isso é um fato científico. Nossos corpos, vidas, inteligência e tudo mais são todos relativos. Para nós, uma formiga pode parecer ter uma vida muito curta, mas para a formiga sua vida dura cerca de cem anos. Esse período de cem anos é relativo ao corpo. De forma semelhante, Brahmā, que tem uma vida fantasticamente longa a partir de nosso ponto de vista, vive apenas cem anos a partir de seu ponto de vista. Isso é relatividade.

Karandhara dāsa: Então a relatividade baseia-se em nossa situação individual.

Śrīla Prabhupāda: Sim. Portanto se diz que o que é alimento para alguém é veneno para outrem. As pessoas pensam que porque não podem sobreviver na Lua, nenhuma outra entidade viva pode. Todos pensam nas coisas de maneira relativa, em seus próprios termos. Este é o significado da “filosofia do sapo”. O sapo está sempre pensando nas coisas em relação com seu poço. Ele não tem capacidade de fazer idéia do Oceano Atlântico porque seu poço é sua única experiência. Deus é grande, mas nós estamos pensando na grandeza de Deus em nossos próprios termos, em termos de grandeza relativa. Alguns insetos nascem à noite; eles crescem à noite, têm seus filhos à noite e morrem à noite. Eles nunca vêem o sol; portanto eles concluem que não há tal coisa como o dia. Se você perguntasse ao inseto sobre a manhã, ele diria: “Não pode existir manhã alguma” De modo semelhante, quando as pessoas ouvem falar da longa duração de vida de Brahmā que é descrita nas escrituras, elas não acreditam nisso. Elas dizem: “Como pode alguém viver tanto tempo assim” No *Bhagavad-gītā* (8.17) Kṛṣṇa declara: “Segundo os cálculos humanos, um conjunto de mil eras é a duração de um dia de Brahmā. E essa também é a duração de sua noite”.

Assim Brahmā, por esses cálculos, vive durante muitos milhões e trilhões de anos. Não podemos acreditar nisso, embora se dêem evidências disso nas escrituras. Em outras palavras, concluímos que Kṛṣṇa fala disparatadamente ao passo que nós falamos como autoridades. Mesmo grandes eruditos dizem que estas afirmações escriturais são todas especulações mentais. Embora esses homens, não passem de patifes, eles se fazem passar por eruditos de boa reputação. Eles se colocam acima da posição de Deus ao tentarem refutar ou negar as afirmações de Deus nas escrituras reveladas. Dessa maneira, tantos tolos disfarçados de eruditos, cientistas e filósofos estão desencaminhando o mundo inteiro.

Dr. Singh: Evidentemente, tem-se escrito muito a respeito da teoria de Darwin. Em qualquer biblioteca há centenas de livros sobre suas teorias.

Śrīla Prabhupāda: Eles as aceitam ou as rejeitam?

Dr. Singh: Geralmente eles as aceitam, mas há alguns que são muito críticos.

Śrīla Prabhupāda: Darwin fala sobre a evolução das espécies de vida, mas ele não tem informação verdadeira sobre a evolução espiritual. Ele não sabe nada sobre o progresso da alma espiritual de formas inferiores de vida para formas superiores. Ele afirma que o homem evoluiu dos macacos, mas podemos ver que o macaco não está em extinção. Se o macaco é o antepassado imediato do homem, porque ele ainda existe?

Dr. Singh: Darwin diz que as espécies não são criadas independentemente, mas que descendem umas das outras.

Śrīla Prabhupāda: Se não há possibilidade de independência, como pode ele abruptamente começar com uma espécie determinada? Ele tem de explicar como surgiu a espécie original.

Karandhara dāsa: Os cientistas dizem que a Terra foi criada pela química biológica, e negam-se a ensinar que Deus criou a Terra porque acham que todos vão considerá-los tolos.

Śrīla Prabhupāda: Se a biologia e a química deles são tão avançadas, por que eles não criam algo? Eles afirmam que talvez no futuro possam criar a vida, mas por que no futuro? A vida já foi criada. Acaso a ciência baseia-se no futuro? Não devemos confiar no futuro, por mais agradável que pensemos que ele vá ser. Todos estão pensando que o futuro será muito agradável, mas que certeza temos disso? Eles têm de aceitar que não sabem o que é realmente a verdade. Eles não podem sequer produzir uma folha de capim através de suas experiências biológicas ou químicas. Não obstante, eles estão afirmando que a criação é produzida através de algum método químico ou biológico. Por que ninguém questiona todo esse disparate?

Dr. Singh: Em última análise, quando eles consideram a origem da vida, dizem que tudo começou da matéria. Em outras palavras, a matéria viva provém da matéria morta.

Śrīla Prabhupāda: De onde está provindo a matéria viva agora? Ela proveio da matéria morta no passado mas não no presente? Como surge a formiga? Acaso ela se materializa da poeira? Mesmo uma simples formiga não surge da matéria inerte. Que prova têm eles de tal teoria? Darwin afirma que num passado distante não existia homem realmente inteligente, que o homem simplesmente evoluiu dos macacos. Se não havia cérebro inteligente no passado, como é que essas escrituras védicas foram escritas há milhares e milhares de anos atrás? Como eles explicam um sábio como Vyāsadeva?

Dr. Singh: Eles não têm explicação. Eles simplesmente dizem que estes são sábios desconhecidos das florestas.

Śrīla Prabhupāda: Pode ser que Vyāsadeva lhes seja desconhecido, mas não obstante ele existiu. Como é que ele conseguiu um cérebro assim? Pode ser que você ou eu não o conheçamos, mas não obstante sua massa cinzenta existe, sua filosofia existe, sua linguagem, arranjos poéticos e força verbal. Pode ser que você não conheça a pessoa, mas você pode entender o cérebro.

Dr. Singh: Acaso todas as variedades de animais não existiam desde o princípio?

Śrīla Prabhupāda: Sim. A criação simultânea é provada pelo *Bhagavad-gītā*. Todas as variedades de animais e homens, como também os semideuses, existiam desde o princípio. Uma entidade viva quer um determinado tipo de corpo, e Kṛṣṇa lhe dá. Porque deseja coisas de certa maneira, ela se associa com certas qualidades da natureza na matéria. Segundo o contato que ela estabeleça, ela recebe um tipo de corpo particular. As forças psicológicas, a mente, o

pensamento, o sentimento e a volição determinam o tipo particular de situação e corpo que a entidade viva recebe. O processo evolucionário existe, mas não é uma evolução de espécies. Não é que uma espécie de vida se desenvolva de outra espécie, pois, como Kṛṣṇa afirma: “Quando o dia de Brahmā se manifesta, surge esta multidão de entidades vivas, e, com a chegada da noite de Brahmā, todas elas são aniquiladas” (Bg. 8.18).

A evolução, é a evolução espiritual da entidade viva individual através de várias espécies de vida. Se alguém entra no corpo de um peixe, tem de se submeter ao processo evolucionário, passo a passo. Se alguém está no topo da escada e de alguma forma cai, ele novamente tem de subir a escada evolucionária, passo a passo. Evidentemente, os cientistas estão atarefados fazendo tanta pesquisa que não podem compreender isso. Se você lhes diz que eles vão ser árvores na próxima vida, eles pensam que você está falando disparate. Afinal de contas, o que podemos aprender através de pesquisas? Quando a causa de todas as causas é conhecida, então tudo que há por conhecer torna-se conhecido, e nada resta para ser conhecido. Se conhecemos a Verdade Absoluta, todas as outras verdades tornam-se conhecidas, mas se não conhecemos a Verdade Absoluta, ficamos na ignorância. Pode ser que uma pessoa não seja um cientista ou filósofo oficial, mas ele pode desafiar qualquer um ou falar audaciosamente se ele apenas conhece uma coisa — Kṛṣṇa.

Esta civilização contemporânea está muito orgulhosa de sua independência, mas na verdade ela é demasiadamente dependente do petróleo. Se pararem de fornecer petróleo, o que farão, então, esses cientistas patifes? Eles não poderão fazer nada. Que eles fabriquem petróleo em seus tubos de ensaio, petróleo suficiente para continuar sua civilização. No momento atual, há escassez de água na Índia. Que podem os cientistas fazer sobre isso? Eles podem conhecer a composição química da água, mas não podem produzi-la quando há uma grande escassez. Eles precisam da ajuda de nuvens, e tudo isso é manipulado por Deus. Na verdade, eles não podem fazer nada. Eles foram à Lua, mas com todo seu esforço trouxeram apenas um pouco de poeira e algumas pedras. O governo patife cobra impostos e gasta dinheiro desnecessariamente. Essa é a inteligência deles. É um estado de asnos, isso é tudo. Os políticos não têm simpatia ou compaixão pelo povo. Eles não consideram que o dinheiro ganho arduamente vem do público e que o estão gastando lançando grandes foguetes rumo a outros planetas. Tudo o que eles fazem é prometer trazer mais poeira. Primeiramente eles conseguem um punhado de poeira, depois prometem trazer toneladas de poeira. Qual é o significado de tudo isso?

Karandhara dāsa: Eles acreditam que haja vida em Marte.

Śrīla Prabhupāda: Acreditem ou não acreditem — qual é o benefício? O que nós sabemos é que aqui existe vida. Eles sabem disso, todavia vivem lutando e matando a vida. Aqui há vida. Aqui há um ser humano. Aqui, sem dúvida, existe vida. Mas eles estão ocupados em tentar destruí-la com suas grandes bombas. É este o avanço científico deles.

Dr. Singh: Eles estão muito curiosos de saber o que está acontecendo em outros planetas.

Śrīla Prabhupāda: Isso significa que devido a sua curiosidade infantil eles estão gastando tanto dinheiro. Eles podem gastar tanto para satisfazer sua curiosidade, mas quando tantos países assolados pela pobreza pedem-lhes ajuda, eles dizem que não há dinheiro. Eles têm muito orgulho de terem ido à Lua, mas por que não obtêm informação de como ir a Goloka Vṛndāvana de Kṛṣṇa? Se eles forem lá, toda a sua curiosidade será satisfeita. Eles aprenderão que além desta energia inferior existe, de fato, uma energia espiritual, superior. Esta energia material não pode funcionar independentemente. É preciso que a energia espiritual junte-se a ela. Os elementos materiais não são criados por si mesmos. A alma é que é criativa. Podemos tentar fazer algo com a matéria, mas a matéria não se cria a si mesma. O hidrogênio e o oxigênio só entram em contato um com o outro quando estimulados pela energia superior. Somente tolos podem esperar que toda a manifestação cósmica, que é apenas matéria, surja automaticamente. Podemos ter um ótimo carro, mas, sem motorista, que utilidade o tem? A menos que um homem saiba como operar uma máquina, a menos que um homem aperte um botão, a máquina não funciona. Analogamente, sem a energia superior, a energia material não pode agir. Por trás desta maravilhosa manifestação cósmica está a direção de uma energia superior. Toda esta informação é dada nas escrituras, mas ainda assim as pessoas não acreditam nela.

Na verdade, tudo é propriedade de Deus, mas as pessoas estão afirmando que a propriedade é delas ou do país delas. Agora eles estão falando sobre o problema da superpopulação, mas o fato é que Deus tem fornecido o suficiente. Na verdade, há terra e alimento suficientes se esses são usados adequadamente. As pessoas estão artificialmente criando problemas, e os cientistas as estão ajudando, dando-lhes tantos dispositivos destrutivos. Eles simplesmente incentivam os patifes e saqueadores que estão tentando utilizar-se da propriedade de Deus. Se você ajuda um assassino ou um ladrão, você também se torna um criminoso. Não é assim? Há tanto problema no mundo porque os cientistas estão ajudando todos os ladrões e saqueadores. Desse modo todos eles são criminosos. Aquele que não reconhece a propriedade do Senhor Supremo é um ladrão.

Nossa missão é fazer esses patifes voltarem a si. É preciso descobrir o meio para se fazer isso. Os patifes estão sofrendo, mas, por serem filhos de Deus, eles não devem sofrer. Eles não sabem que Deus existe ou que existe felicidade. Eles nada sabem sobre a bem-aventurança ou a vida eterna. Eles estão fazendo tanta pesquisa e vivendo por cinquenta, sessenta ou setenta anos. Depois disso, eles não sabem o que vai acontecer. Eles não têm conhecimento de que a vida é eterna. Na verdade, a posição deles é como a posição de um animal. O animal não sabe o que vem após a morte, nem tampouco ele realmente contempla a morte. Ele não sabe por que está aqui, nem conhece o valor da vida. Sob a influência de *māyā*, o animal simplesmente continua comendo, dormindo, acasalando-se, defendendo-se e morrendo. Isso é tudo. As pessoas estão se esforçando tão arduamente, mas para que objetivo? Elas dizem que estão lutando arduamente para fazer provisões para a próxima geração, mas para que estas provisões? Elas não podem responder a isso. Este movimento para a consciência de Kṛṣṇa destina-se a dar um sentido real à vida, estabelecendo Kṛṣṇa, Deus, como o centro de tudo. É, portanto, de interesse do cientista, compreender este importante movimento.

## VII. Retornando à Religião Eterna

### Śrīla Prabhupāda chega à América

No dia 18 de setembro de 1965, enquanto o navio-a-vapor indiano Jaladuta se aproxima do Commonwealth Pier de Boston, Śrīla Prabhupāda ora ao Senhor Kṛṣṇa em um comovente poema.

1. Meu caro Senhor Kṛṣṇa, Vós sois tão bondoso com essa alma inútil, mas eu não sei por que me trouxestes aqui. Agora podeis fazer o que quiserdes comigo.
2. Creio, porém, que tendes algo a fazer aqui, senão por que ter-me-íeis trazido a este lugar terrível?
3. A maior parte da população aqui está coberta pelos modos materiais de ignorância e paixão. Absortos na vida material, eles se julgam muito felizes e satisfeitos, e por isso não têm gosto pela mensagem transcendental de Vāsudeva. Eu não sei como eles serão capazes de compreendê-la.
4. Mas sei que Vossa misericórdia sem causa pode tornar tudo possível porque sois o místico mais experiente.
5. Como eles compreenderão as doçuras do serviço devocional? Ó Senhor, estou simplesmente orando por Vossa misericórdia para que eu seja capaz de convencê-los a respeito de Vossa mensagem.
6. Todas as entidades vivas acham-se sob o controle da energia ilusória por Vossa vontade, e portanto, se quiserdes, por Vossa vontade elas poderão também ser libertas das garras da ilusão.
7. Desejo que as liberteis. Portanto, se assim desejais a salvação delas, só então elas serão capazes de compreender Vossa mensagem.
8. As palavras do *Śrīmad-Bhāgavatam* são Vossa encarnação, e se uma pessoa sóbria as ouve repetidamente com recepção auditiva submissa, então ela será capaz de compreender Vossa mensagem.
9. Está dito no *Śrīmad-Bhāgavatam* (1.2.17-21): “Śrī Kṛṣṇa, a Personalidade de Deus, que é o Paramātmā (Superalma) no coração de todos e o benfeitor do devoto veraz, elimina o desejo de gozo material do coração do devoto que saboreia Suas mensagens, que são por si mesmas virtuosas quando ouvidas e cantadas apropriadamente. Por se ouvir regularmente o *Bhāgavatam* e prestar serviço ao devoto puro, tudo que é incômodo para o coração é praticamente destruído, e o serviço amoroso ao Senhor glorioso, que é louvado com canções transcendentais, estabelece-se como um fato irrevogável. No momento em que o serviço amoroso é estabelecido no coração, os modos da paixão (*rajas*) e da ignorância (*tamas*), e a luxúria e o desejo (*kāma*) desaparecem do coração. Então o devoto se estabelece na bondade e torna-se feliz. Assim estabelecido no modo da bondade, o homem rejuvenescido pelo serviço amoroso prestado ao Senhor obtém a libertação do contato com a matéria (*mukti*) e vem a conhecer cientificamente a Personalidade de Deus. Desse modo, os nós do coração e todos os receios são cortados em pedaços. A corrente de ações frutivas (*karma*) se desfaz quando vemos o eu como mestre”.
10. Ela se libertará da influência dos modos da ignorância e da paixão e assim todas as coisas inauspiciosas acumuladas no âmago do coração desaparecerão.
11. Como farei com que eles compreendam esta mensagem da consciência de Kṛṣṇa? Sou muito desventurado, desqualificado e o mais caído. Portanto, peço Vossa bênção para que possa convencê-los, pois não tenho poder para fazer isso por mim mesmo.
12. De alguma forma, ó Senhor, trouxestes-me aqui para falar sobre Vós. Agora, meu Senhor, depende de Vós fazerdes-me um sucesso ou um fracasso, como quiserdes.
13. Ó mestre espiritual de todos os mundos. Posso apenas repetir Vossa mensagem, de modo que, se quiserdes, podereis fazer minha capacidade de falar adequada para o entendimento deles.
14. Somente por Vossa misericórdia sem causa é que minhas palavras tornar-se-ão puras. Estou certo de que quando esta mensagem transcendental penetrar em seus corações eles sentir-se-ão satisfeitos e assim libertar-se-ão de todas as condições infelizes de vida.
15. Ó Senhor, sou apenas como uma marionete em Vossas mãos. E se me trouxestes aqui para dançar, então fazei-me dançar, fazei-me dançar. Ó Senhor, fazei-me dançar como quiserdes.
16. Não tenho devoção, nem tenho conhecimento algum, mas tenho forte fé no santo nome de Kṛṣṇa. Fui designado como Bhaktivedānta, e agora, se quiserdes, podeis cumprir o verdadeiro propósito de Bhaktivedānta.

Assinado — o mais desventurado e insignificante pedinte  
A.C. Bhaktivedānta Swami, a bordo do navio *Jaladuta*,  
Commonwealth Pier, Boston, Massachusetts, E.U.A. - 18 de setembro de 1965

“Construam suas nações com  
base na plataforma espiritual”

Śrīla Prabhupāda dá uma palestra na Universidade de Nairobi: “Vocês estão tentando desenvolver-se, então, por favor, desenvolvam-se espiritualmente, pois o desenvolvimento espiritual é desenvolvimento sólido. Não imitem os



## ***Ciência da Auto-Realização - Retornando à Religião Eterna***

*americanos e europeus, que estão vivendo como cães e gatos... A bomba atômica já existe, e assim que irromper a próxima guerra, todos aqueles arranha-céus e tudo o mais será destruído. Têm compreender isso a partir do verdadeiro ponto de vista da vida humana, o ponto de vista espiritual..”.*

Senhoras e senhores, muito obrigado por terem vindo aqui participar deste encontro para a divulgação da consciência de Kṛṣṇa. O movimento da consciência de Kṛṣṇa está tentando trazer a sociedade humana ao ponto em que a vida de todos possa tornar-se bem-sucedida. O assunto de hoje é o verdadeiro significado da vida humana. Estamos tentando ensinar este significado ao mundo inteiro.

A vida humana é alcançada após muitos e muitos milhões de anos de evolução. Devemos nos lembrar de que há 8.400.000 espécies de vida, de acordo com o *Padma Purāna*. A vida começou com os seres aquáticos, pois podemos compreender pela literatura védica que no começo da criação todo o planeta estava submerso na água. Este mundo material é composto de cinco elementos grosseiros — terra, água, fogo, ar e éter. Além desses, há os elementos sutis — a mente, a inteligência e o ego. Por trás dessas cortinas, está a alma espiritual, que é coberta por esses oito elementos. Esta informação é dada no *Bhagavad-gītā*.

Os seres humanos não são as únicas entidades vivas que têm alma espiritual. Todos nós somos almas espirituais — os quadrúpedes, as aves, os répteis, os insetos as árvores, as plantas, os seres aquáticos e assim por diante. A alma espiritual está simplesmente coberta por diferentes roupagens assim como alguns de vocês estão vestidos de branco, outros de verde, outros de vermelho, etc. Mas nós não estamos interessados em suas roupas; estamos interessados em vocês como almas espirituais. Assim se diz no *Bhagavad-gītā* (5.18): “O sábio humilde, devido ao conhecimento verdadeiro, vê em nível de igualdade um *brāhmaṇa* erudito e amável, uma vaca, um elefante, um cão e um comedor de cão”.

O sábio não faz nenhuma distinção com base na cor, inteligência ou espécie. Ele vê toda entidade viva como uma pequena partícula de alma espiritual. Está declarado: “Existem inumeráveis partículas de átomos espirituais, cuja medida é de uma décima milésima parte da ponta de um fio de cabelo”. Porque não temos instrumentos para medir as dimensões da alma espiritual, a pequena partícula de alma espiritual é medida dessa maneira. Em outras palavras, a alma é tão pequena que é menor que um átomo. Esta pequena partícula está dentro de vocês, dentro de mim, dentro do elefante, dentro de animais gigantescos, em todos os homens, na formiga, na árvore, em toda a parte. Contudo, o conhecimento científico não pode avaliar as dimensões da alma, nem pode um médico localizar a alma dentro do corpo. Conseqüentemente, os cientistas materiais concluem que não existe alma, mas isso não é um fato. Existe uma alma. A presença da alma é que determina a diferença entre um corpo vivo e um corpo morto. Tão logo a alma deixa o corpo, o corpo morre. Por mais grandioso que seja um cientista ou um filósofo, ele tem de admitir que assim que a alma deixa o corpo, o corpo morre. Então esse corpo perde o valor e tem de ser jogado fora. Devemos tentar compreender isso; a alma é valiosa, e não o corpo.

O fato de que a alma está transmigrando é explicado no *Bhagavad-gītā* (2.22): “Assim como uma pessoa veste roupas novas, deixando as velhas, analogamente, a alma aceita novos corpos materiais, abandonando os velhos e inúteis”. Quando o terno fica velho, nós o abandonamos e tomamos outro terno; analogamente, a alma muda de roupagens de acordo com o desejo. Porque a alma é parte integrante de Deus, ela tem qualidades divinas. Deus é a vontade suprema, o poder supremo, o independente supremo, e nós, sendo partes integrantes dEle, temos todas essas qualidades em quantidade diminuta. Nós temos vontade, pensamento, sentimento e desejo. Nos *Vedas* se afirma que Deus é a força viva suprema entre todas as forças vivas (*cetanaś cetanānām*). Ele também está suprindo as necessidades de todas as entidades vivas.

Nós, entidades vivas, somos inumeráveis; não há limite para nosso número. Deus, contudo, é um só. Ele também é vivo como nós, mas nós somos partículas diminutas dessa força viva. Por exemplo, uma partícula de ouro é a mesma em qualidade que a mina de ouro. Se analisarmos quimicamente os ingredientes numa pequena gota de água, encontraremos todos os ingredientes que se encontram no vasto oceano. De forma similar, nós somos unos com Deus, sendo partes integrantes dEle. Esta partícula divina, a alma, ou a força viva, está transmigrando dos seres aquáticos para as árvores e plantas e depois das árvores e plantas para a vida de inseto, depois para a vida de réptil, depois para os corpos de aves e quadrúpedes. A teoria da evolução de Darwin é apenas uma explicação parcial da transmigração da alma. Darwin simplesmente tirou informação da literatura védica, mas ele não tem concepção da alma. A diferença é que a alma está transmigrando da vida aquática para as plantas e árvores, depois para a vida de inseto, depois para a vida de ave, depois para a vida animal, depois para a vida humana, e dentro da vida humana ela se movimenta, da vida incivilizada para a vida civilizada, etc. A vida civilizada de um ser humano representa o cume da evolução. Aqui há uma bifurcação: deste ponto podemos novamente deslizar para o processo cíclico de evolução, ou podemos nos elevar a uma vida divina. A escolha depende de nós. Isso é indicado no *Bhagavad-gītā*.

Esta forma humana de vida na verdade significa consciência desenvolvida; portanto não devemos desperdiçar nossas vidas como cães, gatos e porcos. Este é o preceito. Embora este corpo seja perecível como o corpo de um cão ou de um gato, ele é diferente pelo fato de poder alcançar a perfeição máxima nesta vida. Nós somos partes integrantes de Deus, mas de alguma forma caímos nesta existência material; agora temos de evoluir de tal maneira que possamos voltar ao lar, de volta ao Supremo. Essa é a perfeição máxima.

Realmente existe um outro mundo, um mundo espiritual. Como se afirma no *Bhagavad-gītā* (8.20): “Todavia, existe outra natureza, que é eterna e transcendental a esta matéria manifesta e imanifesta. Ela é suprema e jamais é aniquilada. Quando tudo neste mundo é aniquilado, essa parte permanece como ela é”.

Nesta natureza material, tudo é criado, permanece por algum tempo, produz alguns subprodutos, degenera-se e

finalmente desaparece. Nossos corpos são criados num dado momento pelo intercurso sexual. O sêmen do pai se emulsiona e assume a forma de um feijão, e a entidade viva, ou alma, refugia-se nesta forma, e por refugiar-se em tal forma, ela (a forma) desenvolve mãos, pernas, olhos, etc. Este desenvolvimento completa-se no sétimo mês, e no nono mês o ser humano sai do ventre. É porque a alma está presente que a criança se desenvolve. Se a alma não está presente, não há desenvolvimento, e a criança nasce morta. Podemos tornar este corpo morto e preservá-lo com elementos químicos, mas ele não se desenvolverá. Desenvolvimento significa mudança de corpo. Todos nós tivemos corpos de bebê, mas esses corpos não existem mais. O corpo de um bebê desenvolve-se, transformando-se no corpo de uma criança, e esse corpo, por sua vez, transforma-se no corpo de um menino, que se transforma no corpo de um jovem. que eventualmente se converte no corpo de um velho. Finalmente, o corpo desaparece por completo. Toda a manifestação cósmica, a gigantesca forma deste mundo material, também funciona de acordo com o mesmo processo. Ela é criada em determinado momento, desenvolve-se, é mantida e em dado estágio se dissolve. Esta é a natureza do mundo material. Ele se manifesta em dado intervalo, e novamente desaparece.

A palavra *bhāva* significa “natureza”. Existe outra natureza, que jamais se dissolve, que é eterna. Como jīvas, almas espirituais, nós também somos eternos. Isso é provado no *Bhagavad-gītā* (2.20): “Para a alma não há nascimento nem morte. Nem, uma vez que exista, ela jamais deixará de existir. Ela é não-nascida, eterna, sempre existente, imortal e primordial. Ela não é destruída quando o corpo é destruído”.

Assim, como Deus não tem nascimento nem morte, nós, almas espirituais, não podemos ter nem nascimento nem morte, mas porque pensamos: “eu sou este corpo,” consideramos que nascemos e que morremos. Pensar assim chama-se *māyā*, ou ilusão, e assim que saímos desta ilusão de identificar a alma com o corpo, alcançamos o estágio chamado *brahma-bhūta*. Quando alguém compreende *aham brahmāsmi*, “eu não sou este corpo; eu sou alma espiritual, parte integrante do Brahman Supremo”, ele atinge o que é chamado de compreensão do Brahman. Logo que alcança a compreensão do Brahman, ele torna-se feliz.

Não é um fato? Se vocês compreendem claramente que não têm nascimento nem morte, que são eternos, vocês não vão ficar felizes? Sim, com certeza. Assim, quando uma pessoa compreende o Brahman, quando é espiritualmente realizada, ela nada mais tem a ver com anseios ou lamentações. O mundo inteiro está simplesmente ansiando e se lamentando. Vocês, o povo africano, estão agora ansiando por ser como os europeus e os americanos, mas os europeus perderam o seu império, e agora estão se lamentando. De modo que, dessa maneira, um grupo está ansiando e outro está se lamentando. De forma semelhante, esta vida material é uma simples combinação de anseios e lamentações. Estamos ansiando pelas coisas que não possuímos, e estamos nos lamentando pelas coisas que perdemos. Esta é nossa ocupação material. Se compreendemos, entretanto, que somos partes integrantes da Suprema Personalidade de Deus (Parabrahman) e que somos Brahman, então transcenderemos esta ansiedade e lamentação.

A dita fraternidade ou unidade que as Nações Unidas estão tentando atingir só é possível quando se chega à plataforma espiritual, ou a compreensão do Brahman. A compreensão do Brahman é o objetivo da vida humana. Não devemos trabalhar como cães, gatos e porcos. O porco está sempre muito atarefado dia e noite, tentando encontrar excremento, e quando ele o encontra, ele o come e fica sexualmente agitado e faz sexo sem discriminação. Um porco faz sexo com sua mãe ou irmã ou qualquer outra pessoa, e esta é uma vida de porco. Contudo, as escrituras indicam que a forma humana de vida não se destina ao trabalho árduo para o gozo dos sentidos, tal como acontece com os cães, gatos e porcos. Ela destina-se a compreender: “Eu não pertenço a este mundo material. Sou alma espiritual e sou eterno, mas de algum modo cai nesta vida condicionada de nascimento, velhice, doença e morte”. Esta forma humana de vida destina-se a dar uma solução para essas quatro misérias materiais — nascimento, velhice, doença e morte. Este é o objetivo da vida humana. Simplesmente tentem compreender que a vida humana não se destina a trabalhar arduamente como o porco, e ter algum gozo dos sentidos, e depois, de repente, morrer.

As pessoas que não acreditam na alma estão numa condição muito infeliz. Elas não sabem de onde vieram nem para onde vão. O conhecimento da alma é o conhecimento mais importante, mas não é discutido em nenhuma universidade. Mas, qual é a constituição deste corpo? Qual é a distinção entre um corpo morto e um corpo vivo? Por que o corpo está vivo? Qual é a condição do corpo e qual o seu valor? Atualmente, ninguém está estudando essas coisas, mas, através deste movimento da consciência de Kṛṣṇa, estamos tentando educar as pessoas para que elas possam compreender que não são esses corpos, mas sim almas espirituais. A função da vida humana é diferente da função dos cães e gatos. Esta é a nossa mensagem.

Quanto à alma, o processo evolucionário continua, e nós estamos lutando pela vida, esforçando-nos para chegar ao ponto da vida eterna. Essa vida eterna é possível. Se vocês tentarem o melhor que puderem nesta forma humana de vida, em sua próxima vida poderão obter um corpo espiritual. Seu corpo espiritual já está dentro de vocês, e ele se desenvolverá assim que vocês se livrarem da contaminação desta existência material. Este é o objetivo da vida humana. As pessoas não sabem qual é seu verdadeiro interesse próprio; este interesse é compreender-se a si mesmo, compreender: “eu sou parte integrante de Deus, e tenho de regressar ao reino de Deus para juntar-me a Deus”.

Assim como temos uma vida social aqui, Deus tem vida social no reino espiritual. Vocês podem juntar-se a Ele lá. Não é verdade que depois de acabado este corpo vocês se tornam vazios. Não. Esta é uma concepção errada. No *Bhagavad-gītā* (2.12), Kṛṣṇa disse a Arjuna no Campo de Batalha de Kurukṣetra: “Nunca houve um tempo que Eu não tivesse existido, nem tu, nem todos esses reis; nem no futuro nenhum de nós deixará de existir”.

O processo para atingir a vida eterna é muito fácil, e ao mesmo tempo muito difícil. É difícil porque as pessoas no começo não acreditam na existência da transmigração da alma. Contudo, se simplesmente aceitamos conhecimento das autoridades, o processo torna-se muito simples. Nosso processo da consciência de Kṛṣṇa consiste em receber conhecimento de Kṛṣṇa, o ser mais perfeito, e não de um ser comum condicionado pelas leis da natureza material. O conhecimento recebido de um ser condicionado com certeza é defeituoso.

Quais são os defeitos da alma condicionada? Com certeza ela comete erros, é iludida, engana os outros e tem sentidos imperfeitos. Não podemos obter conhecimento perfeitamente, porque queremos enganar os outros e nossos sentidos são imperfeitos. Embora nossos sentidos sejam imperfeitos, temos muito orgulho de nossos olhos e queremos ver tudo. Por isso alguém diz: “Você pode me mostrar Deus?” Na verdade, a resposta é sim. Por que você não pode ver Deus a todo momento? Kṛṣṇa diz, “Eu sou o sabor da água”. Todos bebem água, a qual tem seu sabor — de modo que se pensamos neste sabor como sendo Deus, começamos o processo da compreensão de Deus. Kṛṣṇa também diz, “Eu sou o brilho do sol, e Eu sou o luar”. Todos nós vemos o brilho do sol e o luar todos os dias, e se consideramos como o sol e a lua estão emanando luz, chegaremos finalmente a Deus. Há muitos exemplos semelhantes. Se vocês querem ser conscientes de Deus e compreender Deus, isso não é muito difícil. Vocês têm simplesmente de seguir os métodos prescritos. Devemos simplesmente tentar compreender Deus de verdade e tentar compreender Seu aparecimento, desaparecimento e funções. Quando O compreendermos de verdade, imediatamente entraremos no reino de Deus. Após deixar este corpo, a pessoa que compreende Deus, ou Kṛṣṇa, não volta novamente a receber outro corpo material. Kṛṣṇa diz, *mām eti*: “Ela vem a Mim” Esse é o nosso objetivo.

Portanto, não devemos perder nosso tempo, vivendo como cães e gatos. Devemos viver confortavelmente, mas ao mesmo tempo devemos ser conscientes de Kṛṣṇa, ou conscientes de Deus. Isso nos ajudará a nos tornar felizes. Sem compreender Deus e sem se tornar consciente de Deus, não há possibilidade de paz e felicidade. A fórmula da paz e da felicidade é delineada no *Bhagavad-gītā*.

Se você quer realmente compreender Deus, Ele é muito fácil de ser compreendido. Deus é o proprietário de tudo. Infelizmente estamos pensando, “eu sou o proprietário”. Em seu país, por exemplo, os britânicos têm às vezes afirmado que são proprietários, e agora vocês estão afirmando que são os proprietários — então quem sabe o que acontecerá no futuro? Na verdade, ninguém sabe quem é o verdadeiro proprietário. A terra está aí e é propriedade de Deus, mas nós estamos pensando, “eu sou o proprietário. Eu possuo isso, eu possuo aquilo”. Na verdade, a América existia antes de os europeus virem, mas agora os americanos estão pensando, “nós somos os proprietários”. Semelhantemente, antes deles os peles vermelhas pensavam, “nós somos os proprietários”. O fato é que nenhum homem é um proprietário verdadeiro; o proprietário é Deus.

“Tudo que é animado e inanimado dentro do universo é controlado e possuído pelo Senhor. Uma pessoa deve, portanto, aceitar apenas as coisas que lhe são necessárias, que são reservadas como sua cota, e não deve aceitar outras coisas, sabendo bem a quem pertencem” (*Īsopaniṣad*1).

Esta compreensão está faltando. Kṛṣṇa afirma ser proprietário de todas as formas — incluindo as formas americanas, as formas africanas, as formas de gato, as formas de cão, as formas de árvore, etc. — pois na realidade Ele é o proprietário e o pai supremo. Se simplesmente compreendermos isso, alcançaremos a realização de Deus. Na verdade, se compreendermos Deus como se prescreve nos livros autorizados e literaturas védicas, veremos que não haverá mais desavenças entre este grupo e aquele grupo. Tudo será pacífico.

Todos têm o direito de usar a propriedade de Deus, assim como o filho tem o direito de viver à custa do pai. Afirma-se nas escrituras que mesmo um pequeno animal que viva em nossa casa tem de ser alimentado. Isso é comunismo espiritual. Ninguém deve passar fome, nem mesmo uma serpente. Sempre temos medo de serpentes, mas se descobrirmos que vive uma serpente em nossa casa, é nossa obrigação cuidar para que a serpente também seja alimentada. Esta é a concepção da consciência de Deus, ou consciência de Kṛṣṇa: *samaḥ sarveṣu bhūteṣu*. Aquele que está situado transcendentalmente é igualmente disposto com todas as entidades vivas. Assim, o *Bhagavad-gītā* aponta que quando alguém vê todos igualmente, como partes integrantes do Senhor Supremo, ele realmente começa sua vida devocional. Este movimento da consciência de Kṛṣṇa está tentando, de forma autorizada, fazer todos compreenderem o que eles são e qual é o objetivo da vida. Este processo de purificação do coração é muito facilmente realizado. Simplesmente tem-se de cantar este *mahā-mantra* — Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare / Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. Pode-se ver realmente que neste movimento há rapazes e moças de diferentes países e diferentes religiões, mas ninguém está interessado em algum grupo particular, país ou corpo religioso. Estamos simplesmente interessados em conhecer a nós mesmos e nossa relação com Deus.

Deus é o proprietário supremo, e todos nós somos Seus filhos, ou servos. Portanto, ocupemo-nos no serviço ao Senhor, como se recomenda no *Bhagavad-gītā*. Tão logo compreendamos que Deus é o proprietário de tudo, todos os problemas do mundo serão imediatamente resolvidos. Isso poderá demorar algum tempo. Não é de se esperar que todos compreenderão esta filosofia elevada, mas se as pessoas inteligentes em todos os países tentarem compreendê-la, isso será suficiente. No *Bhagavad-gītā* (3.21) se afirma: “Qualquer que seja a ação executada por um grande homem é seguida pelos homens comuns. E quaisquer padrões por ele estabelecidos através de atos exemplares são seguidos por todo o mundo”.

Portanto, convidamos os homens mais inteligentes do mundo a compreender esta filosofia consciente de Kṛṣṇa e a tentar propagá-la em todo o mundo. Agora viemos a esses países africanos, e convidamos todos os africanos inteligentes a vir e compreender esta filosofia e distribuí-la. Vocês estão tentando desenvolver-se, então, por favor, desenvolvam-se espiritualmente, pois desenvolvimento espiritual é desenvolvimento sólido. Não imitem os americanos e europeus, que estão vivendo como cães e gatos. Essas civilizações construídas com base no gozo dos sentidos não podem perdurar. A bomba atômica já existe, e assim que irromper a próxima guerra, todos esses arranha-céus e tudo o mais será destruído. Tentem compreender isso a partir do verdadeiro ponto de vista da vida humana, o ponto de vista espiritual. É para isso que existe este movimento para consciência de Kṛṣṇa. Portanto, solicitamos que vocês tentem compreender esta filosofia. Muito obrigado.

## “Um devoto sempre sente compaixão pela aflição dos outros”

*“Quando o Senhor Jesus Cristo esteve aqui, por exemplo ele ficava muito aflito por causa das condições miseráveis das pessoas. Sem levar em conta o país ou seita a que eles pertençam, todos os vaiṣṇavas, ou devotos — qualquer pessoa que seja consciente de Deus, ou consciente de Kṛṣṇa — são compassivos assim..”*

Hoje falarei a vocês sobre a glorificação do santo nome de Deus. Isto foi discutido entre Mahārāja Parīkṣit e Śukadeva Gosvāmī em relação a um *brāhmaṇa* que era muito caído e viciado em todos os tipos de atividades pecaminosas, mas que foi salvo simplesmente por cantar o santo nome. Essa passagem encontra-se no Sexto Canto do *Śrīmad-Bhāgavatam*.

Os sistemas planetários universais são muito bem explicados no Quinto Canto do *Śrīmad-Bhāgavatam*. Dentro do universo há alguns planetas que são infernais. Na verdade, não apenas o *Bhāgavatam*, mas também todas as escrituras religiosas contêm descrições do céu e do inferno. No *Śrīmad-Bhāgavatam* pode-se descobrir onde estão esses planetas infernais e a que distância eles estão deste planeta, assim como se pode obter informação da astronomia moderna. Os astrônomos calculam a que distância a Lua está daqui e qual é a distância entre este planeta e o Sol; analogamente, o *Bhāgavatam* contém descrições dos planetas infernais.

Temos experiência de diferentes condições atmosféricas mesmo neste planeta. Nos países ocidentais próximos ao Pólo Norte, o clima é diferente do clima na Índia, que é um país próximo ao equador. Assim como há diferenças na atmosfera e nas condições de vida neste planeta, de modo semelhante há muitos planetas que têm diferentes atmosferas e condições de vida.

Após ouvir Śukadeva Gosvāmī descrever os planetas celestiais, Parīkṣit Mahārāja disse: “Senhor, acabo de ouvir-te falar sobre os planetas infernais. Os homens que são muito pecaminosos são enviados a esses planetas” (*Śrīmad-Bhāgavatam* 6.16). Parīkṣit Mahārāja é um vaiṣṇava (devoto), e um vaiṣṇava sempre sente compaixão pela aflição dos outros. Ele fica muito aflito por causa da miséria dos outros. Quando o Senhor Jesus Cristo esteve aqui, por exemplo, ele ficava muito aflito por causa das condições miseráveis das pessoas. Sem levar em conta o país ou seita a que pertençam, todos os vaiṣṇavas, ou devotos — qualquer pessoa que seja consciente de Deus, ou consciente de Kṛṣṇa — são compassivos assim. Portanto blasfemar um vaiṣṇava, um pregador das glórias de Deus, é uma grande ofensa.

Kṛṣṇa, Deus, jamais tolera ofensas cometidas aos pés de lótus de um vaiṣṇava. *Kṛpāmbudhi*: um vaiṣṇava é um oceano de misericórdia. *Vāñchā-kalpa-taru*: todos têm desejos, mas o vaiṣṇava pode satisfazer todos os desejos. *Kalpa-taru* significa “árvore-dos-desejos”. Existe uma árvore no mundo espiritual que se chama árvore-dos-desejos. Neste mundo material, você obtém um tipo particular de fruta de um tipo particular de árvore, mas em Kṛṣṇaloka, bem como em todos os planetas Vaikuṅṭha todas as árvores são espirituais e satisfarão todos os seus desejos.

O vaiṣṇava é chamado de *mahā-bhāga*, que significa “afortunado”. Aquele que se torna um Vaiṣṇava e é consciente de Deus é considerado muito afortunado.

Caitanya Mahāprabhu explica que as entidades vivas estão girando em diferentes espécies de vida, em diferentes sistemas planetários em todo o universo. Uma entidade viva pode ir a qualquer parte — ao céu ou ao inferno — de acordo com o que ela quiser e com a forma como ela se preparar. Existem muitos planetas celestiais, muitos planetas infernais e muitas espécies de vida. Há 8.400.000 espécies de vida. A entidade viva está girando, errando por essas espécies e criando corpos de acordo com sua mentalidade na vida atual. Colhe-se aquilo que se planta.

Caitanya Mahāprabhu diz que dentre todas essas inumeráveis entidades vivas que estão viajando no mundo material, uma é afortunada, e não todas. Se todas fossem afortunadas, todas teriam aceito a consciência de Kṛṣṇa. Esta consciência está sendo distribuída gratuitamente em toda a parte. Mas por que as pessoas não a estão aceitando? Porque elas são desventuradas. Portanto, Caitanya Mahāprabhu diz que apenas aquelas que são afortunadas aceitam a consciência de Kṛṣṇa e obtêm uma vida promissora, uma vida agradável, bem-aventurada, uma vida de conhecimento.

É dever do vaiṣṇava ir de porta em porta fazer das pessoas desventuradas afortunadas. O vaiṣṇava pensa, “Como podem essas pessoas ser salvas de sua vida infernal?” Foi esta a pergunta de Parīkṣit Mahārāja. “Caro senhor”, disse ele, “tu descreveste que, devido as atividades pecaminosas de uma pessoa, ela é posta numa condição infernal de vida ou num sistema planetário infernal. Agora, quais são os métodos contrários pelos quais essas pessoas podem ser salvas?” Esta é a questão. Quando um vaiṣṇava vem, quando o próprio Deus vem, ou quando o filho de Deus ou Seus devotos muito confidenciais vêm, sua única missão é salvar os homens pecaminosos que estão sofrendo. Eles sabem como fazer isso.

Quando Prahāda Mahārāja encontrou-se com Nṛsiṃhadeva, ele disse: “Meu caro Senhor”, diz Prahāda, “não estou muito ansioso por minha própria salvação” (*Bhāg.* 7.9.43). Os filósofos Māyāvādīs são muito cuidadosos para que sua salvação pessoal não seja interrompida. Eles pensam: “Se eu for pregar na companhia de outras pessoas, poderei cair, e minha realização estará arruinada”. Portanto eles não vêm. Apenas os vaiṣṇavas vêm, correndo o risco da queda — mas eles não caem. Eles podem mesmo ir ao inferno para salvar as almas condicionadas. Esta é a missão de Prahāda Mahārāja. Ele diz, *naivodvije*: “Não estou muito ansioso por viver neste mundo material”.

Prahāda diz ainda: “Não tenho nenhuma ansiedade quanto a mim mesmo porque de alguma forma tenho sido treinado para sempre ser consciente de Kṛṣṇa”. Por ser consciente de Kṛṣṇa, ele está confiante de que em sua próxima vida vai para Kṛṣṇa. Afirma-se no *Bhagavad-gītā* que se alguém executa os princípios regulativos conscientes de Kṛṣṇa cuidadosamente, certamente alcançará o destino supremo em sua próxima vida.

Prahlāda Mahārāja continua: “Só há uma fonte de ansiedade para mim”. Vejam bem — embora ele pessoalmente não tivesse ansiedade, ainda assim ele tinha ansiedade. Ele diz: “Estou ansioso por aquelas pessoas que não são conscientes de Kṛṣṇa. Essa é minha ansiedade. Quanto a mim, não tenho ansiedades, mas estou pensando naqueles que não são conscientes de Kṛṣṇa”. Por que eles não são conscientes de Kṛṣṇa? Esses patifes criaram uma civilização mistificadora para felicidade temporária.

Na verdade, isso é um fato. Temos uma civilização mistificadora. Tantos carros estão sendo fabricados todos os anos, e para este propósito tantas estradas estão sendo escavadas e preparadas. Isto cria problema após problema. Portanto, isso é *māyā-sukhāya*, felicidade ilusória, e todavia estamos tentando ser felizes dessa maneira. Estamos tentando inventar uma maneira de ser felizes, mas isso só cria outros problemas.

Em seu país, vocês têm o maior número de carros, mas isso não resolve nenhum problema. Vocês têm fabricado carros para ajudar a resolver os problemas da vida, mas eu tenho experimentado que isso também cria mais problemas. Quando meu discípulo Dayānanda quis me levar a um médico em Los Angeles, tive que me dar ao incômodo de viajar trinta quilômetros antes que pudesse consultar o médico. Por vocês terem criado carros, agora vocês têm que viajar trinta ou quarenta quilômetros para encontrar os amigos.

Você pode voar de Nova Iorque a Boston em uma hora, mas você demora mais que isto para chegar ao aeroporto. Esta situação chama-se *māyā-sukhāya*. *Māyā* significa “falso”, “ilusório”. Estamos tentando criar uma situação muito confortável, mas acabamos criando outra situação desconfortável. Assim é o mundo material; se não nos satisfazemos com os confortos naturais oferecidos por Deus e a natureza e queremos criar confortos artificiais, então temos que produzir algum desconforto também. A maioria das pessoas não sabe disso. Elas acham que estão criando uma situação muito confortável, mas na verdade estão viajando cinquenta quilômetros para ir ao escritório ganhar a vida e cinquenta quilômetros para voltar. Por causa dessas condições, Prahlāda Mahārāja diz que esses vimūḍhas — essas pessoas materialistas, esses patifes — têm criado um peso desnecessário sobre eles mesmos simplesmente em troca de felicidade temporária. Portanto, na civilização védica, recomenda-se que a pessoa se livre da vida material, tome *sannyāsa*, a ordem de vida renunciada, e continue a vida espiritual absolutamente sem nenhuma ansiedade.

Se alguém pode executar a consciência de Kṛṣṇa na vida familiar, isto é ótimo. Bhaktivinoda Thākura era pai de família, magistrado, e ainda assim executava serviço devocional excelente. Dhruva Mahārāja e Prahlāda Mahārāja eram *grhasthas*, chefes de família, mas eles se treinaram de tal maneira que mesmo como chefes de família não sofreram nenhuma interrupção em seu serviço. Por isso, Prahlāda Mahārāja diz: “Eu aprendi a arte de sempre permanecer em consciência de Kṛṣṇa”. Qual é essa arte? Simplesmente glorificar as atividades vitoriosas e passatempos do Senhor. *Vīrya* significa “muito heróico”.

As atividades de Kṛṣṇa são heróicas. Vocês podem ler a respeito delas em *Kṛṣṇa, a Suprema Personalidade de Deus*. O nome de Kṛṣṇa, Sua fama, Suas atividades, Seus companheiros e todas as outras coisas relacionadas com Ele são heróicas. Prahlāda Mahārāja diz a esse respeito: “Estou certo de que onde quer que eu vá, poderei glorificar Vossas heróicas atividades e estar a salvo. Não há possibilidade de eu cair. Mas estou simplesmente ansioso por essas pessoas que têm criado um tipo de civilização na qual estão sempre atarefadas, trabalhando arduamente. Estou pensando nelas”.

Prahlāda diz ainda: “Meu caro Senhor, existem muitas pessoas santas e sábios que estão muito interessados em sua própria liberação” (*Bhāg.* 7.9.44). Eles estão muito interessadas em sua própria liberação. Eles tentam viver em locais solitários como as montanhas dos Himalaias. Eles não conversam com ninguém, e estão sempre com medo de se misturar com pessoas comuns na cidade e serem perturbados ou mesmo caírem. Eles pensam: “É melhor eu me salvar”.

Prahlāda Mahārāja acha deplorável que essas grandes pessoas santas não venham à cidade, onde as pessoas inventaram uma civilização de trabalho muito duro, dia e noite. Esses santos não são muito compassivos. Ele diz: “Estou ansioso por essas pessoas caídas que estão desnecessariamente trabalhando duro em troca de gozo dos sentidos”.

Mesmo que houvesse algum objetivo para se trabalhar tão arduamente assim, essas pessoas não saberiam qual é esse objetivo. Tudo que elas conhecem é sexo. Ou elas vão a uma dança de *strip-tease* ou a um clube de nudismo ou a isso ou àquilo. Prahlāda Mahārāja diz: “Meu Senhor, eu não preciso apenas de salvação. A menos que eu leve todos esses tolos comigo, eu não irei”. Ele se nega a ir ao reino de Deus se não puder levar todas essas almas caídas com ele. Isto é um Vaiṣṇava. “Simplesmente quero ensinar-lhes como se render a Vós. Isso é tudo. Esta é minha meta”.

O vaiṣṇava sabe que logo que a pessoa se rende, seu caminho está aberto. “De uma forma ou de outra, que eles se prostrem perante Kṛṣṇa”. Este é um método simples. Tudo o que vocês precisam fazer é prostrar-se perante Kṛṣṇa com fé e dizer: “Meu Senhor Kṛṣṇa, estive esquecido de Vós portanto tempo, por tantas vidas. Agora voltei a mim; por favor, aceitei-me”. Isso é tudo. Se alguém simplesmente aprende esta técnica e sinceramente se rende ao Senhor, seu caminho está imediatamente aberto. Estes são os pensamentos filosóficos de um vaiṣṇava. O vaiṣṇava está sempre pensando sobre como as caídas almas condicionadas podem ser salvas. Ele está sempre envolvido em fazer planos dessa maneira, assim como os Gosvāmīs. Qual era a ocupação dos seis Gosvāmīs de Vṛndāvana, os discípulos diretos do Senhor Caitanya?

Isso é respondido por Śrīnivāsa Ācārya: “Os seis Gosvāmīs, a saber, Śrī Sanātana Gosvāmī, Śrī Rūpa Gosvāmī, Śrī Raghunātha Bhaṭṭa Gosvāmī, Śrī Raghunātha dāsa Gosvāmī, Śrī Jīva Gosvāmī e Śrī Gopāla Bhaṭṭa Gosvāmī, são muito peritos em estudar minuciosamente as escrituras reveladas com o intuito de estabelecer princípios religiosos eternos para o benefício de todos os seres humanos. Eles estão sempre absortos no humor das *gopīs* e estão ocupados no transcendental serviço amoroso a Rādhā e Kṛṣṇa”. (*Saḍ-gosvāmī-aṣṭaka* 2)

Com compaixão vaiṣṇava semelhante, Parīkṣit Mahārāja diz a Śukadeva Gosvāmī: “Tu descreveste os diferentes

tipos de condições infernais de vida. Agora, diga-me como aqueles que estão sofrendo podem ser salvos. Por favor, explica-me isto”.

*Nara* significa seres humanos, aqueles que são caídos. “Como eles poderão ser salvos de suas violentas misérias e dores horríveis?” Assim é o coração do Vaisṇava. Mahārāja Parīkṣit diz: “De alguma forma eles caíram nesta vida infernal. Mas isso não quer dizer que devam permanecer nessa condição. Deve haver algum meio pelo qual eles possam ser salvos; então, por favor, explica-nos isso”.

Śukadeva Gosvāmī replicou: “Sim, eu já descrevi os diferentes tipos de condições infernais e rigorosíssima vida dolorosa, mas é preciso contra-atacar isso” (*Bhāg.* 6.1.7).

Como isso pode ser feito? As atividades pecaminosas são cometidas de várias maneiras. Podemos cometer atividades pecaminosas ou então fazer um plano, pensando: “eu vou matar aquele homem”. Ambos os casos são pecaminosos. Quando a mente pensa, sente e deseja, isso também é ação.

Outro dia eu estava lendo num livro que se o cão de alguém late para você quando você está passando pela rua, então essa é uma ofensa da parte do dono do cão, segundo a lei. Ninguém deve ser assustado pelo ladrar dos cães, de modo que os donos de cães devem cuidar bem deles. Eu li isso. Esta é uma lei em seu país. O cão está apenas ladrando, mas isso é pecaminoso. O cão não é responsável, porque ele é um animal, mas porque o dono do cão fez dele seu melhor amigo, ele (o dono) é responsável pela lei. Se um cão estranho entra em sua casa, ele não pode ser morto, mas os donos do cão podem ser processados.

Assim como o ladrar do cão é ilegal, da mesma forma, quando você fala algo ofensivo aos outros, isso também é pecaminoso. É o mesmo que latir. Portanto as atividades pecaminosas são cometidas de muitas maneiras. Quer pensemos em atividades pecaminosas, quer falemos algo pecaminoso, quer realmente cometamos uma atividade pecaminosa, tudo isso é considerado atividade pecaminosa. Tem-se de sofrer castigo por tais atividades pecaminosas.

As pessoas não crêem em uma próxima vida porque querem evitar este incômodo. Mas nós não podemos evitar isso. Temos de agir de acordo com a lei, senão seremos punidos. Analogamente, eu não posso evitar a lei de Deus. Isso não é possível. Eu posso enganar os outros, roubar e me esconder, salvando-me, desse modo, da punição da lei do estado, mas não posso escapar da lei superior, a lei da natureza. Isso é muito difícil. Existem muitas testemunhas. A luz do dia é testemunha, o luar é testemunha e Kṛṣṇa é a testemunha suprema. Você não pode dizer “Eu estou cometendo este pecado, mas ninguém pode me ver”.

Kṛṣṇa é a testemunha suprema situada dentro do seu coração. Ele toma nota do que você está pensando e do que você está fazendo. Ele também dá facilidades. Se você quer fazer algo para satisfazer seus sentidos, Kṛṣṇa lhe dá a oportunidade para essa ação. Isso é afirmado no *Bhagavad-gītā*. “Eu estou situado no coração de todos. De Mim vêm a memória, o conhecimento e o esquecimento”.

Dessa forma, Kṛṣṇa nos dá uma oportunidade. Se você quer Kṛṣṇa, então Ele lhe dará uma oportunidade de você O ter, e se você não quer Kṛṣṇa, então Ele lhe dará uma oportunidade de esquecer-LO. Se você quer gozar a vida esquecido de Kṛṣṇa, esquecido de Deus, então Kṛṣṇa lhe dá todas as facilidades para você poder se esquecer dEle, e se você quer gozar a vida com consciência de Kṛṣṇa, então Kṛṣṇa lhe dá a oportunidade de avançar em consciência de Kṛṣṇa. Isso depende de você.

Se você pensa que pode ser feliz sem a consciência de Kṛṣṇa, Kṛṣṇa não faz objeções a isso. Após aconselhar Arjuna, Ele simplesmente disse: “Agora Eu já te expliquei tudo. Podes fazer qualquer coisa que desejares”. Arjuna respondeu imediatamente: “Agora executarei Vossa ordem”. Isso é consciência de Kṛṣṇa.

Deus não interfere em sua pequena independência. Se você quiser agir de acordo com a ordem de Deus, Deus ajudá-lo-á. Mesmo que você caia às vezes, se você for sincero — “De agora em diante permanecerei consciente de Kṛṣṇa e executarei Suas ordens” — Kṛṣṇa ajudá-lo-á. Sob todos os aspectos, mesmo que você caia, Ele perdoa-lo-á e dar-lhe-á mais inteligência. Esta inteligência dirá: “Não faça isso. Agora continue com seu dever”. Mas se você quiser se esquecer de Kṛṣṇa, se você quiser tornar-se feliz sem Kṛṣṇa, Ele vai lhe dar tantas oportunidades que você se esquecerá dEle vida após vida.

Parīkṣit Mahārāja diz aqui: “Não é verdade que, pelo simples fato de eu dizer que Deus não existe, não existirá Deus ou eu não serei responsável pelo que faço”. Esta é a teoria ateuista. Os ateuistas não querem Deus porque são sempre pecaminosos — se eles pensassem que Deus existe, então seriam forçados a tremer só de pensar na punição. Por isso eles negam a existência de Deus. Este é o processo deles. Eles acham que, se não aceitarem Deus, não serão castigados e poderão fazer o que quiserem.

Quando os coelhos estão sendo atacados por animais maiores, eles fecham os olhos e pensam: “eu não vou ser morto”. Mas eles são mortos de qualquer maneira. Analogamente, pode ser que neguemos a existência de Deus e a lei de Deus, mas ainda assim Deus e Sua lei existem. Pode ser que você diga na corte suprema: “eu não ligo para a lei do governo”, mas de qualquer modo você será forçado a aceitar a lei do governo. Se você negar a lei do estado, você será posto na prisão e será obrigado a sofrer. Analogamente, pode ser que você tolamente menospreze a existência de Deus — “Deus não existe” ou “eu sou Deus” — mas não obstante você será responsável por todas as suas ações, tanto boas quanto más.

Há dois tipos de atividades — boas e más. Se você age honestamente e executa atividades piedosas, você obtém boa sorte, e se você age pecaminosamente, você tem de sofrer. Portanto Śukadeva Gosvāmī diz: “Há diferentes tipos de expiação. Se você comete algum pecado e o neutraliza fazendo algo, isso é expiação. Há exemplos disso na Bíblia Cristã. Śukadeva Gosvāmī diz: “Deves saber que és responsável, e de acordo com a gravidade da vida pecaminosa, deves aceitar algum tipo de expiação como se descreve nos *sāstras*, as escrituras”.

Na realidade, assim como quando uma pessoa adoece ela deve ir a um médico e pagar honorários médicos como

uma forma de expiação, segundo o modo de vida védico há uma classe de *brāhmaṇas* aos quais devemos nos dirigir para a expiação prescrita de acordo com os pecados que cometemos.

Sukadeva Gosvāmī diz que é preciso executar a expiação prescrita de acordo com a gravidade da vida pecaminosa. Ele continua o exemplo. Quando você consulta um médico, ele prescreve um remédio barato ou um remédio caro de acordo com a gravidade da doença. Se você tem uma simples dor de cabeça, ele poderá receitar uma aspirina, mas se você tiver algo muito grave, ele imediatamente prescreverá uma operação cirúrgica que custará milhares de dólares. Analogamente, a vida pecaminosa é uma condição doentia, de modo que devemos seguir a cura prescrita para tornarmos saudáveis.

A aceitação da corrente de nascimento e morte é uma condição doentia da alma. A alma não tem nascimento, nem morte, nem doença porque ela é espírito. Kṛṣṇa diz no *Bhagavad-gītā*. (2.20): ela não está sujeita à morte, é eterna e duradoura. Ela não se perde com a dissolução deste corpo. Ela não é morta nem destruída, mesmo após a destruição deste corpo.

O que está faltando na civilização moderna é um sistema educacional que dê instruções às pessoas sobre o que acontece após a morte. Assim temos a educação mais defeituosa porque, sem este conhecimento do que acontece após a morte, a pessoa morre como um animal. O animal não sabe que vai ter outro corpo; ele não tem tal conhecimento.

A vida humana não se destina a que nos tornemos um animal. Não devemos nos interessar apenas em comer, dormir, fazer sexo e defender-nos. Pode ser que você tenha ótimas facilidades para comer, ou muitos prédios requintados para dormir, ou um ótimo ambiente para fazer sexo, ou um ótimo sistema de defesa para proteger-se, mas isso não significa que você é um ser humano. Esse tipo de civilização é vida animal. Os animais também estão interessados em comer, dormir e fazer sexo, e, de acordo com seus próprios métodos, eles também se defendem. Onde, então, está a distinção entre a vida humana e a vida animal se você simplesmente se ocupa nesses quatro princípios de natureza corpórea?

A distinção se faz quando o ser humano é inquisitivo — “Por que fui posta nesta condição miserável? Há algum remédio para isso? Acaso há vida perpétua, eterna? Eu não quero morrer. Eu quero viver alegre e pacificamente. Será que isso é possível? Qual será esse método? Qual será essa ciência?” Quando se fazem essas perguntas e tomam-se medidas para respondê-las, isso é civilização humana; caso contrário, é apenas civilização de cachorro, civilização animal.

Os animais ficam satisfeitos se podem comer, dormir, copular um pouco e se defender. Na verdade, não existe defesa porque ninguém pode proteger-se das mãos da morte cruel. Hiranyakaśipu, por exemplo, queria viver para sempre, e para isso se submeteu a austeridades rigorosas. Os supostos cientistas estão dizendo hoje em dia que acabaremos com a morte através de métodos científicos. Esta é outra afirmação maluca. Isso não é possível. Pode ser que você faça muito avanço em conhecimento científico, mas não há solução científica para esses quatro problemas — nascimento, morte, velhice e doença.

Alguém que seja inteligente ficará ansioso por solucionar esses quatro problemas básicos. Ninguém quer morrer. Mas não há remédio. Eu tenho de morrer. Todos estão muito ansiosos por parar com o aumento da população, empregando muitos métodos anticoncepcionais, mas ainda assim, continua-se nascendo. De modo que não há como parar com o nascimento. Pode ser que você invente remédios modernos através de seus métodos científicos, mas você não conseguirá acabar com a doença. Não é possível simplesmente tomar uma cápsula e dar fim à doença.

No *Bhagavad-gītā* se diz: talvez alguém pense que solucionou todos os problemas de sua vida mas onde está a solução para esses quatro problemas, a saber, nascimento, morte, velhice e doença? Esta solução é a consciência de Kṛṣṇa.

Cada um de nós está deixando o corpo a cada momento. A última fase deste deixar do corpo chama-se morte. Mas Kṛṣṇa diz: “Se alguém compreende Meu aparecimento e desaparecimento e Minhas atividades — não superficialmente, mas na verdade — após deixar este corpo ele jamais recebe novamente um corpo material” (*B.g.* 4.9).

O que acontece com uma pessoa assim? *Mām eti* — ela retorna a Kṛṣṇa. Se você quer ir para Kṛṣṇa, então tem de preparar seu corpo espiritual. Isso é consciência de Kṛṣṇa. Se você se mantiver em consciência de Kṛṣṇa, gradualmente preparará seu próximo corpo, um corpo espiritual, o qual o levará imediatamente a Kṛṣṇaloka, a morada de Kṛṣṇa, e você será feliz. Você viverá lá perpétua e bem-aventuradamente.

“Eles deram tudo a Kṛṣṇa —  
e isso nunca é um erro”

*Em sua carta a Lynne Ludwig, Śrīla Prabhupāda pede: “por favor, perdoe meus amados discípulos por qualquer aspereza ou indiscrição da parte deles. Afinal de contas, entregar a própria vida completamente ao serviço ao Senhor não é coisa fácil, e māyā, ou a energia material ilusória, trabalha com afinco especialmente para novamente enredar aqueles que deixaram o serviço a ela para tornar-se devotos... Eles têm se desapegado um pouco do amor a māyā, ou da luxúria, e querem o amor a Kṛṣṇa, ou o amor sem fim e plenamente recompensador, mas eles ainda não se desenvolveram até esse ponto, isso é tudo”.*

Sua Graça:

Por favor, aceite esta carta com Amor... K-Mart; San Fernando. Conversamos com dois de seus rapazes em momentos diferentes. Ambos tinham uma visão muito negativa das pessoas com que se encontravam.

Não creia que isso está de acordo com o que deveria ser.

Esses rapazes por acaso são representantes de Deus. Isso é algo que vem de dentro. A visão deles precisa vir acompanhada de misericórdia. Nós compreendemos isso: portanto, colha esses pequenos pedaços (sic) de céu para colocar no meio dessas pessoas. Ou então, seu objetivo será baldado.

O Amor existe. Que ele seja tal como é: com Amor ou nada feito.

Minhas preces estão com vocês, e eu suplico para que as suas estejam comigo.

Sua em Deus, Abençoada seja,  
Lynne Ludwig

Minha cara Lynne Ludwig,

Por favor, aceite minhas bênçãos. Acabo de receber sua carta enviada da Califórnia, e estive analisando seu conteúdo cuidadosamente, embora, devido a estar viajando e pregando intensamente numa excursão pela Índia, não tivesse tido a oportunidade de responder-lhe em conclusão até agora. Sua queixa é que você encontrou-se com dois de meus jovens discípulos na Califórnia e a você pareceu que eles tinham “uma visão muito negativa das pessoas com que se encontravam”. Evidentemente, não tenho conhecimento do caso e de quais foram as circunstâncias mas, por favor, perdoe meus amados discípulos por qualquer aspereza ou indiscrição da parte deles. Afinal de contas, entregar a própria vida completamente ao serviço ao Senhor não é coisa fácil, e *māyā*, ou a energia material ilusória, trabalha com afincos especialmente para enredar novamente aqueles que deixaram o serviço a ela para tornar-se devotos. Portanto, a fim de resistir ao ataque de *māyā* e permanecer fortes sob todas as condições de tentação, devotos jovens ou inexperientes no estágio neófito de serviço devocional adotarão às vezes uma atitude contra as coisas ou pessoas que sejam possivelmente prejudiciais ou constituam um desafio a suas tenras trepadeiras devocionais. Pode ser mesmo que eles se excedam em tais sentimentos só para se proteger, e desse modo, à vista de alguns não-devotos, parecerá que eles, por estarem talvez ainda muito enamorados da energia material de *māyā*, são negativos ou pessimistas.

Mas o fato real é que este mundo material é um lugar miserável, negativo, cheio de perigos a cada passo; ele é *duḥkhālayam aśāśvatam*, uma morada temporária de nascimento, morte, velhice e doença, um lar de sofrimento e dor apenas. Chegar à plataforma de compreender essas coisas tais como elas são não é algo muito comum, e por isso as pessoas que atingem esse estágio são descritas como “grandes almas”.

Isto significa que aqueles que compreenderam que os mundos materiais são lugares de miséria e temporariedade (*duḥkhālayam aśāśvatam*) jamais voltam aqui novamente, e por eles serem *mahātmānaḥ*, grandes almas, Kṛṣṇa os mantém consigo porque eles se qualificaram para escapar deste lugar asqueroso ao se tornarem Seus devotos puros. Este verso é falado por Kṛṣṇa, ou o próprio Deus, no *Bhagavad-gītā*. Quem poderia ser uma autoridade mais definitiva? A questão é que para avançar em vida espiritual, é preciso ver todas as coisas materiais com olhos pessimistas a menos que essas mesmas coisas sejam utilizadas para servir e satisfazer Kṛṣṇa. Nós não temos muita esperança de obter algum prazer ou satisfação duradoura para nossas mais profundas súplicas dentro deste reino de matéria grosseira.

Você se refere à palavra “amor” várias vezes em sua carta, mas o fato real é que *não existe* amor algum neste mundo material. Isso é falsa propaganda. O que eles chamam de amor aqui não passa de mera luxúria, ou desejo de gozo pessoal dos sentidos. Kṛṣṇa diz a Arjuna, Seu discípulo, que “É apenas a luxúria... que é o inimigo pecaminoso, que tudo devora, deste mundo” (Bg. 3.37). No idioma védico não há um termo para “amor” materialista, como o chamamos hoje em dia. O termo *kāma* descreve a luxúria ou desejo material, e não o amor, mas o termo que encontramos nos *Vedas* para amor verdadeiro é *prema*, que significa o amor de alguém por Deus apenas. Afora o amor a Deus, não há outra possibilidade de amor. Pelo contrário, há apenas desejo luxurioso. Dentro dessa atmosfera de matéria, todo o campo de atividades humanas — e não apenas toda a atividade dos seres humanos, como também de todas as entidades vivas — baseia-se, é estimulado e assim polui-se pelo desejo sexual, na atração entre macho e fêmea. Por essa vida sexual, todo o universo está girando — e sofrendo! Essa é a verdade crua. O dito amor daqui quer dizer que “você satisfaz os meus sentidos que eu satisfaço os seus”, e assim que acaba a satisfação, imediatamente vem o divórcio, a separação, desavenças e ódio. Tantas coisas estão acontecendo sob esta falsa concepção de amor. Amor real significa amor a Deus, Kṛṣṇa.

Todos querem depositar sua tendência amorosa em algum objeto que, em sua opinião, seja de valor. Mas isso é apenas questão de ignorância, porque as pessoas têm um pobre fundo de conhecimento sobre onde encontrar esse supremo objeto de amor que seja *realmente* digno de aceitar e corresponda ao amor delas. As pessoas simplesmente não sabem. Não há informação adequada. Tão logo você tenha algum apego a alguma coisa material, essa coisa vai esbofeteá-la, deteriorar-se e desapontá-la. É algo destinado a dissaboreá-la e frustrá-la. Isso é um fato. Mas esses jovens em seu país, e em todo o mundo, estão aceitando, “Sim, isso é um fato”, e estão obtendo a informação correta de Kṛṣṇa: “Após muitos nascimentos e mortes, aquele que é realmente sábio rende-se a Mim, sabendo que Eu sou a causa de todas as causas e de tudo que existe. Uma grande alma assim é muito rara” (Bg. 7.19). Novamente Kṛṣṇa usa essa palavra *mahātmā*, grande alma. Portanto, os nossos devotos com os quais você se encontrou não são rapazes e moças



comuns. Não. Eles devem ser considerados grandes almas, realmente sábios, porque eles experimentaram em muitos nascimentos a doença miserável da vida material e se desgostaram profundamente. Por isso eles estão buscando um conhecimento superior — algo melhor — e quando eles encontram Kṛṣṇa e se rendem a Ele, eles se tomam *mahātmas*, que estão realmente situados em conhecimento. Este mundo material é assim como uma prisão; é um lugar de punição destinado a trazer-nos a esse ponto de nos desgostarmos profundamente, rendermo-nos por fim a Kṛṣṇa e voltarmos a nossa natureza original de vida eterna em bem-aventurança e conhecimento completo. Portanto, é um mérito desses devotos que eles tenham feito aquilo que é *sudurlabhaḥ*, muito raro entre todos os homens na sociedade humana.

Rendendo-se a Kṛṣṇa, a pessoa encontrará o objeto final ao qual aplicará seu amor: Deus. O amor a Deus está presente em todos, assim como o fogo num fósforo apagado, mas ele está coberto. Porém, se de alguma forma alguém desenvolver seu amor adormecido por Deus, e Kṛṣṇa Se tornar seu objeto supremo de adoração, amigo supremo, senhor supremo ou amante supremo, então ele jamais ficará novamente desapontado ou infeliz. Pelo contrário, porque sua propensão amorosa estará corretamente situada.

O devoto cuja vida é rendida a Kṛṣṇa está sempre desfrutando de “grande satisfação e bem-aventurança”, e ele é constantemente iluminado, sempre positivo, e não negativo, como você diz (Bg.10.9). O devoto avançado é amigo de todos. A *yoga-yukto viśuddhātmā*, alma purificada ocupada no serviço devocional amoroso a Kṛṣṇa, é querida por todos, e todos são queridos por ela. Em outra passagem, Kṛṣṇa afirma que, Seu devoto, que Lhe é muito querido, não é invejoso mas é um amigo bondoso de todas as entidades vivas. O devoto deve ser, além disso, igual para com todos. Ele nunca discrimina, dizendo, “este é bom, aquele é mau”. Não.

Essas são as descrições dos estágios mais avançados de consciência de Kṛṣṇa que os devotos alcançam como desenvolvimento de conhecimento maduro. Atualmente, muitos de nossos estudantes são jovens. Eles estão aprendendo gradualmente, e o processo é tão eficiente, certo e autorizado que, se eles se mantêm fiéis a ele, chegam ao ponto correto, como você diz, de amar. Mas esse amor não é material, de modo que não deve ser julgado com base na plataforma sentimental e falsa dos tratos mundanos comuns. Essa é a nossa questão. Portanto, dizer que eles não estão amando pode ser verdade a partir do ponto de vista dos materialistas. Eles renunciaram à afeição a família, amigos, esposa, país, raça e assim por diante, que são coisas baseadas no conceito de vida corpóreo, ou no oscilante gozo dos sentidos. Eles se desapegaram um pouco do amor a *māyā*, ou da luxúria, e querem o amor a Kṛṣṇa, ou o amor sem fim e plenamente recompensador, mas eles ainda não se desenvolveram até esse ponto, isso é tudo. Não podemos esperar que de repente seus compatriotas, que estão viciados em tantos maus hábitos, abandonem o comer de carne, o consumo de tóxicos, a prática de sexo ilícito e tantas outras coisas sórdidas, e da noite para o dia tornem-se grandes almas auto-realizadas. Isso não é possível. É utópico. Mas o simples fato de ser iniciado como devoto de Kṛṣṇa coloca a pessoa na categoria mais elevada da sociedade humana. “Ele é inteligente na sociedade humana. Ele está na posição transcendental, embora ocupado em todas as espécies de atividades”. E mesmo que tal devoto não tenha ainda avançado até o mais elevado nível de compreensão espiritual, mesmo assim ele deve ser considerado a personalidade mais elevada, independentemente de quaisquer defeitos temporários.

“Mesmo que um devoto cometa as ações mais abomináveis, ele deve ser considerado um santo por estar apropriadamente situado” (Bg. 9.30). Como você diria, “ 45553 Erro é humano”. Portanto, no estágio neófito, é sempre de se esperar que se cometam algumas discrepâncias. Por favor, veja a coisa sob este prisma e perdoe-lhes por seus pequenos erros. O importante é que eles deram tudo, até mesmo suas vidas, a Kṛṣṇa — e isso jamais será um erro.

Seu sempre benquerente,  
A.C. Bhaktivedanta Swami

### Uma consciência do que é melhor e mais belo

*Em Roma, durante maio de 1974, Śrīla Prabhupāda encontra-se com o Sr. Desmond James Bernard O’Grady, famoso poeta irlandês: “O pedido que faço ao senhor é este. O senhor é um poeta. Simplesmente descreva Deus. O senhor é hábil em fazer descrições, e por isso peço-lhe que, por favor, descreva Deus em sua ocupação. Então sua vida será bem-sucedida..”.*

Sr. O’Grady: Sua edição do *Bhagavad-gītā* é muito boa.

Śrīla Prabhupāda: É a quinta edição em dois anos.

Sr. O’Grady: Em que país o movimento Hare Kṛṣṇa tem sido mais bem-sucedido?

Śrīla Prabhupāda: Em toda a parte. Na África, nos Estados Unidos, no Canadá, no Japão, na China. Mas, na verdade, ele tem sido mais bem-sucedido nos Estados Unidos. Muitos americanos estão aceitando a consciência de Kṛṣṇa.

Sr. O’Grady: E quanto a Roma? Vocês têm tido problemas com a polícia aqui?

Śrīla Prabhupāda: Temos problemas em toda a parte. A polícia às vezes nos molesta, mas normalmente eles se cansam e eventualmente não fazem nada. (Risada.)

Sr. O’Grady: O sistema desiste? Isso é maravilhoso. Eu mesmo me sinto muito cansado do sistema. Algo está errado com o atual estado de coisas. Talvez o senhor pudesse me dar algum conselho sobre como vencer o sistema.

Śrīla Prabhupāda: Vocês irlandeses! Vocês nunca se cansam de brigar.

Sr. O’Grady: Não. (Risada.) É algo que está dentro de nós.

Śrīla Prabhupāda: Na verdade, tem havido lutas constantemente.

Sr. O'Grady: Bem, o que o senhor sugere que façamos sobre isso? Quero dizer, acaso é moralmente correto que eu fique sentado aqui...

Śrīla Prabhupāda: Enquanto permaneceremos iludidos pela concepção corpórea da vida, pensando que somos esses corpos — um homem está pensando “eu sou irlandês”, outro está pensando “eu sou italiano, americano, indiano”, e assim por diante — enquanto isso continuar, a luta continuará. O senhor não pode parar a luta entre cães e gatos. Por que eles lutam? O cão simplesmente pensa: “eu sou um grande cão”. E o gato pensa, “eu sou um grande gato”. Da mesma forma, se pensamos: “eu sou irlandês”, ou “eu sou britânico”, então não passamos de cães e gatos. Enquanto as pessoas permanecerem na concepção corpórea da vida, haverá lutas.

Sr. O'Grady: Pelo que Mahatma Gandhi estava lutando na Câmara dos Comuns?

Śrīla Prabhupāda: Essa foi outra cachorrada. Não há diferença. Um cão pensa, “eu sou um cão”, porque ele tem o corpo de um cão. Eu penso que sou indiano porque este corpo nasceu em solo indiano: em que, então, eu sou diferente do cão? A concepção corpórea da vida é um animalismo. Quando compreendermos que não somos esses corpos, mas sim almas espirituais, haverá paz. Não pode haver paz de outra maneira. As literaturas védicas afirmam que uma pessoa no conceito de vida corpórea é exatamente como uma vaca ou um asno. As pessoas têm de transcender esta concepção inferior do eu. Como se faz isso? “Aquele que se ocupa nas atividades transcendentais de serviço devocional imaculado transcende imediatamente os modos da natureza material e é elevado à plataforma espiritual” (*Bhagavad-gītā* 14.25). Em nossa sociedade, há muitos mexicanos, canadenses, indianos, judeus e muçulmanos, mas eles já não se consideram muçulmanos, cristãos, judeus ou o que seja. Todos eles são servos de Kṛṣṇa. Essa é a compreensão de Brahman.

Sr. O'Grady: Mas isso também é dar nome.

Śrīla Prabhupāda: Sim, tem de haver um nome. Mas embora, por exemplo, seu nome seja diferente do de outro irlandês, não obstante todos vocês sentem que são irlandeses. Pode ser que o nome seja diferente, mas isso não importa. A qualidade deve ser uma só. Isso é necessário. Quando adquirirmos a qualidade de Kṛṣṇa, então, a despeito dos nomes diferentes haverá paz. Isso se chama *so 'ham*. Pode ser que os nomes de diferentes pessoas em uma nação sejam diferentes, mas todas as pessoas sentem a mesma nacionalidade. Podem existir variedades, mas se a qualidade é a mesma, isso é unidade, *brahma-bhūta*. “Aquele que está assim transcendentemente situado compreende de imediato o Brahman Supremo. Ele jamais se lamenta nem deseja ter nada; ele é igualmente disposto para com todas as entidades vivas. Nesse estado, ele alcança o serviço devocional puro a Mim” (Bg. 18.54).

Este mundo é miserável para as pessoas materialmente infectadas, mas para o devoto, o mundo inteiro é como Vaikuṅṭha. Para o impersonalista, atingir o estágio de Brahman, tornar-se uno com o Absoluto, é a última palavra.

Sr. O'Grady: O Absoluto é externo ou interno?

Śrīla Prabhupāda: Não há externo nem interno. O Absoluto não tem dualidade.

Sr. O'Grady: Certo, mas em um nível individual...

Śrīla Prabhupāda: Nós não somos absolutos. Quando estamos situados na plataforma absoluta, somos absolutos. Contudo, agora estamos no mundo relativo. A Verdade Absoluta também está aqui, mas nossos sentidos não são suficientemente elevados para compreender essa Verdade Absoluta. Enquanto estivermos sob o controle do tempo, não será possível que nos tornemos absolutos.

Sr. O'Grady: Então “absoluto” significa vida além do tempo?

Śrīla Prabhupāda: Isso é afirmado *Bhagavad-gītā* (4.9): “Aquele que conhece a natureza transcendental de Meu aparecimento e atividades, ao deixar o corpo, não nasce novamente neste mundo material, mas alcança Minha morada eterna, ó Arjuna”.

Isso é absoluto — voltar ao lar, voltar ao Supremo. Enquanto estamos no mundo material e nos identificamos com este corpo, transmigramos de um corpo a outro. Isso não é absoluto. Isso é afirmado claramente nesse verso. Quando se volta ao mundo espiritual, alcança-se a posição absoluta.

Sr. O'Grady: Está certo, mas a minha pergunta é a seguinte: É suficiente para nós sentarmo-nos aqui — o senhor sentado aí e nós como amigos sentados com o senhor, ocupados na nobre arte da conversação, enquanto do outro lado do oceano...

Śrīla Prabhupāda: O que o senhor não compreendeu é que embora o senhor esteja sentado num lugar e eu esteja sentado em um lugar diferente, esta diferença não afeta nossa existência real. Tanto eu quanto o senhor somos seres humanos. As concepções de “irlandês”, “inglês”, “protestante”, “católico” e assim por diante são apenas diferentes roupagens. Temos de nos livrar dessas designações. Quando a pessoa livra-se desse modo, ela se purifica.

Quando o senhor tiver purificado seus sentidos e ocupar esses sentidos purificados no serviço ao senhor dos sentidos, Kṛṣṇa, o senhor terá aperfeiçoado sua vida. Isso é não-dualidade, e isso é absoluto.

Sr. O'Grady: Mas o sistema insiste em que o senhor se considere americano, ou indiano, ou africano, ou seja o que for.

Śrīla Prabhupāda: Sim. Sociedade materialista significa dualidade.

Sr. O'Grady: Mas isso é inevitável. Como o senhor pode evitar a existência material?

Śrīla Prabhupāda: Isso é possível em consciência de Kṛṣṇa. O lótus vive na água mas nunca toca a água.

Sr. O'Grady: Eu não acho que o senhor possa explicar situações em uma área com metáforas de outra área. Como o senhor pode discutir problemas políticos em termos de vagos conceitos espirituais? A natureza deles é completamente diferente.

Śrīla Prabhupāda: Às vezes uma variedade de exemplos nos ajuda a compreender ou apreciar o problema melhor. No vaso há uma variedade de flores, e essa variedade nos ajuda a apreciar melhor a idéia das flores. A partir de qualquer ponto de vista Kṛṣṇa pode solucionar todos os problemas. Por que apenas os problemas dos irlandeses ou ingleses?

Todos os problemas. Isso chama-se unidade na diversidade. Nossos estudantes provêm de diferentes antecedentes, mas porque todos eles estão na consciência de Kṛṣṇa, eles são unificados.

Sr. O'Grady: Ótimo. Sim, eu aceito isso, Eu gostaria de saber, porém, se, quando o senhor diz “consciência de Kṛṣṇa”, há alguma diferença entre isso e consciência de Cristo?

Śrīla Prabhupāda: Não, não há diferença. Cristo veio pregar a mensagem de Deus. Se o senhor realmente se tornar consciente de Cristo, o senhor tornar-se-á consciente de Kṛṣṇa.

Sr. O'Grady: E acaso tornar-se consciente de Kṛṣṇa ou consciente de Deus significa tornar-se consciente de si? Isto é, consciente do que somos realmente?

Śrīla Prabhupāda: Sim, a consciência de Deus incluí a autoconsciência, mas a autoconsciência não é necessariamente consciência de Deus.

Sr. O'Grady: Mas pode ser?

Śrīla Prabhupāda: Não.

Sr. O'Grady: Alguém poderá atingir a consciência de Deus que está dentro de si.

Śrīla Prabhupāda: Isso significa que ele é consciente de Deus. Agora estamos sob a luz do sol, e a consciência do sol inclui sua capacidade de ver-se a si mesmo. Na escuridão o senhor não pode ver-se a si mesmo. À noite o senhor não pode nem ver suas próprias mãos ou pernas, mas se o senhor vem para baixo do sol, o senhor vê o sol e a si mesmo também. Sem luz do sol, sem consciência de Deus, a autoconsciência é incompleta. Contudo, a consciência de Deus torna a autoconsciência muito clara.

Sr. O'Grady: Nós lidamos com muitos jovens em nossa profissão no magistério, e não tentamos ensinar-lhes nenhum tipo de salvação didática. O que tentamos é orientá-los a uma consciência do que é melhor, do que é mais belo e do que é espiritualmente mais nutritivo no mundo à volta deles — isto é, tanto quanto nos permite o sistema. Mui freqüentemente os estudantes não são neutros o bastante para estar numa condição espiritual; eles estão mais numa condição emocional. O que enfrentamos muitas vezes é a questão básica do “Quem sou eu?” ou, “Para que serve tudo isso?”

Śrīla Prabhupāda: Sim.

Sr. O'Grady: Ou eles perguntam, “Porque estou aqui?”

Śrīla Prabhupāda: Sim, ótimo.

Sr. O'Grady: Eles nos perguntam, “Por que deveria eu estar aqui? Quem é o senhor, professor, e o que lhe dá o direito de nos dizer o que pensar, ou que ser, ou o que não ser? Por que deveria eu ler Shakespeare? Por que deveria eu ouvir Mozart? Eu prefiro Bob Dylan”. Esses tipos de perguntas parecem emanar de um estado de espírito desiludido, e da insegurança, incerteza e falta de credibilidade na estrutura total das coisas como elas são. Frequentemente temos de responder a essas perguntas como uma espécie de maneira cataclísmica. Ao invés de apresentar respostas diretas, temos que responder indiretamente, levando em consideração o condicionamento que a princípio levou os estudantes a fazer essas perguntas. O senhor acha que devemos chegar até eles mais diretamente?

Śrīla Prabhupāda: O senhor está falando sobre o problema da...

Sr. O'Grady: Educação moderna.

Śrīla Prabhupāda: Sim. Há muitas perguntas, mas elas não são respondidas pela educação moderna. “Por que vim aqui? Qual é o objetivo?” Essas perguntas devem ser respondidas perfeitamente. Portanto os *Vedas* prescrevem: para encontrar as respostas a todas essas perguntas, devemos aproximar-nos de um mestre espiritual fidedigno.

Sr. O'Grady: E se o senhor não tem nenhum? E se nos dizem que o senhor Nixon é o mestre espiritual fidedigno? O que fazemos?

Śrīla Prabhupāda: Não, não. (Risada.) Há um padrão para os mestres espirituais fidedignos. O senhor ouviu apenas uma linha do verso. Quem é o mestre espiritual? Essa é a próxima linha: àquele que ouviu de outra fonte fidedigna. O mestre espiritual é aquele que recebeu a mensagem de outro mestre espiritual qualificado. É assim como um médico que recebeu o conhecimento da ciência médica de outro médico. Analogamente, o mestre espiritual fidedigno tem de provir de uma linha de mestres espirituais sucessivos. O mestre espiritual original é Deus.

Sr. O'Grady: Sim. É verdade.

Śrīla Prabhupāda: Aquele que ouviu de Deus explica a mesma mensagem a seus discípulos. Se o discípulo não altera a mensagem, ele é um mestre espiritual fidedigno. Esse é o nosso processo. Tomamos lições ouvindo de Kṛṣṇa, Deus, e com Ele compreendemos quem é perfeito. Ou então, ouvimos de Seu representante, que não contradiz Kṛṣṇa e que compreende Sua mensagem. Isso não significa que falamos uma coisa e fazemos todo tipo de disparate. Alguém que faz isso não é um mestre espiritual.

Sr. O'Grady: Agora, eis o caso de meu velho e pobre pai, que vive a oeste da Irlanda. Um velho simples, com setenta e oito anos atualmente, da sua geração. Ele chegou ao ponto de sua idade em que diz, “Eles me dizem, os padres, eles me dizem que no final de contas é Deus quem sabe. Mas eu quero saber quem disse a Deus”. Então ele vem para mim e diz, “Você foi à escola, e lê livros. Então me responda, quem disse a Deus?” E aí eu fico sem resposta. Essa é a diferença entre os setenta e oito anos e os trinta e nove anos.

Śrīla Prabhupāda: Não, não é uma diferença de idade. A diferença está no conhecimento. No Brahma-sūtra se levanta a seguinte questão: Quem é Deus? Antes de mais nada, há esta questão.

Sr. O'Grady: Quem ensinou a Deus?

Śrīla Prabhupāda: Não. Antes de mais nada, há a pergunta quem é Deus. Então responderemos quem ensinou a Deus. O *Vedānta-sūtra* diz, *athāto brahma-jijñāsā*: agora devemos indagar quem é Deus. A menos que o senhor saiba quem é Deus, como pode o senhor levantar a questão de quem deu instruções a Deus? Se o senhor não conhece

Deus, não surge a pergunta sobre quem deu instruções a Deus. Não é assim?

Sr. O'Grady: Sim.

Śrīla Prabhupāda: No *Brahma-sūtra* explica-se quem é Deus. *Janmādy asya yataḥ: Deus é Aquele de quem tudo emana.* Isso é Deus — o Ser Supremo de quem tudo emana. Agora, qual é a natureza deste Ser Supremo? Ele é uma pedra morta ou uma entidade viva? Isso também é explicado. O Ser Supremo é plenamente consciente de tudo, direta e indiretamente. A menos que Ele seja plenamente consciente de tudo, Ele não pode ser Deus. Então surge a questão levantada pelo senhor, “Quem ensinou Deus?” E isso também é respondido. *Svarāṭ: Ele é totalmente independente.* Ele não precisa tomar lições de ninguém. Isso é Deus. Se alguém precisa tomar lições de outrem, ele não é Deus.

Kṛṣṇa falou o *Bhagavad-gītā*, e Ele não precisou aprender isso com ninguém. Eu precisei aprender isso com meu mestre espiritual, mas Kṛṣṇa não precisou aprender isso com ninguém. Alguém que não precisa tomar lições de outrem é Deus.

Sr. O'Grady: E onde entra o amor humano?

Śrīla Prabhupāda: Tudo vem de Deus. Sendo partes integrantes de Deus, nós manifestamos amor parcial porque o amor original existe nEle. Nada pode existir que não esteja em Deus; portanto o amor existe em Deus.

Sr. O'Grady: E as manifestações de amor são manifestações de Deus?

Śrīla Prabhupāda: A menos que a propensão amorosa exista em Deus, como podemos manifestá-la? Um filho nascido de um pai particular tem os sintomas do pai. Porque a propensão amorosa existe em Deus, nós temos a mesma propensão.

Sr. O'Grady: Talvez o amor seja gerado em nós pela necessidade.

Śrīla Prabhupāda: Não, não há possibilidade de “talvez”. Estamos definindo Deus em termos absolutos. *Janmādy asya yataḥ: Deus é Aquele de quem tudo emana.* A propensão de lutar também existe em Deus, mas Sua luta e Seu amor são absolutos. No mundo material experimentamos que a luta é justamente o oposto do amor, mas em Deus a propensão a lutar e a propensão a amar são a mesma coisa. É este o significado de “absoluto”. Aprendemos das escrituras védicas que quando os ditos inimigos de Deus são mortos por Deus, eles alcançam a liberação.

Sr. O'Grady: É possível chegar a essa compreensão de Deus sozinho?

Śrīla Prabhupāda: Não. A palavra *abhiṅacchet* significa “dever”. Isso não é possível sozinho. Em gramática sânscrita esta é chamada a forma *vidhilin* de um verbo, e esta forma é usada quando não há escolha. A palavra *abhiṅacchet* significa que a pessoa deve aproximar-se de um *guru*. Essa é a versão védica. Portanto, o senhor encontrará que no *Bhagavad-gītā* Arjuna estava conversando com Kṛṣṇa, mas ao ver que as coisas não estavam sendo resolvidas, ele se rendeu a Kṛṣṇa e aceitou-O como seu guru.

“Agora estou confuso quanto a meu dever e perdi toda a compostura por causa da fraqueza. Nesta condição, peço-Vos que me digas claramente o que é melhor para mim. Agora sou Vosso discípulo, e uma alma rendida a Vós. Por favor, instrui-me” (Bg. 2.7). Então aqui podemos ver que Arjuna está confuso quanto a seu dever.

Sr. O'Grady: Este dever é para com ele mesmo, para com os outros ou para com o estado?

Śrīla Prabhupāda: O dever do soldado é lutar contra o inimigo. Arjuna era um soldado, e Kṛṣṇa aconselhou-o: “O grupo oposto é teu inimigo, e tu és um soldado. Por que estás tentando ser não-violento? Isto não é bom”. Então Arjuna disse: “Na verdade, estou confuso. Nesta confusão, não posso tomar a decisão correta. Portanto, aceito-Vos como meu mestre espiritual. Por favor, dai-me a lição adequada. Numa condição caótica, num estado confuso de vida, devemos aproximar-nos de outra pessoa, que tenha pleno conhecimento do assunto. O senhor recorre a um advogado para solucionar problemas legais, e recorre a um médico para solucionar problemas médicos. Todos no mundo material estão confusos quanto à identidade espiritual. Portanto, é nosso dever aproximar-nos de um mestre espiritual fidedigno, que possa nos dar conhecimento verdadeiro.

Sr. O'Grady: Estou muito confuso.

Śrīla Prabhupāda: Então o senhor deve se aproximar de um mestre espiritual.

Sr. O'Grady: E ele toma a decisão de como me ajudar a acabar com esta confusão?

Śrīla Prabhupāda: Sim, o mestre espiritual é aquele que resolve toda a confusão. Se o mestre espiritual não pode salvar seu discípulo da confusão, ele não é um mestre espiritual. Este é o teste.

Todo este mundo confuso é assim como um fogo ardente na floresta. Quando acontece um incêndio na floresta todos os animais ficam confusos. Eles não sabem aonde ir para salvarem suas vidas. No fogo ardente do mundo material, todos estão confusos. Como se pode extinguir este fogo ardente da floresta? Não é possível utilizar o seu corpo de bombeiros feito pelo homem, nem é possível simplesmente jogar baldes de água. A solução vem quando a chuva das nuvens cai sobre o incêndio na floresta. Somente então pode o fogo ser extinto. Essa capacidade não está em nossas mãos, mas está na misericórdia de Deus. Assim, a sociedade humana está num estado confuso, e não consegue encontrar a solução. O mestre espiritual é aquele que recebeu a misericórdia de Deus, e ele pode dar a solução para o homem confuso. Alguém que tenha recebido a misericórdia de Deus pode tornar-se um mestre espiritual e transmitir essa misericórdia aos outros.

Sr. O'Grady: O problema é encontrar este mestre espiritual.

Śrīla Prabhupāda: Esse não é o problema. O problema é se o senhor é sincero. O senhor tem problemas, mas Deus está dentro de seu coração. Deus não está distante. Se o senhor é sincero, Deus lhe envia um mestre espiritual. Por isso Deus também é chamado *caitya-guru*, o mestre espiritual dentro do coração. Deus ajuda interna e externamente. Tudo é descrito assim no *Bhagavad-gītā*. Este corpo material é como uma máquina, mas dentro do coração está a alma, e com a alma está a Superalma, Kṛṣṇa, que dá orientações. O Senhor diz, “Tu querias fazer isso; agora eis aqui a oportunidade. Vai e faze-o”. Se o senhor é sincero, o senhor diz, “Agora, Deus, eu Vos quero”. Aí então Ele dar-lhe-á

## *Ciência da Auto-Realização - Retornando à Religião Eterna*

orientações. “Sim, vem agora e assim obtém-Me”. Esta é a bondade dEle. Contudo, se queremos algo mais, não há problema. Podemos tê-lo. Deus é muito bondoso. Quando eu quero algo. Ele está em meu coração orientando-me e dizendo-me como consegui-lo. Por que, então, ele não daria orientações sobre como obter um mestre espiritual? Antes de mais nada, devemos novamente estar ansiosos por reviver nossa consciência de Deus. Então Deus dar-nos-á um mestre espiritual.

Sr. O’Grady: Muito obrigado.

Śrīla Prabhupāda: Muito obrigado. Faça-lhe o seguinte pedido. O senhor é um poeta. Simplesmente descreva Deus. O senhor é hábil em fazer descrições, e por isso peço-lhe que, por favor, descreva Deus em sua ocupação. Então sua vida será bem-sucedida. E se alguém o ouvir, a vida dele também será bem-sucedida. Este é o preceito. Há muitos líderes na sociedade que são poetas, cientistas, religiosos, filósofos, políticos e assim por diante. Àqueles que são hábeis assim dá-se este preceito: seu dever é aperfeiçoar sua ocupação descrevendo as glórias do Ser Supremo.

Sr. O’Grady: Minha experiência é que, por alguma razão extraordinária, alguém é escolhido para fazer uma coisa particular.

Śrīla Prabhupāda: Essa razão é dada aqui. *Avicyutaḥ*. A escolha infalível é esta: “Que eles descrevam as glórias do Senhor”.

Sr. O’Grady: Mas o senhor estava dizendo que o mestre espiritual é escolhido. O mestre espiritual, o poeta, o sacerdote são escolhidos por Deus. Essas pessoas são escolhidas para escrever poemas, ou pintar quadros ou fazer música.

Śrīla Prabhupāda: Então quando o senhor compuser música, componha música sobre Deus. Esta será sua perfeição.

Sr. O’Grady: Quando alguém trabalha para Deus em sua ocupação, então sua ocupação torna-se sua perfeição?

Śrīla Prabhupāda: Sim.

Sr. O’Grady: Muito obrigado.

## VIII. Alcançando a perfeição da vida

### “A forma humana de vida destina-se à compreensão de Deus”

Śrīla Prabhupāda dá uma palestra no Conway Hall de Londres, em 1969: “...se alguém pensar assim — “eu não sou servo de ninguém mais; minha função é servir a Deus” — então será liberado. Seu coração se purificará imediatamente e ele será liberado. E depois que se chega a esse ponto, todas as preocupações e ansiedades neste mundo terminam, porque se sabe: eu sou servo de Deus. Deus dar-me-á proteção. Por que deveria eu me preocupar com algo?”

O tema de hoje é a nossa relação com Deus. Isso é auto-realização. O movimento de *saṅkīrtana* é o processo mais fácil para a auto-realização porque ele purifica o coração. Nossa compreensão errônea de nossa identidade deve-se à poeira que cobre o espelho da mente. Num espelho que é coberto com poeira não podemos ver a nós mesmos. Mas se o espelho está bem limpo, então podemos ver-nos. De modo que a meditação é um processo para purificar o coração. Meditação significa tentar compreender nossa relação com o Supremo.

Como todas as coisas com as quais entramos em contato há uma relação. Porque agora estou sentado nesta almofada, a relação é que sentar-me-ei e a almofada sustentar-me-á. Vocês têm relações. Vocês são ingleses ou indianos, de modo que existe uma relação com a sua sociedade, com sua família, com seus amigos. Qual é, então, a nossa relação com Deus?

Se vocês perguntarem isso a cada pessoa, poucas serão capazes de explicar sua relação com Deus. Elas dirão: “O que é Deus? Deus está morto. Eu não creio em Deus, isso para não falar de uma relação”. Porque essas coisas sujas estão cobrindo-lhes os corações elas não podem ver. Nós temos uma relação com tudo — por que não tentamos compreender nossa relação com Deus? Acaso isso é muito inteligente? Não. Isso é ignorância. Todas as criaturas neste mundo material estão cobertas pelos três modos da natureza material. Por isso elas não podem ver Deus. Elas não podem entender Deus, nem tampouco tentam entendê-lo. Mas Deus existe. De manhã na Inglaterra há neblina, e por isso não se pode ver o Sol por detrás da cerração. Mas isso quer dizer que não existe Sol? Vocês não podem vê-lo porque seus olhos estão cobertos. Mas se vocês mandarem um telegrama a outra parte do mundo, eles dirão: “Sim, o Sol está aqui. Nós podemos vê-lo. Ele é muito deslumbrante, cheio de luz”. Então, quando você nega a existência de Deus ou não pode determinar qual é a sua relação com Deus, isso significa que você está carente de conhecimento. Não é que não exista Deus. Nós estamos carentes. O Sol não está coberto. O Sol não pode ser coberto. A cerração, ou a nuvem, ou a neblina não tem o poder de cobrir o Sol. Quão grande é o Sol! Ele é muitas vezes maior que esta Terra. E as nuvens podem cobrir no máximo uma área de dez ou vinte ou cem quilômetros. Como, então, podem as nuvens cobrir o Sol? Não. As nuvens não podem cobrir o Sol. Elas cobrem os seus olhos. Quando surge um inimigo e o coelho não pode se defender, o coelho fecha os olhos e pensa: “Agora meu inimigo se foi”. Analogamente, nós estamos cobertos pela energia externa de Deus e estamos pensando: “Deus está morto”.

O Senhor tem três tipos de energia. No *Viṣṇu Purāna* há descrições da energia do Senhor Supremo. E nos *Vedas* também, nos *Upaniṣads*, há descrições das energias do Senhor Supremo. O Senhor tem multi-energias. Os *Vedas* dizem: “Deus não tem nada a fazer”. Nós temos de trabalhar porque não temos outro meio para existir — temos de comer, desejamos desfrutar disso, daquilo — mas por que deveria Deus trabalhar? Deus não precisa trabalhar. Como, então podemos dizer que Deus criou este universo? Isso não é trabalho? Não. Então como isso aconteceu? Suas multifárias energias são tão fortes que estão agindo naturalmente e são plenas de conhecimento. Podemos ver como uma flor desabrocha e cresce e sistematicamente revela multicores: de um lado uma manchinha, de outro lado outra manchinha, branco de um lado, mais branco de outro lado. A borboleta também manifesta essa simetria artística. De modo que tudo isso está sendo pintado, mas de maneira tão perfeita e tão rapidamente que não podemos ver como isso acontece. Não podemos ver como isso está sendo feito, mas está sendo feito pela energia do Senhor.

É devido à falta de conhecimento que as pessoas dizem que Deus está morto, que Deus não existe e que não temos relação com Deus. Esses pensamentos são comparados aos pensamentos de um homem perseguido por fantasmas. Assim como um homem assombrado fala todo tipo de disparate, quando nos tornamos cobertos pela energia ilusória de Deus dizemos que Deus está morto. Mas isso não é um fato. Portanto, precisamos deste processo de cantar para purificar nosso coração. Adotem este simples processo de cantar o *mantra* Hare Kṛṣṇa. Dessa maneira, em sua vida familiar, em seu clube, em sua casa, na rua — em toda a parte — cantem Hare Kṛṣṇa, e esta escuridão que cobre o seu coração, encobrindo sua verdadeira posição, será eliminada. Então vocês compreenderão sua verdadeira posição constitucional.

O Senhor Caitanya Mahāprabhu recomendava: *ceto-darpaṇa-mārjanam*. *Mārjanam* significa “limpar”, e *darpaṇa* significa “espelho”. O coração é um espelho. Ele é como uma câmera. Assim como uma câmera tira todos os tipos de fotos de dias e noites, da mesma forma o nosso coração tira fotos e as mantém num estado inconsciente. Os psicólogos sabem disso. O coração tira muitas fotos, e por isso fica coberto. Nós não sabemos quando isso começou, mas é um fato que, por haver o contato com a matéria, nossa identidade verdadeira fica coberta. Portanto é preciso limpar o coração. Há diferentes processos para limpar o coração — o processo *jñāna*, o processo da *yoga*, o processo da meditação, atividades piedosas. *Karma* também purifica o coração. Se alguém age mui piedosamente, seu coração purifica-se gradualmente. Mas embora esses processos sejam recomendados para purificar o coração, nesta era todos eles são muito difíceis. Para seguir o caminho do conhecimento filosófico, é preciso tornar-se um acadêmico muito erudito, é preciso ler muitos livros,

recorrer a professores e acadêmicos eruditos e especular. É preciso encontrar uma pessoa que tenha visto a luz. Assim, todos esses são processos filosóficos. A meditação também é um processo recomendado. Deve-se perguntar: “Quem sou eu?” Considerem: eu sou este corpo? Não. Eu sou este dedo? Não, este dedo é *meu*. Se você meditar sobre sua perna, verá: “Ah, esta perna é *minha*”. De modo semelhante, você verá que tudo é “meu”. E onde está esse “eu”? Tudo é meu, mas onde está esse “eu”? Quando alguém busca esse “eu”, isso é meditação. Meditação verdadeira significa concentrar todos os sentidos dessa maneira. Mas esse processo de meditação é muito difícil. É preciso controlar os sentidos. Os sentidos nos estão arrastando para fora, e precisamos trazê-los para dentro para a introspecção. Portanto, existem oito processos no sistema de *yoga*. O primeiro consiste em controlar os sentidos através de princípios regulativos. Depois vêm as posturas sentadas — isso ajudará a concentrar a mente. Se a pessoa senta-se curvada, isso não ajudará; se ela senta-se ereta, isso ajudará. Depois vem o controle da respiração, depois a meditação, depois o *samādhi*. Mas hoje em dia esses processos são muitíssimo difíceis. Ninguém pode executá-los imediatamente. Os chamados processos de *yoga* são fragmentários — apenas as posturas sentadas e alguns exercícios respiratórios são praticados. Mas isso não pode nos levar ao estágio de perfeição. O verdadeiro processo de *yoga*, apesar de ser um processo védico recomendado, é muito difícil nesta era. De modo semelhante, pode-se tentar obter conhecimento através do processo filosófico especulativo: “Isto é Brahman, isso não é Brahman. Então o que é Brahman? O que é alma espiritual?” Tal discussão filosófica empírica também é recomendada mas é inútil nesta era.

Portanto Caitanya Mahāprabhu — não apenas Caitanya Mahāprabhu, mas também a literatura védica — diz: *harer nāma harer nāma harer nāmaiva kevalam / kalau nāsty eva nāsty eva nāsty eva gatir anyathā. Kalau* significa “nesta era”. *Nāsty eva, nāsty eva, nāsty eva* — três vezes *nāsty eva*. *Eva* significa “certamente”, e *nāsti* significa “não”. “Certamente não, certamente não, certamente não”. O que é este “certamente não”? Uma pessoa não pode se realizar através de *karma*. Este é o primeiro “certamente não”. Uma pessoa não pode se realizar através de *jñāna*. Este é o segundo “certamente não”. Uma pessoa não pode se realizar através de *yoga*. Certamente não. *Kalau* significa “nesta era”. Nesta era, uma pessoa certamente não pode alcançar o sucesso por nenhum desses três métodos. Qual é, então, o processo recomendado? Simplesmente cantem o *mantra* Hare Kṛṣṇa. *Kevalam* significa “somente”. Simplesmente cantem Hare Kṛṣṇa. Este é o processo mais fácil e mais sublime. Ele é recomendado, prático e autorizado. Então adotem-no. Aceitem-no em qualquer condição de vida. Cantem. Não há gastos, nem perdas. Nós não estamos cantando em segredo. Não. É algo aberto. E cantando vocês purificarão seu coração.

Neste mundo material ninguém quer miséria, mas ela vem. Inesperadamente, como um incêndio na floresta que começa sem ninguém ter acendido um fósforo, ela vem. Ninguém quer guerras, mas deflagram-se guerras. Ninguém quer fome, mas existe fome. Ninguém quer pestes, mas elas aparecem. Ninguém quer lutar, mas luta-se. Ninguém quer mal-entendidos, mas eles acontecem. Por que? Isso é algo parecido com um incêndio na floresta. E esse incêndio não pode ser apagado por extintores. Este fogo ardente de problemas não pode ser extinto por nosso dito avanço de conhecimento. Não. Isso não é possível. Assim como não se pode extinguir um incêndio de floresta enviando-se um corpo de bombeiros ou trazendo água, os problemas de nossa vida não podem ser resolvidos através de processos materiais.

Há muitos exemplos disso. Prahlāda Mahārāja diz: “Meu caro Senhor, na verdade o pai e a mãe não são os protetores dos filhos”. O pai e a mãe cuidam de seus filhos; este é o dever deles. Mas eles não são os protetores finais. Quando a lei da natureza chama o filho, o pai e a mãe não podem protegê-lo. Portanto, embora geralmente se considere um fato que o pai e a mãe são os protetores do filho, na verdade isso não é exato. Se alguém está velejando no oceano e pensa que tem um assento muito confortável, isso o protegerá? Não. Mesmo assim ele poderá afundar. Um belo avião está voando no céu, todos estão seguros, mas de repente ele se espatifa no solo. Nenhuma coisa material pode nos proteger. Suponhamos que alguém esteja doente. Ele poderá consultar um bom médico que lhe dará bons remédios mas isso não garante que ele viverá. Qual é, então, a garantia final? Prahlāda Mahārāja diz: “Meu caro Senhor, se Vós negligenciais alguém, nada pode protegê-lo”.

Esta é nossa experiência prática. Podemos inventar muitos métodos para solucionar os problemas apresentados pelas leis da natureza material, mas esses métodos não são suficientes. Eles jamais solucionarão todos os problemas, tampouco darão alívio verdadeiro. Este é o fato. Portanto Kṛṣṇa diz no *Bhagavad-gītā*, “*Māyā*, esta energia externa, é muitíssimo forte. Ninguém pode superá-la. Isso é quase impossível”. Como, então, pode alguém livrar-se desta natureza material? Kṛṣṇa diz: “Simplesmente por se render a Mim, a pessoa pode aliviar-se da investida da natureza material”. Isso é um fato. De modo que temos de purificar o coração para aprender qual é a nossa relação com Deus.

No *Kaṭha Upaniṣad* se afirma: a Suprema e Absoluta Personalidade de Deus, ou a Verdade Absoluta, é eterna. Deus é eterno, e nós também somos eternos. Mas os *Vedas* indicam que Ele é a criatura viva suprema. Ele não está morto. Se Ele não estivesse vivendo, como este mundo funcionaria? No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa diz, “As coisas acontecem sob Minha supervisão”. Na Bíblia também se diz, “Deus criou”. Isso é um fato. Não que em determinado momento tivesse surgido um pedaço cósmico e depois isso aconteceu e depois aquilo. Não. Os *Vedas* dizem-nos os fatos reais, mas temos de abrir os olhos para vê-los *Ceto-darpaṇa-mārjanam*. Esse é o processo para limpar nossos corações. Quando purificarmos os nossos corações, seremos capazes de compreender o que Kṛṣṇa e os *Vedas* dizem. Precisamos nos purificar. Se um homem está padecendo de icterícia e você lhe dá um pedaço de açúcar cande, ele dirá que o açúcar está muito amargo. Mas o açúcar cande é amargo? Não, ele é muito doce. E o remédio para a icterícia é o açúcar. A ciência moderna prescreve esse remédio, que também é prescrito na literatura védica. Então se tomamos uma grande quantidade de açúcar cande, seremos aliviados da icterícia. E quando nos curarmos, diremos: “Oh! isso é muito doce”. De forma que a icterícia moderna de uma civilização ateuista pode ser curada por este cantar de Hare Kṛṣṇa. No começo pode parecer amargo, mas, à medida que avançarmos veremos como é agradável.

Tão logo alguém compreenda sua identidade, sua relação com Deus, imediatamente ele se torna feliz. Nós somos tão cheios de misérias porque nos identificamos com o mundo material. Por isso somos infelizes. As ansiedades e o temor devem-se ao fato de nos identificarmos falsamente com o mundo material. Outro dia eu estava explicando que aquele que se identifica com esta bolsa de ossos e pele é como um animal. Assim, por se cantar Hare Kṛṣṇa, este mal-entendido será eliminado. Purificação do coração significa compreender que não pertencemos a este mundo material. *Aham brahmāsmi*: eu sou alma espiritual. Enquanto nos identificamos com a Inglaterra, com a Índia ou com os Estados Unidos, isso é ignorância. Hoje você é um inglês porque nasceu na Inglaterra, mas em sua próxima vida talvez você não nasça na Inglaterra; talvez você nasça na China ou na Rússia ou em algum outro país. Ou talvez você nem consiga esta forma de vida humana. Hoje você é um nacionalista, você é um grande seguidor de seu país, mas amanhã, se você permanecer em seu país, talvez você seja uma vaca sendo levada para o matadouro.

De modo que temos de conhecer completamente a nossa identidade. Caitanya Mahāprabhu diz que a verdadeira identidade de toda criatura viva é que ela é serva eterna de Deus. Se alguém pensa assim — “eu não sou servo de ninguém; minha função é servir a Deus” — então ele é liberado. Seu coração será imediatamente purificado, e ele será liberado. E depois que ele tiver chegado a esse ponto, então todas as suas preocupações e ansiedades neste mundo terão terminado por ele saber: “Eu sou servo de Deus. Deus dar-me-á proteção. Por que deveria eu me preocupar com algo?” É como o caso de uma criança. A criança sabe que seu pai e sua mãe tomarão conta dela. Ela é livre. Se por acaso ela fosse tocar o fogo, sua mãe cuidaria dela: “Oh! meu querido filho, não toque aí”. A mãe está sempre cuidando dele. Por que, então, vocês não depositam sua confiança em Deus? Na verdade, vocês estão sob a proteção de Deus.

As pessoas vão à igreja e dizem: “Deus, dai-nos o pão nosso de cada dia”. Na realidade, se Ele não nos desse isso, não seríamos capazes de viver. Isso é um fato. Os *Vedas* também dizem que a Personalidade Suprema unicamente fornece todos os víveres para cada uma das criaturas vivas. Deus está fornecendo alimento a todos. Nós, seres humanos, temos nossos problemas econômicos, mas que problema econômico existe em sociedades além da sociedade humana? A sociedade dos pássaros não tem problemas econômicos. Os quadrúpedes não têm problemas econômicos. Existem 8.400.000 espécies de vida, e entre essas espécies, a sociedade humana é muitíssimo pequena. De modo que eles têm criado problemas — o que comer, onde dormir, como copular, como defender-se. Esses são os nossos problemas, mas a maioria das criaturas — os seres aquáticos, os peixes, as plantas, os insetos, as aves, os quadrúpedes e os muitos e muitos milhões de outras criaturas vivas, não têm esses problemas. Elas também são criaturas vivas. Não pensem que elas são diferentes de nós. Não é verdade que nós, seres humanos, somos as únicas criaturas vivas e que todas as outras criaturas são mortas. Não. E quem lhes está fornecendo alimento e abrigo? É Deus. As plantas e os animais não estão indo ao escritório. Eles não vão à universidade para obter educação tecnológica a fim de ganhar dinheiro. Como, então, eles estão comendo? Deus está suprindo. O elefante come centenas de quilos de alimento. Quem está suprindo tudo isso? Vocês estão fazendo arranjos para o elefante? Existem milhões de elefantes. Quem está suprindo?

Assim, o processo de reconhecer que Deus está suprindo tudo é melhor do que pensar: “Deus está morto. Por que deveríamos ir à igreja e orar a Deus pelo pão?” No *Bhagavad-gītā* se diz: “Quatro tipos de pessoas vêm a Kṛṣṇa: o aflito, aqueles que precisam de dinheiro, o sábio e o curioso”. Aquele que é curioso, aquele que é sábio, aquele que está aflito e aquele que está precisando de dinheiro — essas quatro classes de homens aproximam-se de Deus. “Meu querido Deus, estou com muita fome. Dai-me o pão de cada dia”. Isso é bom. Aqueles que se aproximam de Deus dessa maneira são chamados de *sukṛtinaḥ*. *Sukṛtī* significa “piedoso”. Eles são piedosos. Embora estejam pedindo dinheiro, alimento, eles são considerados piedosos porque estão se aproximando de Deus. E os outros são justamente o oposto. Eles são *duṣkṛtinaḥ*, ímpios. *Kṛtī* significa “muito meritório”, mas a palavra *duṣkṛtī* indica que a energia deles está sendo mal usada para criar estragos. É algo parecido com o homem que inventou as bombas atômicas. Ele tem um cérebro, mas esse cérebro foi mal usado. Ele criou algo terrível. Criem algo que assegure que o homem não mais terá de morrer. Para que serve criar algo para que milhões de pessoas morram imediatamente? Elas morrerão hoje ou amanhã ou depois de cem anos. Que fizeram, então, os cientistas? Criem algo para que o homem não morra imediatamente, para que não haja mais doenças, para que não haja mais velhice. Então vocês terão feito algo. Mas os *duṣkṛtinas* jamais se dirigem a Deus. Eles jamais tentam compreender Deus. Portanto a energia deles está sendo mal orientada.

Os materialistas grosseiros que ignoram sua relação com Deus são descritos no *Bhagavad-gītā* como *mūḍhas*. *Mūḍha* significa “asno”, “burro”. Aqueles que estão trabalhando mui arduamente para ganhar dinheiro são comparados ao burro. Eles comem quatro *capātis* (pães tipo panqueca feitos de trigo integral) diariamente, mas estão desnecessariamente trabalhando para ganhar milhares de dólares. E há outros que são descritos como *narādhama*. *Narādhama* significa “os mais baixos da humanidade”. A forma humana de vida destina-se à compreensão de Deus. O homem tem o direito de tentar compreender Deus. Aquele que compreende Brahman, Deus, é um *brāhmaṇa*, e não os outros. De forma que este é o dever desta forma de vida humana. Em toda sociedade humana há algum sistema que é chamado “religião” e através do qual pode-se tentar compreender Deus. Não importa se este sistema é a religião cristã, a religião maometana ou a religião hindu. Isso não importa. O sistema é compreender Deus e nossa relação com Ele. Isso é tudo. Este é o dever dos seres humanos, e se este dever é ignorado na sociedade humana, então esta é uma sociedade animal. Os animais não têm capacidade para compreender o que é Deus e qual é sua relação com Deus. Seus únicos interesses são comer, dormir, copular e defender-se. Se estamos apenas preocupados com essas coisas, então o que somos? Somos animais. Portanto, o *Bhagavad-gītā* diz que aqueles que ignoram esta oportunidade são “os mais baixos da humanidade”. Eles obtiveram esta forma humana de vida após evoluírem através de 8.400.000 nascimentos e, todavia, não a utilizaram para a compreensão de Deus, mas simplesmente para as propensões animais. Por isso eles são *narādhama*, os mais baixos da humanidade. E há outras pessoas que têm muito orgulho de seu



conhecimento. Mas que é esse conhecimento? “Deus não existe. Eu sou Deus”. Seu conhecimento verdadeiro foi tirado por *māyā*. Se elas são Deus, como, então, elas se tornaram cães? Há tantos argumentos contra elas, mas elas simplesmente desafiam Deus. Ateísmo. Por elas terem adotado o processo do ateísmo, seu conhecimento verdadeiro foi-lhes tirado. Conhecimento verdadeiro significa saber o que é Deus e qual é a nossa relação com Ele. Se uma pessoa não sabe disso, então deve-se compreender que seu conhecimento foi-lhe roubado por *māyā*.

Assim, se tentamos compreender nossa relação com Deus, há caminhos e meios. Há livros e há conhecimento; por que, então, não tirar proveito deles? Todos devem tirar proveito deste conhecimento. Tentem compreender que no *Bhagavad-gītā* e outras literaturas védicas, em toda a parte, se diz que Deus é grande e que embora sejamos qualitativamente iguais a Deus, somos diminutos.

O oceano e a diminuta partícula de água têm a mesma qualidade, mas a quantidade de sal na gota d'água e a quantidade de sal no oceano são diferentes. Elas são qualitativamente iguais, mas quantitativamente diferentes. De modo semelhante, Deus é todo-poderoso, e nós temos algum poder. Deus cria tudo, e nós podemos criar uma pequena máquina para voar, assim como as pequenas máquinas com as quais as crianças brincam. Mas Deus pode criar milhões de planetas voando no ar. Essa é a qualificação de Deus. Você não pode criar nenhum planeta. Mesmo que você pudesse criar um planeta, qual seria o benefício disso? Existem milhões de planetas criados por Deus. Mas você também tem capacidade criativa. Deus tem poder, e você tem poder. Mas o poder d'Ele é tão grande que o seu não pode se comparar ao d'Ele. Se você diz, “eu sou Deus,” isso é tolice. Você pode afirmar que é Deus, mas que atos tão extraordinários você executou para afirmar que é Deus? Isso é ignorância. O conhecimento daquele que se considera Deus foi-lhe tirado pelo encanto de *māyā*. Assim, nossa relação com Deus é que Deus é grande e nós somos diminutos. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa diz claramente: “Todas as entidades vivas são Minhas partes integrantes. Qualitativamente elas são iguais a Mim, mas quantitativamente elas são diferentes de Mim”. De modo que somos simultaneamente iguais a Deus e diferentes d'Ele. Essa é a nossa relação. Somos iguais porque temos as mesmas qualidades que Deus. Mas se nos analisarmos minuciosamente, encontraremos que, apesar de termos algumas grandes qualidades, Deus as tem em maiores quantidades.

Não podemos ter nada que não exista em Deus. Isso não é possível. Portanto, no *Vedānta-sūtra* se diz que tudo que temos também é encontrado em Deus. Tudo emana de Deus. Assim, nossa relação é que, porque somos pequenos, porque somos diminutos, somos servos eternos de Deus. Neste mundo material também, no comportamento comum, vemos que um homem vai e serve a outro homem porque o outro homem é superior a ele e pode pagar-lhe um bom salário. Assim, naturalmente a conclusão é que, se somos pequenos, nosso dever é servir a Deus. Não temos outra coisa a fazer. Somos todos diferentes partes integrantes da entidade original.

Um parafuso que está ligado a uma máquina é valioso porque está funcionando junto com toda a máquina. E se o parafuso é tirado da máquina, ou se está defeituoso, ele é inútil. Meu dedo vale milhões de dólares enquanto esteja ligado a este corpo e esteja servindo ao corpo. Mas se ele é separado do corpo; qual é, então, o seu valor? Nenhum. Analogamente, nossa relação é que somos partículas muito pequenas de Deus; portanto nosso dever é ajustar nossas energias a Ele e cooperar com Ele. Essa é a nossa relação. Caso contrário, somos inúteis. Ficamos separados. Quando o dedo torna-se inútil o médico diz: “Oh! amputemos este dedo. Senão, seu corpo ficará envenenado”. Analogamente, quando nos tornamos ateístas somos separados de nossa relação com Deus e sofremos neste mundo material. Se tentamos juntar-nos novamente ao Senhor Supremo, então nossa relação é revivida.

### O amor mais elevado

*“Vida espiritual significa estar em contato com o Senhor Supremo e existir em bem-aventurança e conhecimento eternamente. Esse contato eterno significa brincar com Kṛṣṇa, dançar com Kṛṣṇa e amar Kṛṣṇa. Ou então Kṛṣṇa pode tornar-se seu filho — o que você quiser... A menos que possamos amar Kṛṣṇa, que acabemos com o amor aos gatos, cães, pais, nação e sociedade e, em vez disso, concentremos nosso amor em Kṛṣṇa, não há possibilidade de felicidade...”*

Se a pessoa proteger bem a tenra trepadeira do serviço devocional, então gradualmente ela produzirá o fruto do amor puro por Deus. Amor puro ou imaculado a Deus significa amor que não é manchado pelo desejo de benefício material, de mero entendimento filosófico ou de resultados frutivos. Amor imaculado é saber: “Deus é grande, eu sou parte integrante d'Ele, e por isso Ele é meu supremo objeto de amor”. Esta consciência é a perfeição mais elevada da vida humana e o objetivo final de todos os métodos de auto-realização. Se alguém chega a este ponto — Deus é meu único amado, Kṛṣṇa é o único objeto de amor — então sua vida é perfeita. E quando alguém saboreia essa relação transcendental com Kṛṣṇa, ele sente verdadeira felicidade. A trepadeira devocional será então tão fortemente protegida que, simplesmente por agarrar-se a ela, a pessoa será capaz de alcançar o destino supremo. Se subimos firmemente numa árvore, eventualmente chegamos a sua copa. Analogamente, se podemos atingir amor a Deus agarrando-nos a essa trepadeira devocional, não há dúvida de que chegaremos à morada transcendental de Kṛṣṇa e nos associaremos com Ele pessoalmente, assim como estamos nos associando agora, face a face.

Deus não é fictício ou imaginário. Ele é tão real como nós (Na verdade, nós estamos sob ilusão; estamos vivendo como se este corpo fosse nosso eu verdadeiro, embora este corpo não seja absolutamente uma realidade, mas apenas uma manifestação temporária.) Ousamos presumir que Deus não existe ou que Ele não tem forma. Esta especulação mental deve-se a um pobre fundo de conhecimento. O Senhor Kṛṣṇa e Sua morada existem, e pode-se ir lá, chegar até

Ele e associar-se com Ele. Isso é um fato. Vida espiritual significa estar na companhia do Senhor Supremo e existir em bem-aveuturança e conhecimento eternamente. Essa associação eterna significa brincar com Kṛṣṇa, dançar com Kṛṣṇa e amar Kṛṣṇa. Ou então Kṛṣṇa pode tornar-Se seu filho — o que você quiser.

Há cinco relações primárias com Kṛṣṇa: como devoto passivo, como servo, como amigo, como pai ou mãe e como amante. As vacas na morada de Kṛṣṇa também são almas liberadas. Elas são chamadas vacas *surabhi*. Há muitos quadros populares que mostram como Kṛṣṇa ama as vacas, como Ele as abraça e as beija. Essa relação passiva com Kṛṣṇa chama-se *sānta*. Sua felicidade perfeita é atingida quando Kṛṣṇa vem e simplesmente as toca.

Outros devotos sentem-se inclinados a realmente prestar serviço. Eles pensam: “Kṛṣṇa quer sentar-Se. Vou arrumar um lugar para Ele. Kṛṣṇa quer comer. Vou fazer-Lhe uma comida gostosa”. E eles realmente fazem esses arranjos. Outros devotos brincam com Kṛṣṇa como amigos em termos de igualdade. Eles não sabem que Kṛṣṇa é Deus; para eles, Kṛṣṇa é seu amado amigo, e eles não podem se esquecer dEle nem um momento. O dia inteiro e a noite inteira, eles pensam em Kṛṣṇa. À noite, quando estão dormindo eles pensam: “Oh! de manhã eu vou brincar com Kṛṣṇa!” E quando vem a manhã eles vão para casa de Kṛṣṇa e esperam ali enquanto Kṛṣṇa é decorado por Sua mãe antes de sair para brincar com Seus amigos nos campos. Não há outra atividade em Kṛṣṇaloka (a morada de Kṛṣṇa). Não há indústrias, ninguém corre para o escritório, nem faz nenhum disparate desse gênero. Há leite e manteiga suficientes, e todos comem copiosamente. Kṛṣṇa gosta muito de Seus amigos, e às vezes Ele Se diverte, roubando manteiga para eles. Pode-se realmente viver dessa maneira, e essa é a perfeição da existência. Devemos ansiar por esse estágio de perfeição da vida. A consciência de Kṛṣṇa é o processo para se alcançar isso.

Mas enquanto se tem mesmo um leve apego a este mundo material, tem-se de permanecer aqui. Kṛṣṇa é muito estrito. Ele não permite que ninguém que tenha algum vestígio da concepção material da vida entre em contato com Ele. *Bhakti* tem de ser isento de contaminação material. Não pensem: “Eu sou um acadêmico muito erudito. Vou descobrir o que é a Verdade Absoluta através da especulação mental”. Isso é disparate; a pessoa continuará especulando, especulando e jamais encontrará a fonte de todas as fontes. É dito no *Brahma-saṁhitā*: “Pode-se continuar especulando sobre a Verdade Absoluta por milhões e milhões de anos, e ainda assim ela não será revelada”. A pessoa pode apodrecer neste mundo material como está apodrecendo agora e pode continuar especulando, mas este não é o processo correto. Eis aqui o processo — *bhakti-yoga*.

O Senhor Caitanya diz que prestar serviço devocional a Kṛṣṇa é o mais elevado estágio de perfeição da vida, e comparadas a este processo, as outras coisas pelas quais as pessoas anseiam neste mundo material são como bolhas no oceano. De um modo geral, as pessoas andam atrás de recompensas, e por isso se tornam religiosas. Elas dizem: “eu sou hindu”, “eu sou cristão”, “eu sou judeu”, “eu sou maometano”, “eu sou isso, eu sou aquilo, e por isso não posso mudar minha religião. Não posso aceitar Kṛṣṇa”. Isso se chama religiosidade, *dharma*. Com essa idéia sectária e materialista de religião, elas apodrecerão neste mundo material, presas aos rituais e à fé. Elas têm a impressão de que, se seguirem seus princípios religiosos, obterão prosperidade material. Evidentemente, se alguém se atém a algum tipo de fé religiosa obterá facilidades para a vida material.

Por que as pessoas querem esta prosperidade material? Para o gozo dos sentidos. Elas estão pensando: “Vou conseguir uma boa esposa. Vou ter muitos filhos. Vou ter uma boa posição. Vou tornar-me o presidente. Vou tornar-me primeiro ministro”. Isso é gozo dos sentidos. E quando a pessoa está frustrada e vê que ser rico ou alcançar a presidência não podem lhe dar felicidade, depois de espremer todo o gosto da vida sexual, quando ela está completamente frustrada, então talvez ela adote o LSD e tente tornar-se una com o vazio. Mas este disparate não pode dar felicidade. Eis aqui a felicidade: é preciso aproximar-se de Kṛṣṇa. Senão, isso vai acabar em confusão de LSD e perambulação em conceitos impessoais vazios. As pessoas estão frustradas. É inevitável que elas se frustrem caso não tenham vida espiritual genuína, porque uma pessoa é espiritual por natureza.

Como pode alguém ser feliz sem Kṛṣṇa? Suponhamos que alguém é atirado no oceano. Como ele poderá ser feliz ali? O oceano não é para nós. Talvez ele seja um bom nadador, mas quanto tempo será capaz de nadar? Ele eventualmente vai se cansar e afundar. Analogamente, nós somos espirituais por natureza. Como poderemos ser felizes neste mundo material? Isso não é possível. Mas os homens estão tentando permanecer aqui, fazendo muitos ajustes temporários para a sobrevivência. Esta mixórdia não é felicidade. Se realmente queremos felicidade, eis aqui o processo: é preciso alcançar amor por Deus. Se não pudermos amar Kṛṣṇa, se não acabarmos com o amor pelos gatos, cães, país, nação e sociedade e, em vez disso, concentrarmos nosso amor em Kṛṣṇa, não haverá possibilidade de felicidade. Rūpa Gosvāmī dá um ótimo exemplo a este respeito: há muitas drogas que nos saturam de idéias ou alucinações. Mas Rūpa Gosvāmī diz que a não ser que provemos essa droga final do amor a Deus, *kṛṣṇa-prema*, teremos de ser cativados pela meditação, pelo monismo impessoal e por tantas outras loucuras.

Caitanya Mahāprabhu descreve que para se atingir amor imaculado por Kṛṣṇa, é preciso executar serviço devocional, ou consciência de Kṛṣṇa. É preciso ocupar-se exclusivamente em servir a Kṛṣṇa. O mais elevado estágio de perfeição de devoção imaculada é livrar-se de todos os desejos materiais, toda a especulação mental e todas as atividades frutivas. O princípio básico da devoção imaculada é que não podemos manter nenhum desejo além do desejo de tornar-nos totalmente conscientes de Kṛṣṇa. Mesmo que saibamos que todas as outras formas de Deus também são Kṛṣṇa, não devemos adorar nenhuma outra forma, mas devemos nos concentrar na forma de Kṛṣṇa. Kṛṣṇa tem muitas formas, mas apenas temos de adorar Kṛṣṇa em Sua forma com a flauta, como na Deidade Rādhā-Kṛṣṇa. Simplesmente se concentre nessa forma, que toda a especulação mental e atividades frutivas desaparecerão. Temos de cultivar a consciência de Kṛṣṇa favoravelmente, e isso significa executar serviço que satisfaça a Kṛṣṇa. A consciência de Kṛṣṇa não é alcançada inventando-se um método próprio. Eu posso pensar que estou fazendo algo em consciência de Kṛṣṇa, mas quem sancionou isso? Por exemplo, no *Bhagavad-gītā*, Arjuna hesitou em lutar, por certos motivos

morais, mas ele estava analisando a situação a partir da plataforma de atividades fruitivas, na qual tem-se que desfrutar ou sofrer os resultados. Ele estava considerando que se matasse os membros de sua família, ficaria então sujeito a muitas reações. Esta conclusão, contudo, não fora sancionada por Kṛṣṇa. A lei da ação e reação no mundo material chama-se *karma*, mas o serviço devocional transcende o *karma*.

O amor imaculado tem de estar livre de todas as nódoas de atividades fruitivas (*karma*) e de todas as nódoas de especulação mental e desejo material. Esse serviço devocional imaculado deve fixar-se favoravelmente em Kṛṣṇa. “Favoravelmente” significa de acordo com o que Ele deseja. Kṛṣṇa desejou que acontecesse a Guerra de Kurukṣetra; tudo isso foi planejado por Ele. Ele disse a Arjuna: “Tu estás pensando à tua própria maneira, mas mesmo que não lutes, tens certeza de que, por esta batalha ter sido planejada por Mim, nenhum desses guerreiros que estão aqui reunidos voltarão para suas casas. Eles serão mortos aqui. Isso já foi planejado”. O desejo de Deus é tal que ninguém pode mudá-lo. Kṛṣṇa tem duas qualidades: Ele pode proteger, e Ele também pode matar. Se Ele quer matar alguém, não há poder no mundo que possa proteger essa pessoa, e se Ele protege alguém, não há poder no mundo que possa matar essa pessoa. O desejo de Kṛṣṇa é supremo. Por isso, temos de ajustar nossos desejos ao desejo de Kṛṣṇa. O que quer que Kṛṣṇa deseje, ninguém pode anular ou tornar vazio porque Ele é o Senhor Supremo. Portanto, nosso dever é ajustar nossos atos ao desejo de Kṛṣṇa, e não inventar uma ação e depois declarar: “estou fazendo essa ação em consciência de Kṛṣṇa”. Temos de ser muito cuidadosos ao verificar se Kṛṣṇa realmente quer que façamos isso. Esse conhecimento autorizado é ensinado pelo representante de Kṛṣṇa. Em nossas orações em louvor ao mestre espiritual, cantamos diariamente: “Se o mestre espiritual está satisfeito, então Deus estará satisfeito. Se alguém não satisfizer o mestre espiritual, não haverá como satisfazer Deus”.

Portanto, à medida do possível, temos que cumprir a ordem de nosso mestre espiritual. Isso nos capacitará a progredir. Essa é a essência da execução favorável de consciência de Kṛṣṇa. Em minha velhice, vim para os Estados Unidos, e estou tentando ensinar a consciência de Kṛṣṇa porque meu mestre espiritual deu-me uma ordem de que devia fazer isso. Esse é meu dever. Eu não sei se terei sucesso ou fracassarei. Isso não me importa; meu dever estará cumprido se eu puder apresentar a vocês tudo o que ouvi de meu mestre espiritual. Isso se chama execução favorável de consciência de Kṛṣṇa. Aqueles que são realmente sérios devem tomar a ordem de Kṛṣṇa, através do representante de Kṛṣṇa, como toda a sua vida e alma. Aquele que se mantém fiel a este princípio certamente avança. Caitanya Mahāprabhu falava dessa maneira, e meu mestre espiritual costumava dizer: “O mestre espiritual é o intermediário transparente”. Por exemplo, eu posso ver muito bem as letras deste livro através de meus óculos transparentes, sem os quais não poderia ver porque meus olhos são defeituosos. Analogamente, todos os nossos sentidos são defeituosos. Não podemos ver Deus com nossos olhos, não podemos ouvir Hare Kṛṣṇa com nossos ouvidos, não podemos fazer nada sem o intermédio do mestre espiritual. Assim como o olho defeituoso não pode ver sem o intermédio dos óculos, da mesma forma não podemos nos aproximar do Senhor Supremo sem o intermédio transparente do mestre espiritual. “Transparente” significa que o intermédio tem que ser isento de contaminação. Se ele é transparente, podemos ver através dele.

No amor imaculado a Deus temos de ocupar nossos sentidos — *sarvendriya*, todos os sentidos. Isso significa que o sexo também deve ser ocupado na consciência de Kṛṣṇa. A concepção de Deus como pai ou mãe não permite a ocupação do sexo no serviço ao Senhor porque não há relação sexual com o pai ou a mãe. Mas na concepção de Deus como amante, há ocupação sexual também. Portanto, Caitanya Mahāprabhu deu a mais perfeita informação sobre nossa ocupação no serviço ao Senhor Supremo. Em outras concepções religiosas de vida, Deus é no máximo considerado como pai ou mãe. Muitos adoradores na Índia consideram a deusa Kālī a representação de Deus. Evidentemente, isso não é sancionado, mas a crença existe, e também na religião cristã a concepção de Deus é como o pai. Mas Caitanya Mahāprabhu nos informa que se pode inclusive ter ocupação sexual com Deus. Esta informação é a contribuição única de Caitanya Mahāprabhu. Neste mundo material, a ocupação sexual é considerada a ocupação mais elevada, o maior prazer, embora exista apenas sob forma perversa. Ninguém, entretanto, concebe que possa haver ocupação sexual no mundo espiritual. Não há um exemplo sequer de tal teologia em parte alguma do mundo inteiro. Esta informação foi dada pela primeira vez por Caitanya Mahāprabhu: pode-se ter a Suprema Personalidade de Deus como esposo, como amante. Isso é possível na adoração a Rādhā e Kṛṣṇa, mas ninguém, especialmente os impersonalistas, pode compreender Rādhā-Kṛṣṇa. Os impersonalistas não fazem idéia do que seja Rādhā-Kṛṣṇa; eles não podem sequer conceber que Deus tem forma. Mas Caitanya Mahāprabhu diz que Deus não somente tem forma, mas também tem vida sexual. Esta é a contribuição máxima de Caitanya Mahāprabhu.

Podemos servir ao Senhor Supremo em vários relacionamentos, mas no mundo material esses relacionamentos existem apenas como reflexos perversos. Qual é a nossa ocupação em relação a este mundo material? Que são as nossas idéias de sociedade, amizade e amor? Todas elas baseiam-se na concepção material da vida. Em nossa sociedade, alguém ocupa-se como pai ou mãe de um filho, e outros ocupam-se como esposo e esposa, amante e amada. Há também outras *rasas* (relações), tais como ser inimigo de outrem. Existem doze relações diferentes, das quais cinco são predominantes. As outras setes são relações indiretas, tais como, por exemplo, ser inimigo de alguém. Normalmente há uma relação entre inimigos, mesmo entre assassino e assassinado. Quanto a nossa relação com Kṛṣṇa, entretanto, mesmo que estabeleçamos uma relação de inimigo de Ele nossa vida é bem-sucedida. Portanto, quando ocupamos nossos sentidos em Kṛṣṇa, podemos estabelecer uma relação em uma das doze variedades diferentes, das quais cinco variedades são diretas e sete, indiretas.

Quando Kṛṣṇa apareceu na arena de Kaṁsa, havia muitos lutadores famosos preparados para matá-lo. De fato, Ele fora convidado para ali ser morto. Seu inimigo Kaṁsa pensou: “Brevemente os meninos virão. Há dezesseis anos temos tentado matá-los, mas não foi possível matar esse menino Kṛṣṇa. Agora, porém, convidei-O para ser meu

hóspede, e quando Ele chegar enfrentará esses lutadores, que O matarão.” As pessoas demoníacas ou ateístas estão sempre pensando em Kṛṣṇa, ou Deus, em termos de O matar. Por isso elas apresentam suas teorias de que Deus está morto. Elas acham que se Deus estiver morto, então elas terão liberdade de agir como desejarem. Mas, quanto as suas verdadeiras atividades, Deus pode estar vivo ou morto, mas o agente de Deus, a energia material, é tão forte que ninguém pode fazer qualquer coisa errada livremente. Assim que alguém faz algo errado, há castigo imediato. Para isso, não é necessária a presença de Deus. Deus pode estar vivo ou morto, mas a energia material é suficiente para castigar qualquer um que viole as leis materiais, mesmo no menor grau. Deus estabeleceu essas condições, mas as pessoas tolas não entendem isso.

O Senhor Caitanya, entretanto, fala de ocupar favoravelmente todos os sentidos no serviço a Kṛṣṇa em vida devocional pura. Devemos ocupar favoravelmente nossos sentidos e devemos fazer tudo o que Kṛṣṇa queira. Contudo, mesmo que ocupemos nossos sentidos contra a vontade de Kṛṣṇa mas ainda assim pensemos em Kṛṣṇa, isso também é vantajoso. A demônia Pūtanā, por exemplo, pensou em matar Kṛṣṇa. Assim como a ocupação das pessoas divinas é servir a Deus, da mesma forma os demônios e ateístas estão sempre dispostos a matar Deus. Pūtanā pensou: “Vou matar Kṛṣṇa. Ele não passa de uma criança”. Este é outro equívoco das pessoas demoníacas. Elas pensam que Kṛṣṇa, ou Deus, é uma criança ou homem comum. De modo que Pūtanā estava pensando dessa maneira: Vou untar meu seio com veneno, e, quando o menino for sugar meu leite, Ele morrerá”. Quando analisamos isto, vemos que ela se aproximou de Kṛṣṇa como Seu inimigo, e todavia Ele aceitou-a como amiga porque Ele é muito misericordioso. Ele não aceitou a parte demoníaca de sua mentalidade, contudo a aceitou. Toda entidade viva é condicionada, mas Kṛṣṇa não. Um médico ou psiquiatra trata de loucos, mas ele não enlouquece. Às vezes pode ser que um paciente fique zangado com ele ou o xingue, mas o médico mantém-se sóbrio e simplesmente trata dele. Analogamente, se alguém considera Kṛṣṇa seu inimigo, Kṛṣṇa não Se torna inimigo dessa pessoa.

Pūtanā veio envenenar Kṛṣṇa, mas Ele aceitou isso de outra maneira. Ele pensou: “Acabo de sugar o leite do seio dela. Por isso ela passa a ser Minha mãe”. Kṛṣṇa tratou-a como Sua mãe, e por isso ela se liberou, alcançando a mesma posição que a verdadeira mãe de Kṛṣṇa, Yaśodā. A conclusão é que a perfeição mais elevada é estabelecer uma relação favorável com Kṛṣṇa, mas mesmo que a pessoa se ocupe desfavoravelmente, Kṛṣṇa é tão misericordioso que pelo menos lhe dá a salvação. Todos os inimigos mortos por Kṛṣṇa foram imediatamente liberados.

Duas classes de homens podem fundir-se no *brahmajyoti* impessoal: aquele que está intencionalmente aspirando a fundir-se no *brahmajyoti* impessoal pode entrar, e aqueles que são inimigos de Kṛṣṇa e são mortos por Ele também o podem. Portanto, o devoto conclui por que deveria eu aceitar uma condição que é oferecida até mesmo aos inimigos de Deus?

Caitanya Mahāprabhu recomenda o serviço devocional puro. Não deve haver desejo de satisfazer nossos próprios desejos materiais, não deve haver tentativa de compreender Kṛṣṇa através da filosofia experimental e não deve haver atividades frutivas com o fim de obter benefícios materiais de Kṛṣṇa. O único desejo deve ser servi-LO favoravelmente, como Ele desejar. Se Kṛṣṇa quiser algo, então devemos fazê-lo. Suponhamos que eu pedisse a um discípulo, “Meu caro estudante, por favor, traga-me um copo d’água”. Então o dever dele seria trazer-me um copo d’água. Se ele pensar, “Prabhupāda quer um copo de água, mas por que não lhe dar algo melhor? Por que não um copo de leite quente?”, isso não seria serviço. Em sua consideração, o leite quente é gostoso e melhor que a água, todavia, porque eu lhe pedi água, ele tem de me dar água, e não leite. Isso é serviço favorável. Temos de compreender o que Kṛṣṇa quer. Quando há essa relação íntima, então pode-se servir a Kṛṣṇa muito favoravelmente. E enquanto não haja essa relação íntima, é preciso informar-se do que Kṛṣṇa quer através do meio transparente do mestre espiritual.

O vaiṣṇava jamais pensa que tem uma relação direta com Kṛṣṇa. O Senhor Caitanya diz, “Eu sou servo do servo do servo — uma centena de vezes servo do servo — de Kṛṣṇa”. Temos de concordar em nos tornar o servo do servo do servo. Este é o processo da sucessão discipular, e se alguém quer real e transcendental amor a Deus, então ele tem de adotar este processo. Porque as pessoas não aceitam este processo, elas não desenvolvem verdadeiro amor a Deus. Elas falam de Deus, mas na verdade não amam a Deus; porque não há cultivo de serviço devocional puro, elas amam aos cães.

Nós podemos dizer, “amor a Deus”, mas a menos que adotemos este princípio, teremos de amar a nosso cão, e não a Deus. Este é o erro. Caitanya Mahāprabhu diz que se alguém quer realmente amor a Deus, então ele tem de seguir o processo do serviço devocional puro. Não é que Caitanya Mahāprabhu esteja falando com base em Sua própria invenção mental; Suas afirmações são confirmadas em escrituras védicas tais como o *Nārada-pañcarātra* e o *Śrīmad-Bhāgavatam*. Esses dois livros, e o *Bhagavad-gītā*, são escrituras muito autênticas destinadas aos devotos. Caitanya Mahāprabhu faz uma citação de um verso do *Nārada-pañcarātra* em que se diz que temos de ocupar nossos sentidos: não é que precisemos ocupar apenas nossa mente. Se alguém diz, “estou sempre pensando em Kṛṣṇa,” isso não é serviço devocional puro. Meditação é pensar, mas ninguém pensa em Kṛṣṇa; eles pensam no vazio ou em algo impessoal. Se alguém está pensando em Kṛṣṇa ou Nārāyaṇa ou Viṣṇu, como é prescrito nas escrituras védicas, isso é *yoga* verdadeira; meditação ióguica significa focalizar a mente na Superalma. A Superalma é a representação de Kṛṣṇa sob a forma de Nārāyaṇa de quatro braços. Mesmo Patañjali, uma autoridade sobre o sistema de *yoga*, prescreve a meditação em Viṣṇu. Mas assim como as pessoas estão inventando processos religiosos falsos, os pretensos *yogīs* de hoje em dia têm inventado seu próprio modo de pensar em algo vazio.

Mas o *Nārada-pañcarātra* diz, *hṛṣikeṇa hṛsikeśa-sevanām*: devemos ocupar não apenas nossa mente, como também nossos sentidos. Ocupe os sentidos no serviço ao senhor dos sentidos. Essas três palavras sânscritas são muito significativas. *Hṛsikeśa* significa “o Senhor dos sentidos”. De modo que *bhakti-yoga* significa servir com os sentidos ao Senhor dos sentidos. O Senhor dos sentidos é Kṛṣṇa. Devemos sempre nos lembrar de que temos nossos sentidos

porque queremos desfrutar deste mundo material, e por isso o Senhor nos dá um conjunto particular de sentidos para nosso desfrute. O porco tem um tipo particular de corpo e sentidos porque quis desfrutar de comer excremento. De modo semelhante, um homem tem um tipo particular de corpo e sentidos porque quis desfrutar de algo mais. Temos um conjunto particular de sentidos condicionados com os quais podemos desfrutar deste mundo material, e isto é o que temos de purificar. Nossos sentidos são originais, mas agora eles estão cobertos por desejos materiais. Temos de nos curar e nos livrar de tais desejos. Quando nossos sentidos não estão mais inclinados ao gozo material dos sentidos, nosso status chama-se devoção pura.

Por este verso do *Nārada-pañcarātra*, podemos entender que a alma espiritual tem sentidos originais. Por menor que seja o corpo em que ela tenha entrado, a alma espiritual não é impessoal; ela tem sentidos. Talvez alguém encontre um percevejo dentro de seu livro. Ele é tão pequeno, menor que a cabeça de um alfinete, mas mesmo assim se movimenta; ele tem todos os sentidos. As pequenas bactérias também se mexem, e têm os seus sentidos. Originalmente, todas as entidades vivas têm sentidos. Não é que os sentidos tenham se desenvolvido sob determinadas condições materiais. A teoria ateísta é que sob determinadas condições materiais desenvolvemos nossos sentidos, e que na condição espiritual não existem sentidos, e que somos impessoais. Pela lógica e pela razão, contudo, isso não pode ser assim. Uma partícula diminuta de força espiritual, mesmo que seja menor em tamanho do que um átomo, tem seus sentidos, estando cobertos por elementos materiais, manifestam-se de maneira pervertida. Nós temos de purificar os sentidos, e quando os sentidos se purificarem, poderemos ocupá-los para o prazer do senhor dos sentidos. Kṛṣṇa é o senhor e proprietário dos sentidos. Portanto, porque somos partes integrantes do Senhor Supremo, nossos sentidos são tomados emprestados dEle; eles são alugados. O melhor que fazemos é usar os sentidos para a satisfação dos sentidos dEle, e não para a nossa própria satisfação. Este é o processo da consciência de Kṛṣṇa.

Do *Śrīmad-Bhāgavatam*, o Senhor Caitanya dá um exemplo de devoção pura. É dito no *Bhāgavatam* que Kṛṣṇa está situado no coração de todos. Portanto, assim como os rios correm e sua tendência natural é chegar ao mar, da mesma forma, assim que ouvimos as glórias do Senhor, nossa alma sente-se imediatamente atraída ao Senhor Supremo. Este é o começo do serviço devocional puro. Tão logo haja a vibração do canto, Hare Kṛṣṇa, imediatamente a parafernália de Kṛṣṇa, o nome de Kṛṣṇa, a fama de Kṛṣṇa, a morada de Kṛṣṇa, os companheiros de Kṛṣṇa — tudo — de repente manifestam-se interiormente porque Ele está presente. Este é o começo de nossa consciência de Kṛṣṇa. Lembrar-se com referência a um contexto significa que tão logo se ouça uma palavra código, imediatamente toda a informação que há por trás desse código é lembrada. Analogamente, quando nossas mentes sentem-se atraídas por Kṛṣṇa e por tudo que tem relação com Kṛṣṇa simplesmente por ouvirem um pouco de glorificação de Suas qualidades, este é o começo da consciência de Kṛṣṇa pura. Aí então não há mais *gati*, ou movimento da mente.

Era justamente isso o que acontecia com as *gopīs* assim que elas ouviam o som da flauta de Kṛṣṇa, elas abandonavam tudo. Algumas delas estavam deitadas, outras estavam atarefadas com seus afazeres domésticos, outras estavam cuidando dos filhos, mas assim que ouviam a flauta de Kṛṣṇa, elas se esqueciam de tudo e corriam até Ele. Seus esposos, seus filhos e seus pais diziam, “Por que vocês estão indo embora e abandonando suas obrigações?” Mas elas não ligavam — elas simplesmente iam. Não há impedimento nem barreira nessa absorção da mente em Kṛṣṇa. Este é o começo da devoção pura.

*Puruṣottama* significa Kṛṣṇa. A palavra *puruṣa* significa “desfrutador”. As entidades vivas condicionadas são desfrutadores falsos, desfrutadores de imitação. Aqui neste mundo material todas as entidades vivas estão agindo como *puruṣas*. O significado mais exato de *puruṣa* é “macho”. O macho é considerado o desfrutador e a fêmea é considerada a desfrutada. No mundo material, quer tenhamos um corpo masculino ou feminino, todos temos a propensão a desfrutar, e por isso somos todos chamados *puruṣas*. Mas na verdade o único *puruṣa* é o Senhor Supremo. Nós, entidades vivas, somos energia dEle, e Ele é o desfrutador supremo. Nós não somos *puruṣas*. As energias são empregadas para o desfrute, e nós somos energias, instrumentos da Pessoa Suprema. Portanto, *Puruṣottama* é a pessoa transcendental suprema, Kṛṣṇa. Quando empregamos nossa devoção pura pela Suprema Personalidade de Deus e não há impedimentos nem barreiras, esse é o sintoma da consciência de Kṛṣṇa pura.

Não há ambições nem motivações na consciência de Kṛṣṇa pura. Todas as outras funções transcendentais ou modos de adoração fundamentam-se em alguma motivação: alguém quer salvação, outrem quer prosperidade material, outrem quer ir a um planeta superior, outrem quer ir a Kṛṣṇaloka. Essas ambições não devem existir. Um devoto puro não tem tais ambições. O devoto puro não deseja sequer ir à morada suprema de Kṛṣṇa. Evidentemente, ele vai, mas não tem desejo. Ele simplesmente quer ocupar-se totalmente no serviço a Kṛṣṇa.

Há diferentes tipos de salvação. Há a liberação *sālokya*, viver no mesmo planeta que o Senhor Supremo. Os residentes dos planetas Vaikunṭha vivem no mesmo planeta que a Suprema Personalidade de Deus. A liberação *sārṣṭi* significa ter quase a mesma opulência que Nārāyaṇa. A alma individual liberada pode ter aparência semelhante à de Nārāyaṇa, cor, quatro mãos, os quatro emblemas, quase as mesmas feições corpóreas, a mesma opulência, os mesmos ornamentos, os mesmos prédios, tudo. *Sārūpya* significa ter a mesma forma ou feições. *Sāmīpya* significa jamais estar distante, mas sempre estar na companhia do Senhor Supremo. Por exemplo, assim como agora estamos sentados juntos, da mesma forma podemos nos associar com o Senhor. Isto chama-se *sāmīpya-mukti*, a liberação de estar mais próximo. Os devotos puros, entretanto, não aceitam essas várias formas de liberação. Eles só querem estar ocupados no serviço a Kṛṣṇa. Eles não estão interessados em nenhum outro tipo de liberação. Aqueles que são realmente conscientes de Kṛṣṇa atingem a companhia do Senhor Supremo, mas eles não a desejam; sua única ambição é estar ocupados no transcendental serviço amoroso ao Senhor. A perfeição máxima do serviço devocional, ou consciência de Kṛṣṇa, manifesta-se quando um devoto nega-se a aceitar qualquer bênção ou lucro do Senhor Supremo. O Senhor

ofereceu a Prahhlāda Mahārāja tudo o que ele quisesse, ele tinha apenas que pedir, mas ele disse: “Meu Senhor, sou Vosso servo eterno. É meu dever servir-Vos, como, então, poderei aceitar algum benefício desse dever? Se fosse assim, eu não seria Vosso servo; eu seria um comerciante”. Ele respondeu dessa maneira, e este é o sinal de uma pessoa pura. Kṛṣṇa é tão bondoso que satisfaz todos os desejos do devoto, mesmo que este queira bênçãos materiais. Se no fundo do coração do devoto há algum desejo, Ele também satisfaz esse desejo. Ele é muito bondoso. Mas a posição sublime da *bhakti-yoga*, ou serviço devocional, é que o devoto puro nega-se a aceitar os vários tipos de liberação, mesmo que sejam oferecidos pelo Senhor Supremo.

Se alguém tem desejos materiais ou motivações dentro de si, para a satisfação de tais desejos ele se ocupa em serviço devocional, o resultado será que ele jamais obterá amor puro por Deus. Se alguém está pensando, “eu estou ocupado na consciência de Kṛṣṇa, no serviço devocional a Kṛṣṇa, porque quero tal e qual opulência”, esse desejo pode ser satisfeito, mas ele jamais obterá o amor imaculado por Kṛṣṇa que as *gopīs* tinham. Se alguém tem alguma motivação, mesmo que cumpra seu dever devocional, ainda assim não será capaz de alcançar o estágio de amor puro por Deus. Em um verso do *Bhakti-rasāmṛta-sindhu*, Rūpa Gosvāmī diz: “Enquanto alguém desejar algum benefício material (bhukti), ou mesmo que queira a salvação (mukti), ele terá, então, que aceitar essas representações fantasmagóricas”.

Enquanto essa *māyā* existir dentro de nosso coração, como poderemos desfrutar da bem-aventurança espiritual obtida do amor puro por Deus? Em outras palavras, se temos desejos materiais, ou mesmo um desejo de salvação, não podemos atingir amor puro por Deus. A devoção pura é isenta de todos os desejos — consiste simplesmente em prestar serviço amoroso, em nome do próprio serviço amoroso.

Há um bom exemplo disto na vida de Rūpa Gosvāmī. Rūpa Gosvāmī e seu irmão Sanātana Gosvāmī viviam separadamente em Vṛndāvana e continuavam seu *bhajana*, serviço devocional. Sanātana estava vivendo na floresta, e não havia facilidades para cozinhar boa comida ou pedir *capāti* para comer na aldeia. Rūpa Gosvāmī era o irmão mais novo, e pensou: “Se eu pudesse obter alguns alimentos, então poderia preparar bons pratos e oferecê-los a Kṛṣṇa e convidar meu irmão mais velho”. Ele tinha esse desejo. No momento seguinte, uma bela mocinha de cerca de doze anos apareceu e lhe deu uma abundância de alimentos — leite, farinha, gḥī, etc. Este é o costume védico; às vezes os chefes de família presenteiam os mendicantes e sábios na ordem de vida renunciada com alimentos. Rūpa Gosvāmī ficou muito contente de que Kṛṣṇa tivesse mandado tantas coisas e que agora ele podia preparar um banquete. Ele preparou um banquete e depois convidou seu irmão mais velho.

Quando Sanātana Gosvāmī chegou, ele ficou espantado. “Como conseguiste essas coisas? Preparaste um banquete tão delicioso nesta floresta. Como isso é possível?”

Então Rūpa Gosvāmī explicou: “De manhã eu tive esse desejo, e por acaso Kṛṣṇa me mandou todas essas coisas. Uma bela mocinha veio e ofereceu-me tudo isso”. Ele descrevia a mocinha: “Uma belíssima mocinha”.

Então Sanātana Gosvāmī disse: Essa bela mocinha é Rādhārāṇī. Tu aceitaste serviço de Rādhārāṇī, a eterna consorte do Senhor. Isso foi uma grande tolice”. Essa é a filosofia deles. Eles não aceitavam serviço do Senhor. Simplesmente queriam prestar serviço. Mas Kṛṣṇa é tão esperto que também quer servir a Seu devoto. Ele procura uma oportunidade de servir a Seu devoto. Isso é competição espiritual. O devoto puro não quer nada de Kṛṣṇa; ele simplesmente quer servi-lo. E Kṛṣṇa também procura a oportunidade de servir a Seu devoto. Kṛṣṇa está sempre tão ansioso por agradar a Seu devoto quanto o devoto o está por agradar-Lhe.

Assim é o mundo transcendental. No plano absoluto, não há exploração. Todos querem servir; ninguém quer aceitar serviço. No mundo transcendental, todos querem prestar serviço. Você quer me prestar serviço, e eu quero prestar-lhe serviço. Essa atitude é ótima. Este mundo material significa que eu quero roubar sua carteira e você quer roubar minha carteira. Isso é tudo. Assim é o mundo material. Nós devemos tentar compreender isso. No mundo material, todos querem explorar o amigo, o pai, a mãe, todos. Mas no mundo transcendental, todos querem servir. Todos têm Kṛṣṇa como ponto central de serviço, e todos os devotos, seja como amigos ou servos ou pais ou amantes de Kṛṣṇa, querem servi-LO. E, ao mesmo tempo, Kṛṣṇa também quer servi-los. Este é um relacionamento transcendental; a função principal é o serviço, embora não haja necessidade de serviço, pois todos estão satisfeitos. Não existe fome, não há necessidade de comer, mas ainda assim todos oferecem boas coisas para se comer. Assim é o mundo transcendental. A menos que atinjamos o estágio de simplesmente servir a Kṛṣṇa ou a Seu devoto, não poderemos saborear o prazer transcendental do serviço. Se tivermos alguma motivação, então esse sentido jamais será desperto. Sem motivação, sem desejo de gozo pessoal dos sentidos — é assim que se deve prestar serviço ao Senhor Supremo e Seus devotos.

### Aproximando-se de Kṛṣṇa com amor

*“Esta é a fórmula — não devemos tentar satisfazer nossos sentidos separadamente, mas devemos tentar satisfazer os sentidos de Kṛṣṇa. Então naturalmente ficaremos satisfeitos. Uma pessoa consciente de Kṛṣṇa está sempre tentando dar satisfação a Kṛṣṇa..”.*

Quando Kṛṣṇa esteve na Terra, todos os residentes de Vṛndāvana O amavam. De fato, eles não conheciam nada além de Kṛṣṇa. Eles não sabiam se Kṛṣṇa era Deus ou não era Deus, nem se perturbavam com pensamentos tais como: “Hei de amar a Kṛṣṇa como se Ele fosse Deus”. A atitude deles era uma atitude de amor puro, e eles pensavam: “Ele pode ser ou pode não ser Deus — isso não importa. Nós amamos Kṛṣṇa, isso é tudo”. Esta é então a plataforma de amor



eu a abandonasse. Seguindo suas ordens, deixei meu lar, incluindo alguns filhos, mas agora meu Guru Mahārāja está me dando muitos bons filhos em todo o mundo. Assim, por servir a Kṛṣṇa, ninguém sai perdendo, e este é um exemplo de minha própria experiência prática.

Quando parti sozinho em 1965, temia que passaria por muita dificuldade. O governo indiano não me permitira sair com dinheiro do país, de modo que vim com apenas alguns livros e quarenta rúpias. Cheguei à cidade de Nova Iorque nessa condição, mas tudo ocorreu pela graça de meu Guru Mahārāja e de Kṛṣṇa. Tudo acontece pela misericórdia combinada de Kṛṣṇa e do mestre espiritual. No *Caitanya-caritāmṛta* se afirma que a misericórdia de Kṛṣṇa e do *guru* são combinadas. Este é o segredo do sucesso deste movimento da consciência de Kṛṣṇa. Kṛṣṇa está sempre dentro de nós, e conseqüentemente Ele sabe tudo a respeito de nossos propósitos, e Ele nos dá a oportunidade de trabalhar conforme decidamos. Se decidimos desfrutar deste mundo material, Kṛṣṇa nos dá inteligência para tornar-nos muito espertos homens de negócios, ou políticos populares, ou homens astutos, para que possamos ganhar dinheiro e nos divertir. Segundo os padrões da vida material, muitas pessoas estão se tornando importantes. Elas começam como pobretões e logo, por boa sorte, tornam-se milionárias. Não devemos pensar, entretanto, que elas estão alcançando esse sucesso por seus próprios esforços insignificantes. Sem inteligência, ninguém pode melhorar, e essa inteligência é dada por Kṛṣṇa. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa afirma que Ele está situado no coração de todos como a Superalma e que por Sua vontade um homem pode lembrar-se, e por Sua vontade um homem pode esquecer-se dEle. Kṛṣṇa supre o esquecimento e a lembrança de acordo com o desejo da entidade viva. Se quisermos nos esquecer de Kṛṣṇa e desfrutar do mundo material, Ele dar-nos-á a inteligência necessária para que possamos nos esquecer dEle para sempre.

Muitas pessoas pensam: “Eu posso desfrutar deste mundo material muito bem. Todos estão se divertindo bastante. Não há razão por que eu não possa desfrutar tanto quanto eles”. Esta idéia é uma ilusão porque não existe desfrute verdadeiro no mundo material. Pode ser que nos elevemos a uma posição muito elevada como o Presidente Kennedy. Pode ser que tenhamos aparência bonita, que sejamos muito famosos, muito inteligentes e bem educados, muito prósperos e muito poderosos, e pode ser que tenhamos uma bela esposa e belos filhos e ocupemos a posição mais elevada no país — mas a qualquer momento estamos sujeitos a levar um tiro. Esta é a natureza do mundo material: temos que enfrentar perigos a cada passo. Não é possível termos prazer sem obstáculos. Mesmo quando conseguimos os prazeres, só os conseguimos depois de muita luta e sacrifício, e qualquer que seja o prazer adquirido, ele é temporário, pois no mundo material não existe prazer que nos possa dar desfrute constante e sem fim. Só Kṛṣṇa pode nos dar isso.

Portanto, Kṛṣṇa instrui no *Bhagavad-gītā* que a prosperidade de toda entidade viva é abandonar esta atividade material disparatada e simplesmente render-se a Ele. Infelizmente, nesta era as pessoas estão tão atraídas pelo brilho da natureza material, pela ilusão, ou *māyā*, que não estão muito interessadas nisso. Kṛṣṇa chega mesmo a declarar que se alguém render-se a Ele, Ele dar-lhe-á toda proteção contra todas as reações pecaminosas, mas ainda assim as pessoas estão tão apegadas que não podem fazê-lo. As pessoas sempre têm medo de que, rendendo-se a Kṛṣṇa, perderão algo, assim como eu temia perder minha família indo pregar no mundo ocidental. Mas Kṛṣṇa é tão bondoso que se Ele nos tira algo, recompensa com mil vezes mais do que nos tirou.

O mestre espiritual também é bondoso pelo fato de pedir de porta em porta, de país em país, de cidade em cidade: “Meus caros senhores e senhoras, meus queridos rapazes e moças, por favor, aceitem a consciência de Kṛṣṇa”. Dessa maneira, ele presta serviço muito confidencial a Kṛṣṇa. Kṛṣṇa é o Senhor Supremo que dá as ordens, e o mestre espiritual executa essas ordens; portanto o mestre espiritual é muito querido por Kṛṣṇa. Quer Kṛṣṇa o mande para o céu ou para o inferno, isso não faz diferença para ele. Para o mestre espiritual, um devoto puro, tanto o céu quanto o inferno são a mesma coisa se não há consciência de Kṛṣṇa. No inferno as pessoas estão sofrendo de muitas maneiras, e no céu elas estão desfrutando de seus sentidos de muitas maneiras, mas o devoto do Senhor pode viver em qualquer lugar onde haja consciência de Kṛṣṇa, e uma vez que ele traz esta consciência consigo, ele está sempre satisfeito consigo mesmo. Se ele for mandado para o inferno, estará satisfeito simplesmente por cantar Hare Kṛṣṇa. De fato, ele não acredita no inferno, mas sim em Kṛṣṇa. Analogamente, se ele fosse posto no céu, onde há tantas oportunidades para o gozo dos sentidos, ele também se manteria à parte, pois seus sentidos são satisfeitos pelo próprio Kṛṣṇa. Desse modo, para o serviço ao Senhor, o devoto está preparado para ir a qualquer parte, e por este motivo ele é muito querido por Kṛṣṇa.

Os filósofos impersonalistas renunciantes dizem que este mundo é falso e que o Brahman impessoal é verdade. Mas se lhes pedem para ir à sociedade onde predomina o gozo material dos sentidos, eles se negam por temor de serem afetados por essas condições. Para uma pessoa consciente de Kṛṣṇa, contudo, essa dificuldade não existe. Por ela ser controlada e ter se refugiado em Kṛṣṇa, ela não tem medo de ir a parte alguma.

Conseqüentemente, quando os devotos encontram-se num lugar onde não existe consciência de Kṛṣṇa, não há mal algum nisso, pois eles aproveitam a oportunidade para cantar Hare Kṛṣṇa e impregnar o local com consciência de Kṛṣṇa. Esta oportunidade deve sempre ser aproveitada. Não é que devamos nos fechar em um quarto e cantar sozinhos. O grande sábio Nārada é um homem do espaço que viaja por todo o universo. Embora ele possa morar nos planetas mais elevados, ele às vezes vai ao inferno e ali ele prega. Essa é a beleza de um servo de Deus — ele está sempre agindo por amor a Kṛṣṇa e Suas partes integrantes.

O princípio fundamental do serviço devocional é o amor imaculado por Kṛṣṇa. Independentemente da posição de um devoto particular — como amigo, servo, pai ou amante de Kṛṣṇa — seu serviço é incondicional, pois a consciência de Kṛṣṇa não depende de nenhuma condição material. Ela é transcendental e nada tem a ver com os modos da natureza material. O devoto não tem medo de ir a parte alguma, e, por causa disso, ele vê todas as condições materiais em nível de igualdade. No mundo pode ser que digamos que este é um bom lugar e que aquele é um lugar ruim, mas,



como indicamos antes, o devoto não está sujeito a essas invenções mentais. Para ele, o princípio básico da existência material é ruim, pois existência material significa esquecimento de Kṛṣṇa.

No estágio neutro de devoção, pode ser que se dê mais importância à refulgência impessoal do Senhor e à Superalma dentro do coração, mas a consciência de Kṛṣṇa desenvolve-se realmente quando se pensa: “Kṛṣṇa é meu senhor muito pessoal de relações íntimas”. No começo, é claro, a compreensão impessoal e a compreensão da Superalma fazem parte da consciência de Kṛṣṇa. A compreensão parcial de Deus sob Seu aspecto impessoal ou sob Seu aspecto como Superalma capacita a pessoa a desenvolver veneração pelo Senhor, mas quando ela tem uma relação íntima com Kṛṣṇa como amigo, senhor, filho ou amante, então a veneração desaparece

Esta plataforma de relacionamento pessoal é certamente superior à plataforma impessoal ou à plataforma da compreensão da Superalma, ou Paramātmā. Na concepção neutra, simplesmente compreendemos que nós e a Verdade Absoluta somos iguais em qualidade, ou compreendemos que somos partes integrantes do Supremo. Isso certamente é conhecimento, pois quando desenvolvemos um relacionamento pessoal com Kṛṣṇa como servos, começamos a apreciar a opulência completa do Senhor Supremo. Aquele que compreende que Deus é pleno em seis opulências começa realmente o serviço devocional. Tão logo ele se conscientiza da grandeza de Kṛṣṇa e compreenda a superioridade de Kṛṣṇa, seu serviço começa. A consciência da grandeza de Deus aumenta quando se presta serviço transcendental. Uma pessoa que serve ao Senhor a fim de satisfazer os sentidos do Senhor fica satisfeita porque Kṛṣṇa é a Superalma, e a entidade viva individual é Sua parte integrante. Se Ele Se satisfaz, então a entidade viva se satisfaz. Se o estômago está satisfeito, todas as partes do corpo ficam satisfeitas, pois elas recebem nutrição através do estômago. Quando um de meus irmãos espirituais começou a abanar meu Guru Mahārāja (mestre espiritual) em um dia de muito calor, Guru Mahārāja perguntou: “Por que estás me abanando de repente?” O rapaz respondeu: “Porque se o senhor estiver satisfeito, nós todos estaremos satisfeitos”. Esta é a fórmula — não devemos tentar satisfazer nossos sentidos separadamente, mas devemos tentar satisfazer os sentidos de Kṛṣṇa. Então, naturalmente ficaremos satisfeitos.

Uma pessoa consciente de Kṛṣṇa está sempre tentando dar satisfação a Kṛṣṇa, e este é o começo da consciência de Kṛṣṇa. Porque na concepção impessoal não há forma de Deus, não há oportunidade para satisfazer-Lhe os sentidos. Contudo, aquele que considera Kṛṣṇa como o senhor pode prestar-Lhe serviço. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa é chamado de Hṛṣīkeśa, senhor dos sentidos. Quando se compreende que a Verdade Absoluta é o senhor dos sentidos, que nossos sentidos são produtos de Seus sentidos, e que eles devem portanto ser utilizados para a satisfação de Seus sentidos — a consciência de Kṛṣṇa, que está adormecida dentro de todos, começa a despertar. Certa vez, Caitanya Mahāprabhu perguntou: “Qual é a diferença entre a posição neutra em relação com Kṛṣṇa e o relacionamento de senhor e servo?” Em ambos os casos pode-se compreender que Kṛṣṇa é grande, mas na posição neutra não há inclinação para serviço. Por isso, o relacionamento senhor-servo entre Kṛṣṇa e a entidade viva é mais elevado. Então, quando se alcança amizade com Kṛṣṇa, adiciona-se outra qualidade transcendental. Há a concepção de que Deus é grande e que se deve prestar serviço a Ele, mas há também um sentimento extra: “Kṛṣṇa é meu amigo. Portanto tenho de tratá-LO de tal maneira que Ele Se sinta feliz”. Com um amigo, não nos contentamos apenas em prestar serviço, mas em fazê-lo realmente feliz e satisfeito. Existe também igualdade neste relacionamento, pois Kṛṣṇa e o devoto se relacionam em termos de igualdade. Desse modo, os devotos nesta posição esquecem-se realmente da superioridade de Kṛṣṇa. Quando os amiguinhos de Kṛṣṇa subiam aos ombros de Kṛṣṇa em suas brincadeiras, eles não pensavam que eram superiores a Ele. Não há possibilidade de gozo dos sentidos ou autoglorificação, pois o relacionamento baseia-se em amor puro. O único desejo do devoto é dar prazer a Kṛṣṇa, e Kṛṣṇa também leva Seus amigos sobre Seus ombros para tirar prazer deles. Às vezes uma pessoa simplesmente aceita o fato de que seu amigo lhe dê um tapa no rosto — mas a inferioridade está fora de cogitação nessa ação. Quando a amizade e o prazer mútuo são a base do relacionamento, não há possibilidade de insulto ou inferioridade.

Toda a base da consciência de Kṛṣṇa e de um relacionamento com Kṛṣṇa é a potência de prazer do próprio Kṛṣṇa. Śrīmatī Rādhārāṇī, as donzelas de Vraja e os vaqueirinhos amigos de Kṛṣṇa são todas expansões da potência de prazer de Kṛṣṇa. Todos nós temos uma tendência ao prazer porque a fonte da qual emanamos é plenamente potente em prazer. Os impersonalistas não podem pensar nesses termos, pois eles negam a potência de prazer; portanto a filosofia impersonalista é incompleta e inferior. Aqueles que estão em consciência de Kṛṣṇa reconhecem a potência de prazer em Kṛṣṇa e em toda Sua parafernália — Seus amigos, servos, pai, mãe e consorte. Todos os relacionamentos com Kṛṣṇa que objetivam satisfazer os sentidos de Kṛṣṇa são manifestações da potência de prazer de Kṛṣṇa.

No que diz respeito à alma individual, ela é originalmente parte integrante desta potência de prazer, do próprio reservatório de prazer. Contudo, devido ao contato com a natureza material, a alma se esquece de sua posição verdadeira e cai na armadilha do processo evolucionário de transmigração de um corpo a outro. Assim ela luta arduamente pela vida. Ora, devemos nos desenredar dos sofrimentos da luta, das incontáveis transmigrações que nos forçam a sofrer as misérias de nascimento, velhice, doença e morte, e chegar ao ponto de nossa vida eterna em consciência de Kṛṣṇa. Essa vida eterna é possível. Se tentarmos o melhor que pudermos nesta forma de vida humana, em nossa próxima vida obteremos um corpo espiritual. O corpo espiritual já está dentro do corpo material grosseiro, mas ele somente se desenvolverá quando nos livrarmos da contaminação desta existência material. Este é o objetivo da vida humana e o verdadeiro interesse pessoal de todas as pessoas. Interesse pessoal é compreender realmente: “eu sou parte integrante de Deus. Tenho que retornar ao reino de Deus e juntar-me-a Ele”. Assim como temos vida social aqui, Deus tem vida social no reino espiritual, e nós podemos juntar-nos a Ele lá. Não é que depois que este corpo se acaba nós nos tornamos vazios. No *Bhagavad-gītā* (2.12) Kṛṣṇa disse a Arjuna: “Nunca houve um tempo em que Eu não tivesse existido, nem tu, nem todos esses reis, nem no futuro nenhum de nós deixará de existir”. Portanto nossa existência é eterna, e as mudanças de nascimento e morte são apenas as mudanças de corpos materiais temporários.

## *Ciência da Auto-Realização - Alcançando a Perfeição da Vida*

O verdadeiro processo para se atingir a vida eterna não é absolutamente difícil. Este processo da consciência de Kṛṣṇa baseia-se em conhecimento recebido de Kṛṣṇa, o ser mais perfeito. O conhecimento recebido de outras pessoas é defeituoso porque a alma condicionada com certeza comete erros, se ilude, engana e tem sentidos imperfeitos. O conhecimento recebido de Kṛṣṇa, contudo, capacita-nos realmente a ver Kṛṣṇa. Pode ser que alguém desafie: “O senhor pode me mostrar Deus?” e nossa resposta é: “Sim. Deus pode ser visto a todo momento”. Kṛṣṇa diz: “Eu sou o sabor da água”. Nós bebemos água todos os dias, e o sabor da água existe, de modo que se considerarmos este sabor como sendo Kṛṣṇa, teremos começado a compreender Deus todos os dias. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa diz ainda: “Eu sou a luz do Sol e da lua”. Todos os dias recebemos a luz do Sol e à noite há o luar, de modo que se pensarmos na fonte dessas emanções, em última análise tornar-nos-emos conscientes de Deus. Há muitos exemplos semelhantes dados no *Bhagavad-gītā*, pois Kṛṣṇa é o começo, o meio e o fim de todas as manifestações. Se queremos nos tornar conscientes de Deus e compreender nossa própria essência, isso não é muito difícil. Temos apenas que compreender Deus de verdade — como Ele aparece, como Ele desaparece e quais são as Suas atividades — e então poderemos nos tornar elegíveis para entrar no reino de Deus. Após deixar este corpo material, uma pessoa que compreende Deus, Kṛṣṇa, não volta novamente à Terra para aceitar outro corpo material. Para onde ela vai? Kṛṣṇa diz, *mām eti*: “Ela vem a Mim”. Este deve ser o objetivo de qualquer ser humano inteligente.